





Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL

DA

**SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA**

Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria vides.
PROP. — LIB. 4, Eleg. 10.

NONA SERIE — ANNO DE 1889 — TOMO V

SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA VIUVA SOUSA NEVES

65, Rua da Atalain, 67

1889



COMISSÃO DE REDACÇÃO

José Ribeiro Guimarães Drack, director

Alfredo da Silva Machado, sub-director

José Tedeschi

Augusto d'Oliveira Abreu

Manuel Vicente de Jesus Abrantes

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Fârmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica

da Ordem dos Farmacêuticos

JOSÉ TEDESCHI

Presidente honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA

PEÇAS OFFICIAES

Acta da sessão solemne
commemorativa do quinquagesimo terceiro anniversario
da sociedade pharmaceutica lusitana

Presidencia do sr. GUIMARÃES DRACK

Em 31 de dezembro de 1888, pelas oito horas e meia da noite, achando-se na sala grande numero de senhoras e cavalheiros, entre os quaes, os dignos pares os srs. conde de Restello e Francisco Simões Margiochi, os srs. dr. Gaspar Gomes e Schiapa Monteiro, da academia das sciencias, etc., grande numero de socios benemeritos, honorarios e effectivos; o sr. presidente abriu a sessão solemne anniversaria e convidou o segundo secretario, Francisco Domingos da Silva Nogueira, a fazer a leitura do seguinte:

Relatorio dos trabalhos da sociedade pharmaceutica lusitana durante o quinquagesimo terceiro anno da sua installação

Minhas senhoras e meus senhores.

Cumpria-me hoje, em obediencia ao artigo 9.º do regimento interno, relatar os trabalhos d'esta sociedade du-

rante o anno, que finalisa; attendendo, porém, a que esta sessão é principalmente destinada a commemorar publicamente, por um acto solemnisimo, os serviços feitos á classe pharmaceutica pelo respeitabilissimo confrade, que em breve vae ser agraciado com a mais resplandente distincção que esta sociedade possui, serei breve, limitando-me a traçar a rapidos traços o que demais importante se passou. Não esperéis, senhoras e senhores, leitura circumstanciada de trabalhos scientificos de grande valor: faço justiça á vossa comprovada benevolencia para com uns humildes obreiros do progresso scientifico, para que eu suppozesse sequer, por momentos, que pelo vosso espirito passaria a idéa de que esta sociedade—limitada como é nas suas aspirações—tinha obrigação de apresentar nota desenvolvida da sua actividade scientifica, pondo-se assim a par das corporações congeneres dos grandes centros intellectuaes. N'um paiz em que o ensino pharmaceutico se encontra desprovido dos recursos, que lá fóra os governos proporcionam largamente aos que se dedicam a este ramo das sciencias medicas, não é para se estranhar que, em todas as manifestações da actividade scientifica, a *Pharmacia* não occupe o lugar, que lhe pertence por muitos motivos. Resente-se d'isto esta sociedade, mas a culpa, senhoras e senhores, não recae sobre os seus membros, recae sobre os que tendo olhos para vêr, simulam de cegos, tendo ouvidos para ouvir os nossos pedidos de há 50 annos, simulam de surdos, e a tal estado de adiantamento chegou a imaginaria doença, que eu não encontro, nem mesmo nos modernissimos meios therapeuticos, nada que possa despertar o desejo de fazer alguma cousa em beneficio da instrucção do pharmaceutico. Quando aos que ainda hontem eram nossos collegas se esquecem, já vêem senhores que nada ha a esperar do Estado. Mas, deixemos o assumpto, que é da competencia do illustre presidente d'esta sociedade, e por certo que elle o hade de tratar a toda a sua altura, e, na nossa simples missão de segundo secretario, congratulemos ao menos com as communicações scientificas, interes-

santes a todos os respeitos, que alguns socios aqui se dignaram de fazer. Sem querer por modo algum estabelecer preferencias, é de justiça confessar, que a que mais util se tornou — considerada sob o ponto de vista da pratica — foi a do vosso illustre vice-presidente o sr. Silva Machado. N'um paiz como o nosso, em que a industria pharmaceutica estrangeira está todos os dias introduzindo medicamentos especializados em quantidade, que nos assoberba, é forçoso confessar que são sempre bem recebidos por todos os collegas os trabalhos experimentaes, que tendam a collocal-os em condições de poderem estabelecer competencia. Está n'este caso o do nosso distincto collega, d'aqui as suas immediatas vantagens para todos, o que até foi reconhecido pela imprensa medica, a qual, na sua quasi totalidade, transcreveu do nosso jornal a nota do sr. Silva Machado e a acompanhou de palavras de subido elogio.

Se as outras communicações não tiveram o mesmo applauso foi isso devido á falta de trabalhos experimentaes.

Fôra do campo scientifico, alguns assumptos aqui se trataram, que mereceram a approvação da classe e dos que a ella estão ligados por laços de boa e leal amisade. Não me deterei a apreciar-os, porque tendo tratado alguns d'elles com certo desenvolvimento, tendo mesmo a responsabilidade, como membro da mesa, d'alguns actos em que ella teve grande interferencia, receio que as minhas convicções arrastem a penna para um campo, em que eu não podesse conservar-me perfeitamente neutral.

Os pareceres sobre o regimento de preços e leis de saude são já bem conhecidos de todos: a sua discussão foi até muito controvertida, para que eu volte de novo a tratar assumptos, que, além de tudo o mais, pouco ou nada podem interessar á maioria dos que me escutam.

No pleito judicial com a illustre camara municipal, obtivemos, como foi publico, vencimento na primeira instancia, mas ainda elle se acha affecto aos tribunaes, por motivo da camara ter recorrido para um tribunal superior. No entanto é de esperar que a sentença nos seja favoravel, porque

as leis são unanimes em reconhecer um privilegio, que é perfeitamente justificavel, attentas as condições excepcionaes em que a pharmacia é desempenhada. Desde que o pharmaceutico é obrigado, em nome da saude publica, a prestar soccorros immediatos a qualquer hora que lhe sejam exigidos, seria deshumano obrigar-os ao pagamento de licença de venda, além de ser deprimente querer nivelal-o com os membros de outras classes, que não teem nenhum curso.

Resta-me, senhores, dizer algumas palavras de sentida saudade pela morte d'alguns socios, entre os quaes ha nomes que representam para esta sociedade uma grande perda.

Francisco Fortunato d'Assis foi um dos seus mais prestantes servidores n'outra época, e era um dos que mais a honravam, e que mais trabalhou para o seu desenvolvimento.

Se, actualmente, a não podia acompanhar nos seus trabalhos, ainda assim o seu conselho não se fazia esperar, quando as circumstancias o reclamavam.

Tenho dito.

Em seguida foi concedida a palavra ao sr. primeiro secretario, Emilio Fragoso, para dar conta dos assumptos seguintes :

Premio José Dionysio Corrêa, fundado no quinquagesimo anno da Instituição da Sociedade

da Ordem dos Pharmacêuticos
PROGRAMMA DE CONCURSO

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em observancia do § 8.º do art. 27.º dos seus estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias o seguinte programma para o concurso que ha de ser julgado no proximo anno :

«Memoria sobre qualquer questão de pharmacia, ou sobre assumpto de interesse profissional.»

CONDIÇÕES

Os premios consistirão na adjudicação do diploma de membro benemerito, acompanhado de um *bonus* de cinquenta mil réis em moeda sonante, ao premiado em primeiro logar.

No diploma de membro honorario, aos que se seguirem, quando suas memorias sejam julgadas tambem dignas de premio.

A estes premios terão direito os concorrentes que satisfizerem cabalmente á questão escolhida.

Todas as memorias que vierem a concurso serão escriptas em portuguez, se os seus auctores forem naturaes d'este paiz, e em francez, se forem estrangeiros, e virão dirigidas ao primeiro secretario da sociedade por todo o mez de abril do anno em que tiverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do auctor em carta fechada, na qual se lerá por fóra, como divisa, a mesma epigraphe da memoria, e que será aberta na sessão solemne, se a memoria fôr premiada; no caso contrario a carta será entregue ao seu auctor, pedindo-a com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solemne anniversaria, deverão ser para esse fim approvadas pela sociedade, e além d'isso serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo «*Memorias da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*», recebendo os seus auctores vinte exemplares da referida impressão.

Finalmente, os premios conferidos aos concorrentes, nem sempre serão uma prova de que esta sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim um testemunho authentico de que seus auctores desempenharam, em geral, o exigido pela sociedade n'este programma.

Lista dos doadores e objectos doados á sociedade durante o quinquagesimo terceiro anno

Pelo sr. A. A. da Rocha Peixoto, do Porto:—O Museu municipal do Porto (Historia Natural) por A. A. da Rocha Peixoto.

Pela Camara Municipal de Lisboa:—Boletim do serviço de instrucção publica da Camara Municipal de Lisboa, do anno lectivo de 1886 a 1887.—Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa.

Pelo sr. Commendador José Tedeschi, de Lisboa:—Los Avisos Sanitarios, de Madrid.—Semanario Farmacéutico, de Madrid.—El Sentido católico en las ciencias medicas, de Barcelona.—Boletim del cambio farmacéutico español, de Madrid.—Gaceta de oftalmologia, otologia y laringologia, de Madrid.—El Restaurador farmacéutico, de Barcelona.—El Porvenir Farmacéutico, de Madrid.—La Farmácia Española, de Madrid.—Boletim de hidroterapia, de Barcelona.—Revista de sanidad militar, de Madrid.—Boletim de Medicina y Farmácia, de Barcelona.—Boletim Farmacéutico, de Barcelona.—La Gaceta científica, de Lima (Perú).—El Monitor médico, de Lima (Perú).—La Crónica médica, órgano de la Sociedad «Union Fernandina,» de Lima (Perú).—Anales de la «Sociedad de Farmácia de Santiago de Chile.»—Revista médica de Chile.—Revista médica, de Bogotá.—Giornale medico del esercito e della marina, de Roma.—Giornale de farmacia, di chimica, e de scienze affini publicato dalla Società di farmacia di Torino.—L'Orozi, giornale di chimica farmacia e scienze affini publicato per cura dell'associazione chimico-farmacéutica fiorentina.—Notizie e documenté sulla storia della farmacia e dell'empirismo in Roma.—Bulletin des travaux de la «Société de Pharmacie de Bordeaux.»—Bulletin de la «Société de Pharmacie du Sud-Ouest,» Toulouse.—Bulletin de la «Société Royale de Pharmacie,» de Bruxelles.—Bulletins et mémoires de la «Société de thérapeutique,» de Paris.—Bulletin général de thérapeutique, de Paris.—Bulletin commercial, annexe de l'Union pharmacéutique.—Moniteur de la pharmacie belge, de Bruxelles.—L'Union pharmacéutique, journal de la Pharmacie Centrale de France.—Les Nouveaux remèdes, de Paris.—Gazette de gynécologie, de Paris.—Petites affiches pharmaceutiques et médicales, de Paris.—O Monitor therapeutico, de Paris.—Revista de medicina e pharmacia, de Paris, edição portugueza.—Gazeta medica da Bahia.—União medica, do Rio de Janeiro.—Boletim de pharmacia do Porto.—Boletim noticioso commercial da «Casa Pharmaceutica» do Porto.—Revista de medicina dosimétrica, do Porto.—Coimbra Medica, revista quinzenal de medicina e cirurgia, de Coimbra.—Correio Medico, de Lisboa.—Boletim de therapeutica e pharmacia, de Lisboa.—Der Fortschritt, de Genebra.

Pelo commissariado de policia de Lisboa:—Mappas estatísticos do anno de 1886.

Pelo sr. dr. Eduardo Augusto Motta, de Lisboa:—Lições de pharmacologia e therapeutica geraes, por Eduardo Augusto Motta.

Pelo sr. João Belmiro Leoni, do Rio de Janeiro:—Notice sur la vie et les travaux de Charles Adolphe Wurtz, par M. Friedel.—Notice biographique sur H. Lepage, pharmacien à Gisors, par A. Malbranche.—Les alcaloides d'origine animale, par le Docteur L. Hugoung.

Pelas redacções:—Annaes do Club Militar Naval.—Correio Medico de Lisboa.—Gazeta de pharmacia de Lisboa.—Jornal de pharmacia e sciencias accessorias de Lisboa.—A Medicina Contemporanea, de Lisboa.—Jor-

nal da Sociedade das Sciencias Medicas, de Lisboa.—Jornal de pharmacia e chimica, de Lisboa.—Boletim de therapeutica e pharmacia, de Lisboa.—Boletim de pharmacia, do Porto.—Boletim noticioso commercial da «Casa Pharmaceutica», do Porto.—Revista de medicina desimetrica do Porto.—Boletim da Sociedade Broteriana, de Coimbra.—O Instituto de Coimbra.—Coimbra Medica, revista quinzenal de medicina e cirurgia, de Coimbra.—Jornal de horticultura pratica, do Porto.—A Pharmacia Portugueza, do Porto.—A Saude Publica, do Porto.—Boletim de medicina homoeopathica, de Lisboa.—Revista popular de conhecimentos uteis, de Lisboa.—Revista de medicina e pharmacia, de Paris, edição portugueza.—União Medica, do Rio de Janeiro.—Gazeta Medica, da Bahia.—El Restaurador Farmacéutico, de Barcelona.—Boletim de Medicina y Farmácia, de Barcelona.—El Sentido católico en las ciencias medicas, de Barcelona.—El observador médico, do México.—El Siglo Médico, de Madrid.—Boletim del Instituto médico valenciano.—Gaceta Médica, do México.—Les Nouveaux remèdes, de Paris.—Journal d'hygiene e Climatologie, Paris.—Revue Médico pharmaceutique, de Constantinopla.—Der Fortschritt, de Gnebra.

Pela Sociedade de Geographia de Lisboa:—Boletim da «Sociedade de Geographia de Lisboa.»—Elogio historico do presidente honorario e effectivo da Sociedade de Geographia de Lisboa e do conselheiro Antonio Augusto d'Aguiar, por Gomes de Brito, secretario adjunto da mesma sociedade.

Pela Universidade de Coimbra:—Trabalhos do gabinete de microbiologia. Investigação do «bacillus typhicus» nas aguas potaveis de Coimbra, relatorio apresentado ao Ex.^{mo} Governador Civil do districto pelos dr. Philomeno da Camara Mello Cabral e dr. Augusto Antonio Rocha.

Alterações occorridas no quadro da Sociedade Pharmaceutica Lusitana durante o 53.º anno da sua instituição

FORAM ADMITTIDOS

Para a classe de effectivos

- Alfredo José Gonçalves Fino, *Lisboa.*
 Annibal Augusto Pinto Ferreira, *Lisboa.*
 Antonio da Fonseca Pinto, *Lisboa.*
 Carlos Victor da Fonseca Dinne, *Lisboa.*
 Francisco Luiz Nobre Sobrinho, *Lisboa.*
 João Antonio Carretas, *Lisboa.*
 José Maria Soares Teixeira, *Lisboa.*
 José Vicente das Neves, *Lisboa.*
 José Vieira d'Abreu, *Lisboa.*

Para a classe de correspondentes nacionaes

- Abel Augusto França, *Cabo Verde*.
 Antonio José de Paula Costa, *Mertola*.
 Antonio Vasques de Carvalho, *Oliveira do Bairro*.
 Augusto Corrêa de Mesquita, *Setubal*.
 Carlos Augusto da Rosa Leal, *Castanheira*.
 João Belmiro Leoni, *Porto*.
 José Maria da Rosa, *Portalegre*.
 Vicente Werneck Pereira da Silva, *Abrantes*.

PEDIRAM A DEMISSÃO

Correspondentes nacionaes

- Alfredo Salles Velloso da Horta, *Coruche*.
 Manuel Guilhermino da Silva, *Marinha Grande*.

FALLECERAM

Benemeritos

- Conselheiro Antonio Augusto d'Aguiar, *Lisboa*.
 Francisco Fortunato d'Assis, *Lisboa*.

Effectivos

- Antonio Duarte e Silva de Carvalho, *Lisboa*.
 José Gonçalves Marques, *Lisboa*.
 José Maria Barbosa de Mello, *Lisboa*.
 Thomaz d'Aquino Alves, *Lisboa*.

Correspondentes nacionaes

- Francisco Alves Christovão Pinheiro, *Thomar*.
 Jeronymo Joaquim da Silva Guimarães, *Marco de Canavezes*.
 João Rodrigues da Silva e Costa, *Mafra*.
 José Silverio Rodrigues Cardoso, *Mirandella*.
 Manuel Claudio d'Assumpção, *Alcaçovas*.
 Rodrigo Barbosa da Costa, *Cartaxo*.

RESUMO

Ficam existindo

Protector	1
Benemeritos	23
Honorarios nacionaes	33
Honorarios estrangeiros	32
Effectivos.	107
Correspondentes nacionaes.....	215
Correspondentes estrangeiros	29
Total.....	440

O sr. *presidente* nomeou o sr. vice-presidente Silva Machado e o sr. 1.º vice-secretario Vaz Leirinha para convidarem o illustre consocio, o sr. José Tedeschi, a occupar uma cadeira, para esse fim collocada á direita da mesa, e depois de inaugurar o retrato do mesmo cavalheiro, ao lado do do antigo presidente honorario José Dionysio Corrêa, lhe entregou o diploma de presidente honorario, e deu a palavra ao sr. Oliveira Abreu para lêr o seguinte elogio biographico.

SENHORES,

Nunca as sociedades affirmam com mais esplendor a sua vitalidade do que honrando com applauso os homens de verdadeiro merito, que teem concorrido para o seu progresso e prosperidade.

E' assim que ellas se mostram conscias da força, que adquiriram pelo impulso de taes homens, que foram como que estimulo ao desenvolvimento de novas dedicações, que as levarão a maiores commettimentos.

O elogio dos homens notaveis, por qualquer circumstancia, não é uma simples manifestação de vaidade; é a significação do muito louvavel desejo de lhes pagar em amabilidades os serviços que teem prestado. Tem ainda uma significação não menos grandiosa—a de expandir em publico a consciencia intima de que aos estudos accumulados d'esses obreiros do progresso devem as sociedades a gran-

de massa de elementos de trabalho, com que não de produzir novos benefícios á humanidade.

N'estas demonstrações de apreço pelos serviços dos homens notaveis, manifesta-se o sentimento de prazer intimo, que experimentam os animos bem formados quando encontram em si as forças sufficientes para a pratica do bem que por aquelles lhes foram proporcionadas.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, glorificando aquelles de seus membros, que sempre tem encontrado incansaveis nas lidas do seu progredimento, mostra-se bem compenetrada do cumprimento dos seus deveres.

A solemnidade, a que no dia de hoje assistimos cheios de regosijo, seria incompleta sem o elogio do homem, cujo retrato vae enfileirar-se na galeria dos nossos consocios illustres.

E' o retrato um producto da arte, que vae representar-nos, durante largos annos, os traços physionomicos do nosso mestre: á sua biographia compete reproduzir o seu character moral. Escolhestes para o retrato o artista, que pelo desenho nos representasse o homem physico, competia-vos escolher escrupulosamente o artista que pela palavra soubesse igualmente representar o homem moral.

Fostes infeliz na escolha do ultimo, porque, embora me sôbre a vontade, faltam-me as forças para corresponder ao meu e aos vossos desejos.

Encargo semelhante me confiastes quando soffremos o profundissimo desgosto de perder o nosso mallogrado consocio Antonio Augusto Felix Ferreira, e deverieis ter reconhecido a escassez dos meus recursos, porque fiquei bem longe da exposição condigna dos altos meritos e relevantes serviços d'aquella robusta intelligencia e d'aquelle nobre coração: meritos d'onde ainda tinhamos tanto a esperar em beneficio da nossa causa, coração que tão affectuoso pulsava por nós todos.

Desculpae-me, senhores, se para aqui venho n'um dia de festa desvelar um pouco a campa do amigo; creio, porém, que todos nós sentimos consolação em desfolhar so-

bre ella uma nova saudade, que symbolise o nosso entranhado affecto.

Feliz é a sociedade que pôde, como a nossa, lastimar a perda de homens como Felix Ferreira, e exaltar em vida o merito de homens como José Tedeschi. Aquelle escondeuse no pó da sepultura e só vive na memoria de nós todos pelo muito que lhe queriamos e pelo valor dos trabalhos que nos legou; José Tedeschi, felizmente, possuimol-o. Ainda admiramos esse trabalhador audaz e incansavel, que dotado d'uma actividade sem igual, desde as suas primeiras lidas no mundo litterario, tem accentuado sempre a sua individualidade por uma fôrma brilhante, concorrendo com os seus trabalhos para o ennobrecimento da pharmacia.

Parece que a natureza o destinou para as grandes luctas e lhe concedeu, além dos recursos da intelligencia, uma força de vontade irresistivel, que tudo submete a um fim unico — a cultura da intelligencia para bem servir a sua classe.

Em José Tedeschi temos a considerar o homem de bem e o homem de sciencia: aquelle formou-se no seio da familia honestissima, este na leitura dos livros, no laboratorio e nas aulas.

No dia 20 de novembro de 1814, na rua Direita da Junqueira, 172, em Belem, nasceu este nosso distincto collega, filho de Vicente Tedeschi e de D. Marianna Rosa da Silva, já fallecidos, cujo consorcio se effectuou em 1803, do qual nasceram 16 filhos, sendo José Tedeschi o oitavo, que conjuntamente com seus irmãos, recebeu desde a infancia os principios de honradez e rectidão, que constituem o fundamento de character d'um cidadão benemerito.

José Tedeschi não querendo deixar de prestar á sociedade o exemplo de bom cidadão, constituiu familia sua em 1841, desposando D. Margarida do Nascimento Peres, filha do pharmaceutico d'este appellido, ao qual me referirei.

D'este enlace houve uma unica filha, D. Amelia, que desposou o distincto e considerado funcionario publico, Albino Accacio Corrêa Neves, dos quaes nasceram a sua

interessante e illustradissima filha D. Laura e os dois filhos Luiz e Gustavo, moços cheios de merito e de talento, que frequentam com distincção, o primeiro a Escola Medica e o segundo a Escola Polytechnica.

Foi ainda no lar domestico que José Tedeschi recebeu os rudimentos das letras sufficientes para poder matricular-se nas aulas de humanidades, que então existiam no convento dos Jeronymos, onde frequentou latim, professado pelo padre mestre fr. Francisco da Rocha Martins Furtado, que brindou o joven estudante, ao terminar o seu curso, com um honroso attestado litterario e outro de bom comportamento, como prova de ter recebido a melhor educação religiosa, moral e civil.

Não se julgue pequena campanha o concluir o estudo de latim com tanta distincção, pois n'essa epocha com os conhecimentos d'esta lingua, que já de si eram rigorosos, vinham envolvidos os de litteratura e costumes latinos, e ainda a oratoria e litteratura portugueza.

Frequentou nas mesmas aulas os cursos de philosophia racional e moral e de lingua franceza, sempre com excellente aproveitamento, como deu provas nos exames finaes, com que ficou habilitado em preparatorios para poder matricular-se em um curso superior.

No dia 1 de julho de 1829, contando apenas 15 annos incompletos, foi recebido como praticante na pharmacia Leitão, uma das mais acreditadas n'aquella epocha, situada na rua da Cruz dos Poyaes de S. Bento, cujo proprietario José Vicente Leitão, pae do actual professor de pharmacia e toxicologia, Claudino José Vicente Leitão, bem conhecido pelo rigorismo e principios de exactidão e moralidade, sempre lhe dispensou a maior affeição e sympathia, o que originou inveja entre os outros empregados. José Tedeschi preferiu, porém, sair d'esta pharmacia a servir de pomo de discordia, e foi procurar a de Lourenço José Peres, honrado e bemquisto pharmaceutico da Misericordia, na rua larga de S. Roque, na qual se conservou desde 1 de março de 1830 até 1840, anno em que se ausentou para esta-

belecer-se na mesma rua, cumprindo d'este modo os desejos do seu futuro sogro.

Até então era irregularissimo e deficiente o ensino publico.

Consolidado entre essas duas datas o governo liberal, foram estabelecidos alguns cursos regulares, e o de pharmacia melhorou relativamente pelo decreto com força de lei de 29 de dezembro de 1836.

Creada a cadeira de pharmacia, correu pressuroso a matricular-se, tendo por companheiros escolares José Maria Barbal e Felisberto do Espirito Santo Trigo Ribeiro, pharmaceuticos já então pela Physicatura-mór do Reino, mas que anhelavam por possuir a carta de curso regular.

José Tedeschi, ao tempo que recebia as lições de pharmacia do eminent professor, o dr. Bernardino Antonio Gomes, matriculava-se nas cadeiras de chimica inorganica e de botanica, na Escola Polytechnica, que faziam parte do curso de pharmacia.

Sujeitando-se a um rigoroso exame perante o respeitavel jury, composto do dr. Bernardino Antonio Gomes, dr. Joaquim Pedro d'Abranches Bizarro e do nosso memorado collega José Dionysio Corrêa, obteve a classificação de *nemine discrepante* com louvor, em 4 d'outubro de 1839.

Foi o primeiro que alcançou o diploma de pharmacia do curso regular. Parece que a providencia o predestinára para ser um dos primeiros entre os mais distinctos.

Trabalhava sem cessar para o engrandecimento e prosperidade da nossa classe, e não satisfeito ainda com os louros colhidos nas lidas escolares, e inspirado no desejo, muito louvavel, de se illustrar mais, matriculou-se no primeiro anno mathematico da Escola Polytechnica e na aula de zoologia, regida pelo distincto professor, o dr. Francisco Assis de Carvalho.

A administração da pharmacia do hospital de S. José estava n'essa epocha a cargo de José Dionysio Corrêa, assim como o serviço pharmaceutico da Escola, desde a sua fundação. O conselho escolar, porém, em 1840, reconhecendo

haver incompatibilidade no exercicio dos dois logares, resolveu mandar pôr a concurso o de pharmaceutico da Escola.

Confiado no seu valor scientifico, José Tedeschi entrou no concurso, e em duas brilhantes lições expoz variadissimos e profundos conhecimentos theoreticos e praticos de pharmacia e de chimica, d'onde lhe resultou o ser provido no referido logar.

Em 1844 creou-se a cadeira de pharmacia da Escola Medica, e por decreto de 21 de janeiro de 1845 foi para ella nomeado, funcções que exerceu até 6 de maio de 1876, em que foi jubilado, a seu pedido.

Como se desempenhou no difficil e espinhoso cargo de professor de pharmacia e de toxicologia, fallam bem alto os encomios dos seus discipulos, que, arrebatados pela claresa e eloquencia do mestre, quando expunha as sublimidades da sciencia, sentem por elle ainda o mais vivo affecto, o maior respeito e a mais profunda veneração. Affavel para com todos, soube sempre captivar as geraes sympathias.

Durante as convulsões politicas, em 1846, ás quaes era completamente extranho, foi compellido a tomar parte n'ellas, e, assentando praça, por ordem do governo, no batalhão dos empregados publicos, conseguiu obter a amizade dos seus camaradas e a dos que se disputavam a preponderancia e o poder.

Em 1848 appareceu em Lisboa o jornal *A Abelha Medica*, de Paris, que tratava da descoberta do chlorofomio feita pelo erudito pharmaceutico Soubeiran, pae do actual professor da Faculdade de medicina de Paris; o nosso collega, cheio de enthusiasmo e com grande exuberancia de conhecimentos, propenso sempre ao desenvolvimento da classe pharmaceutica, da qual, com justiça, pôde julgar-se um apostolo, á força de trabalho e esforço intellectual, tambem obteve no seu modesto laboratorio este poderoso anesthesico.

Em 1858 foi aberto concurso para o logar de phar-

maceutico da casa real, e tendo concorrido alguns pharmaceuticos dos mais distinctos, José Tedeschi foi o preferido n'este *certamen*. O decreto da sua nomeação, datado de 18 de junho do referido anno, declara esta preferencia em *atenção aos seus vastos conhecimentos pharmaceuticos, chimicos e zoologicos, e especial situação profissional*.

São tantos e de tão elevada transcendencia os serviços por elle prestados como pharmaceutico da casa real, que por innumeradas vezes tem sido officialmente louvado e agraciado com varias mercês regias como—grau de cavalleiro da ordem de Nossa Senhora de Villa Viçosa, em 1862; cavalleiro da ordem de S. Thiago, em 1865; cavalleiro da ordem de S. Mauricio e S. Lazaro, em 1867; commendador da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, em 1879.

Foi esta a primeira commenda conferida a pharmaceutico com a declaração especial de significar a recompensa de serviços prestados no exercicio da profissão; e tanto mais honrosa foi para José Tedeschi esta distincção, quanto lhe foi offertada pelas proprias mãos d'el-rei, com palavras de elogio e de reconhecimento pelos assiduos cuidados com que dirigiu a preparação dos medicamentos que foram ministrados a sua magestade a rainha em grave enfermidade.

A' exposição industrial do Porto, que se effectuou em 1862, concorreu com os productos pharmaceuticos—pastilhas de rosas, de gomma, pasta d'althea, pilulas d'iodeo de ferro, segundo o processo de Blancard, papeis epispasticos d'Albespeyres e essencia de alfazema, tão esmerada e scientificamente preparados, que lhe valeram a medalha de prata. E' justo que se diga que foi o primeiro pharmaceutico que em Portugal preparou as pilulas a que nos referimos.

Durante as duas terriveis epidemias que devastaram Lisboa, o cholera em 1856 e a febre amarella em 1857, demonstrou evidentemente que no seu coração não se alberga o receio quando os seus irmãos carecem do seu auxilio.

Os serviços que José Tedeschi prestou n'esta epocha

calamitosa levaram a camara municipal, como prova de reconhecimento, a galardoal-o com a medalha de prata.

Do seu honroso proceder resultou o ser atacado de febre amarella e tão fortemente, que a sua vida esteve em grande perigo, circumstancia que lhe proporcionou o conhecer muitos e verdadeiros amigos, pela solicitude com que se interessavam pelas suas melhoras, occultando-lhe tudo quanto podesse embaraçal-a.

Impossibilitado de reger temporariamente a sua cadeira de pharmacia e toxicologia, um dos seus melhores e mais dedicados amigos, o muito talentoso pharmaceutico e chimico, o dr. Joaquim José Alves, foi encarregado pelo conselho da Escola, e por indicação de Tedeschi, de o substituir interinamente no exercicio da mesma cadeira, o qual no lapso de quatro mezes, tal foi o tempo da substituição, se conservou á altura d'um profundo professor, pois já n'essa epocha possuia vastos conhecimentos de pharmacia e de chimica.

Em attenção ás suas singulares virtudes e elevadas qualidades civicas, foi eleito para diversos cargos publicos, desde juiz eleito e membro da junta de parochia, cuja presidencia lhe foi sempre confiada, até vereador da camara municipal de Lisboa, sendo o primeiro biennio em 1860-1861.

Decorridos alguns annos, foi novamente eleito para esse mesmo cargo, funcionando nos biennios de 1876-1877, 1878-1879.

Os pelouros que estiveram sob a sua direcção, foram os — das aguas, matadouro, limpeza, caes e praias, jardins e arvores, no desempenho dos quaes deixou provas de inexcédível zelo, probidade e intelligencia.

No exercicio d'estes cargos, foi encarregado d'inspeccionar as escolas dos concelhos de Pombal, Anciães, Alvaizere, Almada, Barreiro, Alcochete, Seixal, Aldegallega, e em 1863, auctorizado pelo governo, sob proposta da camara, foi tambem em commissão ás provincias do norte no intuito de comprar gado que abastecesse os mercados da capital; os

seus esforços, porém, e cooperação foram tão poderosos e salutares, que fizeram destruir a mancommunicação dos marchantes que haviam conseguido a permanencia do preço da carne tão notavelmente excessivo, que os clamores dos consumidores já se faziam sentir ruidosamente.

Por parte do governo foram-lhe commettidas importantes commissões respeitantes á pharmacia, taes como membro da commissão encarregada de coordenar a pharmacopéa portugueza, o regimento dos preços de medicamentos e muitas outras de não menos importancia.

Conjunctamente com os medicos, dr. Thomaz de Carvalho e dr. José Isidoro Jorge, e por convite do governador civil de Lisboa, fez parte, em junho de 1852, d'uma commissão encarregada de proceder á analyse de umas amostras de carne de porco, que vieram de Aldegallega, e que se julgavam adulteradas com diferentes substancias nocivas á saude publica.

O mesmo governador civil, em 1867, tambem o encarregou de fazer parte da commissão que procedeu á analyse chimica das aguas dos chafarizes de Lisboa.

Em 1857 foi nomeada pelo governo outra commissão de pharmaceuticos e chimicos, que era composta de José Tedeschi, José Alexandre Rodrigues, Francisco Mendes Cardoso Leal Junior e José Dionysio Corrêa, para analysarem chimicamente umas aguas mineraes.

Do modo como este nosso illustre collega se houve no cumprimento d'estas melindrosas commissões, dizem-n'o os excellentes e bem tratados relatorios apresentados, nos quaes se evidenciam grande lucidez d'intelligencia e muito estudo.

Em 1847 fundou a publicação mensal *Jornal de Pharmacia e Sciencias Accessorias*, que ainda existe e que, justamente, pôde ser considerada uma das primeiras da sua especialidade.

Seu unico proprietario e redactor, José Tedeschi, esmerase na publicação de artigos tão substanciosos e de tão grande interesse profissional, que muitos collegas consultam fre-

quentemente os interessantes trabalhos do eloquente professor e mestre.

Da grande admiração, cordeal estima e respeito, que todos nós consagramos ao amigo sincero e companheiro leal, resultou a escolha para presidir ao jantar, que elle e a maioria dos pharmaceuticos da capital, promoveram em honra dos nossos collegas do Porto—Henrique Lima e Carlos Richter, que vieram, como representantes do Centro pharmaceutico portuguez, conferenciar com os membros da Direcção d'esta Sociedade ácerca de assumptos referentes aos interesses da nossa classe.

Era presidente d'esta Sociedade, quando o paiz perdeu um dos estadistas mais notaveis dos nossos dias, o conselheiro Antonio Augusto d'Aguiar. Dedicara este os seus cuidados, por longos annos, á Sociedade de Geographia de Lisboa, a qual por seu turno e em successivas eleições lhe entregára, jubilosa e reconhecida, a presidencia de seus trabalhos até á epocha do seu passamento.

Coube então ao nosso presidente, como delegado especial, proferir um brilhante discurso na sessão solemne d'aquella sociedade, em 7 de novembro de 1887, destinada a commemorar os altos serviços a ella prestados por tão distincto professor e estadista, o qual, pelos seus trabalhos de chimica e pharmacia, grangeara o diploma de membro honorario e em seguida o de benemerito da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

José Tedeschi foi admittido socio effectivo d'esta Sociedade, por proposta de José Dionysio Corrêa, em 10 de março de 1839. Em 24 de fevereiro de 1848 passou á classe de membro honorario, sob proposta tambem de Dionysio Corrêa, e em 25 de fevereiro de 1859 á de socio benemerito.

A distincta carreira profissional de tão laureado collega revela-se nos cargos mais elevados que tem representado, nos trabalhos vastissimos e nas mais honrosas e variadas commissões que por muitas vezes a Sociedade Pharmaceutica lhe ha confiado.

Exerceu o cargo de segundo secretario em 1840-1844;

o de primeiro secretario desde 1842 até 1846; o de presidente desde 1852 até 1859; 1868 até 1875; 1882 até 1887.

Em sessão litteraria de 27 de setembro de 1887 foi apresentada n'esta mesma sala uma proposta, assignada pelos nossos consocios Alfredo da Silva Machado, Emilio Fragoso e Joaquim Antonio Vaz Leirinha, para se conferir a José Tedeschi o titulo de presidente honorario.

A commissão encarregada de dar parecer era composta dos nossos collegas Augusto Simões d'Abreu, Bento Pereira Pedroso e do signatario d'este modesto e incompleto trabalho, parecer que foi apresentado em sessão de 21 de dezembro do mesmo anno, e approvedo, sem discussão, por unanimidade de votos.

N'esta votação manifesta-se claramente a alta consideração em que os nossos collegas teem os provados meritos scientificos d'este benemerito e prestigioso pharmaceutico, o seu valor pessoal e incontestada respeitabilidade.

Por mais d'uma vez, tive a honra de fazer parte da Direcção d'esta Sociedade sob a sua presidencia, e posso assegurar, que sempre o encontrei firme no cumprimento da justiça, deixando correr larga e desassombrada a discussão, sabendo acalmar prudentemente os animos irrequietos e buliçosos, quando os debates se tornavam mais acalorados.

Quando lhe não soffria o animo, que vingassem idéas adversas aos principios, que reputava verdadeiros, nunca o vi conservar-se na presidencia para encaminhar apaixonadamente as votações; entregava o seu posto d'honra e, como simples batalhador, entrava nas questões, quando scientificas ou profissionaes, com aquella largueza d'idéas e franqueza, que todos lhe reconhecemos.

Mais uma prova acabamos de ter do muito apreço, em que são tidos a imparcialidade e os conhecimentos scientificos do nosso illustre consocio: a grande commissão dirigente da Exposição industrial de 1888 confiou-lhe o importantissimo cargo de presidente do jury, que ha de julgar e

premiar os productos pharmaceuticos, chimicos, alimentares, etc., que ali concorreram.

Ainda mais uma vez, immerecidamente, me encontrei colaborando ao lado de Tedeschi, como secretario d'este jury, e posso affiançar vos com a maior satisfação que tem sido inexcedivel de zelo, actividade, intelligencia e rectidão no desempenho de tão ardua como honrosa commissão.

A assembléa geral da Sociedade no Jardim Zoologico e d'Acclimação de Portugal conhecendo n'este nosso collega especial tendencia para proteger tão importante instituição, elegeu-o para membro da direcção, e de tal modo tem sido apreciada a sua notavel proficiencia que, em assembléa geral, foi considerado como verdadeiro salvador d'aquelle utilissimo estabelecimento.

Em attenção aos relevantes e successivos serviços, tem sido reeleito todos os annos, e bem irá a instituição se continuar sob a direcção de tão valioso cidadão.

José Tedeschi possui os diplomas da — Academia y laboratorio de ciencia medica de Cataluña — Collegio dos pharmaceuticos de Barcellona — Collegio dos pharmaceuticos de Madrid — Societá de Farmacia di Torino — Societé Royal de pharmacie de Bruxelles — Academia medico-pharmaceutica de Barcellona — Pharmaceutical Society of Great Britain — International pharmaceutical congress — Centro promotor das classes laboricasas — Associação industrial portuense — Instituto Vasco da Gama, de Nova Goa — Associação dos artistas de Coimbra — Centro pharmaceutico portuguez — Real Associação dos Archyctectos civis e archeologos portuguezes — Associação Phylantropica dos bombeiros voluntarios de Penafiel, etc.

Um grande numero de pharmaceuticos — José Vicente Leitão, Gregorio de Sousa Pereira, Antonio de Carvalho, Henrique de Sousa Telles, Candido Joaquim Xavier Cordeiro, José Dionysio Corrêa, Pedro José da Silva, Antonio Augusto Felix Ferreira e outros, que engrandeceram a pharmacia e a chimica, deixaram registrado no livro da historia

pharmaceutica um nome illustre e honrado; José Tedeschi, com a sua superioridade de intelligencia e amor profundo ao trabalho, tem produzido e continuará a produzir ainda muito, e concorrerá, com a sua influencia preponderante, para que muitos o imitem e venham preencher as vacaturas dolorosas, que existem nas nossas fileiras.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana vestindo-se de gala para exaltar José Tedeschi não pratica um acto banal de adulação, galardoa o merito real do seu illustre consocio, recompensa a sua incansavel perseverança no trabalho, a sua pontualidade, nunca olvidada, no cumprimento dos deveres; mostra-se, em fim, reconhecida á graciosa benevolencia com que elle põe a sua actividade ao serviço da classe, onde conta tantos discipulos, que o amam, e collegas que o admiram.

Que não seja esta a ultima prova de reconhecimento que lhe demos; que a sua probidade encontre imitadores é o que ardentemente desejo e comigo todos os que me acompanham n'esta jubilosa manifestação, fazendo votos para que a providencia nos conserve por largos annos o varão illustre, o collega dedicadissimo, o mestre venerado, o amigo verdadeiro.

Sala das sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 31 de dezembro de 1888.

O sócio honorario
AUGUSTO D'OLIVEIRA ABREU

O sr. *Tedeschi*, pedindo a palavra, proferiu o seguinte agradecimento:

Ex.^{mas} senhoras e caros collegas.

Ha factos na nossa vida, que por excessivamente agradaveis e lisongeiros, nos produzem uma modificação, ou alteração na nossa intelligencia, que nos impede de poder bem manifestar, e mui claramente, os nossos agradecimentos na presença de uma alta consideração, e um especial obsequio, quando as julgamos immerecidas, e excessivas.

E' o caso, que na presente occasião se dá commigo. Mal podia eu esperar, que os meus estimados collegas, cuja benignidade para commigo tem sido constante, e nunca interrompida, fosse levada ao ponto de me quererem distinguir com uma condecoração excepcional, qual a que me é conferida pelo presente Diploma.

Desde a mais tenra infancia, senhores, dediquei minhas ideias ao exercicio da pharmacia. Nunca pretendi seguir outra carreira, que não fôsse a de pharmaceutico.

Muitos foram os meios que n'aquella idade foram empregados para me desviar d'essa inclinação, que era nata em mim. Conselhos de superiores, promessas de amigos, e até de simples conhecidos, a quem se informava dos meus desejos, todos se dirigiam para me fazer adoptar a vida burocratica, que se me apresentava como sendo de mais brilhante representação, muito mais lucrativa, e muito menos laboriosa, e de menor responsabilidade: porém, baldados foram todos esses esforços empregados, e firme na minha ideia, e no meu proposito, e não hesitando um momento na escolha da carreira, que anhelava, fui cursando os preparatorios, n'aquelles tempos existentes, e que na verdade se limitavam ao estudo das linguas portugueza, latina e franceza, e á phylosophia racional, e moral, constituindo-se no estudo da logica, do celebre Genuense, da methaphysica, e ethica, que se completava n'um só anno.

Com tão simples preparatorios, e contando apenas quinze annos, entrei na carreira que ambicionava, sendo por meus saudosos e bons paes, collocado na pharmacia do mui sabio pharmaceutico, José Vicente Leitão, o primeiro pharmaceutico que se sentou n'essa cadeira da presidencia, cujo estabelecimento era um modelo de ordem, de aceio, e rigoroso expediente, que oxalá fosse seguido e imitado por todos nós.

Foi ali, senhores, n'essa pharmacia, que podia servir de typo, que recebi as primeiras lições, praticas e theoricas, que me deviam conduzir á habilitação legal, para exercer a pharmacia.

As lições praticas eram dirigidas pessoalmente por aquelle

habilissimo e honrado pharmaceutico, que as acompanhava das theoricas, lidas no Tratado de Pharmacia de Caventou, livro que n'aquella epocha era considerado como o mais perfeito director para um praticante, ou aspirante de pharmacia.

Circumstancias especiaes me obrigaram, depois d'algum tempo, a ir continuar a pratica n'uma outra pharmacia, onde, se não havia o tirocinio theorico da primeira, porque um excessivo expediente o não permittia, havia igual rigor na sua exactidão, e nada perdi do que na primeira havia apprendido.

Repugnava-me, senhores, o modo como se conseguia n'aquelles tempos a habilitação para pharmaceutico. Uma licença do Physico Mór do Reino, passada á vista de um simples attestado de quatro annos de pratica, passado por qualquer pharmaceutico estabelecido, era o *unico* documento exigido para obter uma carta, passada pela Physicatura Mór do Reino, com cuja licença se formava um jury, composto de um medico, delegado do Physico Mór, e de dois pharmaceuticos, que, reunidos em qualquer pharmacia do districto, interrogavam o candidato nas doutrinas expostas na Pharmacopêa Geral do Reino, do dr. Tavares.

E raro era que os candidatos não fossem julgados aptos, e que o Physico Mór lhes negasse a carta que os habilitava ao exercicio da pharmacia em Portugal e seus dominios.

Não se julgue, porém, que esta facilidade de habilitação dêsse em resultado o não haver pharmaceuticos mui dignos, e mui illustrados. Pelo contrario, a grande maioria d'elles, conhecendo quanto lhes faltava para se collocar a par dos pharmaceuticos estrangeiros, estudavam particular e mui cuidadosamente as sciencias, que viam ser-lhes necessarias, para se illustrar convenientemente. Sirva de prova a aula de physica e chimica, regida pelo notavel Mousinho d'Albuquerque, no edificio da casa da moeda, onde era admiravel o numero de pharmaceuticos que ali se matriculavam, sendo d'estes os escolhidos pelo sabio professor para seus coadjuvantes.

Essa repugnancia de que vos fallei, fez com que eu esperasse a creação de uma escola de pharmacia, onde podesse instruir-me mais desenvolvidamente, e da qual obtivesse a minha habilitação. Sómente appareceu esta tão necessaria instituição quando creada por decreto dictatorial de 29 de dezembro de 1836, a qual começou a funcionar em outubro do anno seguinte, 1837.

Gloria ao ministerio Passos Manuel, José Alexandre de Campos e Bernardo de Sá Nogueira, que assim attenderam os pedidos d'esta Sociedade, que já n'essa epoca era incansavel em pedir instrucção regular e completa para os que quizessem ser pharmaceuticos.

A' matricula, aberta em setembro de 1837, em escola portugueza, primeira que no paiz se fundava, corri pressuroso, encontrando como professor o notavel dr. Bernardino Antonio Gomes, e como condiscipulos unicamente José Maria Barral e Felisberto do Espirito Santo Trigo Ribeiro.

D'estes quatro nomes, só o meu figura actualmente no rol dos vivos! Uma saudade d'aqui lhes tributamos!

Findo este curso, e sendo o primeiro e unico habilitado, procurei e obtive, ser admittido como membro effectivo d'esta nobre e utilissima Sociedade, o que teve logar em 1839, por proposta do nosso finado amigo e bom collega, o sr. José Dyonisio Corrêa.

Durante este longo periodo de quarenta e nove annos, fiz toda a diligencia e envidei todos os esforços para cumprir fielmente, e quanto possivel, os Estatutos, que nos regem, cumprindo as deliberações tomadas em virtude d'elles.

Entretanto, devo confessar, que fui surprehendido quando soube que uns distinctos collegas e nossos consocios se lembraram de propôr que me fosse conferida uma distincção, que pela primeira vez tinha sido feita e conferida com a maior justiça, ao instituidor e constante conservador d'esta Sociedade, o nunca assaz chorado José Dyonisio Corrêa.

Affianço, senhores, que empreguei os meios persuasivos ao meu alcance, para desviar os meus collegas da apresen-

tação de tal proposta, mas foram baldados os meus esforços. Essa proposta foi de facto apresentada em sessão de 27 de setembro de 1887, e tendo sido consultada e ouvida a Comissão de Direito Pharmaceutico, foi discutido o seu parecer e aprovado em sessão de 21 de dezembro do mesmo anno de 1887, approvação que dá logar a este solemne acto, que bastante me impressiona, apesar de me ser agradavel e extremamente lisongeiro.

Recebendo este diploma, que tomo como um testemunho de deferencia e obsequio dos meus dignos collegas, mais do que como consequencia dos meus merecimentos, eu o considero como um dos mais honrosos que possuo, e que me torna extremamente grato á Sociedade em geral, e a cada um de seus nobres membros em particular.

Não sou eu, de certo, aquelle que devia succeder n'esta importante collocação ao nosso defunto Corrêa: bem longe estou de ter os seus merecimentos, e por isso não posso deixar de sentir que tal distincção não fosse de preferencia conferida a algum dos muitos membros d'esta Sociedade, que bem a merecem pelos seus reconhecidos talentos, pelos seus serviços e pelo amor que lhe consagram.

Não devo, porém, ser indifferente a esta escolha: considero-a filha da benignidade dos meus consocios, a quem do coração dirijo os mais sinceros e cordeaes agradecimentos, segurando-lhes que é indelevel de minha memoria a graça com que acabam de me honrar.

Oxalá, senhores, que esta distincção, que este solemne acto, que estas fraternas demonstraões sirvam de incentivo para que jámais se apague este fogo sagrado, que nos deve attrahir para a continuação do amor pela Sociedade, para que esta não deixe de ser a propagadora dos conhecimentos que nos são tão necessarios, e a salvaguarda dos direitos e interesses que legitimamente nos pertencem.

E permitti-me, senhores, que eu aproveite esta occasião em que com subido prazer vejo aqui reunidas as mais distinctas e qualificadas pessoas das nossas relações, que pela sua presença dão um testemunho de que presam esta So-

cidade, para lhes fazer um pedido, que é ainda a consequencia do profundo amor que tenho pela nossa nobre classe.

Está esta, senhores, ameaçada de um triste futuro! De todos os lados se levantam inimigos que, sabindo uns das classes mais obscuras da sociedade, se intrusam na nossa, com reconhecido prejuizo da saude publica e dos legitimos interesses que nos deviam ser garantidos pelos governos: outros, de classes não obscuras, que movidos por interesses especiaes buscam amesquinhar os nossos serviços, querendo fazer acreditar que são insignificantes e até dispensaveis! e finalmente, ameaça-nos o futuro a condemnavel indiferença com que os governos e suas auctoridades nos olham, negando-nos a faculdade de gosar os effeitos do progressivo desenvolvimento das sciencias phisicas e chemicas com applicação á medicina e á pharmacia, não nos dando uma eschola especial, onde se obtivesse uma solida educação pharmaceutica, o que tudo concorre para que eu veja eminente um triste futuro.

E' necessario, pois, conjural-o: e para isso a cooperação de todos nós é indispensavel.

Uma união compacta entre todos nós pharmaceuticos: um attento estudo sobre o modo de debellar o commum inimigo, e a execução dos meios que para tal fim se adoptarem, constituam um systema de guerra que devemos adoptar para obter o legitimo triumpho sobre taes inimigos.

Unamo-nos, portanto, todos os pharmaceuticos, torne-mo-nos um corpo forte e respeitavel, não recuemos diante das difficuldades que se depararem, e nós sahiremos triumphantes, com o que ganhará, em primeiro lugar, a saude publica e tambem a dignidade pharmaceutica e o credito do paiz.

Agradecendo-lhes, meus senhores, a attenção que me prestaram e a paciencia com que me ouviram, recebam os meus caros collegas um fraternal abraço de quem muito se honra de ser pharmaceutico e de ser membro d'esta

Sociedade, a quem todos os pharmaceuticos se devem unir e acompanhar.

Dis se.

Finalmente o sr. presidente leu o seguinte discurso:

Senhores

Elevado ao cargo honroso de presidente d'esta benemerita Sociedade, accedi aos vossos desejos, mas foi-me forçoso desde logo reclamar o apoio de toda a vossa benevolencia.

Sem ella eu não ousaria assumir confiadamente a responsabilidade de tão elevada missão, para o bom e cabal desempenho da qual indubitavelmente me faltam as principaes qualidades, que mais podiam recommendar-me á vossa esclarecida attenção.

Não possuo o criterio e o arrojo dos genios, nem a practica dos longos annos, amadurecida e apurada no remanso do gabinete, que me permittisse imprimir uma feição característica aos vossos trabalhos.

Tão pouco possuo, como os meus illustres predecessores, um talento privilegiado, que, educado nas escolas com esmero e largueza de disciplinas, me habilitasse a conhecer e a profundar as variadas e numerosas necessidades da nossa profissão, e a emprehender-lhes remedio, quanto em mim coubesse, indicando-vos o melhor caminho para o conseguir, e abrindo ao mesmo tempo, em proveito da collectividade e de nós mesmos, melhor e mais vasto horisonte á sciencia que professamos.

Sirvam pois de attenuante ás faltas que necessaria, mas involuntariamente, heide ter commettido, o desejo de acertar que sempre me tem guiado, e os proprios esforços que tenho empregado para conseguir corresponder á vossa confiança; e dispensae-me já agora, por hoje ainda, a continuação da vossa benevolencia, da qual não pretendo nem devo abusar.

Presidindo á sessão solemne anniversaria do quinqu-

gesimo terceiro anno d'esta Sociedade, cumpro o gratissimo dever de vos felicitar, e comvosco me congratulo, com a sinceridade e a alegria proprias de quem ama do coração a prosperidade e bom nome da sua classe, e o engrandecimento da sciencia que ella cultiva.

Acresce além d'isso, para augmentar o meu contentamento, no dia de hoje, a circumstancia feliz de me caber a honra de ser o interprete dos vossos elevados sentimentos, junto do meu antigo mestre, o ex.^{mo} sr. José Tedeschi, o nosso prestante e antigo presidente, em cujas mãos ha pouco depuz um penhor significativo da vossa estima e gratidão indeleveis.

Senhores:—Assim como as nações pulsam nobremente, inspiradas pelo sentimento de patriotismo, que as anima e conduz, por vezes, aos mais altos commettimentos, como a nossa propria historia ensina, — tambem as differentes classes em que a familia humana se divide, obedecem a um sentimento analogo.

Impulsionado por esse sentimento, e pelo estimulo das nações que caminhavam na vanguarda do progresso das sciencias, um grupo illustre de pharmaceuticos lisboenses fundou em 1835 esta nossa Sociedade, cujo anniversario festejamos hoje jubilosamente.

Não foi o egoismo de conservar nem de defender um bem estar que não possuiam, nem a ambição de honras e proventos immerecidos, que os determinou a este commettimento. A familia pharmaceutica portugueza atravessava então um periodo caliginoso, moralmente abatida, e sem a cultura intellectual necessaria, que lhe permittisse collocar-se á altura do progresso da sciencia e da pharmacia dos outros paizes.

A segunda metade do seculo passado tinha sido brillantemente assignalada no campo da sciencia pela apparição de tres vultos de primeira grandeza, cuja recordação gloriosa nos infunde sempre grande respeito e admiração.

Assim como o seculo dezesete teve na sua segunda metade a fundação da Academia del Cimento na Toscana em 1651,

a Sociedade real de Londres em 1662 e a Academia das sciencias de Paris em 1666; a segunda metade do seculo dezoito teve Scheële na Suecia, Pristeley na Inglaterra, e Lavoisier em França.

Os trabalhos d'estes tres atletas valeram pelos de todas as academias e de todos os sabios seus contemporaneos, diria mesmo, dos que os precederam, se acaso elles não se tivessem aproveitado, como ponto de partida, dos erros de uns para os apreciar melhor e corrigir, e das luzes de outros a alumiar-lhes em alguns pontos, ainda que por ventura furtivamente, o caminho novo que percorreram.

A luz esplendida que raiou sobre o universo, emittida por estes tres fachos luminosos da philosophia natural, rasgando as trevas da ignorancia, que envolvia ainda, em muitos pontos capitaes, o saber do homem, reflectiu-se tambem na modesta classe pharmaceutica portugueza, a qual, mais tarde, não assistiu indifferente á revolução scientifica do seu tempo, e produziu esta Sociedade.

Quando o espirito associativo era desconhecido, ou pouco cultivado entre nós com intuitos d'esta ordem, a epoca da fundação d'esta Sociedade foi um periodo de esforços e dedicações espontaneas; louvaveis ao ultimo ponto, por serem generosas e desinteressadas; verdadeiramente heroicas em alguns de nossos predecessores, senão em todos, por que as souberam conservar inalteraveis até ao ultimo quartel da vida, sem que as contrariedades—e por vezes os desgostos soffridos na luta pacifica mas porfiada pela sua emancipação, — os vencessem ou intibiassem.—Por que é necessario que se saiba e se affirme em todas as occasiões opportunas, que o objectivo principal d'esta Sociedade tem sido, e continua a ser, a illustração da classe que representa, e o progresso da sciencia, que cultiva, para obter a emancipação da mesma classe e nivelal-a ás outras profissões liberaes; e tambem é necessario que se saiba, que d'este ideal já se achavam anteriormente possuidos muitos pharmaceuticos portuguezes, como o provaram com os seus

requerimentos os pharmaceuticos d'esta capital, de 1821 e 1826.

Em 1836, Passos Manuel attendeu as reclamações da classe pharmaceutica, creando as escolas de pharmacia annexas ás escolas medicas. Essas escolas satisfariam em parte uma necessidade do ensino, se a sua frequencia fosse obrigatoria para se obter o diploma de pharmaceutico; mas, nem a frequencia das escolas foi obrigada desde logo, nem depois a iniciativa do notavel estadista tem sido secundada com as leis complementares que o estado da sciencia já então reclamava, e cuja falta cada dia se faz sentir de um modo mais acentuado, mesmo na parte industrial da nossa profissão, aonde natural e fatalmente se reflecte.

Desde a aula de declamação até ao fabrico da renda de Peniche, todos os ramos do trabalho nacional teem merecido um ensino especial e adquado; só a pharmacia não logrou ainda concitar sobre si a attenção de governo algum, de modo a dotar o paiz, que é o verdadeiramente interessado, com um ensino profissional d'este ramo da medicina, que satisfaça regular e convenientemente as necessidades publicas.

Multiplicam-se as cadeiras nas escolas de medicina e nos outros institutos de ensino superior; as aulas de mathematica e de sciencias naturaes repetem-se de modo que ha cursos annuaes de dois e tres discipulos; multiplicam-se as escolas do ensino artistico e industrial, e desdobram-se continuamente as cadeiras para o estudo disciplinar ser mais completo,—e ainda hem que se tem derramado e continua a derramar com mão larga a instrucção no paiz; como explicar, porém, este esquecimento não digo, este addiamento obstinado para com a pharmacia, este verdadeiro attentado de lesa-sciencia?

Não se pôde suppor que seja calculado e intencional; entretanto, em presença d'esta especie de ostracismo, em pleno seculo dezenove, é licito perguntar se não concedem á pharmacia fóros de sciencia;—ou se, como arte, se tanto quizerem, a consideram menos util do que qualquer outro

ramo do saber humano? Se ella não tem os seus fastos gloriosos; se não tem os seus pergaminhos, mais illustres do que muitas outras sciencias, tanto pelo que diz respeito ao presente, como ao passado, dentro e fóra do paiz?

Assim esquece a historia?!

Se remontarmos á antiguidade, o que vemos?

Nos tempos mais remotos o mesmo individuo preparava os medicamentos e fazia applicação d'elles aos enfermos; entre esses individuos, porém, alguns que faziam mais vida do laboratorio e eram dotados de espirito mais sagaz, observador e paciente, surprehendidos a cada passo pela transformação dos corpos, que não sabiam explicar, foram archivando as noticias dos factos, multiplicando as experiencias, e tentando dar-lhes a explicação por um modo mais ou menos racional, ou extravagante, consentaneo á ignorancia dos tempos.

O trabalho d'estes e de outros observadores dos phenomenos chimicos, que produzem a transformação da materia, desde os primeiros tempos, — eis a origem da alchimia.

E' longa a lista dos investigadores celebres de que a historia tem melhor conhecimento, a partir de Geber no oitavo seculo até aos tempos modernos.

—Geber fundou a escola dos chimicos arabes, que adquiriu grande celebridade entre os escriptores da idade média. Resumiu nas suas obras todos os conhecimentos chimicos dos mahometanos. Na sua — *Summa perfectionis* — falla da transmutação dos metaes, na qual se acreditava já muito antes d'elle; occupa-se da medicina universal; e inculca o seu *elixir vermelho* (que era um soluto d'ouro) como remedio para todos os males — meio de prolongar a vida indefinidamente, e recuperar a juventude.

—Depois de Geber tornam-se notaveis, no seu paiz, principalmente Rhases, Avicena, Mezué, Averbões e outros mais; uns, por descreverem algumas preparações novas, outros, por se esforçarem em imprimir á medicina uma nova orientação.

Só no seculo treze, depois das cruzadas e como consequência.

quencia do contacto dos christãos com os povos mahometanos, é que a chimica dos arabes e a sua pharmacologia penetrou na Europa.

Entretanto, convem lembrar que os phenicios e os egypcios nos precederam consideravelmente e tiveram conhecimentos muito adeantados sobre varias artes dependentes da chimica. O fabrico dos seus esmaltes, do vidro branco e corado, pouco ou nada deixa a desejar. Sabiam extrair os metaes preciosos, o cobre, o chumbo, e o ferro, por processos que pouco differem dos actuaes. Conheciam a arte da tinturaria, o fabrico do vinho, do vinagre, e parece que até o da propria cerveja. Embalsamavam com perfeição. O que elles não possuíam era a theoria das artes, mas tiravam naturalmente partido dos factos que o acaso ou a experiencia sem orientação scientifica lhes proporcionava, e tratavam de coordenal-os e ligal-os para certos e determinados fins. Eis como se explica a origem das suas industrias.

— O primeiro escriptor notavel que figurou na Europa pelos seus conhecimentos encyclopedicos, foi o celebre franciscano Rogerio Bacon, que nasceu em 1214, e falleceu em 1294; tão versado em linguistica, como em philosophia, mathematica, historia natural, chimica e phisica. Em todas estas sciencias deixou um rasto luminoso da sua passagem, o que lhe valeu o cognome de *doutor admiravel*.

Em philosophia foi o creador do methodo experimental, o precursor do seu celebre compatriota Francisco Bacon. Attribute-se-lhe a invenção do microscopio, do telescopio, e a da polvora. Contra a opinião de Aristoteles sustentou que a propagação da luz não é instantanea, e que a luz das estrellas lhes pertence. Considerou a sciencia experimental a rainha das sciencias, á qual todas as outras estão sujeitas.

Os seus conhecimentos de chimica e de phisica, e algumas experiencias que exhibiu em publico, valeram-lhe a accusação do crime de magia, feiticeria e pacto com o demonio; e por isso foi condemnado. Tão celebre pelos seus conhecimentos que A. Humbolt o considera o *maior sabio da meia*

idade, achava-se, entretanto, possuido da idéa da multiplicação dos metaes, e de prolongar a vida indefinidamente.

—Rival de Bacon pela universalidade e profundeza de conhecimentos, e não menos pela reputação de grande magico, viveu pouco mais ou menos pelo mesmo tempo o dominicano Alberto de Bolstad, bispo de Colonia, denominado Alberto o Grande: *Magnus in magiâ, major in philosophiâ, maximus in teologiâ*.

—O meio-dia da França exhibiu Arnao de Villa-nova, medico e alchimico; o qual possuiu a pedra philosophal e a receita para fazer ouro.

—Sucedeu-lhe nos fastos da alchimica o phantasista Raimundo Lulle, de Maiorca, o *doutor illuminado*, cuja vida agitada e aventureira dá para mais de um romance.

Lulle, nascendo ao mesmo tempo que Arnao e filho de uma familia distincta e abastada, — depois de uma mocidade de prazeres, e galanteios, mal succedidos, a uma dama, que o fez soffrer a mais dura e extraordinaria desillusão porque pôde passar um apaixonado sensualista — fez-se frade e entregou-se ao estudo com ardor.

—A não ser B. Valentim, que escreveu o *Currus triumphalis antimonii*, e que introduziu o uso do antimoniô na medicina, o homem mais notavel que a historia successivamente nos aponta por este tempo é o grande e afamado Paracelso, que nasceu proximo de Zurick em 1493, e exerceu uma poderosa influencia na chimica, e sobre tudo na medicina.

Segundo diz o professor Dumas, foi convidado pela cidade de Balle, em 1527, para reger a primeira cadeira de chimica que se fundou no mundo.

Como medico de conhecimentos universaes, e muito versado na chimica, fez da medicina uma sciencia subordinada áquella, e, entretanto, occupou-se mais da panacêa universal, do que da pedra philosophal. Para isso tinha *essencias e quintessencias, arcanos, especificos e elixires*, entre os quaes, o *elixir das quintessencias*.

Contradictor implacavel da escola arabe, e possuindo

um espirito innovador, como Rogerio Bacon, — que disse que a principal origem do erro e da ignorancia era a auctoridade, pelo que se devia queimar as obras de Aristoteles, — Paracelso chegou a queimar perante um auditorio as obras de Galleno e de Avicena, que em todas as universidades eram considerados como verdadeiros oraculos.

Admittiu os quatro elementos de Aristoteles, o fogo, o ar, a agua e a terra, e imaginou um quinto elemento predestinado, resultante da reunião dos quatro elementos elementares debaixo de uma fórma mais perfeita. Além d'isso concebeu que nos corpos havia tres principios distinctos, activos, cujos termos se tornaram celebres—o sal, o enxofre e o mercurio, e dois mais, inactivos, os flegmas e os caput mortuum. Os tres principios primeiros foram para Paracelso, e para os seus discipulos, como que os elementos da nossa chimica actual, e esta doutrina, já enunciativa por B. Valentim, e cada vez mais arreigada nos chimicos, estabeleceu a scissão entre as idéas d'estes e dos philosophos, os quaes, seja dito de passagem, com os seus systemas de mechanica molecular, baseados na existencia dos atomos retorcidos ou em espiral, foram mais prejudiciaes do que uteis ao progresso da sciencia.

Depois de uma vida agitada, entre o fastigio da gloria e a miseria, em polemicas constantes, e por vezes violentas, com os medicos, que accusava de pedantes e burros, e que lhe pagavam, a seu turno, alcunhando-o de charlatão e familiar de demonio, a quem attribuiam as curas maravilhosas que elle praticava, veio a morrer na idade de 48 annos, em um hospital de Strasburgo, em 1541.

Depois d'este homem extraordinario a chimica principiou a tomar mais importancia e incremento; a desembaraçar-se pouco a pouco do mysterio, e da magia, ou poder sobrenatural, de que os alchimistas eram considerados possuidores.

Então os chimicos dividiram-se em tres grupos pelos seus fins e pelas suas crenças: os alchimistas que nada produziram, em busca da pedra philosophal; os medicos-chimi-

cos; e os chimicos, que, despreoccupados e trabalhando com mais prudencia, pretenderam illustrar-se pela experiencia, taes como Cassius, Libavio, Agricola, Palisey, e outros.

Ora nós emprehendemos esta viagem em comboio rapido atravez dos seculos, para eu poder demonstrar que as sciencias medicas, incluindo a pharmacia, andaram por muito tempo unidas e até certo ponto confundidas e envolvendo a chimica.

Eis-nos enfim no seculo dezesete, quando a sciencia se apresenta em bases mais solidas, e a pharmacia, com representaçõo propriamente sua, toma parte activa na evoluçõo da mesma sciencia, assume um papel proeminente, e muito acentuado, nos seus progressos.

Funda-se a Academia del cimento, a Sociedade real de Londres, e a Academia das sciencias de Paris.

Tres membros, entre seis, da secção chimica da Academia de Paris, são pharmaceuticos: Bayen, Pelletier e Vouquelin.

A propria Academia, antes de constituida, reunia-se em casa de Geoffroy pae; assim como a Sociedade de Londres se reunia em casa de Bross, em Oxford, e a Academia de Florença teve o seu berço em casa do illustre Lasca, na rua Tornabuoni.

Um dos membros mais distinctos da Academia de Paris, nos seus primeiros annos, foi Nicolao Le Fèvre, que fez os seus estudos na Academia protestante de Sedam, e que pelos seus justos creditos de chimico e pharmaceutico, foi convidado a occupar a cadeira de professor de chimica no Jardim das Plantas.

Quando se fundou a Sociedade real de Londres, Jacques II convidou-o a tomar a direcção do laboratorio de S. James, e *Le Fèvre* passou para Inglaterra, que então lhe offeria mais segurança do que o seu proprio paiz, aonde os protestantes, cuja religião abraçou, eram já perseguidos.

As suas obras, apesar de compostas em Londres, foram escriptas em francez e publicadas em Paris. O seu *Trata-*

do de chimica racional distingue-se dos livros anteriores do mesmo genero, pelo methodo excellente, ordem e clareza notaveis com que se acha escripto.

Se Le Fèvre não foi espirito inovador, em compensação, dispoz de grande critica e muito bom senso, de uma razão muito clara e penetrante.

—Mais notavel, senão pelo saber, pelo menos pela reputação ruidosa, e grande nomeada, de que gosou em todo o mundo, foi Nicolau Lemery; o pharmaceutico da rua Galande, que em 1672, na idade de 30 annos, inaugurou o seu curso de chimica com um exito indescriptivel.

O nome do illustre Pasteur não é hoje mais festejado, que o foi o do nosso collega no seu tempo.

Principes e plebeus, damas e estudantes de differentes nacionalidades, attrahidos a Paris pela fama do seu nome, disputavam com impaciencia um logar, d'onde podessem escutal-o attentamente.

A rua Galande quasi não chegou para alojar os seus discipulos. O seu *Curso de chimica* obteve uma edição nova quasi em cada anno, e traducção em quasi todas as linguas.

—Em 1742 nasceu em Stralsund, na Pomerania sueca, o immortal Scheele, cujo nome encheu a Europa de assombro e admiração, e a sciencia de beneficios. Genuinamente pharmaceutico, e tão modesto e simples como verdadeiramente sabio, arrancou á natureza milhares de segredos, um a um, trabalhando no silencio e retiro da profissão que abraçou.

—Vivo de espirito e imaginação ardente, floresceu em França tambem, com justos creditos de sabio, entre outros pharmaceuticos, Rouelle, o chimico que, até ao seu tempo, teve idéas mais bem assentes sobre a natureza dos saes.

Entendia-se então por *sal* — tudo que podia cristalisar e fundir-se em agua. O acido bensoico era um *sal simples*. Rouelle estudou os chamados *saes compostos* e dividiu-os em tres cathogorias; *saes neutros acidos*, *saes neutros basicos ou alcalinos*, e *saes neutros perfeitos*.

Sobre este ponto teve uma polemica aturada com Bau-

mé, como elle pharmaceutico, e cuja auctoridade muito o embaraçou para fazer aceitar a sua doutrina como boa.

Estabelecido em Paris, como Lemery, como este fundou cursos particulares com grande successo e que regia por uma fórma desusada.—Chegava ao seu amphitheatro de bella casaca, cabelleira e chapéu debaixo do braço. Começava a prelecção com placidez, animava-se bem depressa e arremessava o chapéu, depois aquecia mais e atirava a cabelleira, depois a casaca, após esta o collete, em seguida a gravata. Era vel-o então á sua vontade, homem de laboratorio, amante das experiencias apparatusas, sabendo conduzi-las habilmente e expondo as suas demonstrações com uma propriedade e vehemencia, que atraíam e arrebatavam.

Em 1742 foi nomeado professor de chimica no Jardim das Plantas, e dois annos depois deu entrada na academia.

—Pelo mesmo tempo floresceu Baumé, o qual aos vinte e quatro annos era já um pharmaceutico distincto. Escreveu numerosas e interessantes memorias sobre a crystalisação dos saes, sobre os phenomenos da congelação e da fermentação, sobre as combinações e preparações do enxofre, do opio, do mercuric, do acido bórico, da platina etc. As portas da Academia, da qual mais tarde foi pensionista, foram-lhe franqueadas em 1773; e, quando o successo da *Encyclopedia* fez conceber o plano do *diccionario das artes e officios*, Baumé encarregou-se de escrever mais de cem artigos, que fazem parte d'essa collecção.

Fez numerosas experiencias, de collaboração com Macker, para elevar a fabricaço da porcelana franceza ao nivel da da China. Montou a primeira fabrica de sal-ammoniaco; ideou um processo para dourar as peças de relojoaria e outro para branquear a seda amarella; indicou meios para extinguir os incendios, conservar o trigo; um methodo para tingir os pannos, etc., etc. Trabalhou sobre areometria.

Publicou um tratado de pharmacia, que ainda se póde lér sem enfado, apezar do grande progresso das sciencias desde então até hoje.

Baumé falleceu em 1804, socio do instituto.

—Em 1770, isto é, poucos annos antes, appareceram conjunctamente os primeiros trabalhos de Scheéle, os de Priestley, e a primeira memoria de Lavoisier.

Este ultimo propozera-se indagar definitivamente, se a agua possuia ou não a propriedade de se transformar em terra. Não vos descreverei os detalhes com que elle operou, distillando em um *pelicano* uma certa porção d'agua, durante cento e um dias, fazendo-a circular no interior do apparelho até que a experiencia lhe pareceu concluida: dir-vos-hei apenas que, ao passo que elle resolvia a questão por meio da *balança*, Scheéle chegava quasi ao mesmo tempo a um resultado analogo por meio da *analyse* qualitativa, ignorando cada um os trabalhos do seu competidor, e creando para si um methodo, que os conduziu aos mais brilhantes resultados em trabalhos posteriores.

D'esta epocha em deante, e graças ao caminho traçado por estes tres luminares poderosos do progresso, a sciencia desenvolveu-se com rapidez, imprimindo uma feição caracteristica na vida do homem; e a lista dos pharmaceuticos que lhe teem prestado serviços assignalados, assim como ás artes e á industria, em todos os paizes, é interminavel, no campo da chimica principalmente.

Em historia natural, basta lembrar que o primeiro jardim botanico que a França possuiu, foi devido aos esforços e dedicação de Nicolau Houel, de Paris, a cuja piedade de sentimentos a França deveu tambem a fundação da sua primeira escola de pharmacia. O *jardim dos simples* d'esta escola precedeu sessenta annos a criação do Jardim das plantas, hoje Muzeu de historia natural.

—Basilio Besler, pharmaceutico em Nuremberg, dotou a Allemanha com os seus tres primeiros jardins botanicos.

—No principio do seculo dezesete, Alberto Seba, pharmaceutico em Amsterdam, creou o valioso museu de historia natural que a Hollanda durante muito tempo se ufanou de possuir, e que hoje é propriedade da Academia das sciencias de S. Petersburgo.

—A nossa patria gloria-se com o nome historico do pharmaceutico Thomé Pires, natural de Leiria, o primeiro naturalista que poz o pé na India; e que, no dizer conceituoso de João de Barros (*Historia do descobrimento e conquista da India*) «era pessoa de natural descripção, com letras, segundo a sua faculdade, largo de condição e aprazível de negociar; mui curioso de inquerir, e saber as cousas e com um espirito vivo para tudo.»

De espirito ardente, como Rouelle, e aventureoso como R. Lulle, ou Paracelso, Thomé Pires, como elles quiz instruir-se viajando.

Em 1511 partiu para a India, nomeado feitor das drogarias por el rei D. Manoel, com ordem a Affonso de Albuquerque para o prover no primeiro lugar que vagasse.

Assim succedeu, indo primeiro para Cananor, depois para Cochim, tendo n'esse meio tempo desempenhado o cargo de escrivão e contador da feitoria de Malaca em 1522.

Foi de Cochim que Thomé Pires enviou em 1516 uma carta notabilissima a el-rei D. Manoel, na qual descrevia varias plantas medicinaes do oriente. Este precioso documento historico só em 1838 foi arrancado do pó do esquecimento pelo nosso sabio patriarcha D. Francisco de S. Luiz, o qual honrou esta sociedade com uma copia, que viu a luz publica em o nosso jornal.

Pedro José da Silva, comparando a carta de Thomé Pires com os colloquios de Garcia da Orta, diz «que não lhe é inferior pela substancia e lhe leva vantagem na concisão e clareza.»

Ao tempo em que Thomé Pires passou á India, havia no reino noticias mui vagas e incertas da China. Em 1515, indo Lopo Soares de Albergaria substituir Affonso de Albuquerque no governo da India, mandou D. Manoel que Fernão Peres de Andrade o acompanhasse na qualidade de capitão de uma armada que na India se devia apparellhar com destino á China, a tentar relações de commercio e amizade com o imperador d'aquelle rico paiz.

Chegado Lopo Soares á India, e indo invernar a Cochim nos ultimos mezes do mesmo anno de 1515, tratou logo de indagar a quem, mais competente e sagaz, havia de confiar as cartas e os presentes que o nosso venturoso monarcha enviava ao imperador da China. Fidalgos e capitães lhe inculcaram Thomé Pires «por ser homem mui curioso e avisado, de muito saber para este cargo.»

Effectivamente Fernão Peres levantou ferro de Cochim, tocou em Malaca para tomar generos commerciaes, e foi aproar á China só em meado de 1517, por motivo de contratempos imprevistos.

«Foi permittido aos nossos desembarcar em Cantão, com grande estredo de artilheria e trombetas, e a gente vestida de festa». O embaixador e a sua comitiva foi alojado em um dos aposentos mais nobres da cidade e visitado pelas pessoas mais gradas, e Fernão Peres, feito o seu commercio, retirou para a India, deixando os nossos; a embaixada, porém, foi mal succedida.

Depois de mais embaraços e formalidades do que as que Thomé Pires encontrára para pôr pé em terra, foi-lhe dito emfim, que seguisse para Nankim, aonde o imperador lhe concederia audiencia. Malgrado o seu intento n'esta cidade, foi-lhe dito que o imperador marchava para Pekim e lá o receberia.

Entretanto o rei de Bintão,—que fôra de Malaca que nós lhe tinhamos tomado—, mandára á China um embaixador, pedindo, como vassallo, auxilio contra nós. Simão Peres, em agosto de 1518, chegára a Tamão, vindo da India para negociar e, sem o saber, secundava maravilhosamente, com as suas violencias sobre os naturaes da ilha, os intuitos do embaixador do ex-rei de Malaca.

De tudo foi informado o imperador, que nem sequer ouviu Thomé Pires, accusado de má fé, elle e os seus, que iam preparar o terreno, para os Frangues (como os chinas nos chamavam) tentarem fazer na China o que tinham praticado em Malaca.

Ordenou então o imperador, que a esse tempo não era

já o mesmo, que se escrevesse ao governador da India para que restituísse Malaca ao rei de Bintão, e que a embaixada fosse retida presa em Cantão, para ser despedida sem damno, caso Malaca fosse entregue.

Desenganado o Filho do Ceu de que os Frangues lhe não obedeciam, continuou a prisão para os nossos; e á prisão sobrevieram os maus tratos.

Não se sabe ao certo como Thomé Pires passou os ultimos dias da sua vida. Segundo uns historiadores, morreu de desgosto e tristeza na prisão; segundo outros, passado algum tempo, foi ouvido pelo imperador, que folgou de o escutar, e apenas o mandou internar.

O que hoje é fóra de duvida é que, ainda Garcia de Orta era estudante em Salamanca, já Thomé Pires havia mandado para o reino noticias acertadas e importantes das drogas e plantas medicinaes do oriente, sendo a Carta a que já nos referimos cincoenta annos anterior aos Colloquios de Garcia.

PORTANTO, THOMÉ PIRES FOI O PRIMEIRO HOMEM DE SCIENCIA, E O PRIMEIRO NATURALISTA, QUE FOI Á INDIA; O PRIMEIRO EUROPEU, E O PRIMEIRO PORTUGUEZ, EM MISSÃO Á CHINA.

A alchimia não deixou vestigios da sua passagem entre nós; nem mesmo Paracelso com o estrondo grandemente ruidoso das suas doutrinas medicas e chemicas. A nossa therapeutica foi essencialmente arabico-galenica. Ainda assim cabe-nos a gloria de ter sido Vigier e D. Caetano de Santo Antonio os primeiros escriptores que se occuparam da chimica, difundindo entre nós os preceitos de Lermery. Desde então até 1772, epoca em que se creou a faculdade de philosophia da universidade de Coimbra, apenas appareceu entre nós — A Origem da Physica moderna etc... pelo padre Noel Regnauld, da Companhia de Jesus — Lisboa etc., 1753; Discursos da ignorancia, em que se duvida do fogo elementar, etc., por Joseph Boreal de Arango — Lisboa occid. na offi. de Morando, 1740, 2 vol. em 4.º — *E o verdadeiro methodo de estudar* de Antonio Verney; e a *Recreação philosophica e Cartas Phisico-mathematicas*, do Padre Theodoro de Almeida.

Não tivemos outro Thomé Pires, nem Geber, Lule, Bacon, Guibourt, nem Planchon, nem Schœlé, nem Lemery?...

Succede-nos em pharmacia o mesmo que nos outros ramos das sciencias experimentaes.

Ainda mais: não os tivemos, nem parece que os queiramos ter. Não só lhes não preparámos o terreno *com equaldade*, mas tambem os não acolhemos dignamente, nem sequer os saudámos, quando a nossa estrella caprichosa, mas propicia, nol-os depara algumas vezes.

Entretanto citar-vos-hei os nomes de alguns pharmaceuticos illustres, entre nós, os quaes, apesar da influencia do meio em que naturalmente viveram, e lhes criaram em parte, souberam ainda assim ser uteis ao seu paiz.

Não queria fallar dos vivos, mas devo abrir já alguma excepção. Muitos cavalheiros que me escutam, conheceram decerto o nosso illustre consocio, o sr. Roberto Duarte Silva, quando praticava, ainda moço, na pharmacia Rino e na pharmacia Azevedo, F.^{os}

Em Duarte Silva, formado pharmaceutico, seguiu-se ao trato com os livros, que sempre amou, a paixão pelo ignoto e pelas sciencias chimico-physicas.

Como Thomé Pires foi á China; estabeleceu-se em Macau; internou-se mais; estacionou em Hyong-Cong. A nostalgia e o conselho dos amigos dedicados, da colonia estrangeira na cidade chinesa, restituiu-o á Europa. Satisfez em Paris a sua paixão dominante pela chimica, profundando-a, debaixo da direcção e no convívio dos grandes sabios; entretanto nunca se esqueceu da patria e, officiosamente, offereceu-lhe os seus serviços. Por bastante tempo aguardou collocação entre nós, rejeitando em França propostas vantajosas.

A vida tem necessidades imperiosas; Paris queria-o para professor da aula de chimica da sua escola municipal;— Paris, que regorgita de sabios e de chimicos, franqueava o magisterio a um forasteiro, a quem a patria não soube ser agradecida.

Jaques II attrahiu Le Févre a Londres, quando a Inglaterra

não possuía chimicos; Paris, generosa e illustrada, prestou homenagem ao sabio portuguez, laureado entre os seus, com quem foi conviver e aperfeiçoar-se, e esforçou-se por conserval-o em si e aproveitar-lhe o mérito.

Era forçoso tomar uma resolução, e Duarte Silva, hesitando primeiro, teve de ceder aos rogos dos amigos, e naturalisou-se cidadão francez, para exercer o magisterio na cadeira que já citei. Depois d'isso já foi presidente da sociedade de chimica de França.

Homem de letras, em vez de tretas, para desempenhar na patria o logar que lhe competia, faltou-lhe porventura o abrigo d'algum poderoso, ou a moleta da politica, em que nunca teve tempo de pensar; d'essa politica, cujo sopro quente tem crestado no campo da sciencia tanta arvore vigorosa em luxuriante floração, e a cujos artificios e seducções não escapou tambem outro pharmaceutico, illustre desde os bancos das escolas, onde não revelou o seu talento extraordinario menos distinctamente, do que no seio d'esta Sociedade, que se presa de o contar na classe dos seus membros benemeritos.

Refiro-me ao actual conselheiro da corôa e ministro da fazenda, o Ex.^{mo} Sr. Marianno Cyrillo de Carvalho, que por felicidade se não lembrou de viajar em moço, aliás seria, por ventura, mais um talento, privilegiado pelas suas multipas aptidões, das mais completas, inutilisado para cooperar no bem da patria.

Meus Senhores:—Eu não devo abusar da vossa attenção, mas não posso passar em silencio o nome de alguns pharmaceuticos nossos, illustres pela dedicação á sciencia e pelos escriptos que nos legaram, depois do que tenho dito, dos estranhos principalmente, e no momento em que esta Sociedade paga uma divida sagrada a um seu consocio distincto por todos os titulos, como é o sr. Tedeschi, o mestre e o amigo de nós todos, cuja biographia acabastes de ouvir em phrase tão concisa como elegante.

Por isso permitti-me ao menos que consigne aqui os nomes de

—José Coelho;

—José Homem de Andrade;

—D. Caetano de Santo Antonio, de Buarcos, conego regente de S. Agostinho, que professou no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra em 1698; auctor da bella *Pharmacopéa lusitana*, imp. em Coimbra, e reeditada tres vezes em Lisboa; e auctor da *Pharmacopéa Bateana*, traduzida do latim em portuguez—Lisboa 1713;

—João Vigier, que se naturalizou portuguez e entre nós vulgarisou, o primeiro, as idéas de cirurgia e pharmacia, que no seu tempo imperavam em França. Entre outras obras, publicou a *Pharmacopéa Ullisiponence, Galenica e Chimica*, etc., Lisboa, 1716. Diz P. J. da Silva que é n'este jivro que se falla da chimica pela primeira vez entre nós; e n'elle se lê um pequeno tratado d'esta sciencia, como então Lemery a ensinava em França, enriquecido com gravuras. Vigier publicou mais uma *Historia das plantas da Europa, e das mais usadas, que vem da Asia, da Africa, da America*, etc., etc., Lion, 1718;

—Manuel Rodrigues Coelho, de Setubal, baptisado em 2 de fevereiro de 1687; auctor da celebre *Pharmacopéa-Chimico-Galenica*, obra collossal pela doutrina que contem, e a que melhor representa entre nós a polypharmacia. Ainda no principio d'este seculo era citado com enthusiasmo por alguns dos pharmaceuticos mais antigos. Desempenhou entre nós o papel que a *Officine de Dorvault* tem occupado ultimamente;

—Antonio Lopes da Silva, natural de Lisboa, auctor do *Exame dos Boticarios com uteis doutrinas concernentes á Arte Pharmaceutica*. Examinou-se em 1723.

—Frei João de Jesus Maria, Monge Beditino, administrador da botica do Reformado e antiquissimo Mosteiro de Santo Thyrsó; auctor da *Pharmacopéa Dogmatica, medico-chimica e theorico-pratica*. Porto, 1772. O sr. Antonio José Nogueira doou á Sociedade em 1857 um *Apendix* manuscrito a esta obra.

—Frei Christovão dos Reis, carmelita descalço, adminis-

trador da botica de N. Sr.^a do Carmo, da cidade de Braga; autor das *Reflexões methodico-botanicas, muito uteis e necessarias para os professores de medicina e enfermos.*—Lisboa, 1779. O contheudo vale muito mais do que o titulo indica;

—Luiz H. de Carvalho, de Bemfica;

—Francisco de Paula Pires, e José Caetano, que floresceram pelo mesmo tempo, no Rio de Janeiro, onde o segundo regeu a cadeira de chimica da escola de medicina;

—Joaquim Maria Torres, de Coimbra;

—Antonio de Carvalho, o chimico, tambem citado por Balbi como muito versado em phisica experimental; preparador nos cursos de Mousinho de Albuquerque, na Casa da Moeda; estabelecido no largo do Corpo Santo, com grande credito. Montou na Margueira uma fabrica de productos chimicos e pharmaceuticos dos de importação;

—José da Silva Pinheiro, de Alcobertas;

—Caetano José de Carvalho, de Castello de Vide, estabelecido em Lisboa;

- -Francisco Cesar Pereira, de Villa Franca;

- -Antonio José de Sousa Pinto, moço fidalgo e pharmaceutico da Casa Real; homem muito notavel do seu tempo, e um dos vultos da pharmacia portugueza mais proeminentes, tanto pela suas publicações em pharmacia, medicina, e cirurgia, como por ter occupado todos os cargos mais importantes concernentes á profissão. Teve pharmacia de muito credito na rua dos Capellistas, e gosou de grande popularidade. Empana-lhe o lustre do nome o ter assistido, ao declinar da vida, indifferente á fundação d'esta Sociedade, onde entrou em 1845, e o não ter posto o seu valimento ao serviço da classe, principalmente como membro, que foi, do *Conselho de saude*;

—Antonio de Carvalho, o camarista, antigo presidente e um dos socios fundadores d'esta Sociedade;

—Gregorio de Sousa Pereira, socio fundador e presidente, cinco vezes eleito, d'esta Sociedade;

—José Vicente Leitão, o primeiro presidente da sociedade, o qual, dotado de genio emprehendedor, produziu varios

artigos de industria que rivalisaram com os estrangeiros, como, velinhas, algalias, sabonetes, e outros;

—Pedro Ferreira Norberto e seu irmão, José Ferreira da Silva, egualmente dedicados á industria pharmaceutica;

—Henrique José de Sousa Telles, pharmaceutico tão versado em pharmacia e sciencias successivas, como em litteratura; com grande facilidade em escrever; d'elle ha no nosso jornal muitos artigos originaes, de merecimento, sobre sciencia.

—Luiz José da Rocha e Silva, pharmaceutico no Porto;

—João Rodrigues Vianna, pharmaceutico no Porto;

—M. Arcanjo de Abreu, pharmaceutico em Lisboa;

—Anacleto Rodrigues de Oliveira, socio fundador e presidente d'esta Sociedade.

—José Silverio Rodrigues Cardoso, pharmaceutico muito distincto, em Mirandella;

—Francisco Bernardo dos Santos, e Albano A. de Andrade, do Porto, pharmaceuticos muito notaveis.

—Antonio Gomes Roberto, 1.º pharmaceutico do quadro de saude da India, onde fundou, em Goa, o *Archivo de pharmacia e sciencias accessorias da India Portuguesa*, o primeiro jornal scientifico que se publicou n'aquellas nos-
sas paragens, e que G. Roberto redigiu e sustentou em quanto esteve ali, na actividade do seu posto. Gomes Roberto, como tantos outros collegas, em serviço official nos quadros do ultramar — como Leiguarda Pimenta — que foi membro da academia das sciencias — concorreu efficazmente para o engrandecimento das colleções de historia natural que enriquecem os nossos museus nacionaes.

—Luiz Vicente Fortuna Senior, de Matosinhos, grande entusiasta pelos progressos da arte pharmaceutica;

—Candido Joaquim Xavier Cordeiro, administrador do dispensatorio pharmaceutico da Universidade de Coimbra; auctor dos *Elementos de pharmacia, theorica e pratica*, 2 vol., 1850-1860, reimpressos depois em um só vol. — a obra mais importante e completa depois da Tubalense, e perfeitamente ao corrente da sciencia do seu tempo.

—E o nosso mallogrado e prestante consocio A. A. Felix Ferreira.

—Resta-me fallar-vos de dois vultos que se destacam no grupo importante dos nossos collegas d'este seculo, e que todos nós conhecemos—José Dionysio Corrêa e Pedro José da Silva. Grandes pelo talento, e maiores talvez pela actividade e perseverança no trabalho nunca desmentidas. Sempre firmes na lucta pelo prestigio da pharmacia patria, e pela independencia da classe, trabalharam, por assim dizer, em campos differentes; mas nem por isso foram menos uteis os esforços de um, do que os do outro.

Pedro J. da Silva era mais homem de gabinete, José D. Corrêa, mais de laboratorio.

José Dionysio Corrêa occupou os cargos mais distinctos da classe — director da botica do primeiro estabelecimento hospitalar do paiz, onde prestou altos serviços; vogal do conselho de saude; professor de pharmacia interinamente, na fundação da escola annexa. Pedro J. da Silva, de espirito reflexivo, e mais propenso ao estudo do que ao dinheiro, não poudo supportar as agruras da profissão exercida civilmente, e voltou, depois de estabelecido, ao ensino particular das sciencias da philosophia natural, principalmente da chimica e da botonica, sobre que tinha mui profundos e mui solidos conhecimentos. Só mais tarde obteve o logar de *chefe demonstrador de serviço chimico*, no Instituto Geral de Agricultura, aonde grangeou a estima e consideração de mestres e discipulos.

Outro ponto de dissimilhança.—Corrêa era, independentemente de grave, jovial e communicativo; P. da Silva, pouco expansivo. Como consequencia, um trabalhou até à morte associativamente, o outro isolado. Além d'isso, Pedro J. da Silva cavou muito nas ruinas do passado para nos legar documentos e noticias preciosissimas da historia da nossa vida profissional.

Finalmente legou-nos um documento brilhante do seu saber, do seu engenho, e da sua perseverança inquebrantavel, na sua *memoria*, que tem por titulo—*Nova nomenclatura*

tura pharmaceutica e classificação methodica dos medicamentos.—Pedro J. da Silva tomou para base de nomenclatura a composição e fórma dos medicamentos, afastando-se assim do caminho seguido por todos os auctores, desde Chereau até Choulette e Ladrey. Se fosse francez e tivesse escripto no seu idioma, o seu nome seria conhecido por toda a parte, e andaria na mente e na linguagem de todos os praticos.

Aos esforços de D. Corrêa devemos a fundação d'esta Sociedade e uma parte importante do seu prestigio, pelas analyses de aguas mineraes, e de outra ordem, que no nosso laboratorio executou, e fez publicas no jornal da Sociedade; e pela sua collaboração activa e constante n'este mesmo jornal, cuja direcção por muitos annos lhe esteve confiada.

Por isso esta Sociedade, em sessão analoga á de hoje, em 3 de outubro de 1878 lhe conferiu o primeiro diploma de presidente honorario, porque foi elle o seu iniciador, e porque, como o ex.^{mo} sr. José Tedeschi, dedicou a maior parte da sua vida ao engrandecimento da sciencia e da classe, ás quaes ambos em collaboração constante teem prestado o mais fervoroso culto.

Ora uma classe com estes antecedentes, que presta á collectividade tantos serviços como a nossa, collaborando quotidianamente no bem estar de tantos milhares de individuos, não deveria ter já merecido a realisação, tantas vezes pensada e discutida nas espheras officiaes, da regularisação e melhoramento dos seus estudos?

Meus Senhores:—O ensino da pharmacia, como esta sociedade o tem solicitado ao governo, em varias representações, não é um luxo inventado pela classe ou por esta sociedade; é uma necessidade, que se impõe por mais de um titulo—em nome da saude publica; dos interesses materiaes do paiz; e do que se deve a uma classe numerosa e prestante, que, como todas as outras, em egualdade de circumstancias, concorre proporcionalmente com a sua quota parte para os cofres do thesouro.

O que existe entre nós a este respeito é o cahos; é triste mas é forçoso dizel-o.

Basta lembrar que o individuo que aspira ao diploma — ou pratica durante oito annos e se apresenta a exame final com a sua pratica registada e um pequeno numero de preparatorios dos lyceus—ou se apresenta às escolas annexas para frequentar um curso biannual, previamente munido com o curso quasi completo dos lyceus, e as cadeiras de chimica, phisica, e botanica, de alguma escola superior.

Salta logo aos olhos, que, á parte a desigualdade das habilitações, ambos os cursos são defeituosos.

Oito annos de pratica, em qualquer pharmacia, sem distincção de condições, hade ser necessariamente pratica forçada para uns, e insufficiente para outros. Depois, o alumno, sem mais exames parciaes, que garantam a sua aptidão e conhecimentos nas diversas disciplinas em que tem de ser versado, é submettido a um exame, cujo jury, como para os outros alumnos, é constituído por membros, cuja maioria é estranha á classe e á pratica da profissão, embora mui doutos e sabios.

O curso escolar val mais pelos preparatorios, do que pelas disciplinas que n'elle se professam.—Falta-lhe o cunho pratico, que lhe é essencial, porque o pharmaceutico *não se faz*, ouvindo declamar; mas sim praticando e vendo executar as operações delicadas e por assim dizer raras e variadas, para a execução de muitas das quaes se requer ora habilidade manual, ora aparelhos, cuja aquisição não é facil, e cujo manejo exige pericia, que só a pratica esclarecida permite obter.

Escolas com as disciplinas technicas convenientemente distribuidas por aulas; escripturação commercial; gabinetes de phisica e de historia natural pharmaceutica; herborisações; laboratorios para a pratica de operações chimicas e de operações pharmaceuticas; laboratorio para analyse de productos chimicos e pharmaceuticos; laboratorio para analyses microchimicas; laboratorio para adestrar peritos chimicos em chimica legal, especialmente em toxicologia—

eis o que o paiz precisa, e sobre o que esta Sociedade tem representado aos governos, embora com menos largueza, para não ir contra a penuria do thesouro, com a qual se tem desculpado o estado actual das cousas.

Quando nos decidirmos a seguir de vez este caminho, que o exemplo de outras nações nos ensina, com proveito d'ellas—proporcionando *aos professores os meios de instruirem convenientemente os discipulos, e a estes os meios de adquirirem o maior numero de conhecimentos indispensaveis no menor lapso de tempo possivel*—estou bem certo que não hade ser necessario importarmos chimicos a proposito de cada necessidade do serviço publico, nem productos chimicos e pharmaceuticos na escala relativamente grande em que o fazemos actualmente, em menoscabo das nossas escolas, injustamente consideradas.

O nosso honorifico consocio, o actual sr. ministro da fazenda, em um brilhante discurso, proferido na camara dos dignos pares, a proposito da questão dos cereaes, para rebater a opinião de um partidario opposto, recordou que o notavel estadista Fontes sempre se exprimiu no sentido de achar utilissima a concorrência, e depois de lêr um trecho de um discurso do mesmo estadista, em que se aconselhava aos lavradores que aperfeiçoassem os seus productos e os seus methodos de cultura se queriam lutar com vantagem com os productos estrangeiros, acrescentou «a lucta economica é uma das fórmulas da lucta pela existencia, e para ser proficua não devemos apenas cortar o passo ao adversario com direitos protectores;—isso não é lutar, é furtarmo-nos á lucta. O que devemos é forcejar por nos collocarmos na condição economica dos nossos adversarios e, ahi postos, combatermo-nos corpo a corpo, cada um com os seus meios de acção.»

E' exatamente o nosso credo e o que desejamos vêr applicado á nossa profissão. Venham as armas eguaes ás da pharmacia Franceza, a que mais nos afronta; em vez de nos entregarem ao mais cruel abandono, proporcionem-nos a instrucção ao menos, quando não nos possam dar os outros

recursos que cercam e auxiliam efficazmente os nossos collegas d'aquelle paiz, e se ficarmos prostrados na lucta, no meio do nosso infortunio, só lhes pediremos que tenham a generosidade de nos levar em linha de conta os soffrimentos do passado e do presente.

A estatistica falla claro. Em 1887 importámos em réis 412:228\$000 (valores declarados ás alfandegas) de medicamentos compostos, não especificados na pauta, fornecendo-nos a França, só á sua parte, o valor de réis 73:406\$000; em 1888, até dezembro exclusivê, importámos 91:037\$000 —ao passo que em 1887 importámos 42:884\$000 de substancias medicinaes e para perfumarias, não especificadas, e nos onze mezes primeiros de 1888 réis 50:537\$000 das mesmas substancias.

Como oppor um dique a este mal? Contra uma protecção forte, como a teem outras nações, dizem que protesta o bem da saude publica; logo, o remedio está em nos collocarmos, quanto possivel, nas condições economicas dos nossos adversarios, a quem temos cedido os nossos mercados da America e da Africa, onde já tivemos mais interesses que actualmente, e que no proprio continente nos fazem uma damnosa concorrência com o prestigio do seu nome.

Não nos faltam aptidões, nem os recursos da natureza de que dispomos, são tão escassos, que não nos permittam uma posição differente da que occupamos no campo da industria. Não acreditemos que a luz do sol brilhante que nos alumia e aquece os nossos campos, que o rotilar das estrellas das nossas noites calmas, ou o azul purissimo dos nossos ceus, nos ennervam a ponto de nos roubar a aptidão e a actividade.

Se alguma cousa nos falta, é o senso pratico, de que dispõem alguns paizes, para aproveitar os seus recursos naturaes, e que, á falta d'estes, para satisfazerem as suas ambições, sabem crear outros, á custa da sua intelligencia e da sua actividade.

Pela sua parte, esta Sociedade, com relação á classe, acceita e agradece a cooperação sincera de todos os seus

membros, e reserva nos seus annaes um lugar especial para gravar em letras de ouro os nomes d'aquelles que se tornam credores da sua eterna gratidão, de que é exemplo vivo o nosso veneravel consocio o ex.^{mº} sr. José Tedeschi, a quem hoje procurámos pagar uma divida de gratidão; quanto aos seus deveres sociaes, para concorrer para a prosperidade e credito do paiz, tem procurado congregar junto de si tudo que pôde influir no bem moral e material da classe que representa e, — se não tem recursos para substituir a acção governativa no ensino profissional — tem manifestado por mais de uma vez a sua opinião aos poderes publicos e solicitado as providencias que considera inadiveis, tanto pelo que diz respeito á instrucção, como á policia e organização pharmaceutica.

O que é realmente admiravel, é que a culposa indiferença dos governos se não tenha innoculado na classe pharmaceutica, previamente preparada, nos seus elementos successivos, para tão perniciosa cultura; mas em tudo se revella a harmonia do universo, a qual, dentro de certos limites, parece determinar a successão dos acontecimentos, tanto na ordem moral como material das cousas, e os faz obedecer ás suas leis invariaveis.

A' negligencia d'uns tem respondido a iniciativa de outros.

O espirito de classe, acordado pelo proprio esquecimento que sobre nós tem pesado, e pela consciencia do dever, creou esta instituição, a qual, como baluarte das nossas crencas e aspirações levantadas, tem vellado pelo credito da pharmacia nacional, quanto lho permite a sua esphera de acção.

Cumprámos pois o legado honroso dos nossos collegas de 1835, e a posteridade nos fará justiça.

Disse.

O sr. *presidente* encerrou a sessão eram 11 horas. — O segundo secretario, *Domingos Francisco da Silva Nogueira*.

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 8 DE JANEIRO DE 1889.—Presidencia do sr DRACK.

Aberta a sessão pelas 8 horas da noite, foi lida e approvada, sem discussão, a acta da sessão anterior.

Presentes 21 socios.

O sr. *presidente* participou o fallecimento do nosso consocio o sr. Moreira Foyo, e bem assim que a sociedade se tinha feito representar no funeral do nosso mallogrado collega.

O sr. *Mendes* propoz que se lançasse na acta um voto de sentimento por tão inesperada perda.

O sr. *Silva Machado* associou se ao pedido do sr. *Mendes*, e pediu que a mesa fosse cumprimentar o nosso collega brasileiro, o sr. Alves Ferreira.—Foi approvedo.

O sr. 1.º *secretario* leu a correspondencia seguinte:

Um officio do sr. Ernesto de Sant'Anna da Cunha Castello-Branco, agradecendo os pezames que a sociedade lhe havia enviado por occasião do fallecimento de uma pessoa de familia; outro officio do sr. Guilherme Maria da Silva Jonnes, em nome da direcção do *Correio Medico de Lisboa*, agradecendo «o convite da sociedade para a sua sessão solemne, acompanhando a sociedade no seu regosijo pela celebração do 53.º anniversario de prospera existencia, e pela homenagem que a mesma sociedade ia prestar ao benemerito e incançavel antigo presidente, que tão correctamente tem dirigido por tantas vezes os seus utilissimos trabalhos.»

Dos srs. drs. José Antonio Arantes Pedroso, Antonio Maria Barbosa e Alexandre José da Silva Campos, no mesmo sentido.

Do sr. dr. Eduardo Burnay, agradecendo o convite da sociedade.

Do sr. Eugenio Bandeira de Mello, João Antonio Belem Correia, e Augusto José da Cunha, no mesmo sentido.

ORDEM DA NOITE

Foram mandadas para a mesa duas propostas para socios effectivos, com a nota de urgente.

O sr. *presidente* convidou a assembléa a manifestar-se sobre a urgencia das propostas, dispensando-se o regimento.—Assim foi deliberado.

O sr. *Mendes* requereu e a sociedade approvou que as propostas fossem votadas por aclamação. Em seguida foram proclamados socios effectivos: os srs. José Bernardo Lopes da Silva, Mathias Lopes da Cruz.

Teve segunda leitura a proposta apresentada na sessão anterior pelo sr. *Mendes*.

O sr. *Oliveira Abreu* apresentou um parecer da comissão de direito pharmaceutico que teve primeira leitura.

Eleições

Preenchidas as formalidades legais, procedeu-se á eleição para os differentes cargos da sociedade, ficando eleitos os seguintes socios:

Presidente—José Ribeiro Guimarães Drack com 19 votos.

1.º *Vice-presidente*—Manuel Vicente de Jesus com 17 votos.

2.º *Vice-presidente*—Alfredo da Silva Machado com 18 votos.

1.º *Secretario*—Emilio Fragozo com 19 votos.

2.º *Secretario*—Domingos Francisco da Silva Nogueira com 18 votos.

1.º *Vice secretario*—Joaquim Antonio Vaz Leirinha com 15 votos.

2.º *Vice-secretario*—Joaquim Simões Serra com 20 votos.

Thesourciro—Pedro Fernandes da Cunha com 21 votos.

Vice-thesoureiro—Antonio Augusto de Assenção com 18 votos.

Bibliothecario—Francisco de Carvalho com 19 votos.

1.º *Vice-bibliothecario*—Prospero Ribeiro Chaves Meyrelles com 16 votos.

Commissão de chimica

- 1.º *Operador*—Dr. Joaquim José Alves com 19 votos.
2.º *Operador*—José Ribeiro Guimarães Drack com 18 votos.
3.º *Operador*—Alfredo da Silva Machado com 18 votos.
Substituto—Emilio Fragoso com 18 votos.

O sr. *Mendes* propoz que as restantes comissões fossem reconduzidas.—Aprovado.

O sr. *presidente* pediu a escusa dos logares em que acabava de ser reconduzido, depois de agradecer a sua reeleição; e lembrou as palavras que tinha proferido ao tomar conta da presidencia, insistindo na sua substituição por outro socio, que podesse dedicar ao serviço da sociedade, todo o tempo que os trabalhos da mesma reclamassem, o que os seus deveres quotidianos lhe não permittiam fazer.

O sr. *Malato*, julgando interpretar os sentimentos da sociedade, pediu ao sr. Drack para que desistisse do seu proposito.

O sr. *Silva Nogueira*, agradecendo a sua reeleição, associou-se ao pedido do sr. Malato, com referencia ao sr. Drack.

Fallaram no mesmo sentido os srs. Fragoso, dr. Alves e Tedeschi.

O sr. *Drack* agradeceu a manifestação honrosa que a sociedade lhe acabava de tributar, e aceitou os cargos para que foi eleito.

Não havendo mais a tratar foi encerrada a sessão ás 10 horas da noite, dando o sr. presidente para ordem da noite na sessão seguinte, a discussão d'uma proposta do socio o sr. Antonio Manuel Augusto Mendes, sobre interesse profissional; apresentação de propostas e de pareceres.—O 2.º secretario, *D. F. da Silva Nogueira*.

SESSÃO DE 28 DE JANEIRO DE 1889.—Presidência do sr. presidente honorário Jcsé TEDESCHI

Aberta a sessão pelas oito horas e meia da noite, foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Correspondencia

O sr. 1.^o secretario leu a correspondencia seguinte:

Um officio da ex.^{ma} sr.^a D. Josefina Leonor d'Azevedo Feyo, agradecendo o voto de sentimento que a sociedade deliberou inserir na acta da sessão de 8 de janeiro pelo fallecimento do seu esposo José Moreira Feyo.

Do sr. José Joaquim Alves de Azevedo, no mesmo sentido, pelo fallecimento de seu sobrinho o sr. José Moreira Feyo.

Da ex.^{ma} Camara Municipal de Lisboa, agradecendo o convite que a sociedade lhe havia enviado por occasião de celebrar a sua sessão solemne, sentindo não ter podido comparecer em consequencia de se terem prolongado os trabalhos da sessão ordinaria da camara que n'esse mesmo dia tivera logar.

Do sr. Francisco de Carvalho, agradecendo a honra da sua eleição para bibliothecario da sociedade, e pedindo a escusa do referido logar.

Do sr. Manuel Vicente de Jesus, agradecendo a eleição de vogal do commissão de physica, e 1.^o vice-presidente da sociedade, e pedindo escusa dos logares para que fôra eleito.

O sr. presidente consultou a sociedade sobre os officios dos dignos socios.

O sr. *Simões de Abreu* declarou que o sr. Carvalho não acceptava o logar para que tinha sido eleito, e que era tempo perdido a sociedade proceder como tem sido praxe, convidando o dito socio a acceptar o cargo.

A sociedade, em vista da declaração do sr. *Simões de Abreu*, concedeu a escusa pedida pelo sr. Carvalho.

Sobre o officio do sr. Manuel Vicente de Jesus, resolveu

a sociedade pedir áquelle digno socio para que desista da escusa pedida e, no caso de insistencia, ficou o sr. 1.º secretario auctorizado a inserir nos avisos a eleição d'aquelles dois cargos.

ORDEM DA NOITE

O sr. *Mendes* requereu para retirar a sua proposta, em consequencia de ser muito limitado o numero de socios presentes.

Depois de alguma discussão, foi deliberado addiar a discussão da proposta para outra sessão mais numerosa.

Teve segunda leitura o parecer da commissão de direito pharmaceutico. — Posto á votação foi approvedo.

O sr. *Simões de Abreu* agradeceu á sociedade a honra da sua reconducção como membro da commissão de direito pharmaceutico, e disse que resignava o referido cargo.

O sr. *Tedeschi* em nome da sociedade pediu ao sr. *Abreu* que desistisse do seu proposito.

O sr. *Simões de Abreu* agradeceu de novo á sociedade e retirou o pedido.

O sr. *Fragoso* disse estar vago o lugar de presidente da commissão de direito pharmaceutico, e propoz que esta vaga fosse preenchida pelo nosso presidente honorario o sr. *Tedeschi*. — Foi approvedo.

O sr. *Campos* apresentou uma amostra de minerio para ser examinado; disse que o referido minerio tem origem na serra de Cintra. — Foi enviado á commissão de chimica.

Não havendo mais a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão eram nove e meia da noite, dando para a ordem da noite seguinte a eleição dos cargos vagos, e a discussão da proposta do sr. *Mendes*. — O 2.º secretario, *D. F. da Silva Nogueira*.

SESSÃO DE 12 DE FEVEREIRO DE 1889.—Presidencia do sr vice-presidente
SILVA MACHADO

Aberta a sessão pelas 8 horas da noite, foi lida e approveda a acta da sessão anterior.

O sr. 1.º secretario leu a correspondencia seguinte:

Um officio do sr. José Silvestre Ribeiro, agradecendo os pesames que a sociedade lhe endereçou por occasião do fallecimento de uma pessoa de familia.

Outro officio do sr. presidente, José Ribeiro Guimarães Drack, pedindo desculpa de não ter podido comparecer ás anteriores sessões e á sessão de hoje, e participando o fallecimento do nosso compatriota e socio honorario, A. Roberto Duarte Silva; propondo que, antes de se entrar na ordem da noite, a sessão fosse encerrada em testemunho do muito sentimento por tão infausto e prematuro acontecimento.—Aprovado.

Como não houvesse communicação alguma a fazer antes da ordem da noite, foi encerrada a sessão.—O 2.º secretario, *D. F. da Silva Nogueira*.

PHARMACIA

Quinina

Chimica.—A quinina é branca, amorpha, inodora, muito amarga, com reacção alcalina. É quasi insolúvel na agua, por isso que não se dissolve senão em 2,266 partes d'agua fria, e em 760 partes d'agua fervente, segundo M. J. Regnaud. Dissolve-se melhor no alcool, certas essencias, alguns oleos gordos, alguns hydrocarbonetos, entre elles a benzina.

A quinina, que é apenas empregada no estado puro, não nos interessa senão pelas reacções que permitem reconhecer os seus compostos.

Quando n'uma solução alcoolica de quinina ou aquosa de sulfato se lança uma quantidade sufficiente d'agua de chloro, depois um ligeiro excesso d'ammoniaco, o licor toma uma bella côr verde esmeralda.

Esta colorisação não se apresenta, á excepção da quinina, senão com a quinidina. Se o chloro é em grande excesso, a colorisação tira para amarella; se é em pequena quantidade

o precipitado é branco esverdeado quando se lhe junta amoniacco.

A esta reacção typica podem juntar-se as seguintes:

Dilue-se n'uma pequena quantidade d'agua sulfato de quinina, e junta-se pouco a pouco uma solução de chloro até á dissolução. Quando se faz cair n'este liquido ferrocyaneto de potassio pulverisado, vê-se apparecer uma côr rosada, que passa depressa ao vermelho escuro.

N'uma solução de quinina, uma corrente de chloro gazooso produz uma colorisação vermelha.

Quinina bruta.—Designa-se sob este nome um producto complexo que se obtem tratando a quina pelo acido chlorhydrico, carbonato sodico e alcool, como para a preparação do sulfato a quinina. Sômente, em lugar d'acidular o liquido alcoolico com o acido sulfurico, faz-se evaporar n'um aparelho distillatorio. O residuo formado por uma mistura de quinina, cinchonina, materias gordas, substancias resinosas e corantes, apresenta o aspecto d'uma massa plastica de consistencia dura.

Quinio do Brazil.—E' tambem um producto complexo, que se obtem, no Brazil, da casca fresca da quina, por meio da cal e do alcool, e que contém uma grande quantidade de quinina. E' uma substancia amarella, d'apparencia resinosa, sabor amargo. E' insolavel na agua fria, e sem se dissolver muito mais na agua fervente, communica-lhe comtudo sabor amargo. E' muito soluvel no alcool, ether, acido sulfurico fraco. Aquecido n'uma lamina de platina, ferve com cheiro aromatico, abandonando um residuo de cal.

Quinium.—Sob este nome assás improprio, Henry e Delondre designam uma mistura extractiva complexa, preparada com o fim d'obter um febrifugo economico, e de utilizar as cascas de quina pobres em quinina e que se associa entre ellas, depois da analyse, de maneira que o sulfato de quinina se encontre na proporção de 2 por 1 de sulfato de cinchonina. E' a proporção em que estes alcaloides se encontram na quina do Equador, cujas propriedades febrifugas são bem pronunciadas.

Saes de quinina.—Os saes de quinina indicados nos formularios e tratados de materia medica são extremamente numerosos. Nós os passaremos rapidamente em revista, porque alguns d'elles são muito conhecidos para que nos occupemos d'elle aqui.

Bromhydrato de quinina.—Aglulhas sedosas, incolores, de sabor amargo, soluveis em 16 partes d'agua, 3 partes d'alcool a 15°, 1 parte d'agua fervente, 6 d'ether, 12 de chloroformio.

Chlorhydrato basico de quinina.—Crystallisa em agulhas nacaradas; solavel em 21,4 partes d'agua a 15°, em 1 parte d'agua fervente e uma parte de chloroformio.

Phosphato de quinina.—Aglulhas crystallinas.

Arsinito de quinina.—Incolor, insolavel na agua, solavel no alcool.

Ferrocyanato de quinina.—Sal amarello em pequenas agulhas crystallinas, insolueis na agua; muito solavel no alcool. Sabor muito amargo.

Acetato de quinina.—Longas agulhas sedosas e nacaradas, pouco soluveis na agua fria; muito soluveis na agua fervente.

Lactato de quinina.—Aglulhas prismaticas, muito soluveis na agua.

Tartrato e citrato de quinina.—Saes quasi insolueis na agua.

Tannato de quinina.—Pó amorpho, branco amarellado, pouco solavel na agua; muito solavel no alcool. Quasi desprovido d'amargor.

Valerato de quinina.—Crystallisa um octaedros, exhalando um cheiro pronunciado d'acido valerico, de sabor muito amargo, solavel em 100 partes d'agua fria, 40 partes de agua fervente, muito solavel no alcool, muito pouco no ether.

Sulfato de quinina.—Muito conhecido.

Pharmacologia.—*Oleato de quinina.* Faz-se uma solução, quanto possivel concentrada, de quinina no acido oleico. Ainda que em theoria o acido oleico possa dissolver 53 partes de quinina, na pratica não dissolve mais que 25 ou 26, em vista da quantidade d'agua que contém o alcaloide.

VINHO DE QUINIUM (Henry e Delondre)

Quinium.....	4 ^{gr} ,50
Alcool a 90°.....	60 gram.
Vinho branco generoso...	1 litro.

TINCT. DE QUININA (Pharm. Brit.)

Hydrochlorato de quinina.....	10 gram.
Tinct. de laranjas amargas.....	490 »

Dissolva e filtre.

TINCT. DE QUININA AMMONIACAL (Pharm. Brit.)

Sulfato de quinina.....	10 gram.
Solução d'ammoniaco.....	30 »
Alcool a 57°.....	500 »

Dissolva o sulfato no alcool com o auxilio d'um ligeiro calor, e junte a solução ammoniacal.

VINHO DE QUININA (Pharm. Brit.)

Sulfato de quinina.....	1 parte
Acido citrico.....	1 parte e meia
Vinho de laranjas.....	438 partes

Dissolva o acido citrico, depois o sulfato no vinho, deixe em repouso durante alguns dias; filtre. 30 grammas d'esta preparação contem 6 centigrammas de sulfato de quinina.

PILULAS DE SULFATO DE QUININA

Sulfato de quinina.....	1 grammã
Acido tartrico.....	0,25
Mucilagem de gomma.....	q. s.

O sulfato tornado acido pela addição do acido tartrico dissolve-se melhor nas vias digestivas.

Therapeutica.—A quinina e seus saes dados n'uma dõse correspondente a 30 centigrammas de sulfato de quinina, activam a circulação e a respiração. Na dõse de 60 centigrammas e mais, verifica-se a excitação do systema nervo-

so central, seguido depressa de depressão, cephalalgia, zumbidos nos ouvidos, vertigens, etc. Em doses mais elevadas, estes accidentes podem aggravar-se e tornar-se mortaes.

E' bem conhecida a acção febrifuga tão notavel da quinina e seus saes. Vry fez em 1888, na Academia de medicina de Paris, uma communicação, que produziu uma certa impressão, e na qual demonstrou que os sulfatos de quinina do commercio conteem, a maior parte, uma certa quantidade de cinchonidina. Este facto, exacto em si, não apresenta nenhuma importancia sob o ponto de vista do emprego therapeutico. Seria certamente preferivel que o sulfato de quinina basico fosse puro, mas como os processos empregados e a constituição chimica das quinas trazidas ao commercio tornam esta pureza absoluta impossivel, é melhor então acceitar os sulfatos de quinina actuaes, do que substituil-os pelo sulfato neutro, como queria Vry, porque esta substituição levaria a mudar os usos da medicina e da pharmacia, cousa bem difficil, para não dizermos impossivel.

DÓSES E PROCESSOS D'ADMINISTRAÇÃO

Quinina.—Dóses: de 5 a 20 centigrammas ou mais. Quando é anhydra, 3 partes de quinina pura equivalem a 4 partes de sulfato de quinina. Administra-se sob a fórma de pilulas.

Quinina bruta.—A dose póde elevar-se mais, de 1 gramma a 3 ou 4 gram. por dia.

Quinum.—Em pilulas de 15 centigram. cada uma. A dose é de 10 pilulas proximamente por dia nas febres d'acesso.

O vinho de quinum emprega-se na dose de 100 gram. como febrifugo e de 30 gram. como reconstituente tonico.

Citrato ds quinina e de ferro.—Dóses: 25 a 60 centigram. ou mais, sob a fórma de pilulas ou de solução, cujo sabor, semelhante ao dos saes de ferro, é comtudo muito agradável.

Bromhydrato de quinina.—A dose é a de todos os saes de quinina.

Chlorhydrato de quinina.—Dóses: 5 a 30 centigram. e mais.

E' um bom antiseptico, que tem sido recommendado sob a fórma de solução, na dóse de uma para cem partes d'agua.

A *tinctura* administra-se de 2 a 7 grammas por dia em xarope de cascas de laranjas azedas.

A *tinctura de quinina ammoniacal* emprega-se em dóse de 2 a 8 grammas, misturada com partes eguaes de xarope de cascas de laranjas. E' um processo muito commodo de administrar em pequenas dóses a quinina.

Vinho de quinina.—Dóses: 15 a 30 grammas.

Quinoidina

E' uma substancia complexa, que se julga ser um producto d'alteração das quininas. Póde conter a quinina, a cinchonina, assim como os seus isómeros. Tem-se tirado d'ella até 60 % de quinidina.

A quinoidina parece ter principio na fabricação do sulfato de quinina e na casca mesmo, quando se submete á dessecção ao sol.

Este composto é resinoso, d'um escuro denegrido, com quebradura vitrea, sabor nauseabundo, quasi insolúvel na agua acidulada. Prescreve-se como febrifugo na dóse de 10 a 50 centigrammas e mesmo mais.

Quinoleina

A quinoleina apresenta-se sob a fórma d'um liquido incolor; cheiro desagradavel, fazendo lembrar o da essencia d'amendoas amargas, de sabor activo, acre e amargo.

Ferve a 235°; densidade=1,4055. Córa-se rapidamente em contacto com o ar e com luz e produz sobre o papel manchas gordas que desaparecem com rapidez. E' pouco solúvel na agua fria, mais solúvel na agua quente, miscível em todas as proporções com o alcohol, ether, aldehyde,

acetona, sulfureto de carboneo, essencias e oleos gordos. Não se decompõe ao rubro.

Une-se facilmente aos acidos para formar saes crystallisaveis. A quinoleina parece formar o nucleo da maior parte dos alcaloides naturaes. Obtem-se de differentes maneiras, e é tambem um producto de destruição da cinchonina e da brucina pela potassa caustica.

Therapeutica. — O dr. Donath tem preconisado a quinoleina pura no tratamento da diphtheria em razão das suas propriedades antisepticas muito notaveis. Pretende que esta medicação não pôde prevenir a infecção geral. Emprega-a como topico ou em inalações.

A formula do liquido para a applicação é a seguinte:

Quinoleina pura.....	5 grammas
Alcool.....	} aa 50 »
Agua.....	

LIQUIDO PARA INHALAÇÕES OU GARGAREJOS

Quinoleina pura.....	1 gramma
Agua distillada.....	500 grammas
Alcool.....	50 »
Essencia d'hortelã.....	10 gottas.

(New. Rem.)

A.

Sparteina

A sparteina é uma base volatil tirada da giesta, *Genista scoparia*, Lam., da familia dos Leguminosas papilionaceas. Encontra-se tambem n'esta planta uma outra substancia, a *scoparina*, mas até hoje ainda não foi empregada. O junco fornece tambem a sparteina, mas em menor quantidade que a giesta.

Chimica. — Um kilogramma de folhas e ramos forneceram a Hondé proximamente 12 grammas de sparteina.

E' um liquido incolor, d'um cheiro semelhante ao da pyridina, sabor extremamente amargo. E' mais densa

que a agua e ferve a 278°. Em contacto com o ar, escurece pouco a pouco. Pouco solúvel na agua, dissolve-se no alcohol, ether, chloroformio, mas é insolúvel na benzina e petroleo. A sua reacção é alcalina, e, quando se aproxima uma vareta de vidro molhada em acido chlorhydrico não fumante, formam-se vapores esbranquiçados analogos aos que produz o ammoniaco nas mesmas condições. Em presença do sulfhydrato sulfurado d'ammoniaco, toma uma colorisação vermelha alaranjada persistente.

A sparteina combina-se facilmente com os acidos para formar saes, que crystallisam difficilmente; o sulfato é mais estavel, o unico empregado em medicina.

Pharmacologia.—O sulfato de sparteina administra-se em solução ou em pilulas.

POÇÃO

Agua.....	45 grammas
Agua dist. de loureiro-cerejeira...	15 »
Xarope simples.....	20 »
Sulfato de sparteina.....	0,30 »

Uma colher de sopa de manhã e de tarde.

PILULAS

Sulfato de sparteina.....	0 ^{sr} ,50
Massa pilular.....	q. s.

Para 10 pilulas. Duas em 24 horas.

Therapeutica.—A sparteina foi estudada por Laborde, que reconheceu a sua acção sobre o coração; foi n'estes trabalhos que G. Sée se fundou para applicar a sparteina no tratamento das affecções cardiacas. Na dõse de 10 centigrammas em media, o sulfato de sparteina augmenta a intensidade e a duração das contracções ventriculares.

E' um medicamento dynamico e regulador do coração, augmentando os movimentos do coração e do pulso. A sua acção é mais prompta e estavel que a da digitalis. Regularisa immediatamente o rythmo cardiaco alterado e é superior n'este caso aos outros agentes. Prescreve-se nas affecções

graves, atonicas, com afrouxamentos dos movimentos do coração, e é então semelhante á belladona.

Todos estes phenomenos apparecem no fim d'uma hora ou d'algumas horas e persistem tres ou quatro dias depois da suspensão do medicamento. Durante este periodo, as forças augmentam e a respiração faz-se mais facilmente. As funcções urinarias não parece soffrerem com a pequena dôse empregada.

(Nouv. Rem.)

A.

Strophantus

O *strophantus hispidus*, D. C. e S. Komté, Oliver, são as variedades mais communs d'este genero da familia das Aprocynaceas, das quaes se conhece um grande numero de especies na Africa. E' uma trepadeira, lenhosa, que cresce nas costas occidentaes da Africa. Florece em outubro e novembro. Os fructos são folliculos, cujo comprimento varia a 10 a 12 pollegadas e que conteem um grande numero de grãos sobrepostos d'um bello tufo de pellos, que lhes dá a apparencia d'um grande topete muito elegante.

Chimica.—Estes grãos conteem 8 a 10 por cento d'um glucoside, a *strophantina*, que é crystallina, inodora, de sabor muito amargo, com reacção acida fraca, solúvel na agua fria, mais solúvel na fervente, menos solúvel no alcool, pouco no chloroformio, insolúvel no ether e benzina.

Desdobra-se em glucose e *strophantidina*, substancia de sabor extremamente amargo muito solúvel no alcool e na agua. A *strophantidina* é um alcaloide tão activo como o glucoside.

Os pellos conteem uma outra substancia, apresentando os caracteres d'um alcaloide que tem sido chamado *Incina*.

Therapeutica.—Os *strophantus* parecem, segundo o professor Fraser, destinados a occupar um logar importante na lista dos remedios contra as doenças de coração. A sua acção é semelhante á do digital. E' mais notavel sobre o coração, menos poderosa sobre os vasos sanguineos. E' um veneno cardiaco extremamente violento.

A strophantina não parece ter absolutamente a mesma acção physiologica que o strophantus. Segundo as pesquisas recentes, pôde-se suppôr que a acção d'esta substancia sobre o rim é irritante. E' necessario, pois, ter isto em vista, antes de julgar possivel substituir em absoluto o strophantus e suas preparações ao digital.

Dóses. — Internamente, prescreve-se a tintura ao quinto na dose de 10 a 15 gottas por dia.

A injectão hypodermica faz-se com uma solução contendo $\frac{1}{2}$ a 1 milligramma d'extracto para cada dose; a sua acção persiste durante 8 dias pelo menos, mas é necessario notar que a via hypodermica não é o melhor meio de administrar este medicamento.

A strophantina não está ainda bem estudada sob o ponto de vista chimico; não se deve começar por uma quantidade superior a um decimo de milligramma para se chegar depois a um meio milligramma ou mais, porque este producto é muito toxico.

Não se conhece o contraveneno do strophantus.

(*New. Rem.*)

Terpina

A terpina é um bi-hydrato de terebenthene que se fórma quando a essência de terebinthina está em contacto com a agua.

Obtem-se com uma mistura de 3 partes d'alcool a 80°, 4 partes d'essencia de terebinthina e 1 parte d'acido azotico ordinario. Esta mistura é introduzida em frascos de Woolf expostos ao sol e nos quaes se faz passar durante quatro dias uma rapida corrente d'ar. Decanta-se a camada superior e junta-se agua. Esta mistura deixa, no fim de algumas horas, depositar crystaes, que se comprimem nas dobras do papel Joseph, e que se purificam por crystallisação no alcool ou agua fervente.

A terpina pura apresenta-se sob a fórma de prismas de base rhomba, brancos, limpodos, soluveis em 200 partes de

agua fria e em 22 partes d'agua fervente, muito soluveis no alcool (1 para 7), ether, essencia de terebinthina.

POÇÃO

Agua.....	100	gram.
Alcool.....	20	"
Terpina.....	50	centigram.
Xarope de cachú.....	30	gram.

Para tomar em 24 horas. Póde-se tambem dissolver-a em vinho branco.

A terpina emprega-se desde 10 centigram. até 1, 2 e 3 grammas por dia.

E' um poderoso modificador das secreções bronchicas.

(New. Rem.)

A.



Terpinol

Prepara-se fazendo ferver crystaes de terpina com agua acidulada com acido chlorhydrico ou sulfurico, lavando-se o producto com agua ligeiramente alcalina, distillando e recolhendo sómente os vapores que passam a 168°.

O terpinol é um liquido incolor, muito movel, refrigerante, d'um cheiro semelhante ao do jasmim. Densidade 0,852. Ferve a 168°. Este producto é insolúvel na agua e soluvel no alcool e ether.

O melhor processo d'administração consiste em usal-o em capsulas de 10 centigrammas cada uma, na dóse de 3 a 10 por dia, seja 50 centigrammas a 1 grammam. Tanret aconselha a seguinte formula:

Terpinol.....	} 3 a 10 centigram.
Benzoato de soda.....	
Assucar.....	

Para uma pilula. Podem-se tomar 6, 8, 10 e mesmo 12 por dia.

O terpinol elimina-se principalmente pelo pulmão, é por-

tanto um modificador das secreções bronchicas. Os escarros tornam-se mais fluidos, o máo cheiro desaparece e a expectoração torna-se mais facil. Nas affecções das vias urina-rias, a acção do terpinol é quasi nulla.

Dujardin-Beaumetz estabeleceu da maneira seguinte as indicações dos differentes productos terebinthinados dispostos por ordem d'acção.

Doenças da bexiga.—Essencia de terebinthina, terpinol.

Doenças dos bronchios.—Terpinol, terpinol, essencia de terebinthina.

(New. Rem.)



Hypnona

Este composto, introduzido na therapeutica por Dujardin-Beaumetz e Bardet, é uma acetona mixta descoberta por Friedel. E' a *méthyla-benzoyla* ou *méthylphénylaceto-na*, muitas vezes chamada acétophénona, que tem por formula C^8H^8O . Em razão da complicação d'estas designações, Dujardin-Beaumetz e Bardet preferiram dar-lhe o nome de *hypnone*, que tem a vantagem d'indicar ao mesmo tempo a sua origem chimica sob o ponto de vista da funcção e suas propriedades hypnoticas.

Chimica.—A hypnona obtem-se facilmente dissolvendo a secco uma mistura de partes eguaes de benzoato de cal e d'acetato de cal. Passa um liquido escuro, dotado d'um cheiro penetrante, que é uma mistura d'hydrocarbonetos e de productos diversos contendo pouco mais ou menos a quarta parte de hypnona.

Este liquido, por distillação fraccionada, deixa passar a acetophenona entre 180° a 203° . Põe-se de parte o liquido que passa a esta temperatura, e fracciona-se de novo, conservando-se sómente o que passa entre 195° e 200° ; se quizermos obter o producto chimicamente puro, é necessario continuar a rectificação e conservar só o que passa a 198° .

A hypnona á temperatura ordinaria é um liquido incolor, muito mobil, cuja densidade é de 1,032. A 4° ou 5°, torna-se em massa sob a fôrma de crystaes transparentes, em grandes laminas. O cheiro muito vivo assimilha-se ás amendoas amargas e flôres de laranja; é insolúvel na agua, soluvel no alcohol, ether, glycerina, oleo d'amendoas doces, chloroformio, benzina e essencias.

Pharmacologia.—Indicam-se diversas formulas de poção de hypnona; é um trabalho inutil, porque o producto tem um sabor de tal modo pronunciado, que é muito preferivel tomal-o em capsulas; muitos droguistas preparam capsulas de gelatina contendo cada uma 5 ou 10 centigrammas d'hypnona dissolvida em azeite ou ether; em caso de necessidade podem-se preparar nas pharmacias.

Hubie enche-as dos seguintes liquidos:

Oleo d'amendoas doces..... 1 gramma

Hypnona..... 0^{gr},30

Mistura e distribue por quatro ou cinco capsulas.

LINIMENTO (Vigier)

Hypnona 5 grammas

Oleo d'amendoas doces..... 10

Cada gotta d'hypnona, contada com o conta-gottas calibrado a 3 millimetros, pesa pouco mais ou menos 2 centigrammas e meio.

Therapeutica.—Na dôse de 50 centigrammas, a hypnona provoca nas cobaias, ao principio, anasthesia, depois a lethargia e por fim a morte. No homem, em dôse fraca, provoca o somno; não é necessario ultrapassar 50 centigrammas.

A hypnona não é analgesica, e sob este ponto de vista é muito inferior ao chloro; nas insomnias nervosas ou provocadas por excitação cerebral alcoolica ou intellectual, provoca o somno com grande facilidade, e o despertar não é acompanhado de peso de cabeça e de estado sa-buroso que segue sempre a ingestão do chloral; os seus effeitos são sempre muito uteis nos alcoolicos e alienados.

A hypnona em fraca d6se enfraquece o cerebro, o que explica a sua acção hypnotica; em d6se toxica, nos animaes, notam-se graves phenomenos cardiacos e respiratorios, mas para obter estes effeitos, 6 necessario empregar n'um c6o vigoroso dois grammas em injecc6es intravenosas. Comtudo, 6 preciso guardar este ponto como uma contra-indicaç6o nos doentes atacados d'affecç6es cardiacas.

D6ses.—A d6se media de hypnone 6 de 5 a 8 capsulas de 5 centigrammas. E' inutil ir al6m de 50 centigrammas.

(Nouv. Rem).

A.

Occasi6o do emprego dos medicamentos

PELO DR. R. CHISTISON

Os *alcalinos* devem ser tomados antes da refeic6o.

O *iodo* e suas preparac6es devem ser administrados em jejum, porque s6o mais rapidamente levados na corrente circulatoria. Durante a digest6o, ser6o modificados pelos acidos e materias amyladas e enfraquecidos na sua acç6o.

Os *acidos* s6o regularmente ingeridos entre os actos da digest6o, a mucosa do estomago achando-se no estado mais favoravel 6 diffus6o dos acidos no sangue; no caso de producc6o excessiva dos acidos do succo gastrico, administram-se antes da refeic6o.

Os medicamentos *irritantes* e *perigosos* devem ser tomados depois da refeic6o (arsenico, cobre, zinco, ferro, etc.).

O *nitrato de prata* antes da refeic6o.

Os *saes metallicos*, principalmente o *sublimado*, do mesmo modo que o *tannino* e o *alcool*, dever6o chegar ao estomago em inactividade.

Os *phosphatos*, *oleo de figado de bacalhau*, *extracto a molt* ser6o tomados durante ou immediatamente depois da refeic6o, de modo a serem misturados aos outros productos de digest6o.

(Journal de Ph. e Chimica.)

A.

VARIEDADES

Agradecimento. — A commissão que promoven, ou auxiliou quanto poude, um beneficio no theatro do Gymnasio, recorrendo para esse fim á philantropia dos membros da Sociedade e de outros cavalheiros, agradece por si, e em nome do interessado, a benevolencia com que foram acolhidos os seus pedidos.

Ao illustre actor Taborda, que da melhor vontade e o mais desprendido desinteresse se promptificou a coadjuvar a commissão, os nossos cordeaes agradecimentos.

D.

Consumo do marfim. — E' prodigioso. De 1879 a 1883, isto é, n'um periodo de quatro annos, só a Africa exportou em media, 848:000 kilogrammas; 364:000 vindos da costa oriental e 284:000 da costa occidental. Este numero enorme representa a respeitavel quantia de 3:600 contos approximadamente, e suppõe a morte de seis mil e quinhentos elephants, ao minimo, por anno.

Diz a *Gazeta Geographica*, de Paris, que os dentes do elephañte da costa occidental da Africa são mais elegantes e mais transparentes que os da costa oriental; mas estes ultimos são menos duros, mais brancos e mais opacos.

Alguns naturalistas têm citado dentes pesando 150 kilogrammas, mas o sr. Wastendarps, tão versado n'este assumpto, diz ter examinado em dezeseis annos mais de um milhão de dentes, tendo o mais pesado só 94 kilogrammas.

O marfim o mais bello, o mais fino e o mais macio, é o que provém de Panguani na costa oriental. O *marfim verde*, tão transparente, é oriundo da costa do Gabão.

Admittindo, uma destruição annual de seis mil e quinhentos elephants, que é espantosa e irá sempre crescendo, é de suppor que esta nobre e gigantesca raça de animaes estará extincta em poucos annos.

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 11 DE DEZEMBRO DE 1888.—Presidencia do sr. DRACK ¹

Aberta a sessão pelas 8 horas da noite, foram lidas as actas das sessões de 9 de outubro e 20 de novembro do corrente anno, sendo approvadas sem discussão.

O sr. 1.º *secretario* leu a correspondencia, que se achava sobre a mesa, entre a qual figurava um officio da Associação José Estevão Coelho de Magalhães, pedindo a copia da acta da sessão em que se discutiu o parecer da commissão que reviu os preços do receitauario que a esta sociedade tinha sido enviado pela referida associação, bem como as *capetas* que o envolviam.

Depois de larga discussão entre os srs. Machado, Fragozo, Mattos Miranda e Mendes, deliberou a sociedade não enviar a copia da acta pedida e que as *capetas*, a que o officio se referia, eram da commissão que executou os trabalhos e apresentou depois o seu respectivo parecer.

Do sr. *João Gomes Coelho de Oliveira* recebeu-se tambem um officio, agradecendo os pezames que a mesa, em nome d'esta sociedade, lhe tinha enviado por occasião do fallecimento do seu tio.

O sr. *Mendes* mandou para a mesa a seguinte proposta, que teve primeira leitura.

«Attendendo aos continuados abusos commettidos por differentes individuos—annunciando e vendendo medicamentos sem que possuam o diploma de pharmaceutico—unico que concede taes direitos—proponho que se dê para assumpto de discussão o meio de os evitar.—O socio effectivo, *Antonio Manuel Augusto Mendes*».

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, eram 9 horas da noite, dando para ordem dos tra-

¹ Deixou de publicar-se esta acta na altura competente por lapso de revisão.

balhos: propostas, pareceres de commissões e eleições dos individuos para differentes cargos da sociedade. — O 2.º secretario, *D. F. da Silva Nogueira*.

SESSÃO DE 26 DE FEVEREIRO DE 1889.—Presidencia do sr. DRACK

A's 9 horas da noite abriu-se a sessão.

O sr. *presidente*, notando a falta do sr. 2.º secretario, convidou o socio Mattos Miranda a occupar esse logar.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente. A correspondencia teve o devido destino.

O sr. *presidente* participou que, em attenção aos desejos da sociedade e dos seus proprios, fôra cumprimentar o illustre socio, sr. dr. Antonio Alves Ferreira, que da cidade do Rio regressára á Europa e se achava em Lisboa, onde se demorava algum tempo, antes de seguir em viagem de recreio e instrucção para França e outros paizes; que o illustre socio se mostrára muito perhorado pela estima da sociedade, por cujos trabalhos e prosperidade se tinha mostrado interessado, dizendo que aguardava o seu regresso a Lisboa para ir assistir a alguma sessão, e agradecer pessoalmente os cumprimentos que acabava de receber.

Em seguida procedeu-se ás eleições: de vice-presidente, sendo eleito o sr. João José de Sousa Telles; de bibliothecario, sendo eleito o sr. Duarte Ferreira; e de vogal da commissão de direito pharmaceutico, elegendo a assemblêa o sr. commendador José Tedeschi.

O sr. *Silva Machado* pediu para que a mesa officiasse á commissão de pharmacia, a fim de que ella dê conhecimento da sua opinião sobre os extractos fluidos; e bem assim á commissão de historia natural, para se saber tambem o seu parecer sobre uma amostra de resina que ha já bastante tempo lhe foi enviada.

O sr. *presidente* respondeu ao sr. *Silva Machado* que tomava na devida consideração o seu pedido, e que mandaria officiar n'esse sentido.

O sr. 1.º secretario, Emilio Fragoso, mandou para a mesa a seguinte consulta, que, sob parecer da assembléa, foi enviada á commissão de direito pharmaceutico.

1.º As dividas a pharmaceuticos por medicamentos e serviço profissional prescrevem?

2.º Prescrevendo, qual o tempo fixado na lei?

3.º E' prohibido ao pharmaceutico cultivar, para uso da sua pharmacia, alguns pés de tabaco?

Não havendo mais nada a tratar foi encerrada a sessão, eram dez horas e meia.—Pelo 2.º secretario, *Mattos Miranda*.

SESSÃO DE 12 DE MARÇO DE 1889.—Presidencia do sr. JOSÉ TEDESCHI,
presidente honorario

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *Sousa Telles*, pedindo a palavra para antes da ordem da noite, fez a seguinte declaração:

«Recebi um officio do sr. 1.º secretario, no qual me participava ter-me esta *sociedade*, em sessão de 28 do mez passado, eleito seu 1.º vice-presidente.

Por motivos obvios aos que conhecem a historia da *Sociedade Pharmaceutica*, e que julgo desnecessario recordar agora, hesitei em acceitar aquelle cargo; porém, não querendo proceder de modo, que fosse menos conveniente, quer acceitando o, quer não, avistei me com o ex.^{mo} sr. José Mendes d'Assumpção, collega cujos elevados dotes todos os pharmaceuticos reconhecem e admiram e em cuja muita prudencia e probidade tenho illimitada confiança, e consultei-o sobre o caso, declarando-lhe que faria o que me aconselhasse.

Disse-me aquelle respeitavel collega, entre outras cousas, que omitto, que a *sociedade* desejava a minha cooperação no logar para que me elegera, e que eu, acceitando-o, lhe fazia um bom serviço.

Acceitei; e hoje venho agradecer a distincção immereci-

da, e declarar que prestarei a esta *sociedade* e á classe todos os serviços que for possível prestar-lhes.»

O sr. *Tedeschi*, em nome da sociedade, agradeceu ao sr. Sousa Telles a sua annuência em aceitar o cargo.

Não havendo mais quem quizesse fazer uso da palavra, entrou-se na

ORDEM DA NOITE

O sr. 1.^o *secretario* (*Emilio Fragoso*) fez a segunda leitura da seguinte proposta:

«Attendendo aos continuados abusos commettidos por differentes individuos—annunciando e vendendo medicamentos sem que possuam o diploma de pharmaceutico—unico que concede taes direitos—proponho que se dê para assumpto de discussão o meio de o evitar.—«O socio effectivo, *Antonio Manuel Augusto Mendes*.»

Não estando presente o auctor da proposta, suscitaram-se duvidas sobre se devia ou não addiar-se, mais uma vez, a sua discussão para outra noite, pedindo-se especialmente ao sr. *Mendes* a sua comparencia.

Fallaram favoravelmente os srs. *Fernandes da Cunha*, *Coelho de Jesus* e o sr. *Manuel Fernandes Pessoa*, que enviou para a mesa as seguintes propostas:

«1.^a—Proponho que se represente ao sr. governador civil para que as pharmacias não possam ter nas taboletas e rotulos nomes de individuos, que não sejam pharmaceuticos.»

«2.^a—Proponho tambem que se requeira ao sr. escrivão de fazenda ou, se tanto for preciso, ao sr. ministro da fazenda, para que sejam excluidos do caderno da contribuição industrial (classe dos pharmaceuticos) todos os que não tenham diploma.—O socio effectivo, *Manuel Fernandes Pessoa*.»

Para justificar a apresentação das suas propostas, referiu-se desagradavelmente o sr. *Pessoa* aos pharmaceuticos que cedem os seus diplomas a individuos sem curso—meros praticos— a fim de elles poderem ter botica aberta

ao publico. Que este estado de cousas, manifestamente illegal na sua opinião, não se devia permittir que continuasse, á sombra da indifferença da sociedade.

Que o que mais o escandalisava era o facto dos praticos — pseudo-pharmaceuticos — apresentarem publicamente os seus nomes em concorrência com os dos verdadeiros pharmaceuticos, illudindo assim o publico, que não podia distinguir uns dos outros. Que no largo da Graça, proximo á sua pharmacia, haviam mais duas, de individuos não pharmaceuticos, e ambas tinham nos rotulos e taboletas a designação de pharmacia de F. e F., que não passam de *ajudantes de pharmacia*.

O sr. Sousa Telles começou por declarar que a sua opinião — com respeito á primeira proposta do sr. Pessoa — era de que os individuos — não diplomados — não podiam abrir botica em seu nome, nem este podia figurar publicamente em rotulos, taboletas, etc., etc.

Que nas leis existentes devia haver prescripções applicaveis ao caso, que constitua manifesta affronta aos verdadeiros pharmaceuticos; mas, se não existissem claras e terminantes, entendia que se deviam pedir, porque com isso praticaria a *sociedade* um acto digno de elogio.

Que comprehendia a associação do capital ao trabalho para a exploração de qualquer commercio, como comprehendia a associação d'um pharmaceutico com um capitalista para a exploração do commercio pharmaceutico, mas este só devia dar-se, quando não fosse offender as leis no que ellas teem de razoavel e justo como garantia para a sociedade: o que não devia era permittir-se a pratica abusiva a que se tinha referido o sr. Pessoa.

Que tudo o que se dizia sobre abusos e infracções das leis de saude publica devia ser motivo para um relatorio, que servisse de base á discussão na *sociedade*, e, n'este sentido, propunha que fosse encarregada uma commissão de o elaborar, tomando muito em consideração as propostas dos srs. Mendes e Pessoa.

O sr. 1.º secretario começou por declarar que cir-

cumstancias muito especiaes o aconselhavam a guardar respeitoso silencio sobre as propostas apresentadas pelos srs. Pessoa e Mendes; mas tão estranhos lhe pareceram alguns dos argumentos adduzidos pelo talentoso orador, que acabava de fallar, o sr. Sousa Telles, que não podia permanecer indifferente, comquanto reconhecesse que era esta uma questão em que elle não entrava perfeitamente á vontade.

Que o sr. Sousa Telles, corroborando o que avançara o sr. Pessoa, tambem se mostrara favoravel á opinião dos que entendem que só o verdadeiro pharmaceutico pôde pôr o seu nome nos rotulos e taboletas das pharmacias; mas n'isto discordava, porque nas leis nada ha que cathegoricamente o preceitue, antes quando ella escreve — *administradores de pharmacia* — dá claramente a entender que as pharmacias podem pertencer a quem não tenha o diploma de pharmaceutico, embora tenha para todos os effeitos legaes quem possa represental-as.

Que o dizer-se n'um rotulo — pharmacia do sr. F. — não é o mesmo que dizer — o sr. F. é pharmaceutico — e todos sabem quanto importam estas differenças, sobretudo quando n'ellas se quer ver um ultrage á lei.

Que no direito commum qualquer pôde ser proprietario d'uma pharmacia: a lei o que quer é que ella não se abra ao publico sem ter quem legalmente a represente, e ninguém dirá que os *administradores de pharmacia*, estão isentos de responsabilidade só porque não são os proprietarios.

Que concordava no facto de ultimamente existirem mais pharmacias na capital nas condições d'aquellas a que se tinha referido o sr. Pessoa; mas que isso era uma consequencia da lei de 1882 — aliás liberalissima — que explicou o *exercicio pessoal* por fórma que satisfiz a classe, e que ella agradeceu com todo o enthusiasmo. Podia haver um ou outro abuso, mas que os beneficios que a lei trouxe aos pharmaceuticos eram importantissimos, porque os livrava das garras de qualquer auctoridade pouco escrupulosa no

exercício das suas funcções. A lei de 1868 acorrentava o pharmaceutico por fórma tal, que todos louvaram o acto da *sociedade* quando ella foi pedir a sua aclaração na parte em que tratava do exercicio pessoal; não era logico que fossemos agora reclamar contra ella pelo facto de haver um ou outro abuso. Que o grande mal não provinha da existencia d'uma ou outra *pharmacia* de individuo não diplomado; a outras causas se devia attribuir, figurando em primeiro logar a indifferença das auctoridades perante *as drogarias* e outras casas que vendiam e preparavam medicamentos.

Que em presença da liberdade exagerada que se estava dando em tudo que se referia á saude publica, não devia a *sociedade* ir envolver-se em questão com os *administradores de pharmacia*, muitos d'elles seus socios, deixando de lado, por falta de força e de apoio nas auctoridades, os droguistas e outros vendedores de medicamentos a retalho.

O sr. *Pessoa* mostrou-se admirado pelo que ouvira dizer ao sr. 1.º secretario de que *qualquer podia ter pharmacia*. Que elle entendia o contrario, d'accordo com o que já dissera da primeira vez que usara da palavra. Fazendo ainda outras considerações no mesmo sentido, e terminou por pedir que se apresentasse com urgencia o parecer sobre as propostas.

O sr. *Sousa Telles*, tornando a insistir na sua argumentação, explicou as razões que o levaram em 1882, como *presidente da sociedade*, a pedir a aclaração do que se devia entender por *serviço pessoal*. Fez ainda outras considerações a que replicou o 1.º secretario, encerrando-se em seguida o debate.

O sr. *Tedeschi*, *presidente honorario*, propoz á assembléa se ella queria ou não nomear já a commissão ou se queria esperar pelo sr. Mendes, para se tomar uma resolução definitiva.

Resolveu-se, por unanimidade, enviar as propostas a uma commissão, que ficou composta dos auctores das propostas e do sr. Alfredo da Silva Machado.—Pelo 2.º secretario, *Mattos Miranda*.

PHARMACIA

Chloral (HYDRATO DE)

Este composto apresenta-se sob a fôrma de crystaes prismaticos, rhomboidaes, brancos, em massas saccharvides. O seu cheiro chloroformado é picante e o sabor amargo.

Funde a 47°, ferve a 98° e volatilisa-se em seguida sem deixar residuo. Dissolve-se na quarta parte do seu peso d'agua fria, e é muito solúvel no alcool, ether e chloroformio.

Neutro ao papel de tornezol, não deve precipitar pelo nitrato de prata, nem desenvolver fumos brancos quando se lhe aproximar uma vareta de vidro molhada em ammonia. Tratado por um alcali, decompõe-se dando 72, 20 % de chloroformio.

Deve-se conservar em frascos bem fechados e ao abrigo da luz.

Pharmacologia. — Com o fim de disfarçar o seu sabor desagradavel, associa-se ao xarope d'assucar e a diversas materias aromaticas.

XAROPE DE CHLORAL (Follet)

Hydrato de chloral	60 gram.
Alcool 65°	50 »
Agua distillada	500 »
Assucar branco	420 »
Essencia d'hortelã	20 gottas.

Uma colher de sopa contem 1 gramma de chloral.

XAROPE

Hydrato de chloral	4 gram.
Glycerina	30 »
Xarope de framboezas	150 »
Essencia d'hortelã	25 gottas.

MISTURA

Gemmada.....	150 gram.
Hydrato de chloral.....	1 a 3 »

Para tomar por uma vez.

POÇÃO

Agua assucarada.....	150 gram.
Hydrato de chloral.....	1 a 3 »
Laranja exprimida.....	n.º 1

Para tomar por uma vez. Esta preparação dissimula melhor que nenhuma outra o gosto desagradavel do medicamento.

CLYSTER

Hydrato de chloral.....	4 ou 5 gram.
Gemma d'ovo.....	1 »
Leite.....	300 »

Para dois clysteres.

A adição das materias albuminoides tem por fim impedir a acção irritante do chloral sobre a mucosa intestinal e falicitar a sua absorpção.

SUPPOSITORIOS

Manteiga de cacáo.....	2 gram.
Espermacete.....	3 »
Hydrato de chloral.....	3 »

Estes suppositorios são irritantes e podem mesmo determinar a rectite; preferem-se geralmente os clysteres.

SOLUTO

Hydrato de chloral.....	4 gram.
Agua distillada.....	100 »

Para penso das feridas.

FORMULA CONTRA A COQUELUCHE (Lorez)

Hydrato de chloral.....	5 gram.
Agua distillada.....	150 »
Xarope de cascas de laranja.....	15 »

Uma a tres colheres pequenas segundo a idade da creança.

SOLUTO (Luigi Amici)

Hydrato de chloral.....	1 gram.
Glycerina	20 »
Agua.....	100 »

Na ulcera do estomago.

SOLUTO (Martineau)

Hydrato de chloral.....	30 gram.
Licor de Van-Swieten	100 »
Agua.....	500 »

Em loções contra a pytiriasis capitis.

(Nowv. Rem.)

A.



Eucalypto

O *Eucalyptus globulus* Labill, pertence á familia das Myrtaceas. E' originario da Australia, da Tasmania, e tem sido importado para a Europa, America, etc. As folhas, unica parte do vegetal que se emprega, são dimorphas. As dos vegetaes novos são oppostas, sesséis, ovas, cordiformes na base, obtusas no vertice, com bordos inteiros e um pouco desviados em baixo. Teem 10 a 15 centímetros de comprimento e 4 a 8 centímetros de largura na base. De um verde azulado quando novas, tomam mais tarde uma côr um pouco amarellada. As folhas das arvores mais velhas são pecioladas, falciformes e torcidas sobre o peciolo, de maneira que as faces são lateraes. O limbo é coriaceo, rigido, de 12 a 20 centímetros de comprimento e de 2 a 5 junto da base.

As folhas são cobertas de pontuações transparentes devidas ás glandulas cheias d'oleo-resina. Seccas, são quebradiças; frescas, possuem um cheiro balsamico forte sabor aromatico, resinoso, um pouco amargo, ardente, seguido d'uma sensação de frescura pronunciada e agradável.

Chimica.—As folhas contem nas glandulas um oleo es-

sencial, *Eucalyptol*, que se obtem por distillação com agua obtendo-se a parte que distilla entre 170° e 175°. Esta essencia apresenta uma ligeira colorisação amarellada, um cheiro vivo, penetrante, caracteristico. A sua densidade é de 0,903 a 8°. É dextrogyra, não se congela senão a -18°, muito pouco soluvel na agua, mais soluvel no alcool. Distillado em presença do anhydrido phosphorico, dá um hydrocarbureto C¹⁰ H¹⁶, a *Eucalyptene*. Segundo Adrian, Faust e Homeyer, o eucalyptol não contem oxygenio e será antes uma mistura de terebinthina e de cymene, oxydando-se rapidamente ao ar.

Pharmacologia.

ALCOOLATURA

Folhas frescas	1 parte
Alcool 90°	1 »

Macere por espaço de 10 dias. Passe, exprema e filtre.

XAROPE

Folhas seccas	100 partes
Agua distillada fervente	1:500 »
Assucar branco	q. s.

Junte 108 de assucar a 100 partes do liquido filtrado.

TINCTURA

Folhas seccas	100 partes
Alcool 80°	500 »

Macere durante 10 dias.

INHALAÇÕES

Oleo essencial d'eucalypto	5 gram.
Alcool 90°	25 »
Agua	100 »

Seis a sessenta gottas na diphteria laryngea.

Therapeutica.—As differentes preparações assim indica-

das empregam-se como febrifugo, como desinfectante na ozena, bronchite com expectoração abundante, catarrho uterino.

O oleo essencial é um antiseptico energico que se aconselha na diptheria, em inhalações contra a blenorragia, em injeções ou misturado com azeite, em fricções, contra o rheumatismo.

Podem-se impregnar com elle os tecidos leves que se empregam para abrir as feridas afim de evitar a infecção bacterianna.

Dóses e processos d'administração.—As folhas fumam-se em cigarros. O pó prescreve-se na dóse de 4, 8, 12, 16 grammas por dia, em 4 vezes, sob a fórmula d'opiata ou em *cachets* medicamentosos. A alcoolatura na dóse de 4 a 16 grammas por n'um vehiculo gommoso.

A dóse da tinctura é de 1 a 7 grammas em poção.

O infuso e o decocto empregam-se em dóses muito variaveis segundo as indicações.

A essencia bruta emprega-se a maior parte das vezes sob a fórmula d'emulsão com gomme arabica e agua, para injeções uretraes ou para loções. Interiormente, esta essencia emprega-se em capsulas, depois algumas gottas até 1 a 2 grammas.

O eucalyptol tem sido empregado em injeções rectaes nas affecções pulmonares, mas os seus effeitos não são favoraveis, e podem produzir muitas vezes irritação bronchica e principalmente intestinal.

Nouv. Rem.

Thymol

O thymol $C^{10} H^{14} O$, acido thymico, pertence á classe dos phenoes; encontra-se na essencia do tomilho, essencia da *Monarda punctata*, *Ptychotis ayowan*.

Para o obter, agita-se a essencia do tomilho com um pouco de soda e precipita-se pelo acido chlorhydrico.

Apresenta se sob a fórma de laminas rhomboidaes transparentes e d'um cheiro suave, differindo um pouco do cheiro do tomilho, de sabor picante e apimentado. É pouco solúvel na agua ($\frac{1}{1000}$), mas muito solúvel no alcool, ether, acido acetico concentrado. Funde a 44° e ferve a 230.

Com os alcalis fórma combinações definidas, pouco estaveis, muito solúveis na agua. Dissolvido no acido sulfurico e addicionado de uma mistura d'acido sulfurico concentrado e de azotito de potassio, córa-se em verde, depois em azul.

O soluto alcoolico toma, em presença do perchloreto de ferro, uma colorisação esverdeada passando ao escuro.

E' um poderoso antiseptico e um antiputrido, cujos solutos são empregados em cirurgia como os do acido phenico.

Numa Campi aconselha-o para expulsar a tenia, empregando-o da maneira seguinte: de manhã, 30 grammas de oleo de ricinos, durante o dia 8 grammas de thymol em 12 doses, todos os quartos de hora, vinte minutos depois, 20 grammas d'oleo de ricinos. Convem administrar ao doente um cordial, cognac ou rum, para combater a acção depressiva do thymol.

SOLUTO AO MILLESIMO

Thymol	1 gram.
Alcool 90°	$\frac{1}{4}$ „
Agua destilada	995 „

Em loções, injeções, inalações.

(*Nov. Rem.*)

A.

Falsificação do spermaceti

Falsifica-se frequentemente o spermaceti com o acido stearico, fraude que se reconhece facilmente servindo-nos do seguinte processo: Funde-se uma certa quantidade de spermaceti n'uma capsula de porcellana, junta-se ammoniaco, agita-se por alguns instantes e deixa-se resfriar.

O acido stearico fórma então um sabão ammoniacal solúvel. Depois da solidificação do spermaceti, tira-se o sabão ammoniacal, decompõe-se pelo acido chlorhydrico e isola-se assim a acido stearico. Póde-se, por este methodo, verificar a presença de 1 p. 100 d'acido stearico.

(*Jour. de Ph. e chim.*)

A.

Trinitrina

A trinitrina (Nitroglycerina Glonoina, etc.), descoberta por Sobrero, de Turim, em 1847, é o ether nitrico da glycerina.

E' uma substancia oleosa, incolor ou ligeiramente amarelada quando é pura, inodora, de sabor adocicado, aromatica, d'uma densidade de 1.60. E' um pouco solúvel na agua, muito solúvel no alcool, ether, alcool methylico. A addição da agua precipita-a da sua solução alcoolica. A 100° decompõe-se produzindo vapores nitrosos. A uma temperatura mais elevada, detona com violencia, assim como pelo choque. Póde crystallisar, por um frio prolongado e toma, sob a influencia refrigerante de uma mistura de gaz carbonico solido e alcool, o aspecto d'um acido gordo.

Exerce sobre o systema nervoso uma acção analoga á do nitrito d'amyla, mas não deprime tão fortemente a pressão sanguinea, opera mais depressa e d'uma maneira mais duravel. Uma gotta lançada sobre a lingua, mesmo regeitada, é sufficiente para determinar uma violenta enxaqueca que persiste durante muitas horas.

A inalação dos vapores da trinitrina produz os mesmos effeitos. É um violento veneno para o homem.

Tem sido preconisada no tratamento das affecções aorticcas da angina do peito, nevralgia, asthma, cephalalgia, enjões do mar, doença de Bright. A sua acção explica-se pela congestão que determina sobre a circulação cerebral.

Pharmacologia e doses.

ALCOOLEO

Trinitrina,.....	1 parte
Alcool 90°.....	400 partes

Esta solução officinal serve para preparar a poção seguinte:

Solução alcoolica ao centesimo.....	30 gottas
Agua.....	300 gram.

Uma colher de sopa de manhã e de tarde.

Para injeções hypodermicas:

Solução ao centesimo.....	30 gottas
Agua distillada louro-cereja.....	10 gram.

A seringa contem 3 gottas de soluto ao centesimo de trinitrina.

PASTILHAS (Martindale)

Estas pastilhas, nas quaas a trinitrina está associada ao chocolate, na dôse de $\frac{1}{2}$ milligramma em cada uma, não se decompõem e possuem um sabor agradável. Uma pastilha em cada duas ou tres horas.

(Nouv. Rem.)

A.

Dosagem da emitina na raiz d'ipecacuanha

POR KERMELM.

Misturam-se 10 grammas de raiz finamente pulverisada com hydrato de cal e agua a obter uma pasta ralla. Secca-se este producto a banho-maria, reduz-se a pó e exgota-se n'um aparelho de deslocação com chloroformio fervente. Depois de evaporado o soluto chloroformico, que é quasi incolor, resta uma massa ligeiramente amarellada que é a emetina. Secca-se a 100° e pesa-se. Obtem-se em media 1,80 p. 100 d'emetina. Segundo M. Kremel, a emetina que dá o processo de Flückiger (exgotamento do pó d'ipecacuanha pelo chloroformio ammoniacal) é muito impura para que possamos servir d'este processo para fazer uma analyse precisa da raiz d'ipecacuanha.

A.

Conservação do chloroformio puro

Sabe-se que o chloroformio difficilmente se conserva no estado puro e que não tarda, sob a acção da luz, e carregar-se de productos de decomposição, entre os quaes dominam o acido chlorhydrico e o acido chloro-carbonico, este ultimo bastante perigoso por causa da sua acção deleteria sobre as vias respiratorias. M. Marty acaba d'indicar um meio de preservar o chloroformio puro d'estas alterações, ou pelo menos assegura a sua conservação durante um tempo mais longo. Este meio consistem:

1.º Conserva-o puro em frascos de vidro amarello, fechados a esmeril, bem limpos e perfeitamente seccos, da capacidade de 500 centimetros cubicos ou de um litro o maximo;

2.º Ajuntar ao chloroformio puro a millesima parte do seu peso d'alcool ethylico puro e absoluto.

Incompatibilidades dos antisepticos

Entre os antisepticos mais empregados em cirurgia e hygiene existem as seguintes incompatibilidades: entre o sublimado e o iodo;—o sublimado e o sabão;—o acido phenico e o iodo;—o acido phenico e o permanganato de potassa; o iodo e o sabão;—o acido salinatoco e o permanganato de potassa;—o permanganato de potassa e o azeite;—o sabão e a glicerina.

Os microbios dos mexilhões

São muito conhecidos os envenenamentos causados pelos mexilhões; não ha muito tempo, em 1885, que toda a população operaria de Wilhemshaven foi envenenada por estes molluscos. Foi a proposito d'esta epidemia que M. Virchow declarou que os symptomas d'estes envenenamentos estão incluidos no quadro nosologico da enterite; e M. Schimdt-

mann tambem demonstrou que estes phenomenos morbidos eram devidos a uma doenca dos mexilhões, provocada pela permanencia d'elles nas aguas estagnadas dos portos. M. Brieger conseguiu mesmo extrahir dos mexilhões suspeitos uma ptomaina excessivamente toxica, a que deu o nome de mytilotoxina, ptomaina que se encontra n'outros molluscos quando se sujeitam a putrefacção.

A questão estabelecida era saber se esta doenca não era bacteriana.

Já M. W. Granitz e Wolf haviam feito pesquisas n'este sentido, mas só conseguiram isolar dos mexilhões um microbio desprovido de qualidades pathogeneas; e M. Linder, por seu lado, tinha verificado nos mexilhões doentes, a presenca d'um numero consideravel de protozoarios, sem fornecer comtudo provas em favor da hypothese de natureza parasitaria da doenca.

M. Lustig obteve um resultado mais positivo; achou no figado dos molluscos que elle apanhou na agua estagnada dos portos de Genova e Trieste e que apresentavam todos os caracteres das especies venenosas—a sua ingestão causava a morte em doze a vinte horas aos animaes em experiencia, dois micro-organismos diferentes, um inoffensivo, outro pathogeneo. São estes dois bacillos bastante analogos e que se cultivam nos meios habituaes; mas o bacillo pathogeneo é o unico que dá ás culturas um cheiro nauseabundo.

Este ultimo bacillo, inoculado pela via sub-cutanea, ou injectado nas veias, mostra-se absolutamente inoffensivo; pelo contrario, introduzido pela via estomacal, nos coelhos ou nas cobaias, provoca, no fim de doze horas a dois dias, a morte d'estes animaes. O principal symptoma é uma diarrhea abundante; pela autopsia, encontra-se o bacillo no sangue do coração e no conteudo intestinal. Estes micro-organismos perdem comtudo rapidamente a sua virulencia, e as culturas velhas mais de seis dias são quasi inoffensivas.

Nos mexilhões sãos, apanhados em aguas puras e não

estagnadas, o auctor nunca encontrou o micro-organismo pathogeneo. Conclue então das suas pesquisas que os mexilhões venenosos alojam regularmente um microbio perigoso que produz nos animaes, nos quaes se inocula, todos os symptomas d'uma enterite; mas apresenta reservas sobre a questão de saber se é este mesmo bacillo a causa do envenenamento observado nos individuos que ingeriram os mexilhões doentes. E' esta uma questão que evidentemente não poderá ser decidida senão depois de se submeter a exame bacteriologico o sangue e os vomitos das pessoas atacadas. Mas como os mexilhões se comem geralmente depois de cosidos, pode tambem suppor-se que os accidentes não são produzidos pelo desenvolvimento dos microbios vivos, mas somente pela absorção dos productos toxicos elaborados no seu organismo pelos parasitas. N'uma palavra, é bastante provavel que as perturbações causadas pelos mexilhões doentes consistam antes n'um verdadeiro envenenamento pelas ptomainas d'origem microbianna, do que n'uma doença infecciosa propriamente dita.

(Jornal de Ph. e Chim.)

A.

NECROLOGIA

Roberto Duarte Silva—Embora tarde, independe-nos o doloroso dever de consignar n'este logar algumas palavras de saudade e consideração pelo passamento de um homem illustre, que, longe da patria, honrou o nome portuguez, elevando-o na esphera serena e emerita da sciencia.

Duplamente sympathico para nós, por isso que era pharmaceutico, Duarte Silva, deixou uma lacuna sensivel na sciencia, quando o seu brilhante talento, amadurecido pelo estudo, estava produzindo os mais bellos fructos do trabalho.

Poucos dias antes de chegar ao nosso conhecimento a triste noticia de seu fallecimento, e estando elle ainda vi-

vo, faziamos a sua apologia, rapidamente, na ultima sessão solemne d'esta sociedade.

Em 9 de fevereiro, passava elle d'esta para melhor vida, na rua Thenard, 6, pranteado pela familia e pelos amigos que o rodeavam.

Contava 51 annos, empregados constantemente na pratica do bem, e no estudo da chimica, sua sciencia predilecta.

Não é este o logar proprio de fazer a resenha dos seus trabalhos scientificos, que são muitos, e importantes; nem de traçar meudamente os lineamentos da sua vida; entretanto, digamos que os seus primeiros trabalhos originaes em chimica organica datam de 1867. anno em que apresentou á *academia das sciencias, de Paris*, uma memoria sobre os *ammoniacos compostos com base de amyla*, e esta mesma corporação conferiu-lhe em 1886 um premio de quatro mil francos (premio Jeker) pelo seu trabalho sobre *alcools e phenoos*, tendo-lhe elle offerecido já, além d'estes trabalhos, muitas outras memorias, que lhe obtiveram a consagração de sabio.

O sr. Friedel, ao pronunciar um sentido discurso de despedida junto ao feretro do finado, poz em perfeito relevo os nobres dotes do coração do seu amigo, chefe de familia carinhoso e exemplar, de costumes simples, meigo e bondoso por excellencia, que apenas repartia o tempo entre os deveres que o prendiam á familia e aos discipulos.

Duarte Silva, padecendo desde alguns annos, nem por isso affrouxou no trabalho, sobre posse, o que de certo lhe abreviou a vida.

Fallecendo em Paris, foi acompanhado á sua ultima morada pelo que ha de melhor no mundo, em sciencia, e mereceu bem esta homenagem espontanea e sincera. Dirigiu o seu saimento o illustre professor Friedel, que durante a vida lhe foi, mais do que mestre, amigo intimo, e companheiro de trabalho, tendo o seu nome laureado associado ao do nosso compatriota em mais de uma memoria.

Foi primeiramente professor de chimica na escola municipal de physica e chimica, de Paris, depois, professor

de chimica analytica na escola central de artes e manufacturas. Tinha já sido presidente da sociedade chimica de Paris, pertencia á academia das sciencias da mesma cidade, e á de Lisboa, era membro de outras sociedades scientificas, commendador de S. Thiago, e cavalleiro da Legião de Honra.

A nossa sociedade tinha-lhe conferido o diploma de membro benemerito em homenagem ás suas virtudes e ao seu saber. D'elle recebia sempre exemplares dos seus trabalhos.

Traçando estas singelas linhas, gostosos unimos o nosso humilde tributo de respeito e sympathia e condolencia aos dos seus amigos e admiradores.

D.

José Moreira Feio—Finou-se no vigor da vida, ou para fallar com mais propriedade, quando pela idade devia achar-se com todo o seu vigor.

Principiou a sua carreira em Coimbra, na pharmacia Sena, e aos dezoito annos veio para Lisboa, entrando ao serviço da pharmacia Azevedo, Filhos, depois de alguns dias de demora na casa Barral.

A sua aptidão, bom comportamento e assiduidade ao trabalho, valeram-lhe a estima e consideração da importante casa a que ligou o seu futuro, e d'onde jámais saiu.

Habilitado pharmaceutico em Coimbra, em 1882, tomou a seu cargo a secção de pharmacia da casa Azevedo, Filhos, passando mais tarde, por fallecimento de seu sogro, Francisco Azevedo, para a secção de drogaria, onde o substituiu, como socio e funcionario.

Em toda a sua vida, aliás curta, foi um trabalhador activo e exemplar. Sem reservas, e ás vezes arrebatado, na refrega do trabalho, era dotado de um bom coração e de qualidades apreciaveis, que lhe mereceram a estima de quantos com elle conviveram.

Quando grangeára já uma fortuna, que lhe permittiria o descanço, se o ambicionasse, a doença pertinaz que lhe torturava um pouco a existencia, feriu-o de morte para o roubar ao carinho da familia e dos amigos.

Descance em paz.

D.

PHARMACIA

—
A ergosterina

O sr. Tanret, em 14 de janeiro ultimo, communicou á academia das sciencias, de Paris, os seus trabalhos sobre um corpo até então mal estudado, e que tem andado confundido com a cholesterina animal e seus esomeros vegetaes, dos quaes differe, entretanto, pela composição.

O corpo em questão é a substancia crystallizada que reside na cravagem de centeio.

Para a isolar desloca-se a cravagem de centeio por muitas vezes o seu peso de alcool; distilla-se o liquido ethereo, que dá como residuo uma massa oleosa, com muitos cristaes, que se trata de enxugar com papel e se purifica com repetidas crystallisações, primeiramente em alcool alcalino para se purificar do oleo que os inquina, depois com alcool puro. O rendimento que se obtem é de 0,2/1000.

A ergosterina, nome proposto pelo sr. Tanret, é insolúvel na agua, solúvel no alcool, no ether e no chloroformio. Funde-se a 154°; é levagryra, e tem de densidade 1,040.

A sua composição corresponde á formula $C^{52} H^{40} O, ^2H^2 O^2$.

Oxida-se lentamente em contacto com o ar, adquirindo côr e cheiro. Esta alteração é rapida quando é submettida á temperatura de 100°.

Não é atacada por um soluto alcalino a ferver e concentrado.

E' um alcool mono-atômico como a cholesterina.

Tratada pelo acido azotico, faz-se amarella como a cholesterina; com o per-chloreto de ferro e o acido chlorhydrico adquire a côr de violeta tambem; mas o que permite distingui-la da cholesterina é a reacção do acido sulfurico.

Este acido dissolve completamente a ergosterina. O soluto agitado com chloroformio, fica quasi incolor, e pela evaporação obtem-se uma côr de violeta muito fraca, sendo necessario operar sobre uma qu antidade bastante notavel de materia.

O mesmo acido sulfurico concentrado cõra de castanho (*brun*) a cholesterina sem a dissolver de todo, e o soluto, agitado com o chloroformio, passa para este a maior parte do producto cõrado, que se apresenta a principio amarello cõr de laranja, depois passa a vermelho e violeta. D.

Hamamelis Virginia

E' um arbusto da familia dos Saxifragaceas, que cresce abundantemente em quasi todas as partes dos Estados-Unidos, mas principalmente na Nova Inglaterra, Pensylvania, Virginia, e desde o Mexico ao Canadá.

A casca e as folhas frescas teem um cheiro caracteristico. O sabor é ao principio amargo, adstringente e deixa um gosto acre, depois adocicado com gosto persistente. São estas as partes do vegetal que se empregam em medicina.

Chimica. — A composição chimica é ainda desconhecida. Segundo Van-der-Esps, a casca contem materias cerosas, acido galhico, acido tannico, uma materia cõrante vermelha, cal, potassa, ferro e uma substancia aromatica. Ainda não se lhe encontraram vestigios d'alcaloide.

Segundo H. Guy, as folhas conteem uma materia cerosa, tannino e uma quantidade minima d'oleo essencial, ao qual a casca e folhas devem as suas propriedades.

Pharmacologia. — A preparação mais usada nos Estados Unidos é o *extracto fluido*. Como o seu sabor é desagradavel, Guy recommenda a seguinte formula:

Extracto fluido	}	ãa 50 gram.
Xarope de cascas de laranja amarga.		
Tinctura de baunilha		

Dujardin-Beaumetz indica uma outra formula d'extracto fluido, preparado por maceração, que contem, além do oleo essencial, substancias tannicas.

A *Hazelina* é um verdadeiro hydrolato obtido com a casca

fresca. A tinctura d'este nome é preparada na America da maneira seguinte:

N.º 1

Casca.....	1 p.
Alcool	10 p.

N.º 2

Extracto d'hamamelis.....	1 p.
Alcool	1 p.
Agua	1 p.

N.º 3

Pó da casca.....	}ãa 50 gram.
» das folhas	
Alcool de 60º.....	500 «

A *Hamamelina* ou *Hamamelidina* da America é o extracto secco pulverisado. Tem côr avermelhada.

DECOCTO

Hamamelis	30 gram.
Agua.....	500 »

POMADA

Tinctura	3 gram.
Banba	30 »

MISTURA (Ferrand)

Tinctura d'hamamelis.....	20 gram.
Glycerina.....	60 »

Therapeutica.—A hamamelis é ha muito tempo um remedio popular na America para a cura das hemorrhoidas, mas só ha alguns annos tem sido estudada scientificamente, tanto na America como em França.

Esta planta não exerce nenhuma acção toxica mesmo em dôses elevadas; comtudo, segundo M. Campardon, al-

guns accidentes já se manifestaram com a administração de 20 gottas de tinctura em vinte e quatro horas. Parece não ter acção physiologica especial sobre o systema vascular, sobre as veias, nem sobre as arterias.

Sob o ponto de vista therapeutico, a sua acção é incerta; dá comtudo bons resultados em certos casos d'hemorrhoidas e, como hemostatico, a sua acção parece estar demonstrada em certas circumstancias.

Em resumo, a hamamelis não parece merecer o enthusiasmo, demonstrado pelos medicos americanos. Mas, bem que a sua acção especifica não seja bem real, póde ser empregada com successo nos casos indicados.

Dóses, processos de administração. — O extracto fluido americano obtido por distillação emprega-se na dóse d'uma colher de café de duas em duas horas durante o dia. A poção toma-se ás colheres de café, 4 a 10 vezes ao dia.

O extracto fluido indicado por Dujardin-Beaumetz prescreve-se ás colheres de café.

A hamamelina applica-se em pilulas na dóse de 5 a 15 centigrammas. Nos casos d'enterite chronica, Dujardin Beaumetz prescreve-a em pilulas contendo cada uma 10 centigrammas d'este extracto na dóse de 2 a 6 pilulas por dia.

O decocto toma-se aos copos.

Emprega-se tambem em injecções na leucorrhœa, corrimentos e em loções sobre as feridas de má natureza.

A pomada é usada no tratamento das hemorrhoidas, assim como os suppositorios feitos com:

Extracto alcoolico.....	0, ^{gr} 10
Manteiga de cacáo	5 gram.
ou	
Hamamelina	0, ^{gr} 06
Manteiga de cacáo	5 gram.

Segundo Campardon, a tinctura é o preparado mais recommendavel em vista da sua composição bem definida, na dóse de 5 gottas n'um torrão de assucar.

A tinctura das folhas a $\frac{1}{5}$ seria destinada para uso interno e a tinctura da casca a $\frac{1}{20}$ para uso externo.

E' preciso suspender a administração interior logo que o doente experimente um *frio interno* e tiver bocejos numerosos, hypersecreção das mucosas nasal e palpebral.

(*Nouv. Rem.*)

A.

Camphora monobromada

A camphora monobromada, brometo de camphora, obtém-se fazendo cair sobre a camphora pulverisada um filete d'agua bromada até que a camphora seja liquefeita. O balão que contem a mistura é em seguida aquecido a banho-maria e os vapores d'acido bromhydrico, de bromio e de camphora não decomposta são conduzidos para uma lixivia alcalina; a reacção faz-se entre 80° e 90° . Fica no balão um liquido alambreado, que se solidifica. Trata-se muitas vezes pelo alcool e faz-se crystallisar. A camphora monobromada apresenta-se sob a fórma de flocos em crystaes ou agulhas, em prismas incolores de base rectangular, a 3 centímetros de comprimento, inalteraveis ao ar. São duros e estalam sob os dentes. O seu cheiro, ao mesmo tempo camphorado e terebinthinado, é menos penetrante que o da camphora, mas menos volatil. O seu sabor um pouco amargo faz lembrar o da camphora e o da terebinthina de Venezuela. Funde a 77° e ferve a 274° .

Este composto é insolúvel na agua, um pouco solúvel na glicerina, muito solúvel no alcool, oleos fixos e volateis, ether, sulfureto de carboneo, chloroformio.

Dóses.—Emprega-se sob a fórma os confeitos, contendo 10 centigrammas cada um. A dóse é de 2 a 12 confeitos por dia.

INJECCÃO HYPODERMICA (Bourneville)

Camphora monobromada.....	3 gr.
Alcool.....	35 »
Glicerina.....	22 »
30 a 40 gottas em injeccão (Tetanos, epilepsia).	

Therapeutica. — A camphora monobromada faz baixar a temperatura e apresenta propriedades hypnoticas incontesteis.

(*New. Rem.*)

A.

A Lanolina na preparação dos suppositorios com extractos

O sr. Broutin, pharmaceutico em Somain, propõe o emprego da lanolina, adicionada ao estearoleo de cacão na proporção de 10/100 para a preparação dos suppositorios em cuja composição tenha de figurar algum extracto ou outra substancia soluvel em agua.

O sr. Broutin dissolve o extracto na quantidade de agua necessária; junta a lanolina ao soluto e mistura intimamente; junta depois o estearoleo previamente fundido e molda. Diz que obtem assim suppositorios muito homogeneos.

Iodoformio betuminado, de Chermann

E' um novo antiseptico, obtido pela mistura do iodoformio e do alcatrão, sob a fôrma de escamas escuras, de brilho metalico, transparentes e muito facéis de pulverisar.

Segundo o auctor, este producto não manifesta o cheiro do iodoformio; e o proprio cheiro do alcatrão só se percebe em grandes massas, podendo ainda assim ser disfarçado pelo styrax liquido em pequenissima quantidade.

O cheiro do iodoformio reaparece quando o producto é agitado com grande porção de agua.

Suppositorios com glicerina

Ha talvez dez annos, M. Santer, de Genova, preparou suppositorios ôcos, nos quaes se podia encerrar substan-

cias medicamentosas, taes como extractos, chloral, peptona, etc.

Hoje preconisa-se a applicação da glycerina por esta fórma, para obter o effeito laxante. A cavidade dos suppositorios pôde levar até dois grammas de glycerina sem perder a fórma e a consistencia, sendo fechada com um tampão de cacáo.

Ural

Novo hypnotico, que vem juntar-se á lista, já longa, d'esta ordem de agentes. Obtem-se dissolvendo o urethano no chloral.

Apresenta-se em cristaes, soluveis no alcool, pouco soluveis na agua, volatilizando-se sem se decompôr, e fundindo-se perto de 106 graus. E' amargo.

Segundo Poppi, que o tem experimentado, o ural é o hypnotico mais fiel e mais rapido de todos. Não provoca modificações na pressão sanguinea nem accidentes d'outra especie.

Prescreve-se com vantagem nas affecções cardiacas, nas doenças mentaes, hyscterismo etc. D.

Ensaio do sulphato de quinina,

PELO SR. BOHRINGER

Colloca-se em um balão pequeno e tarado uma gramma de sulfato cristalizado (correspondendo a 0^{gr},85 do sal completamente secco) e 35 centim. cubicos de agua distillada. Faz-se ferver e junta-se-lhe um soluto de 0^{gr},30 de oxolato neutro de potassa cristalizado em 5 centim. cubicos de agua. Eleva-se o peso total do liquido a 41^{gr},30 pela addição da agua, para isso necessaria; colloca-se o balão em b. m. a 20°, agitando de tempo a tempo.

Depois de meia hora, filtra-se sobre um tampão de algodão de vidro e, a 10 centim. cubicos do liquido filtrado, junta-se uma gotta de soda caustica.

Se o sulfato é puro, não se percebe turvação alguma depois de alguns minutos.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

TABACO

O tabaco commum ou Nicociana ordinaria '(*Nicotiana Tabacum*, L.) é uma planta oriunda da America tropical, onde todavia não existe expontanea. Offerece os caracteres seguintes:

Planta annual, caule erecto, d'altura pouco mais ou menos um metro ou mais, folhas sesseis, semi-amplexicaules, muito grandes, inteiras, pubescentes, viscosas, verdes, brandas, ovaes-oblongas, acuminadas, as superiores lanceoladas; flores terminaes, dispostas em panicula; calice urceolado, persistente, com cinco lobulos estreitos, acuminados, deseguaes; corolla infundibuliforme, de tubo vasio, um pouco esverdeado e de limbo rosado; extendido, offerecendo lobulos largos, triangulares, agudos; estames encerrados, filetes aguçados, muito delgados, um pouco arqueados e antheras ovoides: ovario conoide, agudo, glabro; estylete glabro, cylindrico, terminado por um estigma convexo, um pouco bilobulado; capsula ovoide, apertadamente cingida pelo calice; sementes rugosas, muito pequenas, sub-arredondadas.

A nicociana ordinaria foi importada para França, por João Nicot, que lhe deu o nome. O nome de tabaco proveio da ilha de Tabago (Antilhas), onde os hespanhoes a encontraram pela primeira vez. Chamava-se tambem, antigamente, *Herva da rainha*, porque Nicot, então embaixador em Lisboa, enviou as sementes e o pó d'esta planta á rainha Maria de Médicis.

Parece que o tabaco foi em primeiro logar empregado

na Europa, como esternutatorio; depois, a exemplo dos indios da America, começou a ser fumado. O uso d'estas folhas foi considerado, com razão, como perigoso, e o seu emprego prohibido sob as penas mais severas. Comtudo, está de tal modo admittido, que actualmente ha poucos homens que tenham sabido preservar-se d'elle.

As folhas do tabaco são raramente empregadas em medicina. Administram-se algumas vezes sob a fórmula de decocto, seja exteriormente, contra a sarna, tinha e outras doenças de pelle, seja interiormente, em clysteres, contra o ileon, hernias estranguladas, as ascaridas, etc. É um medicamento narcotico-acre, que determina phenomenos d'irritação local mais ou menos intensos e que se deve usar com as maiores precauções.

Em fraca dose, o tabaco produz uma excitação ligeira e momentanea, seguida de fraqueza e de cansaço.

Em dose elevada, segundo uma observação de Tavignot, determina os symptomas seguintes: pallidez, entorpecimento, pupilla dilatada normalmente, respiração cada vez mais contrahida, intelligencia completamente annullada; a isto, juntem-se tremores convulsivos dos braços em primeiro lugar, das pernas e de todo o corpo em seguida, tremores que augmentarão progressivamente, durante seis minutos, e aos quaes succederá um estado de prostração extrema. A lethargia e a annullação de todos os membros terminarão com a agonia. A morte chegará em dōze minutos; não se produzem vomitos.

A acção toxica do tabaco é devida a um alcaloide chamado *Nicotina* e tambem a uma especie de oleo volatil *Nicotianina* ou *camphora* do tabaco. A *nicotianina* ($C^{23}H^{23}Az^2O^3$) é um principio descoberto por Hermstadt e que se separa da agua distillada das folhas do tabaco, sob a fórmula de crystaes aciculares, volateis, de sabor amargo; estes crystaes possuem o cheiro do tabaco, devido talvez á agua com que estão humedecidos. Distillada com a potassa, a nicotianina dá a nicotina. Assim se considera como formada por uma combinação de nicotina com um acido volatil.

Administrada só, determina espirros, cephalalgia, nauseas e vomitos.

A nicotina ($C^{10} H^{14} Az^2$) pertence ao grupo dos alcaloides volateis não oxygenados. Descoberta por Vauquelin, foi obtida pura por Posselt e Reimann. Existe, no tabaco, no estado de combinação com o acido malico. Schloesing prepara-a da maneira seguinte: lixivia-se o tabaco pela agua fervente; evapora-se depois o liquido á consistencia siroposa; retoma-se a materia com o dobro do seu peso d'alcool, evapora-se e trata-se o residuo por novo alcool; concentra-se o liquido e adiciona-se potassa e ether. A solução etherea tratada pelo acido oxalico em pó, forma oxalato de nicotina, que se decompõe pela potassa. A nicotina livre é novamente apanhada pelo ether, depois aquecida a banho-maria para expulsar o ether e, finalmente, distillada por uma corrente d'hydrogenio. Recolhe-se o que passa acima de 180° .

A nicotina assim obtida é um liquido volatil, incolor, oleaginoso, assás fluido, transparente, levogyra, de cheiro acre e de sabor ardente.

Possue uma reacção alcalina energica, um peso especifico de 1,027, e não crystallisa, mesmo a uma temperatura de -10° . O seu vapor tem a densidade de 5,607. Este vapor é de tal modo acre, que basta volatizar algumas gottas de nicotina, n'um quarto, para tornar a respiração muito difficil. Ferve com chamma branca, fuliginosa.

A nicotina é muito hygrometrica; exposta ao ar humido, pôde absorver duas vezes o seu peso d'agua; comtudo, collocada n'uma atmospherá confinada, cujo ar seja secco pela potassa, perde toda a sua agua de hydratação. Sob a influencia do ar e da luz, adquire uma colorisação escura e resinifica-se (?) pouco a pouco. Ferve entre 240° e 250° , mas altera-se ligeiramente, se não houver o cuidado de a distillar em presença do vapor d'agua ou melhor ainda n'uma corrente d'hydrogenio.

A nicotina é muito solúvel na agua, alcool, ether, pouco solúvel na essencia de terebinthina. A sua solução na

agua pôde ser considerada como uma combinação, porque a potassa a precipita. A quente, dissolve o enxofre e não o phosphoro.

Os seus saes são muito deliquescentes e difficilmente crystallisaveis. Algumas vezes, o chloreto dobrado de zinco e de nicotina fornece crystaes volúmosos.

A solução aquosa de nicotina precipita em *branco* o bi-chloreto de mercurio, o acetato de chumbo, o proto e o bi-chloreto de estanho, os saes de zinco e o sulfato de manganez; este ultimo precipitado não tarda a escurecer ao ar. Precipita em *amarello-canario* o bi chloreto de platina e em *azul pallido* os saes de cobre; este precipitado redissolve-se n'um excesso de nicotina, dando um liquido d'um azul intenso, como o que tem logar com o ammoniaco. O precipitado branco, produzido nos saes de zinco, redissolve-se igualmente n'um excesso de nicotina. Esta base descora rapidamente o permanganato de potassa.

Muitos dos caracteres chimicos da nicotina pertencem tambem ao ammoniaco. Citamos algumas reacções caracteristicas, que não permitem confundir estes dois corpos.

A nicotina determina, nas soluções de chloreto d'ouro, um *precipitado amarello avermelhado*, muito solúvel n'um excesso de reagente; em eguaes circumstancias, o *precipitado fornecido pelo ammoniaco não se redissolve*.

O chloreto de cobalto dá, com a nicotina, um *precipitado azul, passando ao verde* e insolúvel n'um excesso de reagente; em egual caso, o *ammoniaco redissolve o precipitado e cora o liquido em vermelho*. Posta em presença dos acidos, a nicotina combina-se com o desenvolvimento do calor. O acido sulfurico concentrado e paro cora-a em vermelho vinhoso, a frio, e em côr de borras de vinho, a quente; por uma ebullicão prolongada, precipita-se uma mistura negra, desenvolvendo-se o acido sulfuroso.

Em presença do acido chlorhydrico, lança vapores brancos como o ammoniaco.

Este alcaloide é um veneno d'uma extrema energia. «Por qualquer via que se administre a nicotina, quer se introduza

no canal intestinal, sob a pelle, n'uma chaga, ou se lance ás gottas na conjunctivite, o animal é fulminado. Morre com convulsões excessivamente violentas. Os cavallos ficam n'um estado medonho e, bem que fiquem em pé com as pernas esticadas, estão como furiosos, empinam-se, deitam-se e apresentam movimentos desordenados. (Cl. Bernard).»

No homem, são sufficientes 1 a 3 milligrammas de nicotina para determinar accidentes toxicos graves e persistentes.

Dworzak e Heinrich, que se submeteram voluntariamente á intoxicação pela nicotina, descrevem do modo seguinte os efeitos que experimentaram:

Ao principio, sensação de queimadura na lingua e de secura na pharinge; salivação; depois, aphalalgia, vertigens, somnolencia, ouvir mal; visão indistincta; sentimento de extrema fraqueza e lipothymia; oppressão respiratoria, rosto pallido e alterado; mãos e pés frios; nauseas, vomitos, expulsão de flactuosidades; tenesmo; tremores nos membros e agitação forte em todo o corpo; espasmos convulsivos, principalmente dos musculos respiratorios; consecutivamente, a respiração torna-se difficil e inquieta; cada movimento respiratorio é composto d'agitações rapidas, de modo que o ar penetra no peito e sae em sobresaltos, por assim dizer. Estes terriveis accidentes, que pozeram os experimentadores n'um estado visinho do desespero, duraram por espaço de tres dias.

A acção da nicotina verifica-se nos nervos, musculos e principalmente no systema vascular. Se, emquanto que observamos ao microscopio a circulação capillar, n'uma membrana interdigital d'uma rã, a envenenarmos, veremos immediatamente produzir-se uma deplção do systema arterial, cujos vasos se apertam, de maneira a despejar-se completamente. O coração continua a bater ainda. Esta acção, sobre o systema arterial capillar, póde explicar a especie de tremuras, que vemos nos musculos, tremura ou agitação muscular que se produz quando, por meio d'uma

ligadura, se impede que o sangue chegue a um musculo.

Quando a dôse de nicotina é sufficiente para produzir um excesso d'acção, cada musculo torna-se a séde d'uma convulsão tal, que pôde ficar n'um estado tetanico permanente. A nicotina parece levar os musculos a um estado de contracção o maior possivel; estão duros e não se encolhem mais, sob a influencia do galvanismo. Depois da morte, os nervos e o coração parece terem conservado as suas propriedades; a galvanisação do pneumogastrico conserva os movimentos do coração, que tem persistido.

Em fraca dôse, a nicotina actua sobre o coração e sobre os pulmões por intermedio do pneumogastrico; a respiração é mais larga e mais accelerada; é principalmente abdominal e diaphragmatica e os seus movimentos podem attingir até 42 por minuto; as pulsações do coração são muito mais energicas e temos visto elevarem-a de 115 a 332.

O animal está fraco e titubeia; vomita: a terceira palpebra, completamente extendida, esconde dois terços internos e inferiores do olho, parecendo cego. Pouco a pouco os movimentos do coração e a respiração tornam ao estado normal. A nicotina parece actuar sobre o systema vascular, por intermedio do grande sympathico, cuja galvanisação produz os mesmos resultados; se, antes de ser administrada, cortarmos os pneumogastricos, não se observam perturbações na circulação, nem na respiração.

Em resumo, a nicotina produz: 1.º—aperto e deplção, do systema arterial; 2.º—contracção tetanica persistente dos musculos, contracção tal, que, depois da morte, a excitação galvanica não tem acção sobre elles.

O tabaco produz os mesmos resultados; é á sua acção então, sobre o systema vascular, que elle deve as propriedades diureticas observadas por Fowler, em seguida á sua administração, se o empregarmos em dôse fraca. Todas as plantas do genero *Nicotiana* parecem ser venenosas no mesmo grão.

O tabaco é usado diariamente sob tres fôrmas: *Tabaco*

de fumar; tabaco de cheirar; tabaco de mascar. Segundo a natureza de sorte a preparar, submettem-se as folhas a uma fermentação mais ou menos prolongada, que transforma em ammoniaco uma parte das suas materias albuminoides, que põe em liberdade uma porção da nicotina.

O tabaco de fumar contém menos nicotina que as folhas não preparadas. A combustão destroe uma parte do alcaloide, em quanto que a outra passa acompanhada d'um certo numero de productos novos, basicos ou acidos e dos quaes muitos possuem uma actividade ainda notavel. Todos estes productos são volateis; alguns são gazosos. Os principios alcalinos produzidos são: *pyridina* (C^5H^5Az), a *picolina* (C^6H^7Az), a *lutidina* (C^7H^9Az), a *collidina* ($C^8H^{11}Az$). Estas substancias determinam, como a nicotina, encolhimento da pupilla, espasmos, etc., mas com menos intensidade.

Os acidos sulphydrico e cyanhydrico, que existem algumas vezes no fumo do tabaco, encontram-se sempre misturados com acido carbonico e oxydo de carboneo. Este ultimo gaz, principalmente produzido pelo cachimbo, onde a combustão é incompleta, arrasta com elle a *pyridina*, que tem uma acção narcotica. Um bom charuto, que arde bem, fórma principalmente a *collidina*, alcaloide muito menos toxico. Fumar charuto, se não se mastigar, é então menos perigoso que fumar cachimbo. Mas, como a experiencia e a theoria demonstram que a nicotina produzida se condensa em parte na extremidade do charuto, onde são detidas tambem as materias pyrogenadas, segue-se: 1.º que não se deve nunca fumar um charuto até ao fim; 2.º que nunca se deve mastigar.

O tabaco de cheirar soffre uma fermentação mais demorada e contem menos nicotina: Schlsing a:hou n'elle 2 0/0, em quanto que Vohl e Eulenberg teem achado pouco mais de 0,03 a 0,06 0/0, o que póde ser attribuido ao tabaco que era de fabricação allemã.

O uso do tabaco de cheirar determina phenomenos pouco mais ou menos exclusivamente locais; espirros, reacção

nasal, diminuição do olfacto, ás vezes catharro na pharynge. A sua ingestão no estomago provoca symptomas d'um envenenamento: na dóse de 2 a 4 grammas, póde occasionar a morte.

O tabaco de mascar produz principalmente catarrho local e gastrico. O seu abuso parece determinar perturbações d'intelligencia.

O tabaco é reputado um excitante psychico; é um erro. O habito de fumar, contrahido por muitos operarios, parece ser antes uma mania, uma occupação toda mechanica do individuo, enquanto que o espirito se desliga do corpo, pensa, reflecte, compara, imagina.

(Trad.)

A.

FORMULARIO

Destruição dos pediculi pubis

O sr. Consuch, de Smyrna, prepara uma tintura mui efficaç, e incapaz de produzir os accidentes tantas vezes observados com o sublimado corrosivo, quando se quer destruir os *pediculi pubis*.

Eis a sua formula :

Pó insecticida, de primeira qualidade 250 gram.

Alcool 1 litro

Macere por oito dias, filtre e junte ;

Essencia de bergamota para aromatizar..... q. b.

Eno's fruit Salt

Segundo o *Pharmaceutical Record*, a composição d'este producto inglez é a seguinte :

Bi-carbonato de soda..... 468 gram.

Acido tartrico.....	150	»
Tartaro de soda.....	110	»

Chocolate purgativo de oleo de ricino

O sr. Giraud, filho, pharmaceutico de Dijon, para disfarçar o sabor desagradavel do oleo de ricino, prepara, malaxando em uma pedra de chocolate quente, e molhada convenientemente, a mistura seguinte:

Cacão em pó fino, privado da manteiga.....	50	gram.
Assucar em pó.....	50	»
Oleo de ricino.....	100	»
Baunilha.....	50	»

Póde dar se-lhe a fórma de pastilhas grandes, de modo que com tres ou seis se purgue uma creança.

Soluto contra as sardas

Leite virginal.....	50	gram.
Glycerina.....	30	»
Acido chlorhydrico medicinal.....	5	»
Chlorhydrato de ammoniaco.....	4	»

Tocar as sardas pela manhã e á noite com um pincel embebido no soluto. D.

VARIEDADES

Um diamante muito duro. — Os srs. Tiffany e C.^ª, joalheiros em New-York, enviaram á academia das sciencias da mesma cidade, em 1888, um diamante absolutamente refractario ao polimento. Subjeito durante cem dias ao movimento de uma roda, que dava 28:000 voltas por minuto, saiu d'esta prova sem que o seu aspecto soffresse modificação.

NECROLOGIA

A classe pharmaceutica portugueza acaba de soffrer uma perda importante e, especialmente, esta sociedade, um dos seus membros mais prestimosos, que ella tinha na mais alta consideração, por todos os titulos, que muito o recomendavam a sua estima e respeito.

Em 15 de maio, e quasi repentinamente, o nosso respeitavel collega e illustre consocio Manuel Vicente de Jesus, passou d'esta para melhor vida, dois ou tres dias depois de um insulto apoplectico.

Havia talvez dois ou tres annos que todos os seus amigos notavam n'elle o profundo quebramento que o invadia, e uma tristeza, que fazia notavel contraste com a sua proverbial vivacidade de outr'ora. Era o aproximar lento, mas constante e inflexivel, da hora cruel que fatalmente nol-o havia de arrebatár.

Manuel Vicente de Jesus, filho de outro pharmaceutico, do mesmo nome, que foi estabelecido em Abrantes, de onde ambos eram naturaes, n'esta mesma villa encetou o exercicio da pharmacia, e o estudo dos preparatorios, com que veio para Lisboa, ainda novo bastante.

Com pouca bagagem litteraria, mas cheio de vida e de aspirações nobres, o novel estudante, entregue aos cuidados do nosso fallecido consocio José Ferreira da Silva, de Arroios, em casa d'este esclarecido collega completou o seu tirocinio pratico e adquiriu o curso da escola de pharmacia, com notavel aproveitamento, e classificação de *distincto*, para logo em seguida se estabelecer no Largo do Rato, onde exerceu a profissão com esplendor, em todo o resto da sua vida.

Vita brevis, ars longa—era a divisa da pharmacia de seu pae; e bem se pôde dizer com propriedade, que n'estas poucas palavras se synthetisava o seu destino, porque, fallecendo aos 62 annos de idade, viveu realmente pouco, em vista do muito que trabalhou.

Pertencia ao numero dos raros, a quem o tempo, por bem e methodicamente repartido e aproveitado, dá para tudo.

A sua pharmacia, bem disposta, cheia de luz e graciosa, como que reflectindo a alegria e o bom humor de quem a dirigia, sem luxo pesado, que deslumbra e seduz aquelles que tão sómente se deixam arrastar pelas apparencias, era uma das primeiras casas da capital, pela pontualidade, esmero e sciencia sã com que todo o seu serviço era executado e, n'este ponto, em parte nenhuma excedido.

Manuel V. de Jesus, não sacrificava absolutamente nada á ambição dos lucros: estes sabia-os elle tirar do seu trabalho honrado e independente, que tanto o nobilitou e engrandeceu.

Illustrado e bom conversador, a sua companhia era muitas vezes procurada, e sempre acolhida com aprasimento: o seu conselho escutado com attenção.

Se os labores de sua casa e, especialmente, a industria das pilulas de Blancard, o affastaram desde alguns annos do serviço activo d'esta sociedade, onde outr'ora fôra trabalhador assiduo e muito prestavel, ainda assim, em tempo algum a abandonou de todo; e no proprio testamento consignou clara e publicamente o reconhecimento que lhe tributava, e a sua profunda adhesão aos esforços que esta instituição tem empregado pelo progresso e bom nome da classe que representa.

Pertencendo a uma pleiade, tão pouco nomerosa como verdadeiramente illustre, de pharmaceuticos saídos dos bancos da escola d'esta cidade, e homem de pulso, inaugurou gloriosamente entre nós a concorrência aos productos pharmaceuticos de industria estrangeira.

Recaindo a sua attenção sobre um medicamento que então gosava de grande voga, e de não facil preparação — as pilulas de Blancard; pratico habil e experimentado, de tantos cuidados se cercou, que lhe foi facil supplantar de prompto as proprias pilulas preparadas por Blancard, as quaes em coisa alguma offereciam vantagem sobre as

suas, sendo apenas algum medico afrancezado ou algum collega mal avisado quem recommendavava aquellas, de preferencia as de origem portugueza.

Concorreu, com justo fundamento, o que nem sempre succede, a varias exposições, onde obteve as merecidas distincções a que o seu talento e trabalho aprimorado lhe davam incontestavel jus.

Já depois de estabelecido, o seu amor á sciencia levou-o a ser preparador de chimica, por alguns annos, na escola polytechnica, quando a respectiva cadeira geral era regida pelo professor Visconde de Villa Maior, ou pelo professor José Alexandre Rodrigues, dos quaes era amigo intimo, principalmente d'este ultimo.

Cooperou com ambos estes professores em varios trabalhos de analyse chimica, principalmente com José Alexandre, na commissão de chimica d'esta sociedade, da qual ambos fizeram parte por muitos annos, conjunctamente, e da qual o nosso collega, que agora pranteamos, se retirou muito mais tarde.

Foi tambem redactor assiduo d'este jornal por muito tempo; além do que, exerceu os cargos de primeiro e segundo secretario da sociedade, e fez parte de muitas commissões os relatorios de algumas das quaes illustram este jornal, e foi director da commissão de physica n'estes ultimos annos.

Nunca exerceu actos publicos officiaes, para os quaes por mais de uma vez foi instado pelos seus amigos.

Completamente desprendido do desejo de figurar, e tão modesto como digno e illustrado, jámais aceitou a presidencia d'esta sociedade, que por mais de uma vez, e instantemente, lhe foi offerecida, embora para tanto e muito mais lhe sobrasse a competencia, em toda a extensão da palavra.

Ao traçar estas linhas, recordâmo-nos com viva saudade de o termos ouvido fallar serenamente, com elevação de phrase, e verdadeira sciencia, em uma questão que ficou celebre nos annaes d'esta sociedade — *Umam amostras de café de Cabo Verde*, sobre cujo valor se pediu a opinião da sociedade.

Manuel Vicente de Jesus tinha dotes de crador; possuia *verve*; a palavra saia-lhe facil e apropriada e, na questão que acabamos de recordar, podemos dizer affoutamente que foi dos primeiros, senão o primeiro, pelo modo como se conduziu na discussão.

A sua dedicação pelo trabalho permittiu-lhe legar á familia, que estremecia, além de um nome respeitado, uma fortuna que lhe proporcionará o bom estar.

Associamo-nos do coração, por dever de *sympathia*, á dôr que persegue sua estremosa esposa e seus filhos, bem como todos os seus numerosos amigos e, curvando-nos reverente perante a memoria de tal veneravel cidadão, apraz-nos sobre modo poder-lhe prestar o nosso culto sem vislumbre de favor.

O seu cadaver saiu da igreja de Santa Isabel para o cemiterio dos Prazeres, acompanhado por um sequito numeroso de amigos dedicados, e foi depositado no jazigo de familia entre lagrimas e vistosas corôas de flores, como derradeira homenagem de pura amizade de uns, e de entranhada gratidão de outros, por que o finado foi em vida amparo certo e protector de muitos parentes e necessitados. Por isso baixou á campa coberto de saudades e de benções.

JOSÉ RIBEIRO GUIMARÃES DRACK.

Ao nosso consocio Oliveira Abreu — damos tambem os nossos sentidos pesames, n'este logar, pela perda irreparavel que soffreu, com o fallecimento de sua estremosa mãe, a qual, apesar da sua idade avançada, lhe deixou no coração um vacuo, que não pôde ser preenchido. A virtuosa senhora contava 86 annos de idade.

Ao nosso amigo Narciso José de Oliveira, irmão do nosso dedicado e valioso collaborador n'esta redacção, e a todos os mais parentes, o sentimento da nossa condolencia.

D.

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 9 DE ABRIL DE 1889.—Presidencia do sr. DRACK

A's 9 horas da noite abriu-se a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

A correspondencia teve o devido destino.

ORDEM DA NOITE

O sr. 1.º secretario (Emilio Fragoso) leu o seguinte parecer:

Senhores:—Ha um quarto de seculo figurava na lista das questões postas a premio por esta sociedade a seguinte: *Causas da decadencia da pharmacia entre nós, e meios de as evitar ou destruir*. Posteriormente, um nosso mui digno presidente, illustração da classe pharmaceutica, mencionando essa questão no discurso da sessão anniversaria, apontava judiciosamente como uma das principaes causas da decadencia da pharmacia entre nós a *falta de policia pharmaceutica*, e pedia, como meio de a evitar ou destruir, a *vigilancia das auctoridades para que as leis se cumprissem*. Effectivamente o *charlatanismo*, que, sob diversas fórmias, está desde muitos annos acclimado *n'este jardim da Europa*, graças ao *dolce far niente* das auctoridades, é um dos maiores flagellos que affectam a pharmacia portugueza.

Para o debellar tem-se pedido muitas vezes o auxilio d'esta sociedade e outras tantas se tem ventilado larga discussão ácerca da therapeutica a empregar. O mal continuou porém a progredir sempre, augmentando tambem progressivamente o definhamento da nossa classe. A espoliação dos legitimos interesses dos pharmaceuticos é actualmente feita, vós o sabeis, por *quantos se julgam no direito de se arvorar em fazedores e vendedores de medicamentos*. E a sua audacia chega ao ponto de annunciarem e recommendarem com pomposos réclames nos jornaes as

moxinifadas que manipulam, logrando assim o povo e roubando as *pharmacias* legalmente estabelecidas.

Ha já muitos annos alguém descreveu o exercicio illegal da *pharmacia* entre nós da seguinte maneira :

«Aqui é o droguista que, sem habilitações scientificas, sem tirocinio pratico, sem responsabilidade legal effectiva e sem moralidade apreciavel invade a esphera das attribuições do *pharmaceutico*, transformando as substancias medicamentosas em *pseudo* medicamentos, que vende por preços enormemente grandes, se no calculo fizermos entrar o *modo* e os *elementos* que compozeram o preparado abusivamente vendido.

Ali é o homem ao qual a lei nega uma carta de *pharmaceutico*, que, arrogando-se um titulo que não possui, affectando uma sciencia que é incapaz de comprehender, usurpando direitos que não lhe assistem e cobrindo-se atraz de alguém que negoceie o seu diploma de homem de sciencia, prejudica duplamente a nossa arte, porque acarreta a desconsideração sobre a classe em que é intruso, porque affecta os interesses dos que a compõem.

.....

Acolá é o curandeiro, a mulher de virtude, e os filhos de Hahnemann, que preparam e vendem os *pseudo* medicamentos com que tentam preencher as indicações que as suas veias charlaticas lhes suggerem.

Além são esses ominosos contractos em que, com manifesto desprezo da lei e com profundo esquecimento pe a moralidade, se ajustam e arrematam por uma dada, prefixa e insignificante quantia, os medicamentos que hajam de ser necessarios para uma certa fabrica, para uma certa classe, etc.

A todos estes abusos, a todas estas inconveniencias, a todos estes escandalos, junta-se um outro, que constitue o opprobrio da *pharmacia*, — os *preparados de formula secreta*.»

E esta discripção, sendo antiga, parece hodierna, o que mostra que hoje, como então, não ha quem vele pelo cum-

primento das leis. Se o legitimo exercicio da pharmacia não recebia das auctoridades toda a protecção legal durante o regimen do conselho de saude, que havia surgido das ruinas da commissão de saude publica, 3 de janeiro de 1837, com o regimen creado pela chamada lei do bispo a pharmacia ficou ainda em peor situação; porque, ao passo que a lei de Passos Manuel commettia todas as deliberações sobre as cousas de saude, e respectiva fiscalisação, a funcionarios technicos que tinham a sua esphera de acção independente da policia, depois da lei de 1868 os technicos são apenas consultados, quando apraz ao governo e ás auctoridades, que regulam unicamente a sua maneira de proceder pelas conveniencias eleitoraes. De fórma que com a extincção do conselho de saude e criação da junta consultiva realisou-se, na parte concernente á policia pharmaceutica, o antigo proverbio popular—*depois de mim virá quem bom me fará.*

Qual deverá ser portanto agora o meio empregado por esta sociedade para fazer despertar as auctoridades policiaes da sua criminosa indifferença?

O que se nos afigura mais exequível e consentaneo com as praxes seguidas aqui, embora de efficacia duvidosa, consiste em—representar á auctoridade superior do districto, para que ordene aos seus subordinados o exacto cumprimento das leis de 3 de dezembro de 1868 e 13 de junho de 1882.

Talvez pareça illogico este alvitre como remate da nossa exposição; mas quem attentar bem nas circumstancias em que se encontra a sociedade pharmaceutica convencer-se-ha que é o unico realisavel. Demais, nós queixamo-nos da inercia das auctoridades, sem comtudo pôrmos em duvida o resultado da sua acção quando queiram intervir, pois estamos convencidos que se ellas acordarem e fizerem observar, sem sophismas, os artigos d'aquellas leis sobre o exercicio da pharmacia, deixarão de existir os abusos mencionados nas propostas que deram origem a este parecer.

Lisboa e sala da commissão da sociedade pharmaceutica lusitana.—Antonio Manuel Augusto Mendes.—Manuel Fernandes Pessoa.—Alfredo da Silva Machado, relator.

Feita a leitura do *parecer*, usou da palavra, para questão previa, o socio Mattos Miranda, que pediu para serem lidæs na mesa as propostas do sr. Pessoa, extranhando que ellas não tivessem sido transcriptas, affastando-se assim o sr. relator do que elle considerava as boas praxes.

Consultada a assembléa, resolveu affirmativamente, lendo-se em seguida as propostas:

«1.^a—Proponho que se represente ao sr. governador civil para que as pharmacias não possam ter nas taboletas e rotulos, nomes de individuos que não sejam pharmaceuticos.»

«2.^a—Proponho igualmente que se requiera ao sr. escrivão de fazenda, ou, se tanto for preciso, ao sr. ministro da fazenda, para que sejam excuidos do caderno da contribuição industrial (classe dos pharmaceuticos) todos os indeviduos que não tenham diploma.»

«O socio effectivo

Manuel Fernandes Pessoa.»

O sr. 1.^o secretario (Emilio Fragoso) começou por estranhar— a exemplo do que já fizera o socio Mattos Miranda— que a commissão não mencionasse no *parecer*, que estava sobre a mesa, as propostas que lhe deram origem. Era uma falta importante, mas se era irreparavel, pedia ao menos ao sr. segundo secretario que as transcrevesse na acta da sessão e antes do *parecer*, para que todos os socios pudessem formar opinião sobre o modo como a commissão as tinha apreciado.

Na sua primeira proposta, queria o sr. Pessoa que a *sociedade* representasse ao sr. governador civil contra o facto de algumas pharmacias, de individuos sem carta de pharmaceutico, usarem nas taboletas, nos rotulos, etc., os seus

nomes, fazendo-se assim passar aos olhos do publico por *verdadeiros* pharmaceuticos, o que o sr. Pessoa considera uma illegalidade, por contrariar as disposições do decreto de 3 de dezembro de 1868—lei de saude. A commissão, ou o sr. relator, fugindo, talvez, por calculo, á apreciação d'esta proposta, nada dizia a seu respeito no *parecer* que se discute, de modo que a *sociedade* se encontrava hoje, como no dia em que o sr. Pessoa apresentou a sua proposta, nas mesmas circumstancias, isto é, sem saber como havia de proceder. Bem sabia que o assumpto, por qualquer lado que fosse considerado, não era nada sympathico; mas a commissão devia ser menos meticulosa, e, importando-se mais com a sua consciencia do que com o que cada um julgasse a seu respeito, devia vir dizer, clara e cathegoricamente, se a *sociedade* devia ou não representar contra o que se classifica como um abuso. Pela sua parte repetia hoje o que já dissera na occasião em que o sr. Pessoa apresentou a sua proposta, que a considerava insustentavel perante o direito de propriedade, sendo sua opinião que a *sociedade* não podia convencer o sr. governador civil de que só ao pharmaceutico era licito ser proprietario d'uma pharmacia. Onde a lei não prohibia, ninguem, por simples considerações *à priori*, embora accetaveis no campo dos bons principios, o podia prohibir, e o primeiro a defender esta doutrina seria o sr. governador civil, se a *sociedade* lhe apresentasse um requerimento no sentido da proposta do sr. Pessoa.

Lembrava que ha annos se levantou uma questão semelhante em França, e o seu governo, consultado pelo individuo que desejava possuir uma pharmacia, embora não tivesse diploma de pharmaceutico, respondeu-lhe nos seguintes termos:

«Recebi a pergunta que me fizestes a 31 de março, a fim de obter auctorisação de fazer reger por um pharmaceutico legalmente estabelecido em França, e *responsavel*, a officina que estabeleceste na praça de...

Não vos é precisa *uma auctorisação particular* para esse effeito, *porque só pedis o que é conforme á lei.*

Pelo ministerio—*Eduardo Blanc.*»

A doutrina do ministro francez é corrente nos paizes latinos, em que o direito de possuir uma *pharmacia* é extensivo a qualquer cidadão. O que a lei impõe lá fóra como aqui—para os effeitos da sua applicação no interesse publico—é a obrigação de ter como rasponsavel um *pharmaceutico*. Quando a nossa lei empregava simultaneamente as palavras—*pharmaceuticos* e *administradores de pharmacia*—estabelecia de modo claro a distincção entre uns e outros. Os *administradores de pharmacia* devem possuir tambem o diploma, logo a distincção fez-se porque o legislador sabia que, pelo direito geral do reino, qualquer individuo podia possuir uma *pharmacia*. Se assim não fosse, não sabia para que fazer aquella distincção, quando todos são *pharmaceuticos*.

E tanto a commissão estava convencida da verdade d'esta doutrina, que o seu *parecer* nada dizia a tal respeito, limitando-se unicamente o sr. relator a dizer *que se represente ao governador civil para que ordene aos seus subordinados o exacto cumprimento das leis de 3 de dezembro de 1868 e 13 de julho de 1882*, o que elle approvava, porque o sentido generico d'este pedido abrange verdadeiros abusos, que desejava ver extinguir d'uma vez para sempre, porque os considerava muito perniciosos á classe *pharmaceutica* e attentatorios da dignidade dos diplomas conferidos nas escolas do reino.

Abuso chamava elle, orador, ao que se fazia no ministerio das obras publicas com a concessão de privilegios a medicamentos de formula secreta e não secreta.

N'aquelle ministerio concede-se, sem respeito pela lei de saude—a lei especial que regula os privilegios a medicamentos—privilegio a todas as *moxinifadas* que ali se apresentam, e levam o desplante até o ponto de concederem privilegios a medicamentos preparados por droguis-

tas, o que é contra todas as leis que regulam o assumpto, podendo até classificar-se, sem receio de lhe chamarem violento, como uma das maiores immoralidades, que á sombra do Estado se está commettendo.

Abuso chamava elle ao que os droguistas estão fazendo sem receio de especie alguma, porque sabem o paiz em que vivem—quando vendem avulso o *sulfato de quinina*, dividido em papeis; os solutos de *citrato de potassa e de magnesia*, o *alcool camphorado* de mistura com o *linimento camphoro-opiado*; os solutos de *iodetos e brometos alcalinos*, os *oleos medicinaes*; etc., etc., para não cansar mais a assembléa com a repetição de cousas, que a maioria dos que o escutavam conhecia muito melhor do que elle.

Era para estes abusos que elle desejava ver voltadas as attentões da *sociedade*, e não para meia dozia de pharmacios, que ha em Lisboa nas condições apontadas na proposta do sr. Pessoa; quando á sua frente, uns por interesse proprio, visto não terem capital para se estabelecerem outros por sentimentos elevados e nobilissimos, se vêem na situação de cobrirem com a sua responsabilidade o trabalho de individuos que lhes merecem plenissima confiança, e por quem estão promptos a sacrificar todas as honrarias, adquiridas á custa de persistentes esforços e dedicação pela *Sociedade Pharmaceutica Lusitana*.

O sr. *Fernandes Pessoa* estranhou a defeza que o sr. *Fragoso* acabou de fazer dos individuos estranhos á classe. Parecia-lhe, que se o publico tivesse conhecimento dos individuos que estão á frente d'algumas pharmacias, por certo as auxiliaria menos do que o faz actualmente. Julgava, portanto, de interesse para a *classe* e para o publico, que as pharmacias não tivessem os nomes dos seus proprietarios, quando elles não fossem pharmaceuticos.

O sr. *Silva Machado*, relator do parecer, julgava que a *sociedade* tinha rasões de sobra para representar ao sr. governador civil contra os abusos que se commettiam no exercicio da profissão. Em resposta ao sr. *Fragoso*, sustentou a illegalidade com que os individuos, não pharmaceu-

ticos e proprietarios de pharmacias, põem os seus nomes nos rotulos, taboletas, etc. Lamentava que o sr. Fragoso, em nome da liberdade, sustentasse principios que elle considerava mal applicaveis no caso que se discutia.

Referindo-se ao que se passava fóra do paiz, leu o que se passou na Belgica a respeito d'um processo em que um individuo, não pharmaceutico, foi condemnado por estar á frente d'uma pharmacia em que o responsavel pouco se demorava, não exercendo a vigilancia que as leis exigem.

O sr. *Sousa Telles* começou por sentir que o parecer transcrevesse uma apreciação sobre o systema medico denominado homœopathico, quando sobre elle já passaram tantos annos: que actualmente, taes palavras, embora de responsabilidade d'um antigo presidente da *sociedade*, podiam ferir susceptibilidades, parecendo-lhe, portanto, de grande conveniencia que ellas fossem eliminadas. Declarava que não era partidario do systema homœopathico; mas que a *sociedade*, como sociedade, é que não podia hoje envolver-se em apreciações que não deve sancionar, porque não tem auctoridade bastante em questões que são exclusivamente medicas.

Sobre o assumpto que tão largamente tinha sido tratado pelo sr. Fragoso, diria hoje o que mais d'uma vez tem dito na sociedade, quando ella o discutiu em outras occasiões; o pharmaceutico póde pedir auxilio ao capital para a montagem d'uma pharmacia, o que a lei quer é que elle seja o responsavel por todo o trabalho profissional, exercendo activamente vigilancia sobre o que n'ella se faça. Até aqui estava d'accordo com o sr. Fragoso, no que discordava, era no modo como elle encarava a outra questão, que com esta se acha intimamente ligada; a do nome nas taboletas, rotulos, etc. Era sua opinião que o pharmaceutico não podia declinar no proprietario da pharmacia a aparente responsabilidade, que envolvia a indicação do nome d'elle no rotulo, taboleta, etc., etc., parecendo-lhe, portanto, producentes, os desejos do sr. Pessoa, em-

bora o parecer da commissão seja omisso a tal respeito, não instruindo mesmo a *sociedade* com a lettra da legislação que o sr. relator considerava applicavel ao caso.

Fez ainda outra ordem de considerações, terminando por declarar que, no estado actual da sociedade portugueza, ha de ser difficil, para não dizer impossivel, extirpar os cancos da pharmacia.

O sr. *Mattos Miranda* manifestou a opinião de que, no proprio diploma de pharmaceutico está a garantia de só elle poder exercer legalmente a pharmacia.

Respondendo ao sr. Sousa Telles, na parte em que este criticou o *parecer* por se referir desfavoravelmente aos que exercem a homœopathia, disse que as pharmacias homœopathas estão fazendo grande prejuizo ás allopathicas á sombra da tolerancia das auctoridades, dando-se de mais a mais a circumstancia de ellas não cumprirem as obrigações, que as leis de saude impõem a todas as pharmacias.

Precisava tambem chamar a attenção da *sociedade* para um ponto que merecia ser apreciado detidamente, pela importancia que tinha. Todos sabiam que as escolas medicas estavam accetando o tempo de pratica passada pelos alumnos pharmaceuticos nas pharmacias homœopathicas, o que lhe parecia contrario á lei, além dos pessimos resultados que se lhe seguiam, porque tal pratica não dava os conhecimentos de que elles precisavam para o regular desempenho da profissão. Se a lei não reconhecia a homœopathia, que era simplesmente tolerada, tambem as escolas não podiam nem deviam acceitar participações de pratica passadas pelos pharmaceuticos homœopathas.

O sr. *Mendes* disse que na lei de saude de 1868 havia artigos que prohibiam aos individuos, não pharmaceuticos, pôr nas taboletas, rotulos, etc., os seus nomes. Citou entre outros o artigo 73.º, que leu. Na sua opinião a lettra d'este artigo é hem expressa a tal respeito, por isso dera o seu voto, na commissão, á proposta do sr. Pessoa.

Que o sr. *Fragoso* tinha querido fazer distincção entre

pharmaceuticos proprietarios, e administradores de pharmacia, acobertando-se para isso com a lei, mas elle devia dizer que tal distincção não encontrou por mais que percorresse os artigos da lei de 1868, que tinha presente.

Referindo-se ás pharmacias homœopathas, mostrou-se favoravel á opinião do sr. Miranda, citando diversos abusos, que se commettem n'estas casas, onde não havia nem *regimento de preços*, nem os medicamentos que por lei todas as pharmacias são obrigadas a ter. Que as *parceiras* entre medicos e *pharmaceuticos*, condemnadas pela lei e condemnadas tambem pela razão, ostentavam-se publicamente na capital, entre medicos e pharmaceuticos homœopathas. Havia até medicos homœopathas que eram os proprietarios das pharmacias, como elle viu na lista do gremio dos pharmaceuticos, e como era publico, citando as casas, que estavam n'estas condições.

Como a hora estivesse adiantada, encerrou-se a sessão sobre o discurso do sr. Mendes, tendo este ainda feito referencias desagradaveis aos pharmaceuticos que davam o seu nome para *cobrir* certas pharmacias, no que praticavam um grande mal, que ia affectar os legitimos interesses dos pharmaceuticos legalmente habilitados.

O sr. *presidente* deu para ordem da noite da sessão seguinte, propostas e a continuação da discussão do parecer. — O 2.º secretario, *Mattos Miranda*.

PHARMACIA

Incompatibilidade da antipyrina e do salicylato de soda estremes

O sr. P. Vigier verificou que quando se mistoram dois solutos de antipyrina e de salicylato de soda, o producto se conserva trasparente indefinidamente, sem que entre os dois corpos se descubra alguma reacção apparente.

Quando, pelo contrario, se faz a mistura dos dois corpos no estado solido, forma-se no fim de algumas horas um corpo oleoso, que mancha o papel. A mistura torna-se pastosa e alcalina, enquanto o soluto, de que já fallámos, é ligeiramente acido.

D.

Ensaio das quinas

(EXTRACTO)

M. Landrin dedicou-se a uma serie d'experiencias tendentes a pesquisar as quinas por meio dos diversos vehiculos usados para este fim; os ensaios foram feitos com agua fervente, alcool e agua acidulada com acido chorhydico, na *quina succirubra*.

Antes d'indicar os resultados obtidos, M. Landrin fez conhecer o processo que empregou para determinar a riqueza em alcaloides da quina a ensaiar, processo de que faz uso diariamente para o ensaio das quinas.

Toma 300 grammas de quina, reduzida a pó grosso pela peneira n.º 40; d'outra parte, prepara um leite de cal com 75 grammas de cal caustica, e junta a este leite de cal 75 grammas de soda caustica liquida a 4º Baumé ¹ e um litro d'agua; depois, lança a quina n'esta mistura, de maneira a obter uma massa homogenea; junta uma porção d'agua, se a mistura está muito espessa.

Feita a mistura, lança sobre a quina dois litros d'oleo de schisto; leva á temperatura de 100º por espaço de vinte minutos, agitando constantemente; decanta e substitue o oleo decantado por outros dois litros d'oleo; aquece como precedentemente e decanta. O primeiro liquido contem pouco mais ou menos os nove decimos dos alcaloides da quina; o segundo contem o ultimo decimo; é inutil uma terceira lavagem, porque a quina se pôde considerar como pouco mais ou menos completamente lixiviada.

¹M. Landrin liga uma grande importancia á mistura dos dois alcalis para pôr em liberdade os alcaloides das quinas.

Os quatro litros d'oleo de schisto quente são reunidos e lavados por duas vezes differentes por uma mistura de 150 centimetros cubicos d'agua e 75 centimetros cubicos d'agua acidulada com acido sulfurico ao decimo; cada lavagem dura dez minutos, e, depois de cada tratamento, M. Landrin decanta. Renova a mesma operação por terceira vez, mas com uma quantidade duas vezes menor que o liquido acidulado.

Reune os dois primeiros liquidos, que neutralisa, á ebullição, com ammoniaco, a fim de separar as resinas; o terceiro liquido serve para lavar o filtro.

Pelo resfriamento, os sulfatos alcaloidicos crystallisam em grande parte (pouco mais ou menos os nove decimos); separam-se por filtração, e M. Landrin precipita em seguida pela soda caustica os alcaloides existentes nas aguas mães. Estes alcaloides, seccos, são tratados pela agua acidulada com acido sulfurico, em quantidade sufficiente para os dissolver sem acidificar o liquido. Finalmente pesam-se os sulfatos.

Operando d'este modo, M. Landrin verificou que a *quina succirubra* continha por um kilogramma:

Alcaloides.....	75 gram.	92
Saes crystallisaveis.....	51 »	83
Sulfato de quinina.....	21 »	27

Tratou pela agua fervente, até completa lixiviação, um kilogramma d'esta quina; depois de secco o residuo, pesou e analysou. O residuo pesava 560 grammas e continha 11^{gr},50 d'alcaloides, dos quaes 8^{gr},34 de saes crystallisaveis e 3^{gr},12 de sulfato de quinina.

O extracto aquoso, secco, pesava 340 gram. e continha 64^{gr},42 d'alcaloides, dos quaes 43^{gr},49 de saes crystallisaveis e 15^{gr},85 de sulfato de quinina.

O kilogramma da quina analysada continha:

Materias insoluveis.....	560 gram.
Materias extractivas soluveis.....	340 »
Agua.....	100 »

Total..... 1:000 gram.

O mesmo tratamento foi practicado com alcool e com agua acidulada com acido chlorhydrico; os resultados foram os seguintes :

	Tratamento pelo alcool	Tratamento pela agua acidulada
Materias insolueis..	575 gram.	640 gram.
Mat. extract. soluv..	325 »	260 »
Agua.....	100 »	100 »
Total...	1:000 gram.	1:000 gram.

A quantidade de alcaloides da parte insoluel e da parte soluel, encontra-se indicada na seguinte tabella :

	Tratamento pelo alcool			Tratamento pela agua acidulada		
	Alcaloides totaes	Saes cristallisa-veis	Sulfato de quinina	Alcaloides totaes	Saes cristallisa-veis	Sulfato de quinina
Parte insolu-vel.....	9 gr. 95	6 gr. 12	3 gr. 00	17 gr. 24	12 gr. 22	7 gr. 39
Parte soluel	65 gr. 97	45 gr. 71	18 gr. 27	58 gr. 68	39 gr. 61	13 gr. 88

Resulta, d'estas experiencias, que a agua rouba á quina a maior parte dos principios que ella contém. *Á priori*, este resultado parece extraordinario; mas é preciso considerar que as pesquisas de M. Landrin foram feitas na *Q. succirubra* e que o resultado póde talvez ser differente operando em outra variedade de quinas.

O alcool rouba sensivelmente á quina a mesma quantidade de principios extractivos e alcaloides que a agua acidulada com acido chlorhydrico; a agua tira menos alcaloides, dá menos extracto. Pelo contrario, este ultimo processo de lixiviação apresenta mais vantagens: a de exigir menos liquido que os outros methodos, e a de produzir um extracto mais soluel na agua e de sabor mais franco.

CHIMICA

O resorcinol na pesquisa dos nitratos

O sr. Lindo mistura a meio centim. cubico de soluto de nitrato, uma gotta de acido chlorhydrico, uma gotta de soluto de resorcinol (a $\frac{10}{100}$) e dois centim. cubicos de acido sulfurico.

A reacção colorida observa-se por opposição sobre uma superficie branca. A presença do acido nitrico descobre-se por uma côr de purpura, perceptivel ainda a uma diluição de 1 por 500,000. A 1 por 20,000 o colorido é por fôrma que não se pôde reconhecer bem, senão na parte superior do liquido.

(Reportoire de pharm.)

Ensaio do azeite que se suppõe falsificado pelo oleo de algodão

PELO SR. HIRSCHSOHN

Verte-se em um tubo de ensaio 3 a 5 centim. cubicos do oleo suspeito; junta-se-lhe 6 a 10 gottas de um soluto de chloreto de ouro em chloroformio (1 gramma para 2 centim. cubicos); mergulha-se o tubo em agua a ferver por espaço de 15 a 20 minutos.

Quando a percentagem do oleo de algodão no azeite é de $\frac{1}{100}$, depois de 15 minutos de aquecimento o liquido apresenta-se cor de rosa, que passa a violeta desmaiada ao fim de 20 minutos.

Quando a mistura dos oleos attinge a proporção de $\frac{5}{100}$ a cor rosada apparece no fim de 5 minutos, e observa-se, passados 20 minutos, uma côr de vermelho-framboesa com reflexo azulado.

Nenhum outro oleo apresenta estas cores; alguns, como o de linhaça, de ricino, de amendoim, reduzem o chloreto de ouro, que se deposita no estado de pó metallico.

A pesquisa do oleo de algodão em mistura com outros oleos não dá o mesmo resultado com este processo, ainda mesmo na proporção de 20 por 100.

D.

TOXICOLOGIA

Sobre o envenenamento pelo acido oxalico; pesquisas toxicologicas

PELO SR. RUSSO-GILIBERTI

No envenenamento agudo pelo acido oxalico, o sangue, a urina, e os rins, contem um elemento precioso de diagnostico, que consiste na presença de numerosos cristaes de oxalato de cal no sangue, de um sedimento abundante de oxalato na urina, e, enfim, na obstrucção dos canaliculos uriniferos por cristaes da mesma natureza.

Estas alteraçõs do sangue, dos rins, e da urina, que se póde considerar como pathognomonicas do envenenamento oxalico, persistem mesmo em um estado de putrefacção adiantada, e permitem ao perito o pronunciar-se affirmativamente muitos mezes depois do acontecimento.

O oxalato de cal que póde achar-se na urina, nas condições normaes (ou elle provenha dos alimentos ou dos medicamentos) ou nas condições morbidas (oxaluria), não permite erro de diagnostico.

Fóra dos casos de envenenamento não se observa a obstrucção dos canaliculos uriniferos; os cristaes contidos no sangue são mui pouco numerosos; e a urina, quando muito, offerece um deposito cristallino insignificante, em comparação do precipitado que se encontra no caso de intoxicacção. Além d'isso, no envenenamento, entre as fórmas cristallinas do oxalato, são os agrupamentos em que predominam muito, em quanto que em qualquer outra circumstancia o octaedro é a fórma ordinaria.

Que o perito se não illuda pela presença de cristaes de oxalato calcareo provenientes da putrefacção de substancias

organicas, da vegetação de algumas mucedineas, de substancias animaes. Com effeito, em todos estes casos os cristaes são constantemente octaedricos; além d'isso, são pouco numerosos na putrefacção e, seja qual for a sua abundancia na pululação dos bolores, a sua producção é sempre limitada á parte invadida nos cogomellos.

Sobre a oxaluria

PELO SR. PETTERUTTI

O acido oxalico das urinas forma-se á custa dos alimentos albuminoides, pelo menos tantas vezes como á custa dos alimentos azotados. Fóra do organismo não se fórma mais acido oxalico na urina, á custa do acido urico, mas, muitas vezes o oxalato de cal da urina não se precipita todo,—ou tão sómente por incompleto, ou mui lentamente.

Seja qual fôr o regimen, o acido oxalico apparece nas urinas, exclusivamente, ou na sua maior parte, durante os periodos digestivos; por isso é que a urina da manhã contem muito menos acido, quando o contem, do que a urina da tarde.

A dieta de carne não supprime a oxaluria, ao contrario do que pensa Cantani e outros. A administração do carbonato de cal favorece o apparecimento do acido oxalico nas urinas, enquanto o bicarbonato de soda produz o effeito contrario.

A' frente das doenças em que se encontra a oxaluria está o catarrho gastro-intestinal chronico (36 por 10); seguem-se depois as doenças do systema nervoso central, que se complicam com perturbações digestivas; a diabete, que precede sempre e jámais segue a oxaluria; as affecções thoracicas, nas quaes a respiração é insufficiente.

Apenas se conhece um symptoma da oxaluria, quasi sempre constante—as perturbações da digestão estomacal. A lombalgia, que o sr. Petterutti tem observado algumas

vezes, é devida, segundo elle, a calculos renaes. Quanto aos phenomenos que predominam a maior parte das vezes, são a consequencia das perturbações digestivas. A forunculose, que o sr. Petterutti apenas tem notado duas vezes, não lhe parece estar em relação directa com a oxaluria. Em summa, não ha symptoma caracteristico da oxaluria, senão o apparecimento do acido oxalico nas urinas.

A divisão da oxaluria em physiologica e morbida não se justifica, por isso que, em muitos individuos, não se encontra acido oxalico nas urinas. A unica classificação, util na pratica, consiste em admittir uma oxaluria manifesta e outra latente, conforme o acido oxalico se precipita espontaneamente, ou não. A primeira fórma é a mais importante, em vista da unica consequencia prejudicial da oxaluria—a formação de calculos urinarios de oxalato.

O auctor não admittê na oxaluria, não vê n'esta doença os resultados de uma alteração especial da nutrição; para elle, a oxaluria é tão sómente occasionada pela diminuição das oxidações normaes, nem deve ser considerada como uma doença propriamente dita, e é a maior parte das vezes o symptoma de um catharro chronico do estomago e do intestino.

Finalmente o sr. Petterutti preconisa o acido phosphorico como tratamento, porque o phosphato acido de soda mantem o acido oxalico em solução na urina.

(Do Report. de Pharm.)

da Ordem dos Farmacêuticos

FORMULARIO

Maneira de disfarçar o amargor da quinina

O dr. Hugo Engel recommenda a preparação seguinte.

Sulfato de quinina	1 parte
Chlorhydrato de ammoniaco.....	4 »
Alcaçus	4 »

Misture as duas ultimas substancias, previamente reduzidas a pó, incorpore-lhes o sal de quinina e faça electuario com xarope ou mel.

(Mon. th.)

Emprego da exalgina (G. BARDET)

A exalgina é pouco soluvel na agua fria, mais na agua quente, muito soluvel na agua ligeiramente alcoolisada.

Eis uma formula de poção :

Exalgina.....	2 ^{sr} ,50
Alcoolato de hortelã.....	15

Dissolva e junte :

Xarope.....	30 gram.
Agua.....	105 »

Cada colher contem 25 centigr. Dóse 1 a 3 colheres nas 24 horas.

(Nouv. rem.)

Suppositorios, de Eckstein

SUPPOSITORIOS PELA GLYCERINA

Segundo o auctor, obtem-se um preparado superior ao de todas as formulas até hoje conhecidas, pelo modo seguinte:

Glycerina.....	100 gram.
Sabão.....	10 »
Stearoleo de cacão.....	50 »

Dissolve-se o sabão na glycerina a b-m. e junta-se o stearoleo; depois de fusão, agita-se convenientemente, até chegar á consistencia propria para moldar em papel.

D.

VARIEDADES

Irmãs de caridade condemnadas pelo tribunal de Florac, por exercicio illegal da pharmacia.—A irmã Cesarina, por ter aberto uma pharmacia em Ispagnac, sem diploma, foi condemnada em 500 francos para o estado, e mais nas custas do processo (instaurado pelo sindicato dos pharmaceuticos da Loreze) registo e extracto do julgamento etc.; e a fechar o estabelecimento.

O tribunal correccional de Lyão, em 7 de janeiro ultimo, tambem condemnou a sr.^a Drivon, em religião irmã Petronilha, em 500 francos, por se occupar especialmente da direcção de uma pharmacia, muito conhecida na cidade desde longa data, installada em um convento das irmãs de S. Carlos, e que, embora se não denunciasse ao publico por algum signal exterior, auferia ainda assim muito bons lucros. O sr. Descombes, pharmaceutico, que cobria a pharmacia (la Pharmacie des Quatres-Chapeaux) teve a mesma pena. O tribunal ordenou mais: que a pharmacia fosse fechada; que os réos pagassem solidariamente ao sindicato dos pharmaceuticos de Lyão (promotor do processo) a quantia de 100 francos a titulo de indemnisação.

Por cá vive-se no melhor dos mundos possiveis.

O filho de um pharmaceutico condemnado por exercer a profissão illegalmente.—Tendo fallecido em Gontaud (Lot et-Garonne) o sr. M. A., pharmaceutico da localidade, a viuva e o filho conservaram a pharmacia aberta durante o anno seguinte, segundo a lei regulamentar; passado esse praso, foram intimados a fechar o estabelecimento, em vista da reclamação feita á auctoridade pelo pharmaceutico que depois do fallecimento do sr. M. A. se tinha estabelecido ali. Como não attendessem a intimação, foram condemnados em 500 francos e a fechar a pharmacia.

Isto passa-se na França republicana.

Condemnação, em Paris, de cooperativas que distribuíam medicamentos a seus membros.—Os *Archives de pharmacie*, deram conta da condemnação inflingida em 17 de setembro de 1887, pelo tribunal do Senna, e em 24 de novembro seguinte pelo supremo tribunal de Paris, á *Revendication*, de Puteaux, que distribuía medicamentos a seus membros.

O tribunal do Senna acaba de confirmar esta jurisprudencia, condemnando em 10 de maio ultimo mais duas sociedades a *Egalitaire* e a *Bellevilloise*, incursas no mesmo delicto.

Acção salutar dos perfumes.—O *Pharmacista Italiano* dá-nos conta da opinião (para nós demasiado optimista) do sr. Ungerer a respeito da influencia do perfume das flores sobre o organismo.

Segundo o auctor, os perfumes constituem um agente therapeutico de primeira ordem. A habitação em uma atmosphera perfumada preserva das affecções pulmonares e retarda o desenvolvimento da tísica. Sete individuos, sujeitos a este tratamento odorifero, recobriram rapidamente a saude, depois de já terem sido unanimemente condemnados.

O sr. Ungerer cita, em apoio da sua these, a cidade de Grasse, onde a tísica é rara, e attribue esta quasi immuni-
dade que ali se desfructa, aos vapores aromaticos que se exhalam das fabricas de distillação.

Se a doutrina do sr. Ungerer é verdadeira, parabens aos perfumistas. D.

Errata.—No numero anterior o artigo de form. sobre *pediculi pubis* saiu truncado. Acrescente-se-lhe o seguinte:

Applica-se por meio de uma esponja, friccionando as partes a tratar.

O simples emprego do pó é menos energico do que a tintura, e mais difficil de applicar.

A tintura póde ainda ser aproveitada para a destruição dos insectos, que invadem as aves de pequeno talhe; para isso dilue-se em agua, e emprega-se a mistura em pulverisações.

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 7 DE MAIO DE 1889.—Presidencia do sr. DRAGK

O sr. presidente abriu a sessão ás 9 horas da noute.

Não estando presente o sr. 2.º secretario, foi convidado a substituil-o o socio Mattos Miranda.

Foram lidas e approvadas as actas das sessões de 26 de março e 9 de abril.

O sr. 1.º *secretario* (Emilio Fragoso) deu conta da correspondencia, entre a qual figurava um officio do sr. 2.º secretario, em que este socio expunha as rasões porque não podia assistir á sessão, e pedia tambem para ser substituido, visto a sua ausencia se prolongar por algum tempo.

O sr. dr. *Alves* declarou que tencionava retirar-se do reino por alguns mezes, offerecendo os seus serviços á sociedade nos paizes que percorresse, o que foi objecto de especial agradecimento da parte do sr. presidente.

ORDEM DA NOITE

Continuação da discussão do parecer sobre as propostas dos srs. Mendes e Pessoa

O sr. *Silva Michado*, relator, enviou para a mesa as propostas dos socios Mendes e Pessoa, visto ellas não terem sido transcriptas no parecer, o que tinha sido objecto de critica.

Fallaram de novo em defeza do *parecer* os srs. Pessoa, Mendes e o sr. relator, e contra, o sr. 1.º secretario.

O sr. *Coelho de Jesus* declarou que lhe parecia que o grande mal para a classe não era o facto de alguns individuos terem pharmacia, apesar de não serem diplomados. N'isto estava de accôrdo com o sr. 1.º secretario, assim como tambem concordava com elle, quando dizia que qualquer individuo, perante a lei, pôde ser proprietario

d'uma pharmacia. Fez varias considerações sobre o assumpto, mostrando-se partidario dos que sustentam que nas leis actuaes temos remedio para todos os males.

O sr. dr. *Alves* fallou largamente sobre a questão, mostrando-se favoravel á idéa dos que sustentam que nas drogarias é que está o grande mal para a classe.

A proposito narrou um caso curiosissimo, acontecido com elle havia poucos mezes, e que attestava bem os meios de que se estavam servindo os droguistas para explorar o publico.

O caso foi o seguinte:

Tinha-lhe ido parar ás mãos uma carta da provincia, subscriptada para *Joaquim José Alves*, nome igual ao seu. Abriu-a, e qual não foi o seu espanto quando de dentro lhe saem umas estampilhas no valor de 300 réis, acompanhando-as uma carta, em que lhe pediam que comprasse uma caixa de *pomada lusitana* e a remetesse para, se o *attestado* que elle passava, exaltando as virtudes de tal pomada, podia merecer confiança.

Intrigou-o bastante tal pedido, o que o levou a proceder a indagações, que lhe deram a saber que effectivamente havia um outro individuo de nome igual ao seu, e que era elle quem abonava as milagrosas virtudes da pomada vendida pelo droguista. Procurou-o e foi dar com um pobre velho, cego, pedinte, que declarou ter dado o seu nome, porque lhe deram uns vintens! E era com attestados d'estes e outros d'egual natureza que se faziam vergonhosos reclames com o fim de enganar o publico.

O sr. *Silva Machado*, relator, propoz que a sociedade consultasse um advogado para este dar opinião sobre o seguinte quesito: os individuos não diplomados, podem ser proprietarios de pharmacias?

Eram 11 horas da noite encerrou-se a sessão, ficando ainda o assumpto pendente.—Pelo 2.º secretario, *Mattos Miranda*.

SESSÃO DE 11 DE JUNHO DE 1889.—Presidencia do sr. SILVA MACHADO
2.º vice-presidente

O sr. presidente abriu a sessão ás 9 horas da noute.

Não estando presente o sr. 2.º secretario, foi convidado a substituil-o o socio Mattos Miranda.

O sr. *Silva Machado* declarou que, sendo a sessão de hoje a primeira em que a sociedade se reunia apoz o fallecimento do socio benemerito o sr. Manuel Vicente de Jesus, cumpria-lhe deixar consignado o sentimento de que estava possuido por tamanha perda.

Tão prestimoso como era o fallecido, cuja intelligencia se avigorou com o estudo e trabalho aturado, foi realmente sentida a sua morte pela classe pharmaceutica, que ia assim, a pouco e pouco, perdendo os homens que mais a ennobreciam e a levantaram na consideração publica.

Em signal de sentimento convidava a assembléa a levantar a sessão, transmittindo-se ao illustre filbo do fallecido, nosso consocio, e á inconsolavel viuva, tal resolução, que considerava como uma demonstração publica do altissimo valor em que a sociedade tinha a pessoa do illustre pharmaceutico.

O sr. *Fernandes Pessoa* pediu que se consignasse, em especial, na acta, que elle se associava ao voto de sentimento da sociedade.

Cumpria-lhe consignar esta declaração, por isso que tinha pelo fallecido o maior respeito e consideração, sendo-lhe até devedor de muitas finezas. Se, em tempo — por informações erradas, destituídas de fundamento — o socio fallecido se tinha julgado aggravado, attribuindo-lhe um procedimento que não existiu, nem por isso era menos o seu sentimento perante a perda de tão prestante collega.

Consultada a assembléa sobre a proposta do sr. 2.º vice presidente, foi unanimemente approvada, levantando-se em seguida a sessão.—Pelo 2.º secretario, *Mattos Miranda*.

PHARMACIA

Pesquisa do acido tartrico no acido citrico

M. Salzer inventou um methodo novo para reconhecer os diferentes acidos organicos por meio dos oxidantes. Quando se cõra de amarello um soluto de acido citrico com uma gotta de chromato amarello de potassa, a cõr mantem-se por muitos dias á temperatura ordinaria, mesmo depois de juntar-se-lhe algumas gottas de acido sulfurico. Um soluto de acido tartrico transformarã n'estas condições o sal amarello em sal de oxido de chromio violeta. Se a experiencia se prolonga por algumas horas, pode-se constatar até $\frac{1}{2}/100$ de acido tartrico no acido citrico.

O permanganato de potassa tambem reage de modo diferente sobre os dois acidos.

Um soluto de 0,5^{gr} de soda em 20^{cc} de agua, á qual se junta 0,1^{gr} de acido citrico e uma gotta de permanganato de potassa ($\frac{1}{500}$) conserva a cõr por todo o tempo que se lhe não junte acido tartrico. Depois de termos empregado nas mesmas condições 0,1^{gr} de acido tartrico percebe-se logo uma mudança de cõr, e, passados 5 a 10 minutos, a cõr desaparece.

Algodão hydrophilo

E' o algodão cardado e privado das substancias gordas e resinosas, que o acompanham.

Para se obter, procede-se do modo seguinte: emerge-se em agua fervendo, e levemente alcalina pela adição da potassa ou da soda; expreme-se. Submette-se a um banho de um soluto de chloreto de calcio a 5 0/0; expreme-se, lava-se em agua pura e emerge-se depois em um banho d'agua acidulada pelo acido chlorhydrico. Lava-se novamente com agua pura e secca-se ao ar.

Assim tratado, absorve a agua com a maior facilidade, e

serve muito bem como filtro para pequenas quantidades de liquido.

Administração do oleo de figado de bacalhau

O sr. Seig, para disfarçar o mau gosto e mau cheiro do oleo de figado de bacalhau, communicando-lhe o cheiro da carne defumada, propõe a formula seguinte:

Oleo de figado de bacalhau.....	2000 gram.
Creosota.....	2,50 »
Saccharina.....	0,16 »

Camphora em pó

O sr. Eglaud diz ter conseguido a conservação da camphora em pó, juntando-lhe 5 % de parafina no acto de a pulverisar e guardando-a bem secca.

D.

CHIMICA

Pesquisa do alumen no pão

Humedece-se fragmentos de pão com um infuso, recente e expressamente preparado, de pao Lima, ou com um soluto de alisarina na proporção de 1 por 100 de alcool. Se o pão tem alumen toma a cor vermelha.

D.

(*Chemiker Zeitung*)

TOXICOLOGIA

Pesquisa toxicologica do mercurio; sua pesquisa na urina

PELO SR. LUDWIG

O professor Ludwig propõe o processo seguinte para a pesquisa do mercurio na urina: acidula-se a urina com

acido chlorhydrico e junta-se-lhe depois pó de zinco, que precipita o mercurio; o precipitado é lavado e secco; em seguida o mercurio é separado por distillação debaixo de uma corrente de ar. Por este processo pôde achar-se 97 a 98 por 100 de mercurio contido na urina.

Nos casos toxicologicos, a determinação da presença do mercurio nos órgãos offerece mais difficuldades. Constatando que as massas amarellas que se formam na destruição da materia organica por meio do chlorato de potassa e do acido chlorhydrico retém quasi 40 por cento do mercurio contido nos órgãos, o professor Ludwig modificou o processo pelo modo seguinte: faz-se ferver os órgãos durante muitas horas com acido azotico, para favorecer a oxidação das materias albuminoides; quando a massa está transformada em caldo, introduz-se em um matraz (ligado a um refrigerante) cheio de acido chlorhydrico medianamente concentrado, e aquece-se por tres ou quatro horas, agitando; deixa-se arrefecer e junta-se-lhe pequena porção de chlorato de potassa; filtra-se para separar o precipitado insolúvel, que se produz, e junta-se então o zinco em pó; agita-se por um minuto, deixa-se depôr e aquece-se novamente até 50 ou 60 graos, tendo o cuidado de agitar o matraz para obter a precipitação completa do mercurio; passado um dia de repouso, faz-se nova adicção de zinco em pó em pequena quantidade, e opera-se como antecedentemente; decanta-se de novo o soluto, reúnem-se os precipitados sobre um filtro, lavam-se e seccam-se debaixo de uma corrente de ar. Para separar o mercurio do amalga de zinco, toma-se um tubo curvado em U em uma de suas extremidades, no qual se introduz primeiramente um pouco de amianto, depois uma camada de cal, a seguir uma camada de oxido de cobre, e emfim o amalga.

A parte curva do tubo, que serve de forno, é mantida fria por meio de agua; leva-se ao rubro a cal, depois o oxido, e por ultimo o amalga, tendo cuidado de deixar circular o ar no tubo durante a operação toda. O mercu-

rio apparece debaixo da fórma de pequenas espheras na parte do tubo frio.

Obtem-se assim 97 a 98 por 100 do mercurio contido nos orgãos.

O sr. Ludwig tem constatado que o mercurio se localisa principalmente no figado, e sobretudo nos rins. Pouco se encontra na bilis, no cerebro e nos ossos. D.

(Report. de Pharm.)

HISTORIA NATURAL — BOTÁNICA

Excerpto de «Os climas e as produções, das terras de Malange á Lunda.»

POR SESINANDO MARQUES
SUB-CHEFE DA EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATA-IANVO

«*Mabolle, maboque, ou mohungo* dos gingas. *Loganeaceas* que habitam nas mattas e prados, de porte regular, e tronco cylindrico, ordinariamente tortuoso e muito ramificado, que me parece ser uma especie muito proxima da *Strychnos columbrina*. — As folbas são simples, oppostas e alternas, sem estipulas, espessas, ovaes-apiculadas, verde-lustrosas, curtamente peioladas, com 0^m,05 a 0^m,07 de comprimento por 0^m,03 a 0^m,04 de largura. As flores, são

Por falta de espaço não podemos dar ainda na secção competente uma noticia, ainda que breve, de um trabalho importante do nosso illustre collega e amigo, o sr. Sesinando Marques, o qual, fazendo parte da expedição ao Muata-Ianvo, na Africa occidental, tomou o encargo do estudo da parte historico-natural, além do estudo de outros assumptos.

Desejamos, porém, desde já informar os leitores de algumas das innumerables riquezas que se acham dispersas, e muitas completamente desconhecidas ou mal estudadas, que se acham dispersas, dizemos, pelas nossas extensas e feracissimas provincias do ultramar e sobre uma parte das quaes recaiu a attenção do illustre explorador.

Assim, respigaremos do seu interessante trabalho a parte que mais directamente pôde interessar os nossos collegas, e por onde poderão ver quão importante é o manancial de preciosidades, que aquella possessão offerece ao estudo das artes, das sciencias e das industrias.

Repetiremos apenas a descripção dos individuos botanicos das terras de Malange os quaes por alguma das suas partes offereçam interesse á medicina, deixando ao leitor mais curioso a faculdade de ler o original, se desejar conhecimentos mais vastos sobre a nossa flora da região percorrida pela expedição.

Nona serie. — Anno de 1889.

dispostas em pequenos grupos axillares, ou nos troncos por baixo das folhas, hermaphroditas, completas, regulares, brancas e miudas.

Os fructos, quando maduros, são bagas amarellas, esphericas, grandes, parecidas com as laranjas, de casca coriacea e meso-carpo fibroso, succolento, amarello, molle, de sabor levemente acidoce, com um grande numero de sementes castanhas, irregulares, pelo tamanho de uma lentilha com o albumen corneo e cinzento-claro. — São comestiveis, e dão-lhe tambem o nome de «laranjas do mato».

Ca-bolle. Estas *loganiaceas*, se não são uma variedade das mesmas — *maboque* — são uma especie muito proxima. Vivem nos mesmos terrenos, mesmas condições, e têm o mesmo porte; differem no entanto das primeiras, nas folhas, que são pouco mais pequenas, no fructo, que tem menores dimensões, na inflorescencia, que é terminal e em fórma de pequena umbella, e na semente, que é mais chata, mais circular e pelo tamanho de um tremoço. — Os fructos são tambem comestiveis, mas dizem ser indigestos e fazerem mal comidos em excesso.

Mulolo. *Bauhinia reticulata*, D. Candolle. Pequenas arvores, muito irregulares, de troncos mais ou menos contorcidos, cylindricos, curtos, ramificados, com a camada cortical muito fendida, abundante em seiva viscosa, poderosamente adstringente, com o liber muito espesso, fibroso, e côr de rosa. Habitam nas matas, são um tanto copadas e a sua altura é de 3 a 6 metros.

Folhas simples, alternas, estipuladas, pecioladas, coriáceas, espessas, caducas, glabras, verde-lustrosas na pagina superior, cordiformes, bi-acuminadas, similhando duas folhas unidas por uma das margens.

Flores em espigas, oppostas ás folhas, completas, irregulares, poly-petalas, levemente rosadas, aromaticas, com o calice curtamente tubuloso, e irregularmente pentalobado.

Os fructos são vagens de 0^m,004 de espessura, 0^m,05 a 0^m,06 de largura, e 0^m,015 a 0^m,25 de comprimento, le-

nhosas, mais ou menos contorcidas e algumas vezes estranguladas com sementes cõr de castanha, muito lustrosas, rijas, pouco mais pequenas que tremoços e com a mesma configuração.

Os indigenas dão-lhe varias applicações; debaixo do ponto de vista therapeutico, com as sementes e cascas das raizes seccas em pó, ou verdes no estado de pasta, tratam as ulceras e obtêm bellos curativos, e com o succo da mesma casca tratam internamente os doentes de maculo, do que contam curas maravilhosas; porém como ao mesmo tempo empregam topicos locaes, e alguns de propriedades escaroticas, fica-nos o direito de duvidar se os bons resultados são provenientes d'aquelle, se d'este medicamento ou se finalmente da promiscuidade dos dois.

Na qualidade de producto industrial, os abamquistas usam as cascas dos troncos juntas com as da *panda*, contundidas, como cortume, á falta de outras mais usuaes, que de preferencia empregam.

Canhe Ngilla ou *cafufula* dos lundas, Arvores que vivem nas mattas, copadas, ramosas, que attingem a altura de $\frac{1}{2}$ a 6 metros, de troncos mais ou menos cylindricos, ordinariamente tortuosos e com o diametro de $0^m, 10$ a $0^m, 15$. É grande a area da sua distribuição geographica.

Folhas inteiras, simples, lisas, estipuladas, curtamente pecioladas, alternas, um tanto pubescentes, flexiveis, espessas, offerecendo ao tacto a impressão do feltro, ellipticas, um tanto acuminadas para o apice, medindo as maiores $0^m, 13$ de comprimento, por $0^m, 065$ de largura.

Flores muito miudas em amentilhos dispersos, do comprimento de $0^m, 06$ $0^m, 10$, e grossura de uma penna de ganso; são apetalas, gamo-sepalas, com tres estames livres curtos, erectos com antheras escarlates bi-lobadas e pistillo rente. Os fructos são bagas esphericas pelo tamanbo de pimentas, que, segundo o estado de maturidade podem ser verdes, amarellas, vermelhas ou roxas e finalmente negras, com o meso-carpo carnoso e abundante em succo de bonita cõr de vinho, doce e agradável, contendo uma pequena se-

mente um tanto orbicular sulcada de rugas, parecendo facetada.

Os indigenas da Lunda e Congo têm as raizes d'esta planta na conta de poderoso anthelmintico.

Consta-me ser muito vulgar nos prados de Ambaca, em a nossa provincia de Angola, onde tem a nome do *munango lundo*. A sua madeira é branca, rija, boa para carpinteria.

Gighia. Creio ser o *Parinarium capense* de Harw. Arvore robustissima que attinge 25 a 30 metros de altura, cuja copa muito ramosa cobre uma superficie de 18 metros de diametro; tem o tronco cylindrico; erecto, de casca bastante fendida, e chega a ter a circumferencia de 4 ou 5 metros.

As folhas são compostas e têm geralmente oito foliolos alternos, oblongos, peciolados, coriáceos, com a parte superior do limbo verde lustroso, e a inferior revestida de ligeiros pellos esbranquiçados os antigos, e os mais novos são pubescentes, côr de canella na parte superior e acinzentados quasi brancos na inferior, medindo os maiores 0,^m41 de comprimento por 0,^m04 de largura. Inflorescencia em espigas terminaes.

Flores hermaphroditas, completas, regulares, muito miudas com cinco petalas brancas, e seis ou oito escames fer-teis e deseguaes. Fructos drupas amarelladas pelo tamanho de pequenos marmellos, muito aromaticas, de peri-carpo rude ao tacto, meso-carpo branco-esverdinhado, molle, pouco espesso, saboroso, contendo um endo-carpo duro. Encontra-se a mesma especie no estado arbustivo, com a tige pouco mais grossa que uma penna de gallinha, produzindo eguaes fructos um pouco mais pequenos. A madeira é boa para construcção e seus fructos são comestiveis e ás vezes empregados em bebidas fermentadas.

Muxillo-Xillo. *Vitex* sp. «especie proxima, se não identica ao *vitex cuneata*¹». *Verbenaceas* elegantes e robustas

¹ Sr. Conde de Ficalho, Plantas uteis da Africa Portugueza.

de tronco cylindrico e erecto, que habitam nas mattas e prados, e florescem em agosto e setembro.

Folhas oppostas, alternas, longamente pecioladas, compostas de cinco foliolos ob-ovaes, inseridos sobre um peciolo commum, dispostas em semicirculo; são verdes, asperas, glabras, coriáceas, e maiores que a palma da mão. Tem flores roxas, inodoras, hermaphroditas, completas e irregulares.

Seus fructos, do tamanho de azeitonas, são oblongos, mono-spermos, negros-luzidios, muito oleoginosos e comestiveis, ainda que acerbos e desagradaveis. O oleo é fluido, amarello, quasi insipido e inoffensivo, podendo applicar-se na economia domestica e usos industriaes. É grande a sua distribuição geographica.

Mubota ou *Cambolambia*. É um *thalamiflora*, D. Candolle. Arvores geralmente de muito pequeno porte, com troncos cylindricos, curtos e tortuosos, que florescem em setembro, e habitam nas florestas e mattas.

São um tanto esguias, e a sua altura maxima nunca excede a 5 metros. Os seus troncos, feridos, porejam uma gomma-resina alaranjada, muito semelhante á gomma gutta, tornando-se avermelhada-denegrada com a exposição do ar. Inflorescencia em corymbos terminaes.

Flores miudas, completas, regulares, com cinco petalas brancas raiadas de roxo, e pubescencia sedosa na parte superior do limbo e inserem sobre o receptaculo; pistillo curto com cinco estyletes de estygma espherico; estames hypogineos em numero superior a dez, reunidos pelos filetes em cinco grupos; calice com cinco sepalas reunidas pela base. Fructos, bagas esphericas, vermelhas, do tamanho de pimentas com quatro sementes ovoides. As folhas são oppostas, glaucas, glabras, simples, inteiras, lustrosas, ovaes-acuminadas, curtamente pecioladas e medem proxima-mente 0^m,055 de comprimento por 0^m,029 de largura maxima. Creio ser uma variedade da *Psorospermum febrifugum*.

Os indigenas da provincia de Angola e os povos lundas

empregam o cozimento das cascas em lavagens nas erupções de pelle, a que dão o nome de sarna, e dizem-me que com muita vantagem.

Talaguihi. Arvores de pequeno porte, bastante irregulares, de tronco cylindrico, que habitam nas mattas e prados. Folhas alternas, verde-amarelladas, simples, inteiras, pecioladas, estipuladas, serreadas, um tanto ob ovaes, medindo as maiores 0^m,15 de comprimento por 0^m,05 de maxima largura. Inflorescencia em pequenos grupos terminaes.

Flores hermaphroditas, completas, regulares, de calice persistente com cinco sepalas unidas pela base, verde-rosadas envolvendo cinco petalas amarellas, concavas, e muito caducas; estames hypogineos, indefinidos, filiformes, e muito curtos; pistillo simples, erecto, grosso com dobrado comprimento dos estames. O ovario representa um pequeno akenio com oito capsulas.

Os indigenas empregam as cascas das raizes frescas porphyrizadas, por fricção sobre uma pedra, nas ulceras antigas e feridas contusas.

Mupando-pando. Pequenas arvores, pouco elegantes, geralmente tortuosas e muito irregulares, de troncos cylindricos, que habitam nas mattas e prados.

Folhas simples, oppostas e alternas, pecioladas, levemente estipuladas, lisas, espessas, verdes, pouco lustrosas na pagina superior, completamente sombrias na inferior, com pubescencia côr de canella, curta e macia.

Inflorescencia em pequenos grupos axillares e terminaes.

Flores hermaphroditas, completas, regulares, gamo-sepalas e mono-petalas: calice verde, tubuloso com quatro dentes: corolla hypoginea, tubulosa, com oito divisões no limbo, sendo este amarello, pontuado de côr de castanha; estames em numero de doze com filetes rentes e antheras ellipticas, inseridas na garganta; pistillo simples, erecto, com estygma lamellar e ovario conico.

Fructos capsulas lenhosas, bi-valvas, dehiscentes, disper-

mas pelo tamanho e configuração de peras. Florescem em agosto e setembro.

A infusão ou cosimento das folhas são usados pelos indígenas nas conjuntivites.

Pela cultura, podia tornar-se bonita arvore ornamental, por serem as flores muito elegantes e bastante vistosa a folhagem.

Mussombo ou muzombe. Arvores cujos troncos cylindricos e geralmente tortuosos attingem a altura de 2 a 3 metros com a copa, e medem de circumferencia proxima-mente 0^m,5 a 0^m,6. São muito ramosas; pouco ou nada elegantes e habitam á margem do riacho Malape.

Folhas simples, inteiras, alternas e oppostas, muito juntas, ellipticas, rentes ou curtamente pecioladas, privadas de estipulas, glaucas, glabras e espessas. Inflorescencia em corymbos terminaes.

Flores hermaphroditas, completas, regulares; corolla com quatro petalas rosadas, pequenas, concavas e caducas; estames indefinidos. compridos, branco-rosados, filiformes, livres, deseguaes, tomando pela sua disposição a fôrma de pincel; estylete branco, livre e sovelado; ovario infero; calice verde-amarellado, carnoso, tubuloso com quatro ou cinco dentes.

Fructos drupas pyriformes, do tamanho de azeitonas, de epi-carpo roxo-denegrado, sarco-carpo carnoso, succulento, roxo-vermelho, de sabor doce levemente adstringente. São comestiveis. Florescem em setembro. Ha uma outra arvore com o mesmo nome.

Mupeixe, ou *mupepe* dos lundas. Arvores de pequeno porte, pouco ramosas, muito irregulares, tortuosas, de troncos cylindricos, que habitam nos prados e mattas.

Folhas simples, inteiras, ovaes-lanceoladas, pecioladas, estipuladas, verde-amarelladas, espessas e alternas, medindo o limbo das maiores 0^m,08 de comprimento por 0^m,04 de largura.

Flores—sem duvida monoicas—compõem-se as femeas de um calice com seis sepalas, quasi lineares, e de um

ovario foliaceo, laminar, cordiforme, vermelho, terminado por dois estyletes divergentes da mesma côr. Não conheço as masculas. Florescem em agosto e setembro, e é grande a distribuição geographica d'esta planta.

As flores femeas, que, se pôde dizer, se reduzem aos ovarios, são muito apreciadas pelos indigenas como substancia alimenticia, cosinhadas com carne, peixe ou mesmo sós com alguns condimentos.

Tduhé. Arvore silvestre, que ordinariamente habita junto aos pantanos e em terras humidas ou alagadas, e tem o porte e similhaça de algumas laranjeiras. As folhas são simples, inteiras, pecioladas, espessas, ovaes-lanceoladas, oppostas e sempre-verdes.

As flores são pequenas, hermaphroditas, completas, regulares, infundibuliformes. corolla gamo-petala, branca, quinquefida einodora; estames em numero de cinco, muito curtos, inseridos na garganta; calice mono-sepalo, verde, carnoso, com cinco dentes e insere sobre o ovario. O fructo é verde, pequeno, mono-sperma, similhante a uma baga de louro.

Os indigenas, na sua therapeutica, mastigam as cascas dos troncos a que attribuem propriedades vermifugas.

Mafuca-mahoge. E' uma arvoresinha de 2 a 3 metros de altura, pouco ou nada copada com o tronco de 0^m,02 proximamente de diametro; porém o seu estado é quasi sempre arbustivo, muito ramoso, constituindo moitas de bonito effeito, por ter os eixos mais novos, as nervuras das folhas são dispersas, verdes, sem estipulas, compostas de tres a quatro pares de foliolos, com impar, oblongos, peciolados, espessos e glabros.

Inflorescencia em cachos longamente pedunculados, dispersos nas extremidades dos ramos.

Flores miudas, hermaphroditas, completas, regulares e pubescentes; corolla inserida debaixo do ovario, com cinco petalas branco-rosadas; estames em numero de doze, unidos em fôrma de estojo e inseridos no receptaculo; calice mono-sepalo avermelhado com cinco dentes agudos. O

fructo no seu perfeito estado de maturação é do tamanho e côr de uma cereja, de sarco-carpo muito carnosos e succolentos.

Os indigenas, nos casos de scorbuto, usam as folhas em masticatorio, ou a sua infusão em bochechos.

(Continúa.)

VARIÉDADES

Joaquim José Alves—A *Independence Belge* na 2.^a edição do dia 4 do corrente dá-nos uma noticia, que vem corroborar o conceito em que desde muito temos o nosso distincto collega e amigo Joaquim José Alves, a personificação da perseverança e do trabalho. Transmittimos a noticia, tal qual a recebemos, certos de que o seu conteúdo será aceite pelos nossos leitores com contentamento igual ao nosso.

«M. Joaquim-José Alves, de Lisbonne, qui a laissé les meilleurs souvenirs dans la capitale, où il conquist, en 1868, avec distinction, le grade de docteur en sciences de l'Université de Bruxelles, vient d'y terminer de la même manière ses études médicales. Reçu antérieurement candidat en médecine, il avait subi son premier doctorat il y a deux ans et son second doctorat récemment. L'épreuve finale, le troisième doctorat, lui a valu les suffrages du jury de la Faculté, qui l'a proclamé, avec distinction, docteur en médecine, chirurgie et accouchements, de l'Université de Bruxelles. C'est un résultat auquel applaudiront sans aucun doute les nombreux amis portugais et belges du très sympathique docteur, et un nouvel exemple, que nous sommes heureux d'enregistrer, de ce que peut le travail uni à une persévérante énergie.»

Novo chefe do serviço pharmaceutico naval.—Pela reforma do nosso collega dr. Alves, passou a desempenhar as funções d'este illustre funcionario o nosso collega Joaquim Urbano da Veiga.

Congresso pharmaceutico internacional.

—Recebemos de Milão uma circular, assignada pela commissão organisadora do setimo congresso pharmaceutico internacional, participando-nos que este ficava transferido para setembro do futuro anno proximo, em consequencia da multiplicidade de congressos que se hão-de reunir em Paris e que necessariamente haviam de prejudical-o.

Congresso pharmaceutico francez.—A associação geral dos pharmaceuticos de França, a pedido de muitas sociedades pharmaceuticas da mesma nação, tomou a iniciativa de convocar um congresso nacional, em Paris, o qual encetará os seus trabalhos a 8 de agosto, a 1 hora precisa, na Escola de pharmacia.

Pharmaceuticas russas.—Segundo o *Pharmaceutische Zeitung* um ukase do imperador da Russia auctorisa as mulheres ao exercicio da pharmacia, sujeitando-se aos exames e mais formalidades exigidas aos homens.

E segundo os periodicos yankeés (diz o *Est. pharm.* donde extraímos esta noticia) nos Estados Unidos duas senhoras acabam de receber a nomeação de capitãs (ou capitans?) de porto, de cujas funcções estão investidas.

Antidoto do acido phenico.—Segundo o *Restaurador Pharmaceutico*, o melhor antidoto do acido phenico parece ser o sabão ordinario, ou outro qualquer. Deve administrar-se logo depois dos primeiros symphomas, repetindo as doses até que desapareçam todos os phenomenos toxicos.

Cavallo phenomenal.—«Esteve ultimamente em exposição em Nova-York, (diz a *Gazeta dos Campos*) um cavallo, que pesava 1369 kilos! Para fazer idéa das suas dimensões bastará dizer que a cabeça tinha quasi um metro de comprimento!»

Pela cabeça se pôde avaliar que tal seria a cauda.

Pergunta innocente.—O illustre investigador chinéz do *Jornal da Sociedade das sciencias medicas de Lisboa* poder-nos-ha dizer como é que no celeste imperio se tra-

ta os doutores que teem por habito negar-se a certas e determinadas horas do dia, e da noite tambem, a prestar os soccorros da sua arte; os que são despedidos das associações de beneficencia por negligentes; os que se esquivam a fazer as authopses para as quaes são judicialmente nomeados, etc., etc.?

Naturalmente, em vez de chibata nas costas, como lá fazem aos boticarios negligentes, passam-lhes trouxas de ovos pelos labios venerandos!

NECROLOGIA

Mais um membro dedicado d'esta sociedade baixou á campa. João Thomaz da Silva Pinto, varias vezes reeleito bibliothecario do archivo d'esta Sociedade, e sempre prompto em prestar-nos os seus bons serviços, era dos collegas para quem não havia distancias, quando os trabalhos da sociedade reclamavam a sua presença, apesar de habitar afastado da séde da associação. Tinha o seu estabelecimento no Largo da Paschoa, onde exerceu a profissão por largos annos com geraes sympathias.

O seu cadaver foi conduzido á mão para o cemiterio occidental, acompanhado de muitos amigos. A sociedade fez-se representar no prestimo, como faz, sempre que lhe chega ao conhecimento, a tempo, o passamento de alguns dos seus membros. Os nossos sentimentos a sua desolada esposa.

Ao nosso illustre collega e bom amigo, Emilio Fragozo consignamos n'este logar o profundo pesar que nos causou a noticia do fallecimento de seu estremoso pae.

O nosso sentimento e as nossas saudações em nome da redacção.

BIBLIOGRAPHIA

Formulario Officinal e Magistral, por Joaquim Urbano da Veiga
Com um Supplemento por Alfredo da Silva Machado e Emilio Fragoso

A bibliotheca da *Gazeta de pharmacia*, sob a direcção do nosso intelligente e laborioso collega e amigo E. Fragoso, acaba de editar, em volume separado, a obra cujo titulo encima esta breve noticia, e que foi publicada conjunctamente com a *Gazeta*.

A publicação de livros de sciencia entre nós é por tal modo rara, que o facto em si é já um acontecimento extraordinario, que revela muito mais amor ao trabalho do que ao dinheiro: o dispendio da impressão é certo, e os leitores são sempre poucos. Os livros que tratam de uma especialidade são por isso mesmo empresa muito mais ariscada, e os seus auctores muito mais dignos de estima e admiração. Por isso, o livro de que nos occupamos, até ao momento da sua publicação, podia dizer-se unico entre nós.

A competencia provada do nosso collega Urbano da Veiga, a sua posição especial em um hospital de primeira ordem, a sua dedicação pelo estudo, e o seu largo tirocinio profissional, são garantia mais do que sufficiente do merito real e da importancia do seu *Formulario*, que dispensa qualquer recommendação, por mais justa e bem cabida, que d'elle podessemos fazer.

Escripto em 1882 e publicado por folhas mensaes, é claro que ao terminar não podia pôr-nos ao corrente das ultimas conquistas da pharmacologia, cujos trabalhos n'estes ultimos annos se teem multiplicado de uma maneira assombrosa.

Os multiplos affazeres do auctor obrigaram-o a declinar o trabalho da revisão no *director da Gazeta de pharmacia* e este collega, de collaboração com o nosso amigo Silva Machado, ampliou o seu encargo, enriquecendo ambos com

um copioso *Supplemento* o *Formulario*, que assim veio a ficar em dia com a sciencia da actualidade.

O leitor sabe que tanto o nosso collega E. Fragoso, como o nosso collega Silva Machado, exercem a pharmacia no hospital de mais movimento do paiz, cujo serviço medico é desempenhado por muitas das primeiras capacidades da nossa sciencia; além d'isso, são elles dois moços que pelo seu talento e dedicação extraordinaria pelo estudo teem alcançado um logar distincto entre os membros da nossa classe: por tanto a sua intervenção nos trabalhos de *Formulario* veio realçar o merito d'este, e preencher uma lacuna inevitavel, em vista das circumstancias que acompanharam a publicação.

Além de todas as formulas legaes inseridas na *Pharmacopea*, o *Formulario* contém muitas outras, cuidadosamente escolhidas dos melhores auctores, e na sua grande parte auctorizadas pela pratica constante da corporação medica nacional, e entre ellas não poucas ha do *Formulario* do hospital de S. José.

O *Supplemento* traz-nos tudo quanto modernamente tem tido cabimento nos livros d'esta ordem, e está experimentado entre nós principalmente. A resorcina, o iodol, a hyoscina a gelsemina, o eugenol, a cocaina, acetanilide, aparaldehyde, os differentes peptonatos em uso, a terpinina e o terpinol, e muitos agentes da moderna therapeutica, que teem ganho fóros de cidade, teem o seu logar de honra no *Formulario*. Uma das secções mais completas é incontestavelmente a dos solutos para injeccão hypodermica, dos quaes o *Formulario* nos dá umas formulas.

Além das tabellas que acompanham a *Pharmacopea* traz mais:

«Tabella synoptica para a diluição do alcool (G. Pfersdorff);

Correspondencia dos graus do areometro de Baumé com as densidades para os liquidos mais densos que a agua distillada;

Tabella comparativa dos thermometros centigrado, Reaumur e Fahrenheit;

Misturas frigoríferas ;

Numero de gottas correspondente a 1 gramma, feita a mensuração á temperatura de 15° e por tubo «calibrado», com o diametro exterior de 5 millimetros ;

Tabella das doses maximas dos medicamentos energicos —para os adultos ;

Tabella das quantidades de extracto produzidas por 1000 grammas de substancia.»

Uma das muitas bellas da nossa legislação medico-pharmaceutica, que demonstra até onde chega a egualdade e o bom senso, está em exigir-se ao pharmaceutico a posse e o uso da pharmacopea legal, sem que egual exigencia seja extensiva á classe medica. Esta pratica tem consequencias prejudiciaes e tem dado origem a reparos infundados por parte de alguns clinicos com detrimento do credito de alguns pharmaceuticos.

A actual pharmacopea adoptou para alguns medicamentos formulas mais energicas do que as até então geralmente seguidas.

Muitos clinicos que, ao pôr-se em vigor o uso da pharmacopea legal, não tomaram conhecimento d'ella, notaram differença na acção de alguns medicamentos, attribuindo o facto a erro ou negligencia dos pharmaceuticos, e increpando estes, quando a falta era sua propria.

Entre outros casos lembra-nos um logo após a adopção da Pharmacopea, succedido comnosco, a proposito do xarope de ipecacuanha, e outro a proposito do xarope diacodio.

Pois o *Formulario* do sr. Veiga aproveita por este lado aos medicos que, não possuindo a pharmacopea, o consultarem, offerecendo-lhes a vantagem de encontrarem a par de outras, todas as formulas d'aquelle livro, de cuja commissão de redacção o nosso amigo tambem fez parte.

D'aqui dirigimos as nossas felicitações ao auctor da obra e seus collaboradores, e o nosso agradecimento ao primeiro d'estes nossos estimaveis amigos pelo exemplar com que nos obsequiou.

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 31 DE JULHO DE 1889.—Presidencia do sr. GUILMARÃES DRACK

Abriu-se a sessão ás 9 horas da noite.

Não estando presente o sr. 2.º secretario, foi convidado a substituil-o o socio Mannel Fernandes Pessoa.

Foram lidas as actas das sessões ordinarias de junho, sendo approvadas.

O sr. 1.º *secretario* (Emilio Fragoso) leu a seguinte correspondencia:

Um officio do sr. Silva Alegria sobre assumpto da thesouraria.—Respondeu-lhe o sr. 1.º secretario;

Um officio do sr. Antonio Mendes Lopes em resposta a outro que lhe fôra enviado pelo sr. 1.º secretario;

Um officio do sr. Francisco Bernardo de Sousa sobre assumpto da thesouraria.

Um officio do sr. Miguel José de Sousa Ferreira, dignissimo delegado da sociedade no Porto, sobre assumpto da thesouraria.—Respondeu-lhe o sr. 1.º secretario;

Um officio do sr. Manuel Vicente de Jesus Abrantes agradecendo, em seu nome e no de sua illustre mãe, a manifestação de sentimento que a sociedade tributou a seu presado pae;

Um officio do sr. Manuel Vicente de Jesus Abrantes agradecendo á sociedade o ter-se feito representar no saimento de seu pae, promettendo, ao mesmo tempo, não só continuar a honrar a sua memoria como o de *manter inalteravel a veneração que elle tributava á sociedade*;

Um officio do sr. Antonio Duarte Silva, agradecendo as manifestações de sentimento tributadas pela sociedade á memoria do seu chorado irmão e notabilissimo chimico Roberto Duarte Silva;

Um convite para a *sociedade* se fazer representar no congresso medico de Berlim, de 1890.

O sr. *presidente* declarou que estavam sobre a mesa algumas publicações importantes offerecidas á *sociedade* pelos seus auctores. Entre ellas figurava a descripção da fauna e flora de Malange, trabalho de altissimo valor, em que o seu auctor o nosso consocio, o sr. Sisenando Marques, distincto pharmaceutico militar e sub-chefe da expedição ao Muata-Ianvo, mostrou os seus recursos de escriptor aprimorado e homem de sciencia.

O sr. 1.º *secretario* passou a fazer a leitura dos titulos das publicações:

1.º—Expedição ao Muata-Ianvo; os climas e as produções das terras de Malange á Lunda;

2.º—Formulario officinal e magistral de Joaquim Urbano da Veiga, com um supplemento por Alfredo Machado e Emilio Fragoço:—Offerecido pelo sr. Veiga.

3.º—Analyse micrographica da agua potavel, por Zune; redactor do *Moniteur do Praticien*;

4.º—Microscopia por Zune, etc.

O sr. *Silva Machado* propoz que a sociedade lançasse na acta um voto de sentimento pela perda do pae do sr. 1.º secretario.—Foi unanimemente approvado.

O sr. *presidente* communicou o fallecimento do consocio João Thomaz da Silva Pinto, a quem acompanhou até á ultima morada, pedindo que se lançasse tambem na acta um voto de sentimento pela perda d'aquelle nosso collega.—Foi approvado unanimemente.

Antes de se entrar na ordem da noite, pediu o sr. presidente á assembléa, que resolvesse sobre o destino a dar a um masso de jornaes, devidamente cintados e lacrados, que tinham sido enviados á sociedade com a indicação de n'elles estar contido um trabalho destinado ao concurso para o premio José Dionysio Corrêa; acrescentou que os jornaes tinham sido enviados sem qualquer outra indicação, e sem os acompanhar a *carta fechada*, exigida no programma do concurso, para por ella se saber, no caso de se conferir o premio, o nome do auctor da memoria. Que desejava, portanto, ouvir a opinião da assem-

blêa sobre o destino a dar ao masso de jornaes, afim da sociedade adoptar um expediente e não ficar ainda para outra vez a resolução d'um assumpto, que tinha de ser resolvido dentro de alguns dias por causa da sessão solemne, que se aproximava.

Sobre este assumpto fallaram os srs. Sousa Telles, 1.º secretario, Silva Machado e Reya Campos, concordando todos em que a pessoa que enviava o masso de jornaes, não tinha seguido o programma do concurso, devendo a mesa proceder immediatamente á sua abertura para vêr se o trabalho estava assignado, visto tratar-se de artigos publicados em jornaes, e não ter a mesa recebido a *carta fechada* como era do programma.

Procedendo-se á abertura do masso, viu-se que se tratava d'uns artigos publicados em 1888, no *Correio de Aveiro*, sendo o seu auctor o sr. João Cardoso, pharmaceutico residente actualmente em S. Thomé.

O sr. *Sousa Telles* declarou que o facto de já se saber o nome do auctor dos artigos, que se propunham a premio, mais arreigava no seu espirito a convicção de que elles estavam fóra do programma do concurso. Que lhe parecia, no entanto, rasoavel, que a *sociedade* nomeasse uma commissão, com o fim de vêr o trabalho do sr. João Cardoso, dando parecer sobre elle, visto tratar-se d'um assumpto de interesse de classe, como o indica o titulo dos artigos —A pharmacia militar no ultramar.

Consultada a assemblêa, approvou a proposta do sr. *Sousa Telles*, sendo este socio e os srs. Oliveira Abreu e Fernandes da Cunha os encarregados de dar parecer sobre o trabalho do sr. João Cardoso.

Elegeu-se a commissão revisora de contas, saindo eleitos, por maioria, os srs. Soares Teixeira, Venancio Sampaio, e Fernandes Pessoa.

Tratou-se em seguida da continuação da discussão do parecer dos srs. Silva Machado, Mendes e Pessoa, a respeito dos abusos das drogarias e pharmacias que tem á frente individuos sem diploma—mêros aspirantes.

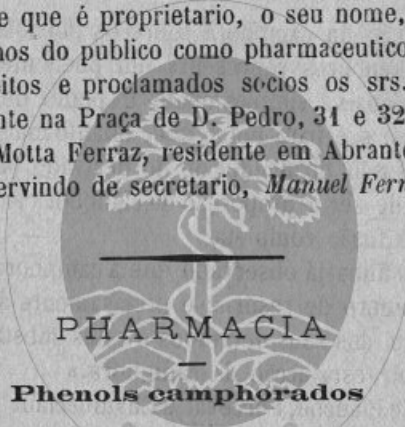
Lido de novo o PARECER ¹ pelo sr. 1.º secretario usaram da palavra varios socios, resolvendo-se, por proposta do sr. Sousa Telles, ampliando a do sr. Silva Machado, feita na ultima sessão, que se pedisse o parecer da associação dos advogados sobre os seguintes quesitos:

1.º—É permitido a qualquer individuo, embora não tenha o diploma de pharmaceutico, ser proprietario d'uma pharmacia?

Permittindo-o a lei, pôde elle inscrever nos rotulos da pharmacia de que é proprietario, o seu nome, passando assim aos olhos do publico como pharmaceutico?

Foram eleitos e proclamados socios os srs. João Canteiro, residente na Praça de D. Pedro, 31 e 32, e Manuel Ferreira da Motta Ferraz, residente em Abrantes.

O socio, servindo de secretario, *Manuel Fernandes Pessoa.*



PHARMACIA

Phenols camphorados

M. Désesquelle publicou nos *Archives de Pharmacie* em 1888, pag. 385, uma nota sobre o naphtol camphorado, no qual, guiado por uma simples deducção, dizia ter procurado saber se a camphora pôde produzir com os naphtols, como com o phenol, misturas liquidas.

Esta propriedade notavel do phenol foi notada, em 1875, por M. Buffalini, italiano, e M. Yvou demonstrou, n'essa epocha, por uma serie d'experiencias concludentes, que, ao contrario da opinião de Buffalini, o phenol camphorado constitue uma simples solução, e não uma combinação dos dois corpos que entram na mistura.

Depois de ter procedido ás primeiras pesquisas sobre o naphtol camphorado, M. Désesquelle foi conduzido muito rapidamente a verificar que a acção da camphora não é particular ao phenol e ao naphtol mas que é commum aos

corpos da classe dos phenols e tambem a certos derivados phenolicos.

Em novembro de 1887 dirigiu ao dr. Constantin Paul uma nota publicada em 15 de dezembro seguinte na *Agenda médicale* para 1889, na qual dizia:

«Podem-se obter productos identicos ao naphtol camphorado e ao phenol camphorado, misturando, em proporções variaveis, a camphora com outros phenols e alguns dos seus derivados, como a resoracina, pyrosgsllot, o thymol, o salol, etc.

Esta acção da camphora sobre os phenols e alguns derivados phenolicos representa um phenomeno physico: a camphora abaixa simplesmente o ponto de fusão d'estas substancias, e é para notar que, quanto mais elevado fôr o ponto de fusão do phenol ou do derivado phenolico, tanto maior ha de ser a proporção da camphora a empregar para produzir a fusão completa.

Planche tinha já observado que a camphora amollece um grande numero de resinas; é precisamente á presença dos phenols ou dos seus derivados n'estas substancias que elle faz attribuir esta acção da camphora.»

Antes de Planche, Perceval e Chamberlain tinham feito a mesma observação. M. Andoucet, que ignorava a publicação da nota inserida na *Agenda médicale*, publicou no *Bulletin médical* de 30 de dezembro de 1888 e no *Répertoire de pharmacie* de 7 de janeiro de 1889 as pesquisas por elle feitas sobre os mesmos corpos e que o conduziram a resultados identicos áquelles que foram obtidos

O professor Bouchard, que ensaiou o naphtol camphorado, e o dr. Pèrier, que fez uso no seu serviço hospitalar do mesmo medicamento e do salol camphorado, verificaram que estes dois corpos gosam de propriedades antisepticas; além d'isso a applicação do naphtol camphorado não é dolorosa, graças á acção anesthesica exercida pela camphora.

Eis as formulas seguidas para a preparação do naphtol e do salol camphorados:

Naphtol beta	100	grammas
Camphora	200	»
Salol	300	grammas
Camphora	200	»

E' indispensavel pulverisar finamente cada uma das duas substancias misturadas; aqnecem-se docemente até fusão completa; filtra-se e conservam-se em frascos bem fechados.

Tomando os numeros theoricos, poder-se-ha introduzir, n'estas misturas, uma quantidade elevada de naphtol e de salol; preferiu-se tomar numeros faceis de reter; pôde acontecer que os frascos fiquem destapados durante um certo tempo, então, evaporando-se parte da camphora, o phenol ou o derivado phenolico poderá crystallisar.

E' d'utilidade indicar, d'uma maneira geral, as propriedades mais salientes dos phenols camphorados.

Estas misturas effectuam-se com abaixamento de temperatura consideravel, que se pôde facilmente apreciar se o operarmos a frio.

Os liquidos obtidos são mais densos que a agua, insolúveis n'este vehiculo, misiciveis com os oleos fixos e volateis, ether, alcool, etc.

Podem servir para a conservação dos instrumentos de cirurgia, dos quaes não deterioram nem o metal, nem a madeira.

Gosam da curiosa propriedade de dissolver o iodo em grande quantidade; pode-se preparar a frio a mistura seguinte, que recebem, no serviço do dr. Périer, importantes applicações:

Naphtol camphorado	90	grammas
Iodo pulverisado	10	»

O chlorhydrato de cocaina, os alcaloides da quina dissolvem-se em proporções notaveis, sobretudo com o auxilio d'um doce calor. Pôde-se prever, para todos os phenols camphorados, a faculdade de dissolver um grande numero

de substancias. A este respeito, haverá uma serie d'ensaios a tentar e estudos a fazer sob os pontos de vista medico e pharmaceutico.

Podemos affirmar que, até ao presente, a acção especial da camphora se exerce exclusivamente sobre os phenols e seus derivados; obtem-se o mesmo resultado com o chloral, e M. Andoucet verificou a producção do mesmo phenomeno de liquefacção com o menthol ou alcool menthólico.

A.

Causticidade do acido phenico

Quando se dissolve o acido phenico puro em glicerina pura ou alcool concentrado as suas propriedades causticas são consideravelmente diminuidas; a causticidade reaparece porém logo que n'esses solutos se faça intervir a agua, ainda que seja em fraca proporção.

Em consequencia, no caso de queimadura pelo acidô phenico concentrado deve ser empregado o alcool e não a agua para lavar a parte affectada.

S. M.

Analyse das peptonas do commercio

POR MM. J. KÖNIG E W. KISCH

Encontram-se actualmente no commercio muitas variedades de peptonas, cujas propriedades e composição podem ser muito differentes. Citaremos em primeiro logar as peptonas obtidas com o auxilio da papaina ou do succo pancreatico e as que se preparam com a papaina. Encontram-se tambem peptonas que se obtem simplesmente aquecendo sob pressão com ou sem acido chlorhydrico a carne natural ou desembaraçada previamente pela agua das substancias extractivas e gelatinosas.

A analyse chimica só fornece sobre a natureza e valor d'estes productos indicios muito restrictos. Pode-se do-sear a agua, as materias mineraes (potassa e acido phos-

phorico,) substancias gordas, materias allubinoideas insolueis e as que se coagulam sob a acção do calor.

A dosagem das diversas materias albuminoideas faz-se da seguinte maneira: Diluem-se 5 a 10 grammas da substancia na agua, recolhe-se sobre um filtro o residuo insoluel e dosea-se pelo processo Kjeldahl a quantidade d'azote que contem. Multiplicando esta quantidade por 6,2%, ter-se-hia o peso dos albuminoideas insolueis.

Faz-se ferver o liquido filtrado depois de acidulado com uma pequena quantidade de acido acetico, e tem-se assim as materias albuminoideas coagulaveis pelo calor, que se separam e que se doseam pelos processos ordinarios.

Separadas d'este modo as duas variedades de materias albuminoideas, ajunta-se agua ao liquido restante de maneira a fazer 500 centimetros cubicos. Tiram-se d'estes 100, que se reduzem a 10 centimetros cubicos por concentraçõ. Addicionam-se-lhes a frio 10 centimetros cubicos d'um soluto saturado de sulfato d'ammoniacico. Os *albuminoses*¹ precipitam-se. Recolhem-se sobre um pequeno filtro tarado, lavam-se com o soluto de sulfato d'ammoniacico, secam-se e pesam-se n'um pequeno balão.

Dissolve-se em agua o contendo do balão, eleva-se a 500 centimetros cubicos, medem-se 100 centimetros cubicos do liquido no qual se dosea o acido sulfurico. O peso do acido sulfurico achado permite calcular a quantidade de sulfato d'ammoniacico misturado com a substancia albuminoide. Uma simples subtracção dá os albuminoses.

Tiram-se 100 centimetros cubicos do primeiro liquido; acidifica-se fortemente com acido sulfurico e ajunta-se o soluto usual de phospho-molybdato de soda contendo $\frac{1}{2}$ do seu volume d'acido sulfurico diluido (1 : 3) até se formar umf precipitado. Este precipitado é recolhido sobre um filtro, lavado com acido sulfurico diluido (1 : 3) e finalmente tratado com o filtro ainda humido pelo methodode Kjeldahl (dosagem

¹ Como se vê, os auctores dão á palavra *albuminose* uma significação diferente d'aquella que tem sido dada por Bouchadart e Mialhe'

do azote). Multiplicando o peso do azote achado por 6,25, temos a totalidade dos albuminoides designados com o nome d'albuminoses e de peptonas. E' facil então obter a quantidade de peptonas diminuindo o peso dos albuminoses achado na operação precedente.

Os numeros assim achados não são completamente exactos; são comtudo melhores do que os que se podem obter pelos methodos propostos até hoje.

(*Journ. de Ph. et Chim*)

A.

Emprego da creosota na tísica

O dr. Bouchard emprega a forma :

A. Creosota.....	10 grammas
Pó e sabão amygdalino.....	25 »

Para 100 pilulas. Oito a dez por dia, de duas em duas horas. Para doses mais elevadas, serve-se da formula :

B. Creosota.....	50 grammas
Oleo de bacalhau.....	q. s. para 1 litro

Verta muito lentamente agitando o oleo na creosota. Cada colher de sopa contem 0,75 de creosota. Dar-se-ha uma ou duas colheres de manhã e de tarde.

Substituição da codeína á morphina

Diz Fischer que, ha cinco annos, tem empregado a codeína em todos os casos em que está indicada a morphina; recommenda-a com muito efficaç e muito menos perigosa. Isto é na condição de ter um producto perfeitamente puro, o que, parece-lhe, não é sem difficuldade.

A.

Curare

O curare (*Vowrari*, *Wourara*, *orari*, etc.) é um veneno terrível, do qual os índios das margens do Orenoco, Amazonas e seus afluentes se servem para envenenar as flechas. Prepara-se com muitas *Strychnos* e diversas plantas pertencentes a famílias diferentes. Em toda a região do Amazonas, Pebas, Ticunãs, Silimoëns, Javari, Ica, Yapura, é extrahido de *Str. Castelnaleana*, Wedd. (*Str. Castelne*, Benth.). Nas vizinhanças da Guyana ingleza, é fornecido pela *Str. toxifera*, Benth. Nas Indias Trios, no Alto-Perù, para o norte da embocadura do Amazonas, é produzido pela *Str. Crevauxiana*, H. Bn. Finalmente, Humbolde Kunth viram preparal-o, perto da serra de Jovita, com a *Str. Curare*, H. Bn.

Muitas *Strychnos* do Brazil ou dos paizes vizinhos são citadas como podendo tambem produzir o curare. Taes são; *Str. Jobertiana*, H. Bn. *Str. triplioianedu*, Martr. *Str. depanperato*, H. Bn. *Str. subcordata*, Prog. *Str. guianensis*, Martr. *Str. bransiliensis*, Martr. *Str. gubleriana*, G. Plauch; *Str. rubigininna*, A. D. C.; *Str. cogeos*, Benth.

H. Baillon apresenta a lista seguinte das plantas que pertencem a outras famílias e que entram no curare;

O *Cocculus? toxiferus*, Wedd. (Ménispermeas), que é chamado *Pani* pelos índios e que Baillon classifica nos generos *Chondrodendron* ou *Abuta*.

A *DiAffenbachia Seguine*, Schott, diversos *Pothos*, o *Taro*, etc., plantas da familia dos Araidéos.

A *Schaenobiblus daphnoides*, Sieb. e Zucc. (Thyméléas). Os índios Juris julgam esta planta muita activa.

A *Petiveria tetrandra*, Gom. (Phyrolaccetas) é empregada em Calderao, sob o nome de Yoné ou Joné. Entra principalmente no curare destinado á caça das aves.

Todos os curares contêm pelo menos uma Piperacea notavelmente as *Piperannonolia*, *P. trichonefnrou*, *P. Pseudo-Churumago*, C.

Fazem-se entrar tambem ramos novos de diversas Aristo-

lochias pouco mais ou menos indeterminaveis, e muitas *Cannanga* (Anonaceas), principalmente a *C. Jobertiana*, H. Bn. Estas ultimas plantas são aromaticas, ordinariamente não venenosas e empregadas pelos indios Juris.

Para preparar o curare, os indos maceram em primeiro logar a casca das *Strychnos* em agua fria. Obtêm assim um liquido vermelho, que fazem ferver, com diversas plantas, até á consistencia de extracto. Misturam-lhe depois o pó d'um certo numero de vegetaes, de maneira a obter uma massa solida, que encerram em cabaças ou em pequenos potes d'argilla.

O curare assim obtido é uma substancia extractiforme, solida, d'um escuro quasi negro, algumas vezes cinzenta, d'aspecto resinoso e que fornece um pó escuro amarellado. Amollece na agua dissolvendo-se em grande parte, dando um soluto vermelho escuro. Preyer isolou d'elle o principio activo, que Boussingault e Roulin tinham já designado sob o nome de *curarina*.

A *curarina* (C⁴⁰ H¹⁵ Az, Prayer) é um alcaloide crystallisavel em prismas quadrilateras, incolores, muito amargos, hygroscopicos, muito soluveis na agua e no alcool, pouco soluveis no chloroformio e no alcool amylico, insoluveis no ether, benzina, sulfureto de carbone e essencia de terebinthina. Apresenta reacção fracamente alcalina.

O acido sulfurico cora-a em azul; o acido azotico em purpura, o bichlomato de potassa e acido sulfurico em violeta.

«C. Bernard viu que o curare não tem acção sobre os orgãos da circulação e que não rouba ao sangue as suas aptidões physiologicas; tira as manifestações do systema nervoso e deixa intacto o systema muscular, o que faz prever que a contractibilidade muscular e a irritabilidade dos nervos motores são duas propriedades distinctas; deixa intactos os nervos sensitivos, os musculos e todos os outros tecidos do organismo.» (Reveil.)

Segundo Alvarez Reynoso, o chloro e o bromio neutralizam os efeitos do curare; o iodeto e o brometo de potassio retardam a sua acção sobre a economia.

Tem-se ensaiado o curare contra os tetanos, hydrophibia e epilepsia, mas não tem sempre dado bons resultados.

A.

CHIMICA

Nova reacção do thymol

Ao liquido em que exista o thymol juntam-se algumas gotas de potassa caustica e quantidade sufficiente d'um soluto d'iodo iodado, de maneira que o liquido fique corado d'amarillo e sem que contenha muito iodo livre. Aquecido ligeiramente, produz-se uma bella colorisação vermelha, que augmenta lentamente, mas não é estavel. Desapparece com o tempo e pela acção d'um forte calor, dando logar a um precipitado incolor.

A reacção é muito sensivel. Diluido a 1 p. 20,000 percebe-se ainda a colorisação vermelha.

Os outros phenols não dão esta reacção.

(Archiv der Pharmacie).

A.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

Excerpto de «Os climas e as produções,
das terras de Malange á Lunda»

POR SESINANDO MARQUES
SUB-CHEFE DA EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATA-IANVO

(Continuado da pag. 149)

Mututo. Arvores que habitam nas matas e prados, da altura de 4 a 8 metros, com troncos cylindricos, muito ramosas, com a circumferencia de 0^m,3 a 0^m,4. As folhas são simples, alternas, ou em verticillos, pecioladas, amplas, palmadas com tres grandes lobos denteados, verde-claras, espessas, lustrosas na pagina superior e pubescen-

tes na inferior. Inflorescencia em grandes corymbos terminaes.

Flores hermaphroditas, completas, regulares e brancas; calice persistente, gamo-sepalo, com cinco grandes lobos terminados em ponta aguda; petalas em numero de cinco, e estames em numero superior a onze. O fructo é uma pequena bago pluri-locular com sementes pretas muito miudas. É arvore bastante copada e de bellissimo effeito ornamental. Floresce em agosto e os indigenas comem suas folhas cosinhadas.

Cazonzonzo. É uma arvore que habita nas matas; da altura de 3 a 4 metros, de tronco cylindrico, fendido no sentido longitudinal e a casca tem apparencia de cortiça. Folhas simples, alternas, miudas, pecioladas ovaes-lanceoladas, macias ao tacto com a nervura central e peciolo vermelhos.

As flores são uni-sexuaes em amentilhos conicos, quasi esphericos; as femeas são muito pequenas, apetalas, pistilladas e de fôrma ovoide, e as masculas são um pouco maiores com estames indefinidos. O fructo é uma bago vermelha semelhante a uma cereja, multi-valva e poly-sperma.

Os indigenas usam a infusão das folhas, que é adstringente, em bochechos como anti-scorbutico.

Mussache. Arvoresinhas — *Thalamiflores*, D. Candolle — com a altura de 2 a 3 metros, de troncos cylindricos e grossura de um pulso ou pouco mais, em numero de tres a seis, e ás vezes mais sobre cada raiz, muito ramosos, intrincados em fôrma de moitas altas, com espinhos do comprimento medio de 0^m,02. Florescem em agosto e habitam no pequeno valle do riacho Malange. Folhas parecidas com as do damasqueiro, simples, inteiras, alternas, serreadas, estipuladas, pecioladas, espessas, glabras, verde-lustrosas e ovaes-lanceoladas, medindo o limbo das maiores 0^m,075 de comprimento por 0^m,035 de largura.

Flores dispersas, solitarias, grandes, hermaphroditas, completas, regulares, e de aroma muito suave; medem 0^m,07 de diametro quando abertas, e têm todos os cara-

cteres bem definidos das *rosaceas*; calice gamo-sepalo com quatro grandes lobos ligeiramente reunidos pela base, verdes, ellipticos e concavos; petalas em numero de dez, brancas, ellipticas, concavas na prefloação e inseridas sobre o calice; estames livres, eguaes, amarellos, muito juntos, em numero indefinido e muito abundantes, inseridos tambem sobre o calice; estylete do tamanho dos estames, porém muito mais grosso, alargando para a parte superior onde termina por um largo estygma verde, discoide e um tanto concavo.

Fructos-bagas globosas pelo tamanho de pequenas laranjas, de epi-carpo amarello, sarmo-carpo delgado e lenhoso, e endo-carpo carnoso e poly-spermo—parecem-se um tanto com as romãs.

É bonita arvoresinha ornamental e crível que pela cultura se torne ainda mais elegante.

Os indigenas empregam os fructos nos seus processos juridicos e de adivinhação.

Mucia, Terminalia angolensis, Welwitsch. Arvores de porte medio, de troncos cylindricos e tortuosos, camada cortical muito fendida, cujo diametro attinge a 0^m,2, e altura, incluindo a copa, varia de 2 a 5 metros, que habitam nas matas e prados.

Folhas dispersas nas extremidades dos ramos, verdes, espessas, pecioladas, simples, inteiras, privadas de estipulas, ovaes-lanceoladas, medindo o limbo das maiores cerca de 0^m,11 de comprimento por 0^m,03 de largura.

Flores miudissimas em amentilhos axillares, são apetalas, gamo-sepals com dez estames livres.

Fructos mono-spermas indehiscentes, seccos, representando um loculamento central com as margens foliaceas.

Os troncos feridos manam uma gomma semelhante a arábica, um tanto menos friavel e mais hygrometrica.

Os indigenas têm as cascas e raizes como substancias altamente medicamentosas, usam-nas pisadas juntamente com as folhas como topico no esphinter do anus, na doença chamada maculo.

Mufufuta. Creio ser esta a *Albizzia angolensis* de Welwitsch, bonitas leguminosas, de porte elevado, muito ramosas e copadas, que habitam nas florestas.

Tem amplas folhas muito abertas, alternas e dispersas, brevemente estipuladas, longamente pecioladas, pubescentes, verdes, muito macias ao tacto, decompostas, com quatro pares de pinnas, e estas compostas de quatro a cinco pares de foliolos, de peciolos curtos, espessos, ovaes e ob ovaes, medindo os maiores, termo médio, 0^m,030 de comprimento por 0^m,020 a 0^m,022 de largura.

Inflorescencia em grandes corymbos terminaes.

Flores hermaphroditas, completas, regulares, calice gamo-sepalo, quinquefido; petalas em numero de cinco, esverdeadas, muito pequenas e muito caducas, ovaes, concavas, alternas com as divisões do calice e a elle adherentes; estames indefinidos, filiformes, quasi eguaes, brancos desde a base até dois terços da altura e verde-amarellados na parte superior restante, inseridos sobre o calice, livres ou levemente reunidos pela base em um só feixe, com o comprimento de 0^m,025 a 0^m,035, offerecendo a apparencia de um pequeno pincel. Fructos vagens com quatro a seis sementes.

A sua madeira é branca amarellada, rija, muito boa para carpinteria e marcenaria.

Na therapeutica usam os indigenas as raizes rasuradas e suspensas em agua como clysteres nas tympanites das creanças.

Ha mais duas outras leguminosas, especies muito proximas d'esta, a que tambem dão o nome de *Mufufuta*.

Quilluanza. É uma leguminosa arborea que habita nas florestas, copada, elegante, com a altura de 5 a 6 metros, de tronco cylindrico, e casca muito grossa e fendida.

Folhas estipuladas, compostas, com nove ou dez pares de foliolos, sem impar, sesseis e ovaes.

Inflorescencia em espigas, quasi corymbos, axillares.

Flores muito miudas e pareceram-me uni-sexuaes, havendo masculas e femeas no mesmo pé.

O fructo é uma vagem pendente, grande e larga, contendo seis ou oito sementes côr de castanha, luzidas e lenticulares.

A casca segrega gomma branca, alambreada, parecida com a arabica de qualidade inferior.

O seu tronco produz boas madeiras.

Munguife. Arvoresinhas, e ás vezes arbustos, leguminosas papilionaceas que habitam nas matas e terrenos seccos.

Folhas compostas com dez pares de foliolos e um impar, peciolados, verdes, glabros, e ovaes-acuminados.

Flores em grandes espigas terminaes, roxas, papilionaceas. Fructos, vagens pequenas com tres a seis sementes. Florescem em setembro.

Os indigenas empregam o cozimento das raizes em semicupios, em caso de dôres de rins; em injeccões nas gonorrhœas, e tomam a infusão das cascas das raizes como purgante.

Mussema. Parece ser a *Albizzia coriarea* de Welwitsch. É uma leguminosa elegante, de porte medio, da sub-familia das *mimoseas*, de folhas decompostas, verdes, glabras e muito copada com troncos cylindricos que habita nas florestas e matas, e floresce em agosto.

Inflorescencia em corymbos terminaes.

Flores hermaphroditas, completas, com o calice quinquefido, e corolla hypogenea com cinco petalas quasi eguaes, soldadas pela base; estames mono-delphos, eguaes, em numero superior a vinte, muito cumpridos, filiformes, brancos da base até meio e vermelho-rosados para a parte superior; pistillo simples, confundindo-se pelos seus caracteres com os estames.

Transuda uma seiva branca semi-fluida e viscosa, que se solidifica e torna friavel ao ar, constituindo uma gomma muito semelhante á melhor gomma arabica.

A casca d'esta arvore é muito adstringente, e emprega-se industrialmente em cortumes, e na therapeutica indigena a infusão da mesma como collutorio.

Mutungo ou mutundo. Sãa pequenas arvores que habitam

pelasm atas e prados, de troncos cylindricos com o diametro de 0^m,05 a 0^m,10.

Folhas simples, inteiras, brevemente estipuladas, curtamente pecioladas, verdes, glabras, oblongas ou ovaes, alternas, medindo o limbo dos maiores 0^m,04 de comprimento por 0^m,02 de largura.

Inflorescencia em espigas terminaes côr de rosa e inodoras.

Flores hermaphroditas, completas e irregulares; calice vermelho com quatro lobos deseguaes; corolla poly-petala, côr de rosa carregada; estames em numero de oito, eguaes, mono-delphos, curvos, brancos com antheras amarellas; estylete côr das petalas com estyma verde e lamellar; ovario verde, um tanto discoide.

Fructos vagens mono-spermas, foliaceas, falciformes, espheroides na base e ao centro no lugar da semente.

As raizes contundidas e applicadas aos tumores escrophulosos dizem ser de bellissimo effeito, e a infusão da raiz tomada tem applicação na mesma doença. O cozimento das cascas é usado em bochechos nas odontalgias, e ainda usam as raizes raladas em casos de cephalalgia, applicadas sobre a região frontal no estado de pasta.

Molungo. Arvores leguminosas. *Erythrina suberifera*, de Welwitsch. São pouco bellas e de pequeno porte, porém nos mezes de agosto e setembro adquirem fôrmas vistosas, devido á bonita folhagem e longas espigas de flores papilionaceas escarlates.

Habitam nas matas e nos prados, e têm grandes folhas, longamente pecioladas com tres foliolos verde amarellados.

O seu tronco é cylindrico e a casca é espinhosa, e similhante a cortiça.

Esta arvore é tambem cultivada em algumas senzalas, como ornamental.

Em medicina popular empregam o cozimento das cascas juntas com as da *quifuba puiache* em casos de ictericia tomado internamente.

Mutele. Parece-me ser a *Haronga madagascariensis*. São

árvores de porte medio que se encontram nas florestas e matas, com o tronco cylindrico que nas mais robustas pôde attingir 2 metros de circumferencia, com a camada cortical muito fendida e friavel.

Folhas compostas de quinze a dezeseite foliolos alternos, peciolados, glabros e ovaes-lanceolados.

(Continúa.)

FORMULABIO

Rataphia de cacau DO DR. JEANNEL

O auctor recommenda a formula seguinte :

Cacau caraca torrado e partido.....	0,750
Baunilha	0,002
Alcool de 53°	4,000

Macere por 15 dias e cõe; junte ao residuo:

Agua distillada, fervendo.....	1,100
--------------------------------	-------

Depois do arrefecimento cõe e junte ao infuso, assim obtido :

Assucar branco partido.....	1,300
-----------------------------	-------

Solva, misture depois ao liquido alcoolico e filtre.

Pastilhas contra o mau halito

(AMERICANO DRUGGIST)

Café torrado e pulverisado.....	75 gram.
Carvão em pó.....	25 "
Acido borico em pó.....	25 "
Saccharina.....	0,65 "
Tinctura de baunilha.....	q. s.
Mucilagem de gomma.....	q. s.

F. s. a. partilhas de 0 g^r 70, cada uma.

**Pastilhas vermifugas e purgantes
de santonina insolada, com calomelanos**

(KAUFFEISEN)

Calomelanos.	12,5
Santonina ins.	12,5
Chocolate.	500

F. s. a. 500 pastilhas, contendo cada uma 0g^r,025 de santonina e de calomelanos.

Para tomar 1 a 3 por dia de manhã e de tarde, segundo a idade.

Notou-se recentemente que a santonina insolada não perturbava a vista, como faz a santonina ordinaria, e o sr. Kanffeisen constatou o facto pessoalmente.

D.

VARIEDADES

Condemnação de irmãs de caridade.—O tribunal de Floraco condemnou em 500 francos de multa as irmãs de caridade que exerciam a pharmacia em Ispagnac, communa do departamento de Lozère, muito proxima de Florac, e vendiam ao publico; o tribunal ordenou tambem que fosse fechada a officina illegalmente aberta. As perseguições exercidas contra ellas foram a instancias do Syndicato dos pharmaceuticos de Lozère.

Aggregação do Syndicato dos pharmaceuticos de Jura á Associação geral.—Este syndicato acaba de notificar a sua aggregação á associação geral dos pharmaceuticos de França. Estão inscriptos muitos socios, que funcionam com a maior regularidade.

Procedamos nós como elles e acabará de vez a venda de medicamentos officinaes nas drogarias.

Oxalato de cafeina.—O dr. Leipen communicou á academia de Vienna que o oxalato de cafeina, ao contrario, de outros taes d'este alcaloide, é estavel, não sendo de-

composto pela agua e podendo soffrer repetidas crystallisações sem se alterar.

Solubilidade do precipitado branco.—Segundo o *Chem. News* o sr. Stillingfleet-Johnson reconheceu que o carbonato de ammoniaco se oppõe melhor do que o chlorhydrato á precipitação do bichloreto de mercurio pelo ammoniaco. Não só a presença do carbonato no ammoniaco produz a redissolução do precipitado a cada adicção de pequenas quantidades de soluto de bichloreto, mas até, depois da completa precipitação de um soluto de bichloreto pelo ammoniaco, a adicção do carbonato permite redissolver o precipitado.

Grenalha de porcelana.—Fabrica-se em Munich com este nome pequenos globulos de porcelana, destinados á limpeza das garrafas e frascaria, em substituição da escunilha de chumbo.

Conservação das plantas nos hervarios.—O sr. Schontand aconselha o methodo seguinte para conservar as flôres com a côr propria.

Prepara-se um soluto aquoso e saturado de acido sulfuroso, do qual se tomam 4 partes e se lhe junta 1 parte de alcool metilico. As plantas de folhas grandes supportam um banho d'esta mistura por espaço de dôse a deoito horas; as flôres delicadas soffrem um banho de cinco a vinte minutos, segundo os casos.

Em seguida trata-se de enxugar as partes emergidas, por meio do calor do sol ou de uma estufa a temperatura branda, collocando-as depois entre folhas de papel sem colla, d'onde se mudam, sendo necessario, depois de bem enxutas.

Este processo não só conserva a côr, mas tambem facilita a dissecação, de modo que a *sempervirens* se pode seccar em dois dias, as *orchis* e o *arum* em um só dia. Quando o acido sulphuroso descora as petalas, estas readquirem a côr primitiva depois de seccas.

A difficuldade está em distender convenientemente as flores delicadas sem as partir, ao retiral-as do banho. D.

PEÇAS OFFICIAES

SESSÃO DE 13 DE AGOSTO DE 1889.—Presidencia do sr. DRACK

Aberta a sessão eram nove horas, estando na sala numero legal de socios.

O 2.^o *secretario* fez a leitura da acta da sessão anterior.—Approvada.

Leu-se a acta da sessão de 31 de julho de 1889.—Approvada.

O sr. *Teixeira* participou o fallecimento do sr. Antonio Emiliano Gonçalves Nobre, de Elvas, e propoz que se lançasse na acta um voto de sentimento e se participasse á viuva do fallecido, e propoz igual voto pelo fallecimento do enteado do sr. José Mendes Jara.

O sr. *presidente* observou que por falta de numero de socios se não realisaram as duas penultima s sessões, que deveriam ter lugar nas noites regulamentares e que, dependendo a sessão solemne do parecer previo da commissão revisora de contas e sua approvação, esta mesma sessão tivera de ser addiada.

O sr. *Machado* propoz e foi approvado um voto de confiança á mesa para esta tratar do assumpto como entendesse.

O sr. *Machado* apresentou um parecer da commissão de chimica, que teve primeira leitura.

O sr. *Machado* communicou á sociedade ter feito exame de medicina e partos o nosso consocio o sr. dr. Joaquim José Alves.

A sociedade recebeu com especial agrado a communicação do sr. Silva Machado.

O 2.^o *secretario* communicou á sociedade ter obtido a medalha de ouro na exposição de Paris, unica distincção para a classe, quer nacionaes quer estrangeiras, a pharmacia Franco & Filhos.

A sociedade recebeu com agrado a noticia e que d'ella já tinha conhecimento pelos jornaes.

O 1.º *secretario* entre a correspondencia leu um officio da ex.^{ma} sr.^a Benevenuto Clara Pinto, agradecendo os sentimentos da sociedade pelo fallecimento do seu marido, João Thomaz da Silva Pinto.

O sr. *Pessoa* desejou ser informado se já a mesa tinha consultado a associação dos advogados ácerca das propostas por elle apresentadas e cuja discussão está dependente.

Deu explicações o sr. *Fragoso*.

O 1.º *secretario* apresentou uma proposta para socio com nota de urgente; approvada a urgencia, foi proclamado socio correspondente nacional o sr. José Joaquim de Campos Taborda, director da pharmacia do hospital da misericordia de Evora.

Não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a sessão ás 10 horas da noite.—O 2.º *secretario* *D. F. da Silva Noqueira*.

SESSÃO DE 27 DE AGOSTO DE 1889.—Presidencia do sr. SILVA MACHADO

Aberta a sessão eram nove horas da noite, e não se achando na sala o 2.º *secretario*, o sr. presidente convidou o socio o sr. Manuel Fernandes Pessoa a occupar aquelle logar.

O 2.º *secretario* não fez a leitura da acta em consequencia d'esta não ter sido presente.

O sr. 1.º *secretario* leu a correspondencia, que constou de impressos.

Usando da palavra o sr. Simões de Abreu, apresentou por parte do ex.^{mo} sr. dr. Costa Simões, de Coimbra, um volume por elle publicado, e que tem por titulo *A minha administração dos hospitaes da Universidade*; esta offerta para a bibliotheca da sociedade foi recebida com especial agrado.

ORDEM DA NOITE

Feita a leitura do parecer da commissão revisora de contas, ponderou o sr. presidente que a sessão era muito

pouco numerosa, e que melhor seria addiar a discussão do referido parecer.

O sr. *Assumpção* entende que o parecer pôde ser discutido afim dos trabalhos seguirem regularmente. Consultada a sociedade, esta resolveu discutir o parecer.

Posto á discussão e seguidamente a votação, foi approvedo.

O sr. *Assumpção* lembrou a conveniencia de se proceder á sessão solemne da sociedade.

O sr. *Pessoa* disse que lhe parecia que a mesa tinha na mente celebrar a sessão solemne muito breve, porque, fallando com o sr. presidente da mesa, este lhe recommenidou para activar os trabalhos do exame de contas por causa da referida sessão.

O sr. *secretario* participou ter recebido do nosso collega e consocio o sr. Joaquim Paschoal de Faria, de Moura, uma amostra de *carbonato de magnesia*, para ser *ensaiado* no laboratorio; disse mais que aquelle nosso estudioso collega já tinha feito alguns ensaios com os recursos de que pôde dispor.

Foi enviada á commissão de chimica.

Não havendo mais a tratar, foi encerrada a sessão, eram 10 horas da noite.—O 2.º secretario, *D. F. da Silva Nogueira*.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Acta da sessão solemne
commemorativa do quinquagesimo quarto anniversario
da sociedade pharmaceutica lusitana

Presidencia do sr. GUIMARÃES DRACK

Em 16 de outubro de 1889, pelas oito horas e meia da noite, achando-se na sala grande numero de convidados, de socios benemeritos, honorarios e effectivos, o sr. *presidente* abriu a sessão solemne anniversaria e convidou o *segundo secretario*, Francisco Domingos da Silva Nogueira, a fazer a leitura do seguinte:

Relatorio dos trabalhos da sociedade pharmaceutica lusitana durante o quinquagesimo quarto anno da sua installação

Senhores: — Se houvesse mister de justificar perante vós a minha comprovada insufficiencia, não creio que outra occasião por mais solemne, reunisse condições mais de molde do que a que n'este momento se me depara. Mas essa insufficiencia vae mais além de tudo que possa attingir a vossa apreciação, que deixará de ser justa por delicadamente generosa!

A justificação do meu nenhum merito, para assumir o logar que tantas responsabilidades me permite, está sovemente demonstrada na esterilidade dos meus serviços que, revelando uma deficiencia enorme, não poderão, com-tudo accusar sem injustiça grave, falta de dedicação e desejo intimo de me aproximar de tudo que possa, emfim, ser motivo de prosperidade e engrandecimento para o que vós mais do que eu, tendes trabalhado, mercê de uma illustração que me cabe a honra de saudar!

A minha insufficiencia, senhores, vae mais além, vae mais além, dizia, e vae mais além por que a vejo com magua, a reflectir-se na difficuldade que me é impossivel vencer, para expressar o meu enthusiasmo sincero, contando para esta sociedade mais um novo periodo de existencia!

Tal é, pois, o que, n'este momento solemne, vem como um espelho a reproduzir a mesquinhez do meu espirito, que nunca usufruiu o desejo de subir mais alto do que agora, em que a vontade e o amor da razão e justiça me impõem o dever de, primeiro do que tudo, prestar culto a todos que com tão devotada intelligencia e acerto tanto teem feito para os creditos d'esta sociedade.

Na confissão sincera da minha incapacidade intellectual para fazer o justo elogio de que são dignos tantos serviços uteis e louvaveis, encontrarei decerto, mais uma vez, a vossa complacencia a desculpar, se é possivel, os meus erros, denunciantes do meu nenhum saber, mas evidenciados pelo desejo natural de pôr á vossa disposição todo o meu prestimo e todo o meu trabalho!

E' esta a segunda vez que me cabe a subida honra e para vós a triste desillusão, de ser investido de um cargo de que hoje ficareis convencido ser superior ás minhas aptidões.

Doou-m'ó a vossa confiança, mas bem sabeis ser missão espinhosa para um desempenho util e digno !

Havia entre vós quem, por todas as rasões, devesse merecer a vossa eleição, a eleição de nós todos, mas a minha recusa, com quanto perfeitamente baseada, tanto mais que já vos havia provado o meu nenhum valor, a minha recusa, repito, poderia, n'um momento de surpresa, afigurar-se-vos uma como que deserção, ou falta de camaradagem, (permitta se-me a phrase), e tal interpretação constituiria para mim, por menos verdadeira, uma offensa de character, que não desejarei merecer-vos; porém cumprindo o vosso honroso mandato venho hoje aqui a apresentar-vos o relatorio dos trabalhos que mais especialmente foram o objecto do vosso estudo, no cumprimento do § 3.º do artigo 9.º do nosso regimento interno.

Está bem patente no espirito de todos vós o ostracismo a que tem sido votada a pharmacia portugueza que, embora cause magua, força é dizer: quanto tem merecido a attenção dos que officialmente tinham por dever auxiliar-a, n'uma ociosidade ou mal escolhido proposito, cujos resultados não são, pelo menos, tão proficuos quanto desejavamos, e quanto precisaram ser !

A nenhum de vós cabe responsabilidade tamanha, o que não significa motivo bastante para que desapareça em todo o pesar natural do que, por cortezia, podemos alcunhar de desfavor.

Oxalá que coubesse a qualquer dos que me escutam e por qualquer dedicacão pertencesse ao seio do nosso gremio, erguer poderosamente a voz de alarme á qual accu-

disse o soccorro official de que tão justamente carecemos, por que elle se não fazia esperar!

Em solemne momento que a historia patria não esqueceu, disse um notavel estadista:

«Cada um em sua casa pôde muito!»

De facto assim é, e só nos resta a consciencia tranquilla de que a mingua do auxilio de que carecemos nos não tem sido recusada por fraqueza de esforços que todos temos empregado em prol d'esta sociedade.

A' nossa classe exige-se por principios perfeitamente entendidos, uma auctoridade scientifica, que não deveria servir-nos unicamente para um alistamento; mas sim deveria acompanhar-nos sempre, com especialidade em proveito d'uma causa que a todos interessa, havendo de se reclamarem direitos que julgamos garantidos.

Perdoae-me se n'este desabafo me excedo e vos obrigo a acompanhar-me, mas o espirito de classe arrasta-me a isso e, ainda que por mais humilde, não me julgo no direito de ser dos ultimos a pedir justiça.

E' indispensavel que nós unamos, afirmando assim o verdadeiro principio associativo!

A nossa quotisação é assaz diminuta, o que todos vós conhecereis na leitura attenta dos documentos que accusam o nosso movimento associativo, e, portanto façamos um esforço que se me afigura diminuto, para melhorar quanto possivel a nossa existencia.

No grandioso certamen que a França inaugurou, fomos dos poucos que ali não concorreram em pessoa, e comtudo, era a nossa classe uma das que certamente com mais proveito devia fazer-se representar.

Havia muito a lucrar de uma visita, da qual expontaneamente brotaria uma séria observação e minucioso estudo, proprio de homens que não hesitam divulgar os seus conhecimentos e o resultado das estudiosas observações, em conhecimento e proveito de uma classe.

Entre os que me escutam ha intelligencias robustas e não vulgares aptidões que, de bom grado, ousou affirmal-o, se pres-

tariam a ser commissionados por esta sociedade, só com o fim de lhe offertarem conhecimentos novos e novas applicações que fartamente nos compensariam de qualquer sacrificio.

Meus senhores: Os trabalhos mais importantes que a sociedade teve de apreciar, foram os seguintes, que para me não tornar mais fastidioso exporei em breve trecho.

A classe pharmaceutica de Braga dirigiu uma representação á sociedade, para que esta representasse superiormente, pedindo a execução da lei de saude de 1882.

A classe pharmaceutica de Guimarães representou no mesmo sentido, adherindo ao pedido dos nossos collegas de Braga. A sociedade interpretando o motivo das referidas representações deu-lhes o devido destino.

Por indicação de alguns socios deliberou-se representar ao governo sobre infracções commettidas com manifesto desprezo das leis de saude.

O socio o sr. Manuel Fernandes Pessoa propoz representar superiormente contra a indicação em taboletas e rotulos de nomes de individuos não devidamente diplomados, e pediu mais que aquelles individuos fossem riscados do caderno da contribuição industrial. Nomeou-se uma commissão especial para sobre os abusos e infracções das leis de saude apresentar um parecer para servir de base á discussão da sociedade. A commissão apresentou o seu parecer, que ficou pendente por se ter deliberado consultar a benemerita associação dos advogados d'esta capital, com a qual nos honramos de manter as mais cordeaes relações de amizade.

Todas as commissões se desempenharam cabalmente dos trabalhos que lhes foram confiados, manifestando mais uma vez os membros que as compunham inexcusable zelo e dedicação; e a vossa commissão de chimica acaba de submeter á vossa esclarecida opinião o seu parecer sobre uma amostra de magnesia alva, que lhe destes a estudar.

O nosso consocio Alfredo da Silva Machado offereceu á sociedade para ser publicado no jornal uma tabella da solubilidade de um certo numero de substancias; o sr. Ma-

chado coordenou este trabalho segundo a pharmacopêa portugueza.

Tambem este digno e illustrado consocio, apresentou á sociedade uma interessante communicação ácerca da *Emulsão de oleo de fígados de bacalhau com hypo phosphitos de cal e de soda*.

O nosso consocio Agostinho Sezinando Marques offereceu á sociedade um exemplar da sua publicação ácerca da expedição do Muata-Ianvo, na qual serviu como sub-chefe, logar em que prestou relevantissimos serviços ao paiz.

A classe pharmaceutica representou-se dignamente na exposição industrial portugueza, o que é para nós honroso attestado e motivo de entranhada satisfação.

Com grande pezar vos participo o fallecimento dos seguintes consocios:

Manuel Vicente de Jesus, benemerito.

Roberto Duarte Silva, correspondente, professor de chimica analytica na escola central de artes e manufacturas de Paris.

José Moreira Feyo, effectivo.

José Joaquim Brochado Caldas, correspondente, do Porto.

Agostinho Dias Lima, correspondente, de Boticas.

Dr. Francisco Antonio Ferreira da Costa, benemerito, lente jubilado da escola polytechnica.

João Thomaz da Silva Pinto, effectivo.

Antonio Emiliano Gonçalves Neves, correspondente, de Elvas.

*
* *

Depois do que acabo de expor-vos, só me resta agradecer-vos a attenção e indulgencia com que acabaes de me ouvir.

Disse.

Em seguida foi concedida a palavra ao sr. *primeiro secretario*, Emilio Frago, para dar conta dos assumptos seguintes:

Premio José Dionysio Corrêa, fundado no quinquagesimo anno da instituição da Sociedade

PROGRAMMA DE CONCURSO

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em observancia do § 8.º do art. 27.º dos seus estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias o seguinte programma para o concurso que ha de ser julgado no proximo anno.

«Memoria sobre qualquer questão de pharmacia ou sobre assumpto de interesse profissional»

CONDIÇÕES

Os premios consistirão na adjudicação do diploma de *membro benemerito*, acompanhado de um *bonus* de cinquenta mil réis em moeda sonante ao premiado em primeiro logar.

No diploma de *membro honorario*, aos que se seguirem, quando suas memorias sejam julgadas tambem dignas de premio.

A estes premios terão direito os concorrentes que satisfizerem cabalmente á questão escolhida.

Todas as memorias que vierem a concurso serão escriptas em portuguez, se os seus auctores forem naturaes d'este paiz, e em francez, se forem estrangeiros, e virão dirigidas ao primeiro secretario da Sociedade por todo o mez d'abril do anno em que tiverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do auctor em carta fechada, na qual se lerá por fóra, como divisa, a mesma epigraphe da memoria, e que será aberta na sessão solemne, se a memoria fôr premiada; no caso contrario, a carta será entregue ao seu auctor, pedindo-a com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solemne anniversaria, deverão ser para esse fim approvadas pela Sociedade, e além d'isso serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo «*Memorias da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*», recebendo os seus auctores vinte exemplares da referida impressão.

Finalmente, os premios conferidos aos concorrentes, nem sempre serão uma prova de que esta Sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim um testemunho authenticico de que seus auctores desempenharam, em geral, o exigido pela Sociedade n'este programma.

Lista dos doadores e objectos doados á Sociedade durante o quinquagesimo quarto anno

Pelo sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões, de Coimbra : — A minha administração dos hospitaes da universidade.

Pelo sr. D. Antonio Xavier Pereira Coutinho, de Lisboa : — Curso de silvicultura, tomo 2.^o — Esboço de uma flora lenhosa portugueza, por Antonio Xavier Pereira Coutinho — Os quercu de Portugal, idem.

Por mr. Auguste Zune, de Bruxellas : — *Traité de microscopie médicale et pharmaceutique*, par Auguste Zune. — *Analyse des eaux potables et détermination rapide de leur valeur hygiénique*, idem.

Pela Camara Municipal de Lisboa: — Elementos para a historia do municipio de Lisboa, tomo 3.^o da 1.^a parte.

Pelo sr. commendador José Tedeschi, de Lisboa : — *Los Avisos Sanitarios de Madrid*. — *Semanario Farmaceutico*, de Madrid. — *El sentido católico en las ciencias medicas*, de Barcelona. — *Boletin del cambio farmaceutico español*, de Madrid. — *Gaceta de oftalmología, otología y laringología*, de Madrid. — *El Restaurador farmaceutico*, de Barcelona. — *El Porvenir Farmaceutico*, de Madrid. — *La Farmácia española*, de Madrid. — *Boletin de hidroterapia*, de Barcelona. — *Revista de sanidad militar*, de Madrid. — *Boletin de Medicina y Farmácia*, de Barcelona. — *Boletin Farmaceutico*, de Barcelona. — *La Gaceta científica*, de Lima (Perú). — *El Monitor médico*, de Lima (Perú). — *La Crónica médica órgano de la Sociedad «Union Fernandina»*, de Lima (Perú). — *Anales de la «Sociedad de Farmácia de Santiago de Chile»*. — *Revista médica*, de Chile. — *Revista medica*, de Bogolá. — *Giornale medico del esercito e della marina*, de Roma. — *Giornale di farmacia, di chimica, e de scienze offini* publicato dalla Società, di farmacia di Torino. — *L'Orozi, giornale di chimica, farmacia e scienze affini*, publicato per cura d'ell'associazione chimico farmaceutica fiorentina. — *Bulletin des travaux de la «Société de Phar-*

macie de Bordeaux».—Bulletin de la «Société de Pharmacie du Sud-Ouest», Toulouse.—Bulletin de la «Société Royale de Pharmacie», de Bruxelles.—Bulletin général de thérapeutique, de Paris.—Bulletin commercial, annexe de l'Union pharmaceutique.—Moniteur de la pharmacie belge, de Bruxelles.—L'Union pharmaceutique. journal de la Pharmacie Centrale de France.—Gazette de gynécologie, de Paris.—Petites affiches pharmaceutiques et médicales, de Paris.—Revista de medicina e pharmacia, de Paris, edição portugueza.—Gazeta Medica, da Bahia.—União Medica, do Rio de Janeiro.—Boletim de pharmacia, do Porto.—Revista de medicina desimetrica, do Porto.—Coimbra Medica, revista quinzenal de medicina e cirurgia, de Coimbra.—Correio Medico, de Lisboa.—Boletim de therapeutica e pharmacia, de Lisboa.—Der Fortschritt, de Genebra.

Pelo sr. dr. Guilherme Candido Xavier de Brito, do Rio de Janeiro : — Algumas considerações sobre physiologia, pathologia e pathogenia geraes e sobre a pathogenia e o tratamento do cholera asiatico.

Pelo sr. João Belmiro Leoni, do Rio de Janeiro.—Do diagnostico e tratamento do tabes dorsalis. These por Antonio Caetano da Silva Junior.—Da operação de Alexander-Adams. These por José Alfredo Granadeiro Guimarães.—Dos nervos vaso-dilatadores. These por Jorge da Rocha Miranda.—Das atrophias musculares. These por Jorge Torres da Costa Franco.—Diagnostico differencial entre as diversas especies de cirrhosos hepaticas. These por Fernando Terra.—Processos de redução do craneo (esmagamento) qual o preferivel? These por Caetano Furquine Werneck de Almeida.—Talha hypogastrica. These por Francisco de Salles Marques.

Pelo sr. Joaquim Urbano da Veiga, de Lisboa : — Formulario official e magistral, por Joaquim Urbano da Veiga, com um supplemento por Alfredo da Silva Machado e Emilio Fragozo.

Pelo sr. dr. Pinto Portella, do Rio de Janeiro : — A orthopedia na Italia e França.—Impressões de uma viagem a Italia e França debaixo do ponto de vista da moderna orthopedia.

Pelas redacções : — Annaes do Club Militar Naval.—Correio Medico de Lisboa.—Gazeta de pharmacia de Lisboa.—Jornal de pharmacia e sciencias accessorias, de Lisboa.—A Medicina Contemporanea, de Lisboa.—Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas, de Lisboa.—Jornal de pharmacia e chimica, de Lisboa.—Boletim de pharmacia, do Porto.—Boletim noticioso commercial da «Casa Pharmaceutica» do Porto.—Revista de medicina dosimetrica, do Porto.—Boletim da Sociedade Broteriana, de Coimbra.—O Instituto de Coimbra.—Coimbra Medica, revista quinzenal de medicina e cirurgia, de Coimbra.—Jornal de horticultura pratica, do Porto.—A Pharmacia Portugueza, do Porto.—A saude Publica, do Porto.—Boletim de medicina homoeopathica, de Lisboa.—Revista popular de conhecimentos uteis, de Lisboa.—Revista de medicina e pharmacia, de Paris, edição portugueza.—União Medica, do Rio de Janeiro.—Gazeta Medica, da Bahia.—El Restaurador Farmacêutico, de Barcelona.—Boletim de Medicina y Farmacia, de Barcelona.—El sentido católico en las ciencias medicas, de Barcelona.—El Observador Médico, do México.—El Siglo Médico, de Madrid.—Boletim del Instituto médico valenciano.—Gazeta Médica, do México.—Les Nouveaux remèdes, de Paris.—Journal d'hygiène.—Climatologie, de Paris.—Der Fortschrett, de Genebra.

Pelo sr. dr. Samuel Morales Pereira, do Mexico : — Puebla. Su higiene, sus enfermedades, por el doctor Samuel Morales Teixeira.

Pela Sociedade de Geographia de Lisboa: — Boletim da «Sociedade de Geographia de Lisboa». — Mappas de diversas possessões africanas.

Alterações occorridas no quadro da Sociedade Pharmaceutica Lusitana durante o 54.º anno da sua instituição

FORAM ADMITIDOS

Para a classe de effectivos

Arnaldo Augusto de Moraes, *Lisboa.*
 Boaventura Jordão, *Lisboa.*
 João José Machado, *Lisboa.*
 Joaquim Duarte Ferreira, *Lisboa.*
 José Bernardo Lopes da Silva, *Lisboa.*
 José Maria de Jesus Reya Campos, *Lisboa.*
 Mathias Lopes da Cruz, *Lisboa.*

Para a classe de correspondentes nacionaes

Alexandre Gomes da Silva, *Braga.*
 João Chrisostomo d'Almeida, *Coruche.*
 José Luiz Pipa Junior, *Braga.*
 José Rodrigues Pereira, *Braga.*
 Manuel Ferreira da Cunha, *Ilhavo.*

PEDIRAM A DEMISSÃO

Correspondentes nacionaes

Augusto Cesar Marques, *Maranhão.*
 José Mendes dos Santos, *Montemor-o-Novo.*

FALLECERAM

Benemeritos

Dr. Francisco Antonio Pereira da Costa, *Lisboa.*
 Manuel Vicente de Jesus, *Lisboa.*

Effectivos

José Moreira Feyo, *Lisboa.*
 Silvestre Polycarpo Correia Belem, *Lisboa.*

Correspondentes nacionaes

Agostinho Dias Lima, *Bahia.*José Joaquim Brochado Caldas, *Porto.*Roberto Duarte Silva, *Paris.*

RESUMO

Ficam existindo

Protector.....	4
Benemeritos.....	21
Honorarios nacionaes.....	33
Honorarios estrangeiros.....	32
Effectivos.....	112
Correspondentes nacionaes.....	215
Correspondentes estrangeiros.....	29
Total.....	<u>443</u>

Finalmente o sr. *presidente* leu o seguinte

Discurso

Meus collegas e amigos :

E' com o maior praser, e animado do mais grato reconhecimento, que tenho a honra de presidir ao quinquagesimo quarto anniversario d'esta nossa Sociedade, á qual todos temos prestado o culto sincero do nosso trabalho, estima e consideração, em homenagem aos seus fins e tradições honrosas.

E bom é que lhe solemnisemos o anniversario, recordando a sua valiosa organização, para não deixarmos esfriar no animo dos nossos noveis successores, n'este tempo de egoismo pessoal que vae correndo, aquelle calor vital, aquelle espirito de classe entusiasta, de que os nossos intrepidos instituidores nos deram nobre exemplo, e que, arcando com os inveterados preconceitos d'outr'ora, nos conquistou este periodo de existencia mais desafogada, que actualmente disfructâmos, embora estejamos ainda muito longe de termos alcançado a verdadeira carta de alforria, a que nobremente aspirâmos pelo engrandecimento intellectual.

Podemos dizel-o affoutamente, com a profunda convicção de quem profere uma verdade incontestavel—a instituição d'esta Sociedade marca na historia da pharmacia patria uma epoca de regeneração moral, a qual uma classe, embora necessaria e importante como a nossa realmente é, segundo eu julgo, jámais obteria sem ella, attentas as circumstancias especiaes da sua existencia social.

Sem esta poderosa alavanca que nos pinta ao espirito o symbolo da dedicação e o fructo do trabalho dos nossos fundadores, jámais teriamos alcançado no nosso paiz cousa alguma da vida technica independente, de tal ou qual regularisação de ensino profissional, e d'essa pouca representação social que, ainda assim, e embora pese a outrem, usufruimos.

Os nossos collegas, que nos legaram este instituto, como um precioso thesouro d'onde devia sair a prosperidade do nosso provir, comprehenderam com a fina intuição de quem lê no futuro pela experiencia do passado, que não se devia esperar da iniciativa isolada de um ou outro, o que só podia naturalmente derivar do esforço presevante e inabalavel da collectividade, e fortes n'esta idéa metteram hombros á empreza.

Cumpre agora á geração presente, e ás futuras, tornarem-se emulos dignos da geração inaugural d'esta corporação, honrando, pe os seus actos e dedicação acrisolada á nossa causa, os nomes illustres e benemeritos de Dionisio Correia, Sousa Pereira, Bernardo dos Santos, Sousa Telles, Leitão, A. Rodrigues d'Oliveira, e de tantos outros, que fôrão os fundadores e principaes obreiros d'esta util e patriotica instituição.

N'esta lucta pela existencia em que todos vivemos empenhados, cercados como estamos de elementos poderosos, que nos disputam o campo, é necessario, indispensavel, armarmo-nos de muita firmeza d'animo, de muita energia e prudencia simultaneamente, de muita sabedoria, emfim, para conjurarmos os perigos que nos rodeiam, e alcançarmos o patrimonio que os fundadores d'esta Socie-

dade desinteressadamente nos delinearam e nós devemos procurar obter.

Mas para atingirmos o nosso fim, é preciso pela nossa dedicação á sciencia e ao trabalho, e pelas repetidas provas que continuarmos a dar do nosso amor civico desinteressado e independente, é preciso, digo, sabermos conquistar a estima publica e official, porque assim a victoria pacifica da nossa causa, mais tarde ou mais cedo, será certa.

Os favores officiaes não nos teem coadjuvado muito n'esta nossa empreza humanitaria e patriotica, creio até que poderia dizer que nada nos teem coadjuvado; não os solicitamos ainda assim, e dar-nos-hemos por felizes e bem recompeosados, quando virmos attendidos os nossos requerimentos e solicitações em prol da sciencia, da saude publica, e da justa remuneração dos nossos serviços sociaes.

Não somos dos que prestam menores serviços á collectividade; entretanto, muitos mais prestaríamos, se uma administração sabia e previdente nos encaminhasse os passos na infancia, desbravando o terreno que penosamente temos de percorrer, para chegarmos muitas vezes exanimés á estrada franca da sciencia.

Nenhuma classe está em condições tão favoráveis, como a nossa, de prestar serviços assignalados, de toda a ordem, á sciencia, ás artes e ás industrias. Os conhecimentos polytechnicos e a vida de laboratorio, consumida no estudo e manipulação constante dos innumerables productos e materias primas que constituem o arsenal pharmaceutico, teem sido nos paizes mais adiantados um manancial constante de descobertas, muitas d'ellas colhidas ao acaso pela sagacidade dos seus auctores, e com as quaes se teem enriquecido as duas alavancas formidaveis que se traduzem em progresso e bem estar da humanidade. Dil-o a historia de todos os tempos, como d'este logar vol-o recordei na ultima sessão anniversaria, que celebrámos, ao citar-vos os factos mais salientes da vida scientifica dos principaes ornamentos da nossa classe. Os nossos estadistas conhe-

cem perfeitamente os nomes e os trabalhos de Bayen, Pelletier, Caventou, Vouquelin, Le Fevre, Lemery, Baumé, Scheele, Beller, Seba, Leblanc, Souburin, Dorvault, Thomé Pires, e de tantos outros; não lhes chega porém o tempo para estudarem e attenderem todas as multiplas necessidades do serviço publico, e, como as aspirações justas, e as injustificaveis, são muitas, succede que os que mais proximo vivem do sol, são os unicos aquecidos.

Os trabalhos recentes do nosso illustre consocio e benemerito explorador, Sésinando Marques, que estão em via de publicação, mostram á evidencia quanto o paiz podia já dever á iniciativa da pharmacia official no ultramar, se, em vez do abandono completo a que nos tem sacrificado, auxiliasse com o necessario ensino profissional a mocidade estudiosa que se dedica á nossa profissão. Uma educação scientifica methodica e regular, á altura das necessidades da nossa profissão bem comprehendida, como só o estado pôde proporcionar, e uma classe de aspirantes pharmaceuticos no quadro da armada, como se faz no exercito de terra, e na propria armada, para auxiliar os alumnos que se destinam ao serviço medico — eram duas medidas mais do que sufficientes para assignalarem a passagem de um estadista pelos bancos do poder. Não deveriamos ao acaso a gloria que Thomé Pires e um ou outro seu imitador intrepido providencialmente nos teem dispensado; veriamos necessariamente caminhar com passo certo e firme o estudo da nossa extensa flora e fauna ultramarinas, e veriamos enriquecer o commercio com muitos artigos, até hoje desconhecidos ou mal apreciados, em proveito das artes e da industria. Seria, emfim, mais uma tentativa honrosa, mais um exforço, se tanto lhe quizerem chamar, para entrarmos com brilho na communhão das nações que teem uma parte activa no progresso da humanidade, deixando de representar o humilde papel de comparsa, ao qual uma orientação impensada, ou para melhor dizer, uma imprudente desorientação, fatalmente nos tem condemnado.

Mas que o estado nos dê já ou não, o que de direito nos pertence, não nos esqueçamos nunca dos deveres que contraímos ao aceitarmos o diploma, e supramos com os nossos esforços individuaes e collectivos o deficit que do mesmo estado recebemos.

Disse.

Em seguida o mesmó sr. *presidente* encerrou a sessão eram dez horas.—O 2.º secretario, *F. D. da Silva Nogueira*.

PHARMACIA

Creolina

O *Jornal de Pharmacia da Lorr.* dá-nos esclarecimentos muito interessantes sobre a natureza e composição da creolina, a qual tem sido objecto de muitas e repetidas investigações, sem que até hoje tenha sido possível obter conhecimento exacto da composição d'este remedio, tão gabado debaixo do ponto de vista pharmaceutico e considerado como um desinfectante de primeira ordem e um antiseptico de futuro.

A creolina de Jeyes foi tomada a principio por um producto da distillação secca de uma certa hulha.

Todavia, Schenkel julgava que ella não passava de um composto identico ao seu *sapocarbol*, mistura de productos de alcatrão com ponto de ebulição elevada, contendo phenol com gordura e agua,

Outros chimicos reputaram-a composta: de hydrocarbonetos com ponto de ebulição elevada, de phenoes insolúveis, de corpos basicos, de corpos mineraes.

Um facto constante, registado por todos os observadores, é que a emulsão de creolina é precipitada pelo acido chlorhydrico ou pelo acido sulphurico diluido. Por isso alguns chimicos tem tentado descobrir a presença de um sabão e, encontrando acido abietico, tem tirado a conclusão de que na creolina existe um sabão de resina, capaz de emulsionar os productos do alcatrão.

A creolina é um liquido côr de castanha, carregada, limpido, possuindo cheiro desagradavel, de 1,048 de densidade, soluvel no alcool, no ether, e no chloroformio. Quando se lhe junta uma certa porção d'agua, emulsiona-se, podendo readquirir a sua primitiva limpidez se lhe juntarmos acido chlorhydrico ou acido sulphurico, soda ou chloreto de sodio, e n'estes casos deixa precipitar uma massa resinosa, molle plastica, que séca pelo arrefecimento e da qual se pôde extrair pelos processos ordinarios o acido abietico.

Os carbonetos de hydrogeneo que entram na sua composição, sujeitos a uma distillação fraccionada, passam entre 200 e 350°. Quanto aos phenoes, que se tem separado da emulsão por meio do acido sulphurico e tratados pelo ether, distillam entre 200 e 310°.

Com estes dados já se pôde reproduzir a creolina de Jeyes e vê-se que ella é formada pelo acido carbolico bruto, do commercio, enriquecido provavelmente com acido carbolico crystallizado.

Deverá ter a composição seguinte:

Hydrocarboneto fervendo de 200 a 350°..	59,6
Phenoes brutos, fervendo de 200 a 310°...	10,4
Bases pyridicas.....	0,8
Acido abietico.....	23,0
Soda.....	2,8
Agua.....	3,4

E' pois uma mistura de phenoes de ebullicão elevada, de uma pequena quantidade de pyridina e d'um sabão resinoso de base de soda, e obter-se-ha facilmente uma preparação identica á creolina ingleza, misturando um sabão de resina com oleos de alcatrão fervendo de 190 a 350° e kresol a 100 % de acido phenico.

Segundo estes resultados, colhidos pela analyse chimica, já se pode fixar de antemão o valor d'este producto de baixo do ponto de vista medico. «Se nós admittirmos que a acção anticeptica da creolina é devida aos phenoes contidos no acido carbolico e que estes phenoes que não se tem podido empregar pela sua fraca solubilidade na agua,

não precisam ser emulsionados para possuírem toda a sua actividade, é-nos facil obter uma preparação analoga á creolina, preparação que conterà a mesma quantidade de phenoos e que, portanto, possuirá a mesma propriedade.»

«De facto, em uma emulsão, acrescenta o mesmo jornal d'ondo extrahimos este artigo, — as particulas das substancias emulsionadas são por tal modo tenues, que essa emulsão se parece com um soluto.»

No commercio giram, além da creolina de Jeyes, a de Hartemann e outras; aquella, porém, não tem sabão de resina, nem mesmo phenoos. O que ella tem são carbonetos emulsionados; mas com que producto?

Heis o que ainda não foi possível descobrir.

D.

Emulsão de naphtol

A insolubilidade do naphtol é um grande obstaculo á administração, sob a fôrma liquida, d'este desinfectante e antiseptico, tão preconizado actualmente no tratamento antiseptico de febre typhoide. No entanto, por difficuldade na deglutição de substancias solidas, mais rapida absorpção, ou qualquer outra circumstancia, pôde haver conveniencia na adopção da fôrma liquida.

O sr. Mainiel, interno dos hospitaes de Paris, tendo tido necessidade de preparar poções de naphtol, propoz-se resolver o problema.

Empregou como intermedio diversos dissolventes — ether, alcool, glicerina e oleo de amendoas. Os solutos ethereo, alcoolico e glycerico, preparados em proporção de 1:4, deixavam precipitar o naphtol pelo arrefecimento, ou por simples mistura com o julepo gommoso. Pelo contrario o soluto oleoso, preparado na proporção de 1:9, foi facilmente emulsionado com a agua e o naphtol conservou-se assim perfeitamente dissolvido. A formula adoptada pelo sr. Mainiel é a seguinte:

Looch ou emulsão de naphtol

Soluto oleoso de naphtol, de $\frac{1}{10}$ 20 gram.

Gomma arabica em pó.....	20 gram.
Xarope simples.....	30 gram.
Agua de flores de laranjeira.....	20 gram.
Agua distillada.....	60 gram.

Faz-se uma mucilagem com a gomma e o dobro do seu peso de agua; ajuntta-se a pouco e pouco o soluto oleoso, agitando vivamente, dilue-se finalmente com o restante liquido.

S. M.

Decomposição dos solutos d'iodoformio

FOR M. GARLES

Quando um soluto ethereo d'iodoformio se approxima do termo da saturação, torna-se instavel, e, sob a influencia de causas as mais pequenas, decompõe-se tomando uma côr semelhante á da tinctura d'iodo officinal.

Lançando algumas gottas d'este soluto alterado sobre uma folha de papel, nota-se que este se cora em azul, o que prova que uma parte do iodo estava em liberdade.

Em geral, a decomposição está na rasão directa do grau de saturação do soluto.

Com o ether anhydro e chimicamente puro, as cousas passam-se como com o ether medicinal.

Com o ether alcoolisado, a decomposição retarda-se; do mesmo modo se o soluto está privado da acção da luz.

A acção do ar e do ozone não deve ser invocada como sendo as causas da decomposição de que se trata.

A quantidade de iodo em liberdade é tão pouco consideravel que não podemos avalial-o pelas apparencias; para o reconhecer, é sufficiente agitar o soluto alterado com um globulo de mercurio; o iodo livre combina-se com este metal formando o proto-iodeto de mercurio, e o soluto ethereo estando menos saturado torna-se por isso mais notavel.

Comtudo, os solutos ethereos, nos quaes uma parte do

iodoformio foi decomposta, pôdem ser empregados em cirurgia sem nenhum inconveniente.

Os solutos chloroformicos d'iodoformio comportam-se como os solutos ethereos.

(*Journal de Ph. et Chim.*)

A.

O leite como vehiculo do iodeto de potassio e da quinina

M. Lassar aconselha dar o iodeto de potassio no leite que, melhor que todos os outros vehiculos usados, mascara o gosto d'este sal. M. Ewald, confirmando tambem a asserção de M. Lassar, accrescenta que o leite pôde servir tambem para fazer desaparecer o gosto desagradavel ou amargo de muitos outros medicamentos e entre elles a quinina.

A composição d'alguns leites condensados

J. C. Shenstone acaba de praticar uma serie d'analyses de leites condensados. Para dosear as materias proteicas, servia-se do methodo de Rithausen. As materias gordas foram separadas pelo ether. As dosagens do assucar do leite e do assucar de canna foram feitas da seguinte maneira :

Dissolveu 30 grammas de leite condensado em agna distillada quente; deixou resfriar, elevou a 97 centimetros cubicos e juntou 3^o d'um soluto de nitrato de mercurio a 1 p. 5.

Feita a separação da caseina, filtrou; tirou 40 centimetros cubicos do liquido filtrado, diluiu a 100 centimetros cubicos com agna distillada e doseou o assucar do leite com o licor do Fehling.

Uma porção do mesmo liquido diluido foi examinado no polarimetro. O desvio observado é a somma das divisões determinadas por sua vez pelo assucar do leite e assucar de canna. Como se sabe pela operação precedente quanto

o liquido contém do primeiro dos dois assucares, é facil achar pelo calculo quanto contém do segundo.

Segundo Shenstone, este processo dá bons resultados. Eis em que limites variou a composição dos differentes leites condensados que foram examinados por este chimico:

Agua.....	24,8	a 30,3	p. 100
Substancias gordas...	4,0	11,5	-
Substancias proteicas.	10,67	12,6	-
Cinzas.....	1,90	2,42	-
Assucar de leite....	14,20	15,75	-
Assucar de canna....	29,95	39,95	-

Segundo Job. Muter, estas analyses podem effectuar-se sem recorrer ao emprego do polarimetro.

Para isto, pezam-se 10 grammas do producto que se misturam com 4 grammas de sulfato de cal hydratada. Evapora-se á secco agitando constantemente para evitar a formação de grumos. Pulverisa-se a massa secco e livia-se com ether no aparelho de Soxhlet. Temos assim um soluto de substancias gordas no ether, evapora-se este e pesa-se o residuo.

O producto lixidado é levado a um vaso de Bohemia, e addicionam-se successivamente 20° d'agua quente (não fervente) e 30° d'alcool diluido (60°). Agita-se, deixa-se resfriar, lança-se sobre um filtro, lava-se com alcool forte até que o liquido filtrado occupe um volume de 120°. Este liquido é dividido em duas partes, uma secco-se a 100° n'uma capsula de platina tarada. A differença dos pesos representa a totalidade das materias assucaradas e as materias mineraes. Incineram-se e pesam-se de novo. O peso das cinzas diminuido do peso achado precedentemente dá as materias assucaradas.

Finalmente a segunda porção do liquido é empregada para a dosagem do assucar do leite, que se effectua com o licor de Fehling.

(*Journ. de Ph. et Ch.*)

Essencia de hortelã pimenta

E' clara, transparente, ao principio esverdeada, depois amarellada. Torna-se espessa, cora-se e resinifica-se á luz, ferve a 190°, tem reacção acida, sabor quente, aromatico e desvia á esquerda o plano de polarisação; dissolve a fuchsina a frio e redul-a a quente. O iodo não reage vivamente sobre ella. O alcool a 90° dissolve-a em todas as proporções. Cincoenta partes d'essencia adicionada d'acido azotico (1 p.) cora-a ao principio em amarello, depois em escuro; torna-se por fim esverdeada ou azul violeta por transparencia e vermelha e acobreada por reflexão. O acido sulfurico dá-lhe uma côr amarello vermelha, tornando-se de framboesa pela addição do alcool.

Coagula se e cora-se em vermelho, pela addição do chromato de potassa. As essencias das outras Labiadas não offerecem esta reacção. O bi-sulfureto de sodio, em solução concentrada, dá-lhe uma côr azulada ou esverdeada ou rosada. As colorisações diversas que offerecem a essencia de hortelã, com os citados reagentes, parece devidas ás differenças d'origem e podem servir para caracterisar certas sortes commerciaes, que o acido azotico não permite distinguir umas das outras.

Submettida a uma temperatura inferior a 0°, a essencia d'hortelã deixa algumas vezes depositar uma sorte de *camphora*, que Oppenheim chamou *Menthol*.

O *Menthol* ($C^{10}H^{20}O$) apresenta-se sob a fôrma de prismas hexagonaes, incolores, brilhantes, fusiveis a 36°, e fervendo a 208° e possuindo o cheiro da essencia. E' pouco soluvel na agua, muito soluvel no alcool, ether, oleos gordos e volateis; a sua dissolução alcoolica desvia á esquerda a luz polarisada. Aquecida com o acido sulfurico, acido phosphorico anhydro ou chloreto de zinco, transforma-se em um liquido mobil, de cheiro agradavel, chamado *Menthène* ($C^{10}H^{18}$). De resto, a sua proporção nas essencias d'origem differentes é muito variavel. A constituição

da parte oleosa ou liquida da essencia, que fica após o deposito do menthol, nã o é ainda conhecida.

Exporta-se da China, sob os nomes d'*Essencia Chinezã* ou d'*Essencia japoneza d'hortelã pimenta*, uma substancia d'aspecto crystallino e que é quasi exclusivamente composta de menthol. Esta substancia é fabricada no Cantão por distillação d'uma planta, que se julga ser a *M. arvensis*, L., var. *javanica* (*M. javanica*, Bl)

A essencia d'hortelã é muitas vezes falsificada, pela adicção do alcool, oleos fixos, essencias de terebinthina, copaiba, mostarda, gengibre.

O alcool revela-se: 1.º agitando o liquido suspeito, com agua, que augmentará de volume, se a essencia contem alcool; 2.º tratando a mistura com acetato de potassa, que se dissolve no alcool e não na essencia.

Os oleos gordos, são reconhecidos: 1.º por distillação com a agua, que arrasta a essencia e deixa o oleo; 2.º lançando uma gotta sobre o papel e deixando evaporar-se; se a essencia contem oleo, deixa uma mancha gordurosa; 3.º tratando a mistura pelo alcool a 90º, que não dissolve os oleos.

O oleo de ricinos, que é solúvel no alcool, determina-se deixando evaporar a essencia suspeita e trata-se o residuo com carbonato de soda e acido azotico; se contem oleo de ricinos, desenvolve-se em cheiro d'acido œnanthylico.

A essencia de copahiba revela-se aquecendo a essencia com acido azotico: se a essencia é pura, escurece, sem se tornar espessa; se contem essencia de copahiba produz-se uma reacção muito viva e o liquido solidifica-se ao menos parcialmente.

A essencia de terebinthina determina-se soprando com a bocca n'um frasco com $\frac{3}{4}$ cheio d'essencia; se é pura, produz-se sómente pequenas gottas claras em rosario; se é impura (mesmo a 5 0/0 somente), o vapor da respiração fórma á superficie da mistura estrias nubelosas, que penetram no liquido e vão ao fundo. Este caracter parece ser d'uma grande sensibilidade.

A *essencia* de *mostarda* reconhece-se, aquecendo-se a mistura com potassa caustica: produz-se então sulfureto de potassio, que os saes de chumbo denunciam claramente.

Segundo Flückiger, o chloral dá á *essencia* d'hortelã pimenta uma colorisação verde escura. Baudrimont diz que esta côr é d'um bello vermelho e que se torna escura pela addicção do acido sulfurico. Esta reacção parece característica.

Applicado este processo á distillação das *essencias* de hortelã franceza, allemã e ingleza, Yehn obteve as colorisações seguintes:

Com a *essencia* franceza: vermelha;

Com a » allemã: amarello-escura;

Com a » ingleza: colorisação ainda mais fraca.

Se tratarmos estas tres sortes d'*essencias* por uma mistura d'acido sulfurico e d'alcool, obtem-se;

Com a *essencia* ingleza: muito turva, amarello escuro, atirando para esverdeado; o liquido filtrado é vermelho escuro;

Com a *essencia* allemã: mistura turva, vermelho-framboesa clara; o liquido filtrado é da mesma côr;

Com a *essencia* franceza: mistura muito turva, escuro d'ocre; o liquido filtrado é escuro.

CHIMICA

Aplicações industriaes do oxygenio

POR L. T. THORNE

Emprego do oxygenio para o branqueamento

Admitte-se geralmente que no branqueamento pelos chloretos descolorantes é o oxygenio nascente o agente activo. Comtudo as tentativas feitas para substituir o chloro pelo oxygenio não tem dado até ao presente nenhum resultado. No branqueamento sobre o campo, a acção do oxygenio do ar effectua-se sob a influencia dos

raios solares. Para operar o branqueamento, é necessario que o oxygenio esteja no estado nascente ou sob a sua fôrma activa, o ozone.

A experiencia mostra, com effeito, que o oxygenio só actuando a alta ou baixa temperatura, á pressão normal, ou a alta pressão, não destrua as materias còrantes.

O oxygenio misturado com o chloro possui um poder descorante muito mais consideravel. Numerosas experiencias tem sido feitas a este respeito e principalmente sobre hastas de papel de diferentes naturezas. Os resultados obtidos foram sempre no mesmo sentido. Se fizermos passar, por exemplo, uma corrente d'oxygenio na pasta de papel diluida com um soluto de chloreto de cal, verifica-se que o branqueamento da pasta é muito mais rapido do que se operarmos sem oxygenio.

Com o ar, o effeito é nullo, é o que se observa com o chloreto de cal só. Com o azote, o branqueamento parece demorado. O oxygenio produz então um resultado favoravel. A sua acção é perfeitamente posta em evidencia pela seguinte experiencia :

Se operarmos n'uma caldeira fechada, munida d'um indicador de pressão, observa-se que fazendo chegar lentamente o oxygenio a uma pasta em suspensão n'um soluto de chloreto descorante a pressão não augmenta no aparelho. Se fizermos passar o azote, a pressão augmenta immediatamente e, se abirmos então um tubo de desprendimento, o gaz que se recolhe contém chloro.

O ar actua do mesmo modo, mas encontra-se pouco oxygenio no gaz que se recolhe do aparelho.

Demonstra isto que o oxygenio é absorvido n'estas condições, mas a absorpção d'este gaz é lenta. Resulta que não é necessario fazê-lo chegar muito rapidamente, sob pena de vermos a sua acção tornar-se prejudicial, por isso que o excesso do oxygenio facilita o arrastamento do chloro. Estas experiencias tem demonstrado, além d'isso, que o oxygenio activa o branqueamento e permite de diminuir consideravelmente a quantidade de chloro descorante ne-

cessario para produzir acção. Pôde-se assim diminuir de 40 a 50 p. 100 a quantidade de chloreto de cal. Mas é importante de dividir bem o oxygenio e de pôl-o em contacto tão intimo quanto possivel com a materia a branquear.

Taes foram os resultados obtidos no laboratorio. Estes ensaios repetiram se em grande escala n'uma fabrica de pasta de papel. Trataram-se por differentes vezes 50 pipas de pasta de papel de differentes qualidades, pasta de palha, etc. A substancia estava collocada em cubas abertas de 0,^m50 de profundidade, ao fundo das quaes o oxygenio chegava por uma serpentina com buracos. N'estas condições desvantajosas, fez-se uma economia de proximoamente 30 p. 100 de chloreto de cal, dispendendo-se 680 litros d'oxygenio por barrica de pasta. Comapparelhos melhor installados, a economia seria evidentemente maior e conseguir-se-hia provavelmente o que se obteve nos ensaios do laboratorio.

Fazendo actuar sobre a pasta de papel misturas de chloro e de oxygenio, chegou-se aos mesmos resultados : um branqueamento muito mais rapido e uma economia de 50 p. 100 pouco mais ou menos na quantidade de chloro necessario. Este processo pôde applicar-se ao branqueamento de todas as pastas de papel ; além d'isto, o auctor pretende que as pastas assim branqueadas alteram-se menos e dão um papel mais resistente ; a economia realisada seria assás importante ; calcula de 4 a 5 francos por pipa de pasta.

O auctor procura explicar a acção d'esta mistura de chloro e de oxygenio sobre as materias corantes da pasta e os phenomenos chimicos que se passam n'estas condições. As experiencias porém feitas com este fim não são sufficientemente demonstrativas e as suas explicações repousam ainda sobre hypotheses.

Emprego do oxygenio para a purificação do gaz d'illuminação.—Foi M. Valon o primeiro que propoz o emprego do oxygenio para a purificação do gaz d'illuminação. Sa-

be-se que a mistura de Laming empregada para a purificação do gaz pôde ser regenerada successivamente dez a doze vezes, logo que se torne inactiva, por uma simples exposição ao ar. Esta operação pôde supprimir-se fazendo passar com o gaz uma pequena quantidade d'ar que regenere o oxydo ferrico. Sómente esta pratica diminue o poder illuminante, porque o azote do ar fica misturado com o gaz. M. Valon teve a idéa de substituir o ar pelo oxygenio puro. N'este caso, não só o poder illuminante do gaz não diminuiria, mas, affirma elle, seria augmentado. Além d'isto a revirificação do oxydo ferrico se faria mais regularmente.

Além d'isso, pode-se, d'este modo, supprimir completamente o oxydo de ferro e introduzir nos depuradores sómente cal. A proporção mais conveniente d'oxygenio a juntar ao gaz seria 0,1 p. 100 para 6,5 de enxofre por 100 pés cubicos.

N'estas condições, o enxofre fica nos depuradores em parte combinado á cal, o resto no estado de liberdade.

Saindo dos depuradores, o gaz contem, ao maximo, seis a oito moleculas de enxofre por 100 pés cubicos, quantidade que está muito abaixo da proporção fixada pelas condições do contracto.

Estes factos estão até ao presente sem explicação.

Emprego d'oxygenio para a depuração dos alcools.—Preveem-se ainda outras applicações interessantes do oxygenio, tal é a que tem por fim a depuração dos alcools. O alcool em contacto durante dez dias com o oxygenio fica beneficiado tanto como em tres a cinco annos. As amostras assim tratadas pelo oxygenio foram submettidas á analyse e verificou-se uma grande diminuição na quantidade, que elles continham. Parece tambem que o oxygenio queima os productos secundarios que se acham em pequena quantidade nos alcools e os transforma em productos inoffensivos.

Sobre os vinhos, a acção do oxygenio é de menos vantagem e não parece poder ser-lhes applicada; n'estas condições, tornar-se-biam geralmente acidos.

Emprego do oxygenio para a obtenção de altas temperaturas.—E' necessario recordar o uso bem conhecido do oxygenio e muitas vezes utilizado nos laboratorios. A industria fornece, de resto, para isto, o oxygenio sob uma fórma commoda, comprehendida debaixo d'uma forte pressão, nos cylindros de ferro.

Além d'isto é certo que o oxygenio mesmo com o seu preço actual, terá applicações na metallurgia e outras industrias em que é ensaiado actualmente.

(*Journal de Ph. et Ch.*)

A.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

**Excerpto do «Os climas e as produções,
das terras de Malange á Lunda»**

POR SESINANDO MARQUES
SUB-CHEFE DA EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATA-IANVO

(Continuado da pag. 172)

O fructo é um disco lenticular fibroso, lenhoso com 0^m,04 de diametro, e iriçado de compridos aculeos asperos e picantes, tendo em volta, disposta circularmente, uma folha membranosa ou coriacea, verde tambem, com espinhos, da largura de 0^m,025. É uni-locular e com uma semente amarella um pouco cuneiforme, do tamanho de um chicharo, de albumen branco-amarellado.

Tanto pelo eixo primario como pelos secundarios, quando feridos, verte um liquido viscoso avermelhado, que pouco tempo depois se solidifica e torna friavel, constituindo um kino de bonita côr e poderosa adstringencia.

Os indigenas empregam no curativo de ulceras e feridas as raizes contundidas, em fórma de pasta, e outras vezes em pó.

Muzuco. Arvore de 3 a 6 metros de altura, um tanto copada algumas vezes, outras um pouco esguia, de tronco

cilindrico com a circumferencia media de 0^m,5, que habita nas florestas e prados.

É uma leguminosa que me parece ser da sub-familia das *caesalpineas*, com folhas amplas, bonitas, verdes, compostas de onze foliolos alternos, ovaes, peciolados, glabros na pagina superior e de ligeira pubescencia côr de canella na inferior, que se estende a toda a nervura commum.

Flores axillares, solitarias, muito aromaticas, com o calice gamo-sepalo de pellos côr de canella com quatro lobos; corolla com uma só petala branca, concava, caduca, um tanto circular, laciniada, tendo uma unha estreita e curta; estames indefinidos, livres, amarellos e deseguaes.

Os fructos são vagens cylindricas, da grossura de um dedo, côr de castanha, glabras, lustrosas, tortuosas, tomando ás vezes a fôrma de um S, com 0^m,15 a 0^m,20 de comprimento, e muito parecidas com as da *Cassia fistula*.

Floresce em agosto. Os indigenas empregam as cascas do tronco pisadas, em estado de pasta, como topico nas otites e otorrehas.

Ditanga sesse. Planta herbacea, dioica, annual, da familia das *cucurbitaceas*, com os caules verdes de quatro estreas longitudinaes, muito ramosos, muito compridos, rasteiros e trepadores, e pouco mais grossos de que uma penna de ganso.

Habita nos prados junto a vallados, ou nas depressões de terrenos.

Folhas alternas, pecioladas, estipuladas, oppostas ou juntas a gavinhas, grandes e verdes, palmatilobadas, rudes ao tacto, tendo as maiores as dimensões approximadas da palma da mão.

As flores masculas compõem-se de um profundo calice tubuloso, verde, cylindrico, terminado por cinco pequenos dentes com os quaes alternam cinco petalas brancas; estames em numero de tres, reunidos pelos filetes, formando um só corpo conico da grossura de um lapis; as femeas são muito semelhantes a estas, tendo um ovario infero, espherico, verde, do tamanho de uma cereja.

Fructos, bagas perfeitamente esphéricas, do tamanho de laranjas, e às vezes maiores, pluri-loculares e poly-spermas, de epi-carpo coriáceo, verde, sulcado ou ondulado de amarello, meso-carpo carnoso, compacto, duro, de côr esbranquiçada e muito amargo; sementes brancas, chatas, um tanto ellipsoides. São parecidas com as bagas da *Cucumis colocynthis*.

Floresce em setembro; é de bonito effeito ornamental, e os indigenas aproveitam-no no adorno dos tapumes, e com as bagas fazem medicamentos.

Mussegueia. Outra *cucurbitacea* annual, monoica, trepadeira ou rasteira, de caules estriados, herbaceos, levemente pilosos, da grossura de uma penna de gallinha, que habita nos campos humosos e frescos.

Folhas simples, estipuladas, alternas, e oppostas a gavinhos, longamente pecioladas, com sete lobos irregulares, deseguaes e recortados, de cheiro nauseoso, medindo o limbo dos maiores 0^m,06 de comprimento por 0^m,08 de largura.

Flores pequenas e axillares, tendo as masculas um calice verde com cinco sepalas eguaes e lanceoladas; petalas amarellas em igual numero, ellipticas e planas, tres estames de filetes quasi rentes reunidos pelas antheras a constituirem uma pequena esphera amarella e lavrada; as femeas têm petalas como as masculas, sobre um ovario infero, livre, verde, espinhoso e ovoide.

Fructos peponidos pyriformes, angulosos, espinhosos, amarellos, pouco maiores do que cerejas, com sementes brancas, planas, mais pequenas que as de melancia.

Recorda-me ter visto a mesma planta na ilha de S. Thomé em altitude absoluta inferior a 25 metros.

Os indigenas usam-n'a como amuleto em volta do peçoço em algumas doenças provenientes de feitiços.

Calumbi. Parece-me ser a *Rubis pinnatus*, de Oliver, que o sr. conde de Ficalho descreve com o nome vulgar de *Musumo*¹.

¹ *Plantas uteis da Africa portugueza*.
Nona serie—Anno de 1889

Rosacea vivaz, muito espinhosa, de caules cylindricos, da grossura media de um dedo pollegar, com folhas alternas, estipuladas, longamente pecioladas, verde-escuras, aciculares, muito asperas, compostas de cinco a sete foliolos ovaes lancelados, bi-serraedos, e flores em longas espigas terminaes de fórma conico-pyramidaes, com cinco petalas côr de rosa, cinco sepalas verdes, e estames livres indefinidos.

Fructos multiplos, esphericos, vermelhos, de tamanho de cerejas, coroados pelo calice.

Apenas encontrei d'esta planta uma grande moita, muito espessa, da altura de 5 a 7 metros, no pequeno valle do riacho Malange, que ás primeiras impressões a confundi com o *Rubus fruticosus*, tão vulgar em os nossos campos com o nome de *silvas*.

Os indigenas não aproveitam os fructos, que aliás são adocicados, saborosos e muito agradaveis ao paladar.

Constou-me que nos concelhos de Ambaca e Pungo Andongo habita tambem a mesma planta, o que não pude verificar *de visu*.

Muria-candombe, *Mudiangilla* ou *Mudiangombo*. São tres nomes por que se conhece um arbusto bi-annual, que algumas vezes adquire o porte de pequenas arvores, de caules lenhosos, verdes, quadrangulares, fistulosos, da grossura de uma penna de ganso até á de um dedo pollegar, com numerosos eixos secundarios volubilados, flexiveis, intrincados, e formando moitas.

Folhas inteiras, simples, oppostas e alternas, verde-escuras, não estipuladas, ovaes-oblongas ou lanceoladas, espessas e lustrosas, medindo o limbo das maiores 0^m,15 de comprimento por 9 de largura.

Flores em corymbos terminaes, em grupos unidos de tres a seis; calice verde, tubuloso, denteado; corolla vermelha, de cheiro viroso, mono-petala, hypogenia, hypocrateriforme com cinco grandes lobos no limbo; estames em numero de quatro, didynamos, escarlates, filiformes, encaicolados, com antheras oscillantes, côr de castanha e inse-

ridas na garganta; pistillo simples, erecto, vermelho e filiforme; ovario verde e espherico.

Fructos, bagas negras lustrosas, tetra-loculares, tetra-spermas, um tanto discoides, pelo tamanho proximamente de um tremçoço.

Segundo me informaram, emprega-se o cozimento das folhas e raizes em casos de *peste* — creio ser febre biliosa. N'algumas terras dão-lhe o nome tambem de *mucolahembo*.

Lurossa. Asparaginea dioica, rasteira ou trepadora do genero *milax*, que vive nos matos, florestas e finalmente em quasi todos os terrenos incultos.

A raiz—rhizoma — é da grossura de uma penna de ganso, chegando á de um dedo minimo, disposta horisontalmente, fibrosa, succulenta, articulada, radiculada, côr de palha, de sabor insipido ou levemente salino.

Folhas alternas, lustrosas, verde-amarelladas, pecioladas, espessas, oblongas, com tres nervuras arqueadas e longitudinaes, medindo o limbo das maiores cerca de 0^m,14 de comprimento por 0^m,10 de largura.

Os eixos aereos são pouco mais grossos de que uma penna de gallinha, cylindricos, muito espinhosos, e muitas vezes volubilados e annuaes.

Inflorescencia em corymbos esphericos.

Flores femeas com seis sepalas cercando um ovario supero com tres estyletes curtos.

Fructos, bagas esphericas, pouco maiores que pimentas e tri-spermas.

Os europeus e indigenas, debaixo do ponto de vista therapeutico, empregam os cozimentos dos rhizomas nos mesmos casos que se empregariam os da salsa parrilha, *Smilax medica*.

Diluwo. Planta herbacea, annual, de caule ramoso, quadrangular, um tanto lenhoso, da grossura de uma penna de ganso até á de um dedo minimo, que attinge uma altura de 0^m,6 ou pouco mais.

Folhas, simples, inteiras, oppostas, lanceoladas, sesseis, glabras, verde-amarelladas, espessas e muito viçosas.

Flores irregulares, gamo-petalas, infundibuliformes, com cinco lobos roxos no limbo, e tubo amarello, um tanto curvo, inodoro, inserido debaixo do ovario; estames livres, em numero de quatro; pistillo branco, erecto, filiforme com estygma irregular, iniundibuliforme: ovario sepero. O calice é representado por duas grandes sepalas curvas, lanceoladas, terminadas em bico.

Fructos, capsulas bi-valvas, di-spermas, dehiscentes, cõr de castanha, espheroides para a base e cuneiformes para o apice.

Os indigenas empregam o cozimento das raizes como lavagem nas pustulas variolosas. Tenho-a como bonita planta para figurar em jardins. Ha outros arbustos a que tambem dão o nome de *diluvo*, cujos exemplares se me perderam.

Muluanda. Arbusto annual ou bi-annual, muito ramoso, de caules delgados, verdes, cylindricos, e cerca de 1^m,5 de altura, que floresce em setembro e habita nos prados e matas.

As flores são oppostas, sem estipulas, compostas de tres foliolos sesseis, ovaes-lanceados com dentes muito miudos. Inflorescencia em longas espigas terminaes. Corolla gamo-petala, irregular, tubulosa, caduca, espessa, amarella, riscada ou pontuada de vermelho-escuro na parte superior do limbo, e inferior do tubo; tem quatro estames livres, didy-namos, curvos, inseridos no fundo do tubo; pistillo simples, com estygma bifido; calice persistente, irregular e esverdeado.

Os indigenas empregam as folhas seccas em pó, no curativo das affecções herpeticas a que chamam sarna.

Dilolo N'bullo. *Anona senegalensis*, de Oliver. Arbustos de raiz vivaz e caules annuaes, cylindricos, da grossura de uma penna de ganso ou pouco mais, lenhosos, da altura de 0^m,2 a 0^m,8 ou 0^m,10.

Folhas ovaes-oblongas, alternas, estipuladas, glaucas, pe-cioladas, ligeiramente pubescentes, asperas, aromaticas, e medem proximamente 0^m,10 de comprimento, por 0^m,06 a 0^m,07 de largura.

Flores, nascem na parte inferior do caule, e são hermafroditas, completas e regulares; calice com tres sepalas verdes, foliaceas; corola com seis petalas, tres externas, amarellas, da grossura de 0^m,001, triangulares, offerecendo a disposição tri-valve, e as tres internas são quasi rudimentares; pistillo cercado de estames em numero superior a vinte.

Os fructos são bagas amarellas, escamosas, cordiformes, do tamanho de uma pera, com o sarco-carpo molle, muito aromatico, doce e comestivel: as sementes são côr de castanha, lustrosas, um tanto parecidas com as do linho.

O povo emprega o cozimento das raizes em lavagens no eczema e outras erupções de pelle.

E' muito extensa a área da distribuição d'esta planta.

Caboboáta. Pequena *labiada* herbacea annual, que vive nos terrenos seccos, e margem dos caminhos, com caules cylindricos, mais delgados que uma penna de ganso, amarello-esverdeados, e roxos quando novos, pubescentes e muito ramosos.

As folhas são ovaes-oblongas, curtamente pecioladas, com pellos muito curtos e birsutos, oppostas e alternas, denteadas, de aroma penetrante, parecidas com as do *Ourigantum vulgare* dos nossos campos.

Flores dispostas em espigas na extremidade dos caules, sendo as ultimas cercadas por quatro ou seis bractaes côr de lilaz: são distinctamente labiadas, pequenas e brancas com riscos roxos, de calice tubuloso, irregular, com quatro dentes filiformes na parte superior e um grande lobo na inferior. O fructo é um tetr'akenio amarellado.

O povo usa a infusão das folhas e raizes como estomachico.

Mungue. Arbusto sarmentoso, que me pareceu uma *convolvulacea*, de caules muito delgados, verdes, cylindricos, lenhosos, tortuosos, contorcidos, pouco ramosos, que trepa e se ampara sobre as arvores e outros arbustos visinhos, descrevendo helices de passo muito junto em torno de seus ramos.

Folhas raras, simples, alternas, pecioladas, privadas de estipulas, verde-sombrias, palmatiloba das, com cinco lobos eguaes, dois a dois — os oppostos — e maior o ultimo ou central.

Flores axillares, solitarias, grandes, hermaphroditas, completas, quasi regulares e inodoras; calice com cinco sepalas persistentes, grandes, ovaes-lanceoladas, verdes, concavas e imbricadas na perfloração; corolla gamo petala, amarella, campanular, hypogenea, recortada no limbo com cinco dentes eguaes; estames livres em numero de cinco, com filetes muito curtos e antheras amarellas, lanceoladas, estriadas, introrses, do comprimento de 0^m,012 e inseridos na base da corolla; estylete simples, erecto, filiforme com estygma bi-espherico.

Fructos, capsulas orbiculares, do tamanho de cerejas, côr de palha, um tanto escariosas, translucidas, quadri-valvas, contendo quatro sementes côr de castanha, com o feitio de sector de esphera.

Floresce em setembro, e junto a raiz produz uns pequenos tuberculos semelhantes na fórma ás batatas, dos quaes os indigenas fazem cozimentos, e applicam em clysteres em obstrucções e varias outras doenças do ventre.

Catómbe. Arbustos de caules subterraneos — rhizomas — côr de castanha, da grossura de um dedo, lançando de espaço a espaço um pequeno feixe de eixos secundarios, erectos, cylindricos, sub-lenhosos, verdes, da grossura de uma penna de ganso e altura de 0^m,5 a 0^m,8, que habitam nos prados e florescem em setembro.

Folhas simples, alternas, inteiras, oppostas, ou muitas vezes tri-verticilladas, pecioladas, estipuladas, verdes, ovaes-lanceoladas, espessas, e muito rudes ao tacto, medindo o limbo das maiores, 0^m.09 de comprimento por 0^m,043 de largura maxima.

Flores em pequenas espigas axillares, hermaphroditas, completas, grandes e inodoras; calice gamo-sepalo, com cinco grandes lobos lanceolados; corolla, amarella, epiginea, hypocrateriforme, levemente curva, com um pequeno

limbo quinquefido; estames em numero de cinco, alternos com os lobos da corolla, com os filetes completamente soldados ao tubo em todo o seu comprimento, e antheras livres e lanceoladas; ovario livre, com estylete simples, grosso, verde, sovelado, e estygma conico levemente estriado.

Fructos esphericos do tamanho de ervilhas, verdes na prematuração, e negros lustrosos quando maduros, um tanto carnosos, com tres sementes reniformes e rugosas, coroados pelo calice. Florescem em setembro.

Os rhizomas prophyrisados e suspensos em agna são tomados pelos indigenas nos casos de «peste, na barriga das creanças pelos feiticeiros.» Creio que este monstruoso diagnostico se pôde traduzir por «tísica mesenterica».

Bung'hama. Arbustos de caules sub-terraneos, vivazes, com um feixe de quatro a seis eixos secundarios aereos, lenhosos, annuaes, cylindricos, que attingem a grossura maxima de uma penna de ganso, e 0^m,4 a 0^m,6 de altura. Florescem em setembro e outubro e habitam nos prados.

Folhas simples, inteiras, em tres ou quatro-verticilladas, ovae-lanceoladas, glabras, estipuladas, pecioladas, medindo limbo dos maiores cerca de 0^m,07 de comprimento por 0^m,038 a 0^m,040 de largura. Inflorescencia em corymbos terminaes.

Flores mindas, hermaphroditas, completas, quasi regulares; corolla gamo-petala, hypogenea, amarella, com um longo tubo hypocrateriforme, um pouco curvo, e um limbo com cinco lobos regulares e obliquos ao tubo; estames livres, em numero de quatro, didynamos, filiformes, encaacolados, compridos, amarellos, adherentes á garganta com antheras escuras e mono-loculares; estylete simples, verde, um tanto sovelado, com estygma rente; ovario verde, livre, supero e espherico; calice verde, concavo, com cinco dentes muito regulares.

Fructos espheroidaes, mono-loculares, negros, lustrosos, pouco maiores que ervilhas, de sarco-carpo escarlata, molle, esponjoso, pouco succolento, cercando um caroço cen-

tral, pyriforme de epi-sperma escuro, delgado, sub-lenho-so, com o albumen branco.

Propriedades therapeuticas: os indigenas empregam os rhizomas prophyrisados por via da agua, e suspensos na mesma, tomados como anthelmintico.

Quéza. Arbusto de caules cylindricos, volubilados, da grossura de uma penna de gallinha ou pouco mais, muito flexiveis, que se enroscam nos arbustos visinhos em espiras muito curtas, vertendo um succo lacteo e viscoso, abundante em caut-chuc, e attingindo o comprimento de 2 a 3 metros, que vivem nas matas e prados.

Folhas inteiras, lisas, oppostas, glabras, glaucas, pecioladas, sem estipulas, ovaes-lanceoladas, cujo comprimento medio regula por 0^m,06 e 0^m,025 de largura.

Flores em pequenos grupos axillares, muito miudas, brancas, com o calice mono-sepalo, verde, de cinco lobos e corolla gamo-petala regular, infundibuliforme, penta-lobada, e inserida em roda do ovario; estames livres, quasi rentes na base do tubo, em numero de cinco; pistillo quasi sessil, verde, com estygma conico; ovario verde, supero, livre e um tanto espherico.

Os indigenas tomam tisanas das raizes nas dôres de ventre. Não é para desprezar como planta decorativa.

(Continúa)

Alfaces

Muitas especies do genero *Lactuca* fornecem productos usados em medicina. Taes são as seguintes:

Alface officinal (*Lactuca sativa*, L.).— E' emolliente e sedativa. O succo obtido por expressão da sua casca, na epoca da floração, serve para preparar um extracto muitas vezes empregado, como sedativo, sob o nome de *Thridace*. O succo leitoso d'esta planta, secco ao sol, constitue o *Thridace* do dr. François e o *Lactucario* do dr. Duncan.

Alface gigantesca (*L. altissima*, Bieb). Originaria do

Caucaso, cultiva-se actualmente nas proximidades de Clermont-Ferrand, para a extracção do *Lactucario* d'Aubergier.

Alface virosa (*L. Virosa*, L.)—O succo leitoso, obtido por incisão d'esta planta, é acre, muito amargo e dotado d'um cheiro viroso, *muito nauseabundo*. Se quizermos procurar, diz Guibourt, entre estas alfaces, um succedaneo do opio, é esta especie que deve ser preferida.

Todas as especies de alface parecem idoneas para fornecer o lactucario. Maish obteve-o da *L. elongata*, Muhl.

Thridace.—O succo da alface cultivada (*L. sativa*) foi experimentado em primeiro logar por Coxe (da Philadelphia), que fez conhecer as suas propriedades, em 1799, sob o nome *de opio da alface*. Este estudo foi continuado, na Escossia, por Duncan, Young, Anderson. Scudamore, etc.; em França, por diversos medicos, principalmente por Bidault de Villiers. O succo era obtido por incisão dos caules d'esta planta.

Era chamado Thridace.

O thridace era então, na origem, uma substancia perfeitamente analogo ao preparado que Aubergier obteve da alface gigantesca, mas talvez menos activo, pois que provinha exclusivamente da alface cultivada. Era considerado como um hypnotico precioso e frequentemente usado. Caiu em desuso e foi abandonado, como sendo quasi inerte, logo que o Codex francez, seguindo as indicações de Caventou, prescreveu a sua preparação com o succo dos caules. Pela evaporação do succo tirado da casca, como quer Bèral, prepara-se, como quer Magnes-Lahens, um thridace infinitamente mais activo, mas menos effizaz, algumas vezes, que o obtido pela incisão directa dos caules, assim como recommenda o Codex. A incisão directa dos caules não fornece, como effeito, senão o latex, enquanto que por expressão da casca dá, ao mesmo tempo, todo o succo existente no parenchyma cortical ou libèrien. E' sem duvida n'um tal thridace que Magnes-Lahens achou 18 a 20 % da glucose.

O thridace é principalmente prescripto, sob a fórma de xarope ou de pilulas, como um calmante e um hypnotico ligeiros.

Lactucario.—Esta substancia tem sido principalmente exaltada por Aubergier, (1841) que o obteve do seguinte modo: Feitas incisões transversaes nos caules da alface gigantesca, na epoca da floração. recolhe n'um vidro o succo leitoso que escorre; deixa coagular o succo, tira-o do vidro e divide-o em rodellas pouco expessas, que depois secca.

Na occasião em que se effectuam as incisões, o succo tem a côr e a consistencia do creme. Coagula-se immediatamente, cora-se em amarello, depois em escuro e secca-se muito depressa, perdendo 71 % do seu peso e cobrindo-se algumas vezes de efflorescencias de mannite.

O lactucario d'Aubergier apresenta-se em pães de 30 a 50 grammas e de côr mais ou menos escura e de quebradura resinosa amarellada ou d'um escuro mais ou menos pronunciado; o seu cheiro é forte; o sabor extremamente amargo. Dissolvido na agua, o liquido toma, sob a influencia dos alcalis, um côr de rosa caracteristica e perde o seu amargo.

E' pouco soluvel na agua; o alcool a 56° dissolve a parte activa.

O lactucario é preparado tambem na Escossia e na Allemanha, onde é chamado *Lactucarium germanicum*, em opposição á substancia que Nothnagel chama sem rasão *Lactucarium gallicum* e que é o thridace ou succo da alface cultivada.

O *Lactucario d'Allemanha* apresenta-se em pedaços angulosos, mais ou menos contrahidos e irregulares, d'um escuro-avermelhado carregado exteriormente, opacos e como ceroses por dentro. Quando recente, a sua quebradura é d'um branco de creme; exposto ao ar, torna-se amarello, depois escuro. Tem sabor muito amargo, cheiro forte, desagradavel, similhando o do opio. (Flückiger),

O *Lactucario d'Allemanha* obtem-se da *Latuca virosa*.

cultivada perto de Zell, sobre o Moselle, entre Coblentz e Trèves. Obtem-se da seguinte maneira: em maio, quando a planta começa a florir, corta-se a 30 centímetros pouco mais ou menos abaixo da parte superior e recolhe-se o succo ao principio branco, depois escuro, que escorre. Aviva-se todos os dias a superficie da secção, até setembro. O succo assim obtido deita-se em vasos hemisphericos de barro. Quando está assás duro, tira-se do vaso e secca-se ao sol. Finalmente, quebra-se em pedaços e acaba-se de seccar ao ar sobre grades. Segundo Flückiger, este lactucario vende-se, em Zell, por 12 a 30 marcos o kilogramma e exporta-se d'elle annualmente 300 a 400 kilogrammas.

O Lactucario da Escossia apresenta-se sob a fôrma de massas terrosas, irregulares, de côr escura carregada tendo mais de 25 millímetros de comprimento. O cheiro é egual ao do lactucario de Allemanha.

Existe, parece, um Lactucario da Russia, mas que não vem a França e cujo preço é muito elevado. Esta substancia é talvez a mesma que o *Tchingel de Malatia*.

Segundo Aubergier, o Lactucario contem uma substancia neutra, crystallisavel, que é chamada *Lactucina*, asparagina, mannite, uma materia crystallisavel corando-se em verde pelos saes de ferro, uma resina electro-negativa combinada com a potassa, uma resina indifferente, acido ulmico (?), myricina, pectina, albumina, saes de potassa, de cal, de magnesia, etc. Ch. Magnes-Lahens encontrou n'elle 8 a 9 % de glucose.

A *Lactucina* é um producto mal definido, que foi em primeiro logar isolado por Buchner (1832), depois por Walz (1837), em seguida por Aubergier, finalmente por Louis. A lactucina obtida por estes differentes chimicos está longe de ser identica; este principio empregado como medicamento não pôde por isso apresentar nenhuma garantia.

Segundo Aubergier, a lactucina é o principio activo do lactucario. Dissolve-se com difficuldade a frio, na agua, mais a quente e separa-se, pelo resfriamento, em palhetas

nacaradas fazendo lembrar o acido borico; é solúvel no alcohol forte ou fraco e carbonisa-se pelo calor, sem se sublimar; a sua solução altera-se sob a influencia dos alcalis e o seu amargo desaparece sem voltar.

Segundo Lenoir, a lactucina d'Aubergier é uma substancia impura, que não deve ser considerada como o principio activo do lactucario: este principio será, segundo elle, um alcaloide organico, não descoberto, a que chamariamos *Lactucina* Lenoir separou do lactucario uma substancia crystallina, inodora, insipida e sem acção sobre a economia animal, a que chamou *Lactucone*.

Na opinião de Kromayer, a lactucina crystallisa em laminas rhombicas ou em escamas nacaradas; tem sabor amargo, é amarella, fusivel, solúvel em 80 partes d'agua fria, um pouco solúvel no alcohol e no acido acetico, pouco solúvel no ether. O acido nitrico converte-a em uma substancia resinosa e o acido sulfurico escurece-a. A sua formula será $C^{22}H^{28}O^8$ (Kromayer) ou $C^4 \text{ } \frac{1}{2} \text{ } H^{48}O^{13}$ (Walz).

Diz Louis que o lactucario contem, além da *Lactucone* de Lenoir (*C. Lactucarina* de Walz), *acido Lactucico* e *Lactucina*, que será realmente o principio activo e *Lactucario*.

Mouchon, pharmaceutico em Lyon, pretende ter obtido a *Lactucina* pura, que propõe substituir ao lactucario, cujas propriedades possui. Mouchon não tem ainda, que saibamos, publicado o processo que emprega para a extracção da sua *Lactucina*; assim as formulas que tem proposto, para a sua administração, não podem ser adoptadas. Pensamos, como Reveil, que não pôde merecer confiança um principio immediato imperfeitamente definido.

FORMULARIO

Preparações contra as frieiras

As mais efficazes são o nitrato de prata, oxido de zinco e o collodio iodado ou chloroformio.

1.º *Soluto de nitrato de prata.*

Nitrato de prata	0,5 ^{gr} 20
Agua distillada	30 grammas

Applica-se com pincel. (Billroth)

2.º *Pomada de nitrato de prata.*

Nitrato de prata.....	0,5 ^{gr} 10
Pomada corada.....	10 grammas

Em fricções sobre a região doente.

3.º *Vaselina de oxydo de zinco.*

Oxydo de zinco.....	3 grammas
Vaselina.....	20 »

Para o mesmo uso,

4.º *Collodio iodado.*—M. Billroth emprega a seguinte formula:

Collodio	40 grammas
Iodo	1 gramma

Applica-se em compressas imbebidas na mistura:

Agua de canella	20 grammas
Auga distillada.....	60 »

5.º *Collodio iodoformado.*

Iodoformio.....	1 gramma
Collodio.....	20 grammas

da Ordem dos Farmacêuticos ^{A.}

Pilulas purgativas do dr. Ball

Aloes socotrino	1	gram.
Resina d'escamonéa	0,50	»
« de jalapa.....	0,50	»
Calomelanos	0,50	»
Extracto de belladonna.....	0,25	»
» de meimendo	0,25	»

Sabão amygdalino q. s. (pouco mais ao menos dois gram para 50 pilulas).

Para tomar 3 a 5 por dia.

D.

Sabão e petroleo

PELO DR. CONSTANTINO PAUL

Petroleo.....	50 gram.
Cera.....	40 »
Alcool.....	50 »
Sabão amarello.....	500 »

Aquecem-se n'um matraz a banho-maria as trez primeiras substancias, e quando a fusão está completa, junta-lhe o sabão por pequenas porções. Logo que esteja dissolvido o sabão, retira-se o matraz, agita-se até ao resfriamento e lança-se em moldes a massa, quando tenha chegado á consistencia xaroposa. Esta preparação contem a quarta parte do seu peso de petroleo. Este sabão póde prestar grandes serviços pelo seu alto poder parasitica, no tratamento da sarna. Quatro fricções por dia, repetidas durante dois dias, são sufficientes geralmente para destruir o parasita com tanta energia e muito menos inconveniente do que o processo da fricção.

VARIEDADES

Falsificação da pimenta.— M. Stoddart indica no *The analyst* uma nova falsificação da pimenta, que consiste na addição d'uma mistura fina e intimamente pulverisada d'amido d'arroz, de sulfato de baryta, de carbonato de cal e de *chromato de chumbo*, este corpo nas proporções de pouco mais ou menos de 10 p. 100 da mistura. Juntando proximamente 5 p. 100 d'esta mistura á pimenta ordinaria, a côr d'esta é de tal modo melhorada que o seu preço commercial augmenta sensivelmente.

A incineração accusa as substancias mineraes pela exaggeração da quantidade das cinzas, e a agua iodada denuncia, operando por comparação, a addição da fecula.

A.

Com o findar do anno de 1889 terminam tambem os nossos trabalhos n'esta redacção.

Ao tomarmos conta da direcção do jornal, seguimos o caminho traçado pelos nossos illustres antecessores na distribuição das materias.

Não tendo meio facil de haver á mão a legislação que se ia publicando, concernente á pharmacia, lembrámos á sociedade a conveniencia de fazer acquisição da folha official do governo; como ella hesitasse perante a despeza, não insistimos, e assim ficou o jornal privado da continuação da «Chronologia de todas as leis, alvarás, decretos, portarias, editaes etc. relativos aos pharmaceuticos, desde a fundação da monarchia portugueza.» Parece-nos uma falta de alguma importancia, como subsidio para a historia, e para os trabalhos da nossa commissão de direito pharmaceutico. Outrem, em condições mais favoraveis, remediará o mal, se o julgar conveniente.

Despedindo-nos dos nossos leitores, a todos dirigimos os protestos da nossa muita estima e consideração, e os felicitamos pela substituição que hão de ter, toda a seu favor.

Aos nossos collegas da imprensa, que nos dispensaram attensões e estima, os nossos cordeaes agradecimentos; aos nossos collegas Alfredo da Silva Machado e Augusto d'Oliveira Abreu, um aperto de mão pela constante e valiosa cooperação que nos dispensaram.

24 de dezembro de 1889.

JOSÉ RIBEIRO GUIMARÃES DRACK.

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões

SESSÃO DE 30 DE OUTUBRO DE 1889.—Presidencia do sr. EMILIO FRAGOSO,
1.º secretario

Na ausencia justificada do sr. presidente, o sr. 1.º secretario abriu a sessão ás 8 horas e meia da noite, estando presente numero legal de socios. Foram convidados os socios Oliveira Abreu e Reya Campos, para 1.º e 2.º secretarios.—Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

O sr. *presidente* (Fragoso) propoz, que se lançasse na acta um voto de sentimento pela infausta morte do socio protector Sua Magestade El-rei o sr. D. Luiz.—Approvado.

Participou á sociedade o fallecimento do nosso collega Alves Ferreira (fallecido em Paris), propondo um voto de sentimento.—Approvado.

O sr. *dr. Alves* pediu a attenção da sociedade para uma conversação praticular, que ha tempos teve com o sr. Alves Ferreira, em que este sr. manifestou desejos de proteger a classe pharmaceutica e lembrava que seria conveniente indagar, se este sr. teria feito algumas disposições n'esse sentido.—O sr. presidente disse que tomava nota e cumpriria os desejos da sociedade.

O sr. 1.º *secretario* leu a correspondencia e dois officios dos socios Silva Nogueira e Mendes Jára, justificando a sua falta.

O sr. *Antonio Augusto Mendes* pediu um voto de louvôr ao Centro Pharmaceutico Portuguez, do Porto, pela attitude energica que tomou na questão ali levantada contra os droguistas—foi approvado—e ao mesmo tempo pediu ao sr. presidente informações sobre a resposta do advogado, da consulta que se lhe havia feito a proposito da sua proposta sobre pharmaceuticos e droguistas, acompanhando o seu pedido com algumas observações sobre o assumpto.

Respondeu o sr. presidente, que se esperava que a associação dos advogados reunisse, para se lhe enviar a con-

sulta, que já estava formulada, e que, desde que esta deliberação tinha sido tomada, ainda a associação não tinha reunido.

O sr. *Silva Machado* leu uma carta do sr. João Joaquim da Costa Junior, pharmaceutico em S. Miguel, em que pedia á sociedade o seu parecer sobre o seguinte—E' permittido legalmente ao proprietario d'uma pharmacia ter um consultorio na mesma, para que as receitas que o medico ahi passa, sejam aviadas na mesma pharmacia?

Fallaram sobre o assumpto os srs. Mendes, Mattos Miranda e dr. Alves.

Por deliberação da sociedade foi encarregado o sr. 1.º secretario de lhe responder.

ORDEM DA NOITE

Eleições de todos os cargos da sociedade

Foram eleitos por maioria os srs.

Presidente—João José de Sousa Telles.

1.º Vice—Alfredo da Silva Machado.

2.º Vice—Augusto d'Oliveira Abreu.

1.º Secretario—Joaquim Antonio Vaz Leirinha.

2.º Secretario—Filippe de Mattos Miranda.

1.º Vice—Domingos da Silva Nogueira.

2.º Vice—José Maria Reya Campos.

Os srs. thesoureiro, bibliothecario, e commissões, foram reconduzidos.

O sr. *Oliveira Abreu* propoz um voto de louvor á mesa transacta.—Foi approvedo.

O socio Reya Campos agradeceu á sociedade a honra do cargo para que acabava de o eleger.

Não havendo mais nenhum assumpto a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão ás 11 horas da noute.—Pelo sr. 2.º secretario, *José Maria Reya Campos*.

SESSÃO DE 12 DE NOVEMBRO DE 1889.—Presidencia do sr. DRACK
presidente

Abertura da sessão ás 8 horas da noute.

Não se fez a leitura da acta da sessão antecedente, por não estar presente o socio que desempenhara o logar de 2.º secretario.

O sr. 1.º *secretario* deu conta da correspondencia.

Achando-se na sala o sr. João José de Sousa Telles, eleito presidente na sessão anterior, o sr. Drack convidou o illustre socio a occupar o logar da presidencia, e em phrase levantada declarou que ao deixar o logar da presidencia só o acompanhava o desgosto de não o ter desempenhado com a intelligencia de que tinham dado sobejas provas os seus antecessores. Fez o elogio do seu successor, o sr. Telles, de quem a sociedade tinha muito a esperar, attendendo as preclaras qualidades que s. ex.^a reunia, e agradeceu aos secretarios, que o tinham acompanhado na direcção dos trabalhos da sociedade, a valiosa cooperação com que o tinham coadjuvado.

O sr. *Sousa Telles*, tomando em seguida a palavra, agradeceu as phrases amaveis que o sr. Drack lhe tinha dirigido, e poz bem em relevo a passagem do sr. Drack pela presidencia, que assignalou com um trabalho de altissimo valor historico e de actualidade scientifica e economica, qual foi o discurso pronunciado por s. ex.^a na penultima sessão solemne. Pediu para não tomar ainda na presente sessão a presidencia, por isso que não estavam na sala nenhum dos srs. secretarios, que o deviam coadjuvar nos trabalhos do anno que ia decorrer.

Consultada a assembléa, resolveu que o sr. Drack continuasse na presidencia durante a sessão.

O sr. *Mendes* propoz um voto de louvor á mesa demissionaria, sendo approvado unanimemente, depois de se retirarem da sala os socios sobre quem recaia o voto.

Depois da votação agradeceram os srs. Drack, Fragoso e Nogueira o voto da assembléa.

O sr. *Mendes*, referindo-se ao que se passou com a commissão de recenseamento, sentiu que por deliberação do tribunal da relação os pharmaceuticos não fossem considerados como diplomados com um curso superior.

Sobre este assumpto fallaram os srs. *Fragoso*, *Telles*, e o sr. *Mendes*, que prometteu apresentar na proxima sessão o *accordam* da relação.

O sr. *Fragoso*, tratando d'uma questão de pratica pharmaceutica, propoz que na proxima sessão se desse para assumpto de discussão os seguintes quesitos:

1.º.—A *poção* de *Jaccoud* deve filtrar-se?

2.º.—Quando se prescreva um medicamento em que entre o *vinho* e o *extracto* de *quina* deve aquelle filtrar-se?

Trocando-se explicações sobre este assumpto, foi resolvido dar-se uma sessão extraordinaria para a sua discussão.

—O 2.º secretario, *Silva Nogueira*.

SESSÃO DE 19 DE NOVEMBRO DE 1889.—Presidencia do sr. SOUSA TELLES

Abrindo-se a sessão ás 8 ¹/₂ horas da noite e não estando presente o 1.º secretario, o sr. presidente convidou o sr. D. F. da Silva Nogueira a occupar aquelle lugar.

Foram lidas e approvadas as actas das duas sessões anteriores.

O 1.º *secretario* leu um officio do sr. Vaz Leirinha, em que pede escusa do cargo para que foi eleito ultimamente.

O sr. *presidente* pediu á assembléa que resolvesse sobre esse officio, se queria ou não que a Sociedade pedisse ao digno socio que não insistisse na sua recusa.

O sr. *Fragoso*, usando da palavra, mandou para a mesa uma proposta, auctorizando o 1.º secretario a procurar o sr. Vaz Leirinha e em nome da sociedade pedir-lhe que desista do seu pedido de recusa.

Foi approvada.

O sr. *M. Fernandes Pessoa* desejou saber o que se havia resolvido com referencia ás propostas que a so-

cidade, depois d'alguma discussão, deliberara enviar á associação dos advogados.

Respondeu o sr. Fragoso que ainda não havia resolução alguma, pois se tinha de esperar pela primeira reunião da referida associação.

O sr. *Reya Campos* apresentou á sociedade uma observação curiosa que, sobre a digitalina, encontrou no jornal da academia franceza.

O sr. *Reya Campos* disse:

Existe uma grande incerteza nas nações, com respeito aos productos activos derivados da digitalina.

E' por isso que se considera a digitalina amorpha como dez vezes menos activa que a digitalina crystalisada. Além d'isso o nome de digitalina é applicado na Allemanha a um producto que em França se chama *digitaleina* e que difere chimicamente e physiologicamente da *digitalina*. O dr. Bardet, illustre medico do hospital Cochin, apresentou hoje o resultado de numerosas experiencias que provam:

1.º Que a digitalina amorpha tem a mesma energia que a digitalina crystalisada, desde que o Codex exige para os dois productos a mesma solubilidade no chloroformio.

2.º Que a digitalina allemã ou *digitaleina*, insolúvel no chloroformio e soluvel na agua, é irregular na sua energia, que é vinte a quarenta vezes menor do que a verdadeira *digitaleina*. E', pois, util não prescrever senão a digitalina chloroformica, visto que a sua actividade, pôde ser considerada como igual, quer o producto seja amorpho ou crystalisado.

O sr. *presidente* agradeceu a communicação do illustre socio, mas parecia-lhe que visto a pharmacopêa portugueza indicar a digitalina como muito soluvel no chloroformio, não haveria pharmaceutico, que, tratando-se de uma substancia tão importante debaixo de todos os pontos de vista, não fosse submettel-a a um pequeno ensaio como prescreve a pharmacopêa.

O sr. *Fragoso*, obtendo em seguida a palavra, mandou

para a mesa a seguinte proposta, que justificou exuberantemente e pediu para ella a urgencia, que foi approvada.

«Parecendo-me *incoherente* o procedimento da classe pharmaceutica, quando pede o cumprimento da lei de saude, na parte em que só aos pharmaceuticos é permittida por lei a venda de medicamentos, ao passo que — muitos dos seus membros annunciam publicamente que as suas especialidades podem ser procuradas nas drogarias de *Fulano e Sicrano*; e

«Tomando em consideração a necessidade que a classe tem de seguir uma norma de proceder consoante com as deliberações tomadas por esta *sociedade*, que deseja que os pharmaceuticos não figurem ao lado dos droguistas como vendedores avulso de especialidades pharmaceuticas:

«Proponho que se dirija uma *circular* a todos os pharmaceuticos do paiz, na qual se faça sentir a conveniencia de se acabar com um tal estado de cousas, porque assim o exigem o decoro da classe e a auctoridade que ella precisa manter nas reclamações que venham de futuro a fazer-se sobre o exercicio illegal da pharmacia por droguistas.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica, 19 de novembro de 1889.»

O sr. *Mendes* leu e mandou para a mesa uns documentos que a seu ver justificam a declaração que havia feito na sessão anterior com respeito ao tribunal administrativo não ter considerado o curso de pharmacia como curso superior.

O sr. *Fragoso*, vendo que n'um d'esses documentos, o sr. *Mendes* lera o seu nome, declarou que não tinha assignado esse documento, nem tinha auctorisado ninguem a fazer uso do seu nome.

O sr. *Carvalho* lamentou o facto da Relação não considerar o curso de pharmacia como superior, negando assim ao pharmaceutico o direito de voto nas eleições dos membros d'instrucção publica; todavia parece-lhe que a sociedade não fará bem em recorrer ao supremo tribunal.

O sr. *presidente*, julgando o caso um tanto melindroso, lembrou, apoz considerações sensatissimas, que a sociedade podia eleger uma commissão de dois ou mais socios, que se encarregasse de colligir tudo quanto possivel, capaz de esclarecer este assumpto.

Por proposta do sr. Mendes, attendendo a indicação do sr. presidente, ficaram encarregados de estudar o assumpto a mesa e os srs. Silva Machiádo e Emilio Fragoso.

ORDEM DA NOITE

Discussão dos seguintes quesitos:

1.º A poção de Jaccoud deve filtrar-se?

2.º Qualquer medicamento em que entrar o extracto de quina e o vinho deve ser filtrado?

O sr. *Mendes* é da opinião que a poção de Jaccoud, seja feita com extracto alcoolico ou aquoso, sempre deve ser filtrada. Parece-lhe que o precipitado é constituido apenas por mucilagens.

O sr. *Silva Machado*, a quem coube em seguida a palavra, reconhece que a tendencia aliás louvavel da pharmacia moderna é tornar os medicamentos o mais agradaveis possivel; mas é preciso que essa tendencia tenha limites, quando se trata de medicamentos que, como este, não se pôde tornar mais agradável pela filtração sem perder parte importante de principios activos.

O sr. *Reya Campos* é tambem de opinião que o medicamento em questão deve ser filtrado, pois parece-lhe que não se perdem principios apreciaveis quando se emprega o extracto hydro alcoolico de primeira qualidade de quina.

O sr. *Francisco D. Nogueira* diz que na sua pratica tem notado que o precipitado é insignificante, empregando um extracto alcoolico e vinho branco generoso.

O sr. *Silva Machado*, usando de novo da palavra, disse que era sabido por todos que no commercio appareciam extractos de quina de magnifica apparencia e até alguns absolutamente soluveis no vinho. Mas certamente estes extractos eram obtidos de quinas já extractadas, porque sendo

o tannino um reagente de muitos alcaloides, entre os quaes se contam os das quinas, se admirava como havia alguem que fosse capaz de preparar um extracto de quina, por processos os mais aperfeiçoados d'esse mundo, que não dêsse precipitado em solução no vinho tinto, que tem geralmente 0,1 a 0,3 % de tannino. Poz em evidencia que em conformidade com a formula do auctor o extracto deve ser aquoso.

O sr. *Fragoso* abunda nas rasões apresentadas pelo sr. S. Machado e acrescenta que o extracto a empregar deve ser o de quina cinzenta, que é o extracto official do *Codex*.

O sr. *Alberto Veiga* é de opinião que se deve filtrar.

Ainda fallaram a este respeito os srs. Silva Machado, Frago, Mattos Saraiva, Mendes e F. Nogueira.

O sr. *presidente* confirmou a importancia da questão, e no meio das mais judiciosas considerações, lembrou que a sociedade pôde, antes de resolver, pedir á sociedade das sciencias medicas para dar o seu parecer sobre a actividade therapeutica da poção filtrada ou não, e por seu lado a sociedade podia mandar á sua commissão de chimica que analysasse o residuo obtido por filtração.

O sr. *Mendes* apresentou uma proposta n'esse sentido, que foi approvada. O sr. Machado pediu para que a commissão de pharmacia seja convidada a dar o seu parecer sobre a questão dos extractos fluidos.

Não havendo mais assumpto a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão eram 11 horas da noite.— Pelo 1.º secretario, *D. F. da Silva Nogueira*.

Parecer da commissão de chimica sobre uma amostra de magnesia alva, que lhe foi apresentada a ensaio; approvado em em sessão de 10 de dezembro de 1889.

A' vossa commissão de chimica foi enviada, por intermedio do digno 2.º secretario, sr. Silva Nogueira, uma caixa, contendo dois pães d'uma substancia branca, insipida e ino

dora, com a declaração de serem de magnesia alva, e de-sejar o seu remettente que fossem submittidos a ensaio chimico, por os suppôr inquinados de substancia estranha.

Sendo a magnesia alva uma das substancias medicinaes que teem indicadas na pharmacopêa official as reacções comprovativas de pureza, entendeu a commissão que devia submeter a essas reacções, de preferencia a quaesquer outras, a amostra em questão. Pesou, pois, 1 gramma da magnesia suspeita e tratou-a em tubo de ensaio por 40^{oo} de acido chlorhydrico diluido, vendo que era soluvel totalmente, com effervescencia. Addicionou a 2^{oo} d'este soluto 20^{oo} de chloreto de ammonio, para conservar a magnesia em solução; neutralisou em seguida o licor pela ammonia e tratou-o pelo oxalato de ammonia, o que produziu a formação de precipitado relativamente abundante, indicativo da presença de cal. Para contraprovar o resultado d'esta reacção, a commissão submetteu 1 gramma da magnesia á acção de 40^{oo} de acido sulfurico diluido, e como não se formasse precipitado immediatamente, misturou o soluto com equal volume de alcool, que produziu logo grande turvação.

Em vista do que fica exposto, a vossa commissão de chimica é de parecer que a referida magnesia alva está inquinada de cal em quantidade que a torna impropria para uso pharmaceutico, especialmente para a preparação das limonadas de citrato de magnesia, que, como sabeis, precipitam se forem preparadas com magnesia não isenta da supracitada impureza.

Lisboa e laboratorio chimico da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 13 de agosto de 1889.—*José Ribeiro Guimarães Drack*, 2.^o operador.—*Alfredo da Silva Machado*, 3.^o operador.—*Emilio Fragoso*, supplente.

**Parecer da commissão de chimica sobre a
poção de Jaccoud, lido em sessão de 10
de dezembro de 1889.**

Em officios de 22 e de 26 do corrente mez, assignados pelos srs. 1.º e 2.º secretario da sociedade, foi pedido á commissão de chimica que com a maior brevidade manifestasse a sua opinião sobre a natureza do deposito que se produz no preparado pharmaceutico magistral, conhecido pelo nome de poção de Jaccoud.

A commissão, reunida no proprio dia em que recebeu o ultimo officio, depois de apreciar e discutir detidamente o assumpto, resolveu fazer á sociedade as seguintes ponderações:

1.º Que se julga dispensada de proceder á analyse do deposito que se fórma na dita preparação, quando feita com o vinho indicado na fórmula: pois em presença dos componentes, e das regras aconselhadas por todos os compendios elementares de pharmacotechnia, fundadas nas leis que presidem ás incompatibilidades chemicas, se vê o que se pôde e deve passar, entre o tannino do vinho tinto e os saes, com os alcaloides e mais principios contidos na quina cinzenta, que é, segundo a pharmacopéa franceza, a variedade empregada para se obter o extracto respectivo.

2.º Que não haveria vantagem na analyse a que houvesse de proceder-se em um medicamento que não é novo, por quanto não iria esclarecer-se mais os pharmaceuticos, que, habituados desde muito a preparal-o, conhecem as principaes reacções que ali se devem passar, e porque, desejando-se consultar a sociedade de sciencias medicas sobre o assumpto, poderia suppôr-se que a classe medica desconhece a natureza de um preparado, cuja composição prevê sufficientemente pela qualidade dos corpos que entram na sua constituição, o que a auctoris a prescrevel-o para obter certos e determinados effeitos therapeuticos.

3.º Quando mesmo houvesse de proceder-se a uma analyse rigorosa, o que exigiria muitissimo tempo, atten-

dendo á multiplicidade de principios que compõem as diferentes substancias que entram na poção de Jaccoud, esse resultado não avançaria mais, nem apresentaria outra condição que não fosse a de se reverificar, que o referido precipitado é principalmente formado de algum tannato de quinina, e de chinchonina, e de varios principios, uns já existentes e outros que se possam formar, de inportancia muito secundaria, e cuja composição com muita difficuldade e só por hypothese se poderia determinar.

Eis as considerações que sobre o assumpto apresenta a commissão de chimica, sobre melhor opinião da sociedade, que acata.

Sala de commissão de chimica da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 26 de novembro de 1889.—*Dr. Joaquim José Alves.*—*José Ribeiro Guimarães Drack.*—*Alfredo da Silva Machado.*

Parecer da commissão ad hoç encarregada de apreciar a validade de uns impressos remettidos á sociedade para concurso ao «premio José Dionysio Corrêa»; approved em sessão de 10 de dezembro de 1889.

Na sessão de 31 de julho d'este anno consultou o sr. presidente a sociedade sobre o destino, que se deveria dar a um maço de periodicos cintados e lacrados, que tinham sido enviados á sociedade com a indicação de n'elles estar contido um trabalho destinado ao concurso para o premio José Dionysio Corrêa; e, depois de pequena discussão resolveu-se que sobre o caso fosse ouvida uma commissão, a qual vem hoje apresentar-vos o seu parecer.

É condição indispensavel para que qualquer memoria possa ser submittida ao concurso para o premio José Dionysio Corrêa:

- 1.º que seja remettida á sociedade por todo o mez d'abril do anno, em que tiver de ser julgada;
- 2.º que traga o nome do auctor em carta fechada, na

qual se lerá por fóra como divisa, a mesma epigraphé da memoria, para ser aberta na sessão solemne, se a memoria fôr premiada.

A nenhum d'estes requisitos satisfez o remetente, e por isso a vossa commissão entendeu logo, que os artigos enviados á sociedade não poderiam considerar-se nas circumstancias de serem considerados como trabalho para o concurso ao premio José Dionysio Corrêa.

E ainda que aquelles periodicos tivessem vindo acompanhados da carta cerrada que o programma exige, e os artigos não estivessem assignados pelo auctor, a commissão e talvez esta sociedade, teriam de ventilar, se um escripto publicado n'um periodico estaria no caso de ser admittido ao concurso, de que se trata.

Parece, pois, a vossa commissão, que os artigos publicados pelo nosso collega João Cardoso em os n.^{os} 127, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 136, 137, 138, 143, 144, 145, 146, 147, 187, 188, 189 e 190 do *Correio d'Aveiro*, de janeiro a setembro de 1888, sob o titulo:—*A Pharmacia militar no Ultramar*—não podem ser considerados nas condições, a que devem satisfazer os trabalhos, que hajam de ser accites para o concurso supra mencionado.

Como porém n'aquelles artigos se revelem amor da classe, desejo de que ella adquira a importancia, a que tem jus, e conhecimento da organisação do serviço pharmaceutico militar no ultramar e das imperfeições do mesmo; e como ali se apontam as prescrições legaes, que ao auctor se afiguram, de certo com razão, prejudiciaes aos interesses moraes e materiaes dos pharmaceuticos militares, que nas nossas possessões d'alem mar exercem a sua profissão, parece á vossa commissão, que será um acto de justiça e gratidão, que a Sociedade Pharmaceutica Lusitana, consigne na acta da sessão, em que este parecer fôr approvado, se o fôr, um voto de louvor ao nosso intelligente e estudioso collega João Cardoso, pelo empenho, que mostra, em que melhorem as condições dos pharmaceuticos em geral, e especialmente as dos pharmaceuticos navaes.

Tambem á vossa commissão parece conveniente, a commissão de redacção seja convidada a extractar alguns trechos do trabalho do nosso collega João Cardoso, especialmente os que se referem á subordinação completa dos pharmaceuticos navaes aos medicos tambem navaes; ao decreto de 2 de dezembro de 1889, no que diz respeito aos quadros de saude do ultramar; á existencia de duas classes de pharmaceuticos como inconveniente para as promoções; ao exercicio da pharmacia por medicos e enfermeiros; á conveniencia dos pharmaceuticos terem um camarada e habitação no edificio da botica; e, principalmente ás reformas.

Lisboa e sala das sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, 10 de dezembro de 1889—*Augusto d'Oliveira Abreu*—*Pedro Fernandes da Cunha*—*João José de Sousa Telles*, relator.

PHARMACIA

Remedio para os nossos males

Desde certo tempo a esta parte, o Centro pharmaceutico do Porto anda empenhado, como os nossos leitores hão de saber, em fazer prevalecer os nossos direitos de classe, os quaes estão justa e perfeitamente garantidos... no papel.

A execução da lei de saude pelo que respeita ao exercicio da pharmacia tem sido objecto de estudo, e principalmente de representações, por parte da nossa Sociedade; a *brandura dos nossos costumes*, porém, como agora se diz, tem feito com que as coisas continuem sempre no mesmo estado, ou pouco menos.

A indifferença das nossas auctoridades administrativas tem animado os infractores na continuação dos seus abusos, e, não contentes com isso, já pedem a sancção legal para os seus actos!

O Centro pharmaceutico do Porto, pela sua parte, para reter a inanidade da argumentação dos droguistas, acaba

de dirigir ao governo uma importante representação, concebida em bons termos e com mui valiosos argumentos, representação, que publicamos adiante, e para a qual chamamos a attenção dos leitores.

A avaliarmos o presente pelo passado, podemos suppor que tanto o requerimento dos droguistas, como a representação dos nossos collegas da cidade do norte, hão de ter a mesma sorte — a indiferença, senão o desdem — o que é verdadeiramente triste e lamentavel.

E' indispensavel que de entre nós se levante em alguma casa do parlamento uma voz competente e auctorizada, como lá as ha e tem havido, que trate esta questão detidamente, proficientemente, e pacientemente, com a larguesa que ella requer, e com a insistencia necessaria a aclarar e definir a nossa situação scientifica e social.

O actual estado de coisas tem-nos fatalmente impellido para um campo pouco invejavel a mais de um respeito, e que se vae tornando insustentavel.

Esperar o remedio das medidas que hão de emanar do poder central, vae-nos parecendo insania—tantas tem sido as nossas diligencias (de classe), tantas vezes inutilizadas quantas vezes tentadas.

Porque não dirigiremos a nossa attenção para outro caminho? ou para outro caminho simultaneamente?

Se Dorvault, com a creação da *Pharmacia central* em França, não conseguiu completamente arrancar ás garras da usura e do commercio illicito a classe pharmaceutica e o povo do seu paiz, é incontestavel que vibrou um golpe fundo e formidavel aos nossos adversarios impertinentes, que impassivelmente e todos os dias nos vão minando a existencia social. Entretanto, é de justiça que se diga, que não são os negociantes de drogas, de grosso trato, quem verdadeiramente nos prejudica. São os pseudo-droguistas, que, abeirando-se das pharmacias, e a titulo de negociarem em drogas e tintas, e mantendo pequenos estabelecimentos, vivem apenas da venda, quasi exclusiva, a retalho, de todas as drogas e medicamentos, cujo commercio é por lei clara,

expressa, e terminantemente destinado ao pharmaceutico, a fim de que este seja materialmente habilitado a satisfazer regular e conscienciosamente as exigencias da medicina no tratamento dos doentes.

Da subversão d'estes principios, que por todos os titulos consideramos salutaes e indispensaveis em uma sociedade bem constituida, tem resultado uma serie de males, que tende a alastrar-se, dos quaes se queixa a propria medicina, e que se reflectem tanto na classe pharmaceutica, como na propria sociedade; porque é necessario que nos convençamos de uma vez por todas «que na casa onde não ha pão, todos pelem e ninguem tem rasão.»

A classe pharmaceutica, desde o momento em que vê os seus direitos ultrajados e os seus interesses justos e rasoaveis fundamente lesados, hade fatalmente resvallar uma ou outra vez para o campo da illegalidade, aonde os máos exemplos e a estreitesa das circumstancias a convidam a entrar.

Se o pharmaceutico vê o fisco engrossar os seus redditos com o imposto immoral dos medicamentos estrangeiros de formula desconhecida; se elle vê distribuir profusamente os prospectos de todas as panaceas que o commercio importa livremente e que teem livre curso no paiz; se vê o droguita, que vem acolher-se á sua sombra, como a era se enroscava ao tronco que hade alimentar-a, preparar, vender e fazer larga propaganda, como é notorio, dos especificos da sua lavra e da alheia; se elle vê muitas vezes o proprio medico, triste mas forçoso é dizel-o, evadir a esphera da sua profissão a mais de um respeito, e preferir, sem rasão scientifica ou justificavel, aos medicamentos nacionaes os estrangeiros — como resistir á tentação, no meio d'este verdadeiro pandemonio?

A vida profissional é hoje muito outra do que era ha vinte ou trinta annos, e varios factores concorrem para isso. Por um lado a illustração geral; por outro o nosso retardamento em acompanhar passo a passo o movimento scientifico, como as classes similares dos outros paizes, de-

sajudados como nos achamos de todos os elementos que cercam os nossos collegas no estrangeiro.

Acrescente-se a estas causas do mau estar que nos opprime, a feição commercial e industrial que a profissão vae adquirindo cada vez mais acentuadamente, e teremos a explicação por completo do estado pouco lisongeiro da nossa classe.

A França dá-nos bons exemplos, assim nós soubessemos aproveitá-los. Os nossos collegas de Puy-de-Dome e dos departamentos limitrophes acabam de constituir-se em syndicato, adoptando os estatutos do syndicato de Isere e, inspirados pelo exemplo d'este departamento, esperam fazer cessar o exercicio illegal da pharmacia no centro da França.

Porque não faremos nós outro tanto? E porque não avocaremos a nós o commercio das drogas, que, para exercel-o, temos mais e melhores elementos do que ninguem?

Alguns collegas do Porto organisaram uma companhia pharmaceutica. Já n'isso se tinha fallado em Lisboa em tempos, e n'esta propria sociedade; parece, porém, que interesses particulares prejudicaram o pensamento. Porque não havemos de desenvolver e fortificar com os nossos capitães a instituição do Porto, alargando-lhe a esphera de acção, installando uma filial em Lisboa? Porque não crearemos para o sul uma companhia commercial, como a que os nossos collegas do norte fundaram?

Ha muito tempo que pensamos assim e temos expellido a nossa opinião publica ou particularmente.

Aqui tem os homens que podem influir nos destinos da classe, concatenados os topicos principaes que é preciso estudar, desenvolver, e discutir, se tanto for necessario, para obter a regeneração da classe: tratem d'isso, se que-rem prestar um serviço assignalado ao paiz e tornarem-se benemeritos de uma classe, que merece alguma coisa mais do que aquillo que actualmente lhe dão.

D.

Representação do Centro pharmaceutico do Porto dirigida ao governo de Sua Magestade contra a pretensão dos droguistas da mesma cidade, a proposito da venda de medicamentos.

Senhor ! O Centro Pharmaceutico Portuguez, associação legalmente constituida na cidade do Porto, vem, muito respeitosamente perante vossa magestade dizer da sua causa e justiça:

Ao governo, pelo secretario d'estado dos negocios do reino, requerem os droguistas do Porto a derogação dos artigos 79.º e 80.º do decreto com força de lei de 3 de dezembro de 1868, com o singular fundamento, de que as disposições de taes artigos são um estorvo aos seus interesses e um impeditivo ás suas relações commerciaes com o publico.

Se foi um acto inconstitucional e incorrecto requerer ao poder executivo a derogação de uma lei sancionada e promulgada, ousado e incorrectissimo foi o facto de se pedir ao ministro d'estado, a quem as leis do paiz encarregam da superintendencia e fiscalisação dos regulamentos sanitarios, que faça suspender a execução de uma parte importantissima da lei de saude, a qual está em vigor ha mais de vinte annos com utilidade comprovada—sendo para notar que as disposições que se querem suspensas ou derogadas se encontram na legislação sanitaria de todos os povos civilizados, e n'estes são executadas com mais escrupulo e rigor do que infelizmente tem sido no nosso.

E' verdade que a letra e o espirito legislativo d'aquelles artigos é prohibir, muito acertadamente, que qualquer individuo, não sendo pharmaceutico legalmente habilitado em Portugal, prepare ou venda medicamentos, bem como drogas medicinaes; é verdade tambem que as disposições contidas nos citados artigos, quando executadas pelas autoridades e pelos tribunaes, impedem que muitos individuos, e entre esses principalmente os droguistas, arrecadem criminosamente proventos, que a lei, não por favor especial, mas por conveniencias da sociedade e em troca

de serviços valiosos e importantes—determina só pertencerem aos pharmaceuticos.

Senhor: o Centro Pharmaceutico Portuguez julga que os droguistas requerentes ultrapassaram os limites do direito de petição, porque um tal direito não pôde nem deve ir além de causas ou cousas justas, sérias e rasoaveis, e no seu requerimento ao ministro pedem o que não lhe pôde ser concedido sem prejuizo grave da saude publica e offensa da lei.

Não é com certesa, senhor, causa justa, séria e rasoavel—por interesse e ganancia propria, prejudicando-se e offendendo-se uma classe, cujos membros teem habilitações praticas e scientificas, determinadas por lei, para poderem exercer e praticar os respectivos actos e funcções profissionaes—o pedir-se que estes actos e funcções se tornem porto franco para os habilitados e não habilitados.

E' esta, senhor, nem nada mais, nem nada menos a protenção dos droguistas, pedindo ao governo de vossa magestade a abolição ou suspensão dos artigos 79.º e 80.º do decreto de 3 de dezembro de 1868.

Os droguistas, como negociantes que são, só avaliaram os lucros, que poderiam tirar da liberdade commercial e industrial da preparação e venda de medicamentos, não cuidando, porém, como cidadãos, de saber e de conhecer:

—das vantagens que ha para o estado e para o bem publico da boa regulamentação de todos os ramos sociaes, que se ligam ou prendem com a saude publica;

—das razões porque o estado creou e sustenta escólas para habilitar pharmaceuticos.

—dos motivos porque o estado remunera com soldos valiosos, concede patentes e recompensa na velhice com reformas vantajosas, aos pharmaceuticos que têm no exercito, na marinha e nas colonias;

—e dos direitos adquiridos pelos alumnos de pharmacia nos bancos escolares e nos laboratorios e dispensatorios pharmaceuticos.

Se preciso fosse, senhor, argumentos para provar a ne-

nhuma seriedade e o nenhum valor da pretensão dos droguistas, bastaria os seguintes termos de comparação de obrigações e encargos profissionais:

—o pharmaceutico é obrigado a estudar theorica e practicamente, e a dar por ultimo uma prova da sua capacidade para lhe ser passado um diploma que o habilite a poder legalmente preparar e vender medicamentos e a abrir o seu estabelecimento. O droguista não;

—o pharmaceutico é obrigado a toda a hora do dia e da noite a servir o publico. O droguista não;

—o pharmaceutico é obrigado a vender por um regimento official, mandado organizar e approvar pelo ministerio do reino. O droguista não;

—o pharmaceutico é obrigado a responder pela pureza dos artigos que vender e pela boa e exacta preparação dos medicamentos. O droguista não;

—o pharmaceutico é obrigado a ter na sua pharmacia certos e determinados agentes medicinaes. O droguista não;

—o pharmaceutico está sujeito a visitas policiaes, sanitarias, na sua pharmacia e no seu laboratorio. O droguista não;

—o pharmaceutico é obrigado antes de abrir a sua pharmacia a participal-o á auctoridade. O droguista não;

—o pharmaceutico é obrigado na sua qualidade de homem scientifico a prestar serviços como perito e analysta tanto nos tribunaes judiciaes como nas repartições administrativas. O droguista não;

—o pharmaceutico é obrigado a ter no seu estabelecimento um exemplar de pharmacopeia e do preçario official em vigor. O droguista não;

Por consequencia quando, attendida a pretensão dos droguistas, fosse decretada a liberdade da preparação e da venda dos medicamentos, equivalia ao decretar-se:

—a extincção da classe pharmaceutica e das escolas de pharmacia;

—a derogação de todas as obrigações que a lei estatue para exercicio de pharmacia;

- a abolição do regimento de preços;
- a annullação da pharmacoepia legal no paiz, e a liberdade da escolha de formulario para a preparação de medicamentos;
- a auctorisação dos mesinheiros e das mulheres de virtude, etc.

Bastará, senhor, de mais argumentos e considerações, e mesmo porque o Centro Pharmaceutico Portuguez não vem perante vossa magestade com esta exposição, por ter o menor receio de que seja attendida a absurda e infundada pretensão dos droguistas do Porto, sendo d'isso garantia bastante para esta associação e para todos os membros da classe pharmaceutica, não só a muita illustração e saber do augusto chefe do estado, como tambem a certesa de que nenhum dos nossos estadistas apoiaria, nem nenhum ministro portuguez praticaria o erro governativo de levar á assignatura régia um documento ou diploma que deferisse pretensão tão desajudada de justiça e razão como prejudicial á saude publica, e á boa administração d'este ramo tão importante de serviço publico.

O fim principal com que esta associação pharmaceutica vem junto ao throno, é pedir a vossa magestade que se digne proteger a util e trabalhadora classe pharmaceutica, fazendo com que pelo ministerio do reino, aos governadores civis do districto e pelo ministerio da marinha e ultramar, aos governadores geraes das provincias ultramarinas, se transmittam ordens, recommendando-lhes a exacta observancia dos artigos 79.º e 80.º do decreto com força de lei de 3 de dezembro de 1868, e tambem com que pelo mesmo ministerio do reino se faça saber ao governador civil do Porto, que não havendo fundamentos justos para ser attendida a pretensão dos droguistas, deve continuar com o mesmo zelo, a fazer cumprir pelos seus subordinados o que se determina nos citados artigos 79.º e 80.º

Esperando que um pedido tão justo e tão legal como é o feito n'esta representação será attendido, os corpos ge-

rentes e todos os associados do Centro Pharmaceutico Portuguez fazem votos para que:

Deus guarde a preciosa vida de V. M. como a todos é mister.

Porto e assembléa geral do Centro Pharmaceutico Portuguez, aos 30 de outubro de 1889.—O presidente, *Henrique Mauricio Jorge de Lima*; o 1.º secretario, *Custodio Nunes Pereira*; o 2.º secretario, *Francisco Alves Peixoto*.

CHIMICA

Meio pratico para descórar o iodeto d'ammonio decomposto

O iodeto d'ammonio é, como se sabe, um sal muito instavel: o ammoniaco separa-se com extrema facilidade da sua combinação com o iodo, facto este que é denunciado pela côr amarella que adquire o sal, que é normalmente branco.

Para regenerar o iodeto de ammonio, assim alterado e restituir-lhe a côr branca primitiva, recommenda Falk um processo simples. Colloca-se um fragmento de carbonato de ammonia, embrulhado em papel de filtrar, no frasco que contem o iodeto d'ammonio alterado e deixa-se estar até que este tenha adquirido a brancura normal. O tempo necessario para isto se conseguir, está naturalmente subordinado á quantidade do producto alterado e ao respectivo grau de decomposição. O gaz ammoniaco, que se evolve constantemente do carbonato, combina-se com o iodo livre e fórma iodeto de ammonio.

Este processo não altera em cousa alguma o iodeto de ammonio, e restitue-lhe a côr primitiva e todas as suas propriedades.

Para descórar um soluto de iodeto de ammonio córado por excesso de iodo, o pharmaceutico Soucheire, preparador de pharmacia da escola de Toulouse, propõe a adicção

d'um excesso de feculã de batata, que agita durante alguns minutos. Forma-se assim iodeto de amido azul, insolvel, que fica sobre o filtro com a fecula que não se combinou, e o soluto do sal ammoniacal fica descórado. Para um soluto de 20 grammas de iodeto de ammonio em 500 grammas d'agua distillada basta ordinariamente cerca de 7 grammas de fecula.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

«Os climas e as produções, das terras de Malange á Lunda.»

POR SESINANDO MARQUES

SUB-CHEFE DA EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATA-IANVO

EXCERPTO

(Concluido da pag. 212)

Cabolle-bolle. Planta arbustiva, annual, que habita nas matas e prados, de caules lenhosos, cylindricos, amarello-esverdeados, chegando raramente á grossura de uma pena de pato, variando a sua altura de 0^m,2 a 0^m,5, constituindo por vezes pequenas moitas.

Folhas lanceoladas, espessas, glabras, macias ao tacto, pecioladas, oppostas ou em tres-verticilladas, com o comprimento de 0^m,07.

Flores hermaphroditas, completas, regulares, miudas, com quatro petalas brancas, e estames indefinidos, de calice mono-sepalo com quatro dentes avermelhados e foliaceos; seu pistillo é curto ou rente, e só visivel á vista armada.

O fructo é vermelho, mono-sperma, e tem quasi a fórma e tamanho de um murtinho.

Esta planta tem um rhizoma horisontal á superficie da terra, que é bi-annual ou vivaz, lenhoso e mais grosso que

os caules aereos. Todas as suas partes são aromaticas, e recordam o cheiro do rosmaninho.

Os naturaes empregam as infusões bem concentradas em clysteres nos casos de diarrheas ou dysenterias das creanças, com bons resultados; applicações que parece serem rasoaveis, porque a planta não é toxica, e é dotada de poderosa adstringencia, o que lhe deve dar a propriedade hemostatica.

Mucólo ou *Tauhi*. Arbusto sarmentoso, da família das *ampelideas*, genero *ampelopsis*, muito ramoso, de longos caules verde-amarellados, mais ou menos cylindricos, nodosos, que attingem a grossura de um dedo minimo, e habitam nos valles humidos.

Folhas estipuladas, e algumas oppostas a gavinhas, e compostas de tres foliolos, inseridos na extremidade e sobre o mesmo ponto de um longo peciolo, denteados, falsiformes os lateraes e ob-oval o do centro, verdes na pagina superior e côr de canella pubescente na inferior.

Inflorescencia em pequenos corymbos oppostos ás folhas.

Flores muito miudas, com um calice concavo, côr de canella, pubescente, e corolla com cinco petalas avermelhadas, abrindo de cima para baixo.

Os indigenas tomam as raizes raladas, suspensas em agua, em algumas doenças.

Quichibua. É uma *ampelidea*, creio que do genero *ampelopsis*, muito semelhante á nossa vinha, *Vitis vinifera*, com a qual a certa distancia se confunde, não obstante ter as folhas compostas de cinco grandes foliolos recortados e denteados, dispostos em roda do peciolo commum, e mais verdes que os das videiras. Habita pelas matas e valles.

Flores em pequenas espigas esphericas, são miudas, com cinco petalas carmesins, valvares, abrindo de cima para baixo e cinco estames amarellos.

Nas *Plantas uteis da Africa portugueza*, do sr. conde de Ficalho, vem descripta uma *quixibua*, *Vitis schimperiana*, que creio ser outra especie que não esta. O nome *quichi-*

*bu*a parece-me ser dado pelos indigenas a varias especies de *vitis*.

N'zonzo.⁴ Malvacea arbustiva, muito semelhante ao *cabodi*, da qual parece uma variedade de especie.

Folhas simples, glaucas, sub-cordiformes, serreadas, muito macias ao tacto, e avelludadas, longamente pecioladas, medindo o limbo das maiores 0^m,05 a 0^m,06 de comprimento por quasi egual largura. Inflorescencia em espigas axillares e terminaes.

Flores com 0^m,02 de diametro; calice verde, gamo-sepalo, concavo, e quinquefido; petalas em numero de cinco, amarellas e planas, estames indefinidos, da mesma cor, soldados ao tubo que reveste o pistillo.

Floresce em setembro e outubro, e as folhas com a ve-lhice matisam-se de amarello, o que a torna bonita planta decorativa.

Suas folhas são empregadas como emollientes nos mesmos casos que a *Malva sylvestris* dos nossos campos; e com o liber—egual ao do *cabodi*—fibroso e tenaz, fabricam cordoalha.

N'bunze. Planta arbustiva annual—creio ser uma malvacea—de caules simples, herbaceos, verdes, quasi cylindricos, um tanto estriados, cotanilhosos, erectos, mais delgados que um dedo minimo, que attingem proximamente a altura de 1 metro, e vivem em sociedade ou em pequenas moitas nos valles. Folhas inteiras, simples, alternas, estipuladas, longamente pecioladas, verde-amarelladas, sombrias, espessas, cordiformes, denteadas, de pubescencia rente e muito aspera, cujo limbo das maiores mede cerca de 0^m,15 de comprimento por largura egual.

Inflorescencia em pequenos corymbos alternos e quasi oppostos ás folhas. Flores miudas, hermaphroditas, completas, regulares: calice com cinco sepalas lanceoladas; petalas em egual numero, amarellas, ellipticas, inseridas debaixo do ovario; estames livres, indefinidos, eguaes, ama-

⁴ E uma segunda planta com o mesmo nome.

rellos, com antheras esphericas tambem inseridas debaixo do ovario, sendo este livre, conico, esverdeado, pilloso; estylete sovelado com stygma verde bi-lamelar.

Usos therapeuticos: os indigenas empregam as raizes raladas, suspensas em agua, como lavagens aos olhos, em casos de conjunctivites.

Catori. É um arbusto bi-annual ou vivaz, que habita nos quintaes abandonados e em logares humosos; caule cylindrico, com a circumferencia de 0^m,25 a 0^m,30, altura de 2 ou 3 metros, com muitos eixos secundarios erectos e curvados na base, cheios de cicatrizes das folhas caducas; tem todos os caracteres herbaceos e um grosso tubo medullar.

Folhas dispersas, lanceoladas, verdes, grossas, algum tanto lustrosas, pecioladas, succulentas, muito fetidas e abundantes em chlorophylla.

As flores são em grandes espigas terminaes, apetalas, com estames em numero superior a onze, livres cercados de uns pellos brancos e sedosos tenuissimos: calice verde, carnoso, tubular, com ranhuras longitudinaes.

Os naturaes empregam as folhas cozidas sobre as emplas das queimaduras.

Quinzunguilla. Arbustos leguminosos, esguios, da altura de 10 a 12 decimetros, de caules sub-lenhosos, pubescentes e cylindricos, ou pequenas arvores da mesma altura, mesmo porte, um pouco mais ramosas, e tronco quasi da grossura de um pulso, que habitam nos prados e matas, e florescem nos principios do inverno.

Folhas alternas, estipuladas, longamente pecioladas, caducas, compostas de tres foliolos, sendo o do centro oval e falsiforme os lateraes, peciolados, glaucos, de pubescencia muito rente, cinzenta, lustrosa e avelludada, medindo o limbo dos maiores cerca de 0^m,10 de comprimento por 0^m,055 de largura.

Flores papilionaceas, grandes, sobre o comprido, nascendo na parte nua dos eixos; calice concavo, irregular, verde com cinco dentes; corolla roxa-escura.

Fructos, vagens muito pilosas, um tanto curvas e leve-

mente estranguladas, com o tamanho das de ervilhas, contendo duas a cinco sementes semelhantes a um pequeno feijão.

Quinzongé. É uma leguminosa arbustiva, ás vezes cultivada, bi-annual ou vivaz, que attinge a altura de 2 metros ou mais, de caule lenhoso, da grossura maxima do dedo pollegar, e muito ramoso.

Folhas alternas, compostas de tres foliolos lanceolados e flores amarellas papilionaceas.

O fructo é uma vagem de 0^m,04 ou 0^m,05 de comprimento por 0^m,007 a 0^m,008 de largura, contendo duas a cinco sementes do tamanho de um feijão frade, um tanto mais redondas, esbranquiçadas, com pintas amarellas; são comestiveis, de sabor agradavel e dizem ser muito alimentares.

Quizunda. Planta leguminosa arbustiva, que vive nas matas e tambem junto aos terrenos cultivados, de caule herbaceo, da grossura de uma penna de ganso, attingindo a altura de 7 a 10 decimetros.

Folhas largas, lanceoladas, oblongas, verde-claras.

Flores em espigas papilionaceas, inodoras, côr de rosa e brancas.

Fructos, pequenas vagens um tanto deprimidas, polyspermas.

Cafóto. Planta leguminosa arbustiva, vivaz, quasi sempre cultivada, de caules ordinariamente curtos e delgados, mas que algumas vezes chegam a attingir a grossura de um pulso, muito ramosos, e com 2 metros de altura.

Folhas alternas, estipuladas, pecioladas, compostas de seis a onze pares de foliolos com impar, pequenos, ellipticos, glaucos e pubescentes.

Flores em espigas, papilionaceas, brancas, grandes e de bonito effeito.

Fructos, vagens semelhantes ás de feijão, contendo seis a oito sementes pequenas, côr de castanha, com o hilo branco.

Esta planta é muito coberta de pellos côr de canella, tor-

nando-se hirsutos e picantes nas cascas dos fructos novos.

E' usada para tapumes de quintaes, como ornamental; e empregam na pesca as folhas pisadas, que têm a propriedade venenosa para o peixe; è muito vulgar por toda a provincia de Angola.

Católi. E' um arbusto leguminoso muito ramoso, com caules cylindricos, altura de 0^m,5 a 0^m,6, e grossura de uma penna de gallinha ou pouco mais, que habita nos terrenos frescos e humidos.

Folhas muito verdes, oppostas, lanceoladas, glabras, muito aquosas, com o peciolo quasi rente do comprimento medio de 0^m,04.

Flores papilionaceas, amarellas. Vagens muito pequenas, roliças, formadas de uma pellicula delgada e muito tenaz, contendo dezeseis a dezoito sementes reniformes com o hilo relativamente comprido.

E' annual e suas raizes são delgadas e fibrosas. As folhas são comestiveis, e muito usadas pelos indigenas, cosinhadas com alguns condimentos.

Dizombolle ou *Lumbombo.* Arbustos leguminosos —às vezes pequenas arvores— de caules cylindricos e grossos, que variam entre a de um dedo e um braço, mais ou menos tortuosos ou contorcidos e curvos, com muitos eixos secundarios de 3 a 4 metros de comprimento e mais, de pubescencia curta e côr de canella, muito ramosos, intrincados e volubilados, cobrindo e occultando muitas vezes as outras arvores e arbustos visinhos.

Folhas amplas, alternas, pecioladas, compostas de quatro a oito pares de foliolos com o impar, ovaes-lanceolados, peciolados, verde-amarellados, muito pubescentes na pagina superior, macios e lustrosos.

Inflorescencia, em espigas terminaes, compostas, muito abertas, chegando a medir 0^m,5 a 0^m,6 de comprimento.

Flores miudas, papilionaceas, côr de palha, de cheiro herbaceo.

Fructos, vagens indehiscentes, planas, fulvas, avelludadas, pouco mais grossas que folhas de papel almasso, do

comprimento de 0^m,10 por 0^m,025 de largura, contendo ao centro uma, e ás vezes duas sementes reniformes, planas, rugosas, cõr de canella, medindo as maiores 0^m,017 de comprimento por 0^m,007 de largura.

Florescem em agosto, e seu liber é de natureza textil, muito bom para cordoaria. Os troncos feridos exsudam uma seiva branca agglutinativa, que se solidifica ao ar, tornando-se vermelha e muito adstringente.

Mundianhoca dos n'bundos ou *Fedegoso* dos portuguezes. E' a *Cassia occidentalis*, leguminosa bem conhecida para que nos abstenhamos de longas descrições organographicas.

Habita por toda a provincia de Angola, e as suas raizes são reputadas pelos indigenas como poderoso anti-febril.

As sementes torradas, moidas e excipiadas pela agua fervente constituem uma bebida muito semelhante ao café, com o qual se chega a confundir.

Não sei se representa todos ou parte dos principios immediatos do *Coffea arabica*, porque não fiz a analyse, nem me consta que se houvesse feito; no emtanto afirmo tão sómente que é uma bebida agradável e inoffensiva, que ao paladar substitue perfeitamente o café.

Já foi esta a impressão do missionario Lewigston e dr. Nicholls ¹.

Mussandeira sange. Arbustos leguminosos, herbaceos, annuaes, de caules cylindricos, verdes, muito ramosos, que attingem a grossura de um dedo pollegar, e altura de 1 metro—especie muito proxima da *Cassia occidentalis*—que habita nos prados, nas ruas e largos das povoações.

Folhas alternas, longamente pecioladas, estipuladas, compostas de tres pares de foliolos verdes, pubescentes, quasi rentes e ovaes, medindo 0^m,028 de comprimento por 0^m,012 a 0^m,014 de largura.

Flores axillares, hermaphroditas, completas, quasi regu-

¹ *Plantas uteis da Africa portugueza*, pelo sr. conde de Ficalho.

lares; calice verde com cinco sepalas foliaceas, irregulares; corolla com cinco petalas amarellas, ob-ovaes, hypogeneas; estames livres muito curtos, em numero de dez, sendo geralmente sete ferteis, e estereis os restantes.

Fructos, vagens um tanto quadrangulares, curvas, da grossura de uma penna de ganso; e comprimento de 0^m,08 a 0^m,16; sementes côr de castanha, muito juntas, umas vezes cylindricas de base obliqua, e outras offerecendo a figura pararellipeda.

Acha-se como a antecedente difundida por toda a provincia de Angola. A infusão de suas sementes torradas substitue perfeitamente a das do *fedegoso*, não se lhe conhecendo differença ¹.

Féto. É o *Pteris aquilina*, de Linn. Cryptogamia de tige lenhosa, avermelhada, pouco mais grossa do que uma penna de ganso, muito ramosa, com bonitas frondes, tomando o porte de pequenas arvores.

Habita nas matas e ao longo dos caminhos desde Pungo Andongo até Malange, sendo ainda muito maior a area da sua distribuição geographica no continente africano; e tambem é planta muito conhecida nos campos incultos e matas da nossa provincia da Extremadura.

São vulgares ainda as beldroegas, *Portulaca oleracea*; agriões, *Sysimbrium nasturtium*, *Datura stramonium* e *D. fastuosa*, *Ricinus communis*, *Amomum grana paradisi* e erva tostão, *Bæheravia hirsuta*. ²

Kolas africanas

Sob o nome de *Kola*, *Gourou*, *Omboné*, *Nangoné*, *Kok-korokou*, designam-se na Africa tropical os grãos d'uma

¹ O exemplar d'esta planta e de varias outras da flora de Malange, foram remettidos ao herbario de Coimbra, e muitos d'elles por determinar: fazendunos o ex.^{mo} sr. dr. Julio Henrique a fineza de tomar a seu cargo tão importante trabalho, e restando-nos a esperanza que o distincto professor nol-o remetterá a tempo de figurar n'esta pequena obra.

² Mais uma vez fazemos a declaração de que transpomos para este jornal a descripção das plantas que simplesmente interessam, ou mais parecem interessarem, a materia medica. D.

arvore da familia das Malvaceas, a *Cola acuminata*, R. Br. (*Sterculia acuminata*, P. Beauv. *S. nitida*, Vent, *Siphoniopsis monoica*, Karst). Esta arvore encontra-se no estado espontaneo em toda a costa occidental d'Africa, entre 10° de latitude norte e 5° de latitude sul, sobre a parte comprehendida entre a Serra Leôa e o Congo, adeantando-se até 800 kilometros para o interior. Os grãos são oblongos, obtusos, subtretagons, de tunica exterior membranosa, vermelha ou branca amarellada. O embryão, que quasi todo o grão, é mais ou menos globoso, carnudo, de 4, 8 cotyledones espessos, de côr variando de rosa a amarello claro. Os indigenas empregam-os como dinheiro corrente, fazendo d'elles idolos, e attribuindo-lhes propriedades as mais diversas. O sabor ao principio assucarado, é depois amargo, adstringente e a sua mastigação, no dizer dos indigenas, torna fresca e agradável a agua a mais quente e a mais salobra.

Chimica.—Os grãos contem, segundo Heckel e Schlagdenhanffen, que fizeram d'elles um estudo completo:

Cafeina, 2,348; Théobrolina, 0,023; Tannino, 1,618; Materias proteicas, 6,761; corpos gordos, materias corantes, etc.

Pharmacologia.

EXTRACTO AQUOSO

Prepara-se tratando os grãos, a frio, pela agua distillada. Tiram-se proxivamente 10, 50 %.

Convém accrescentar que o extracto aquoso é muito difficil de preparar por causa da abundancia d'amido existente nos grãos e que, durante a maceração, um magma de que é difficil desembaraçar se.

EXTRACTO ALCOOLICO

Sementes de kola.....	1 parte
Alcool de 60°.....	5 partes

Macere durante quinze dias.

Os grãos dão pouco mais ou menos 17 % d'este extracto.

VINHO DE KOLA

Sementes frescas.....	100 gram.
Vinho branco doce.....	500 »

Macere por quinze dias.

Os grãos podem ser reduzidos a pó e administrados em pilulas ou melhor ainda sob a fôrma d'elixir feito com o alcoolato.

PILULAS

Extracto alcoolico de kola.....	10 gram.
Pó de kola.....	q. s.

F. s. a. 100 pilulas, de 8 a 15 pilulas por dia.

POÇÃO

Agua.....	50 gram.
Tinctura de kola (a $\frac{1}{5}$).....	10 »
Tinctura de baunilha.....	0, ^{gr} 50 centigram.
Xarope simples.....	15 »

Para tomar durante o dia.

Todas estas formulas teem sido dadas por M. Heckel.

Therapeutica.— A grande quantidade de cafeina que contem a noz de kola aproxima as suas propriedades physiologicas das do café. E' um tonico do coração que pôde ser util nas affecções cardiacas com ædema e anasarca, pela diurese que ella determina.

Modifica certas fôrmas de dyspepsias com bastante successo para que se possa aconselhar o seu uso. A kola dá tambem excellentes resultados nas diarrheas chronicas.

Pode-se administrar em infuso na rasão de 50 a 100 grammas de pó de noz torrada, preparada como o café negro. Dois grammas d'extracto alcoolico correspondem pouco mais ou menos a 10 grammas de pó, a dóse correspondente é então de 10 a 20 centigrammas d'extracto.

(Nouv. Rem.)

TINCTURA DE KOLA

Noz de kola secca pulverisada...	50 gram.
Alcool a 80°.....	1.000 »

Macere por 15 dias; administra-se na dose de 2 a 10 grammas por dia.

INFUSO DE KOLA

Prepara-se lançando 1 gramma de noz de kola secca, grosseiramente pulverisada; n'uma chicara de café d'agua fervente; depois d'uma hora de contacto, passa-se; esta preparação administra-se depois da refeição.

EXTRACTO ALCOOLICO DE KOLA

Trata-se a noz secca pulverisada, por lixiviação, pelo alcool a 60°; prescreve-se este extracto em pilulas ou em poção, na dose de 1 a 2 grammas por dia.

VINHO DE KOLA

Noz de kola secca pulverisada...	50 gram.
Vinho de Malaga.....	2.000 »

Macere por 15 dias. Prescreve-se na dose de 2 a 5 colheres de sopa por dia, depois da refeição.

(*Journ. de Pharm. et Chim.*)

FORMULARIO

Poções de naphtol

O sr. Maimiel depois de varias tentativas para obter solutos estaveis do naphtol, fixou a sua attenção sobre o soluto oleoso ao decimo, com o qual preparou um loch re-tendo o naphtol em perfeito estado de solubilidade.

Em resultado dos seus trabalhos o auctor propõe para as poções de naphtol a formula seguinte:

Soluto oleoso de naphthol, ao decimo (oleo de am.)	20 gram.
Goma arabica	20 »
Xarope simples	300 »
Agua de flor de laranja	200 »
Agua distillada	600 »

Prepare uma mucilagem com a goma e duas vezes o seu peso de agua; junte o soluto oleoso por pequenas porções, afim de o dividir com o auxilio de uma trituração prolongada, e dilua emfim com o resto dos liquidos.

D.

Pilulas de creosota

Desde que se começou a prescrever a creosota sob a fórma pilular tem sido indicadas diversas formulas com o fim de obter pilulas relativamente pequenas e com a creosota bem dividida. De todas as formulas que conhecemos, parece-nos preferivel a seguinte devida a Martindale:

Creosota de faia	5 gram.
Sabão neutro em pó	5 »

Introduz-se a creosota e o sabão n'um frasco de boca larga, rolha-se, agita-se bem, aquece-se em banho de agua até á fusão completa do sabão e deixa-se esfriar.

A massa pilular contem 50 % de creosota, mistura-se facilmente a qualquer outra substancia e não é alterada, como acontece quando se emprega a magnesia calcinada ou a cal extincta.

O sabão deve ser neutro e secco; o sabão animai parece preferivel; dá uma massa mais consistente.

VARIÉDADES

Até que ponto ó Catalina...?— Acaba de inventar-se um novo processo para recompensa do merito em

pharmacia. A penitenciaria de Lisboa, precisando de um pharmaceutico para o seu serviço, poz o logar *em leilão* ! Aonde todos teem larga fatia, tornava-se necessario que alguem pagasse a boda; esfolou-se por tanto o pharmaceutico para haver carne para os bifes.

E lá está o logar preenchido, por quem se viu forçado a desempenhal-o por menor preço.

Abstemo-nos de classificar factos d'esta ordem.

Ignacio José Franco. — Damos os parabens ao nosso illustre collega pelo seu ingresso no parlamento pela primeira vez.

Na força da vida, cheio de esperanças como é attributo da mocidade, e com talento, chamamos a sua attenção, para as necessidades e aspirações da classe pharmaceutica, a qual precisa dos exforços de todos os seus membros, especialmente d'aquelles que, podendo influir pela sua posição social nos destinos da nação, mais podem coadjuval-a.

Projecto de lei sobre o exercicio da pharmacia em França. — O ex-ministro da republica o sr. Lokroy acaba de renovar na camara a iniciativa do seu projecto de lei que na legislatura anterior submettera á apreciação parlamentar, quando era ministro do commercio sobre o exercicio de pharmacia.

Quantes projectos de lei sobre ensino e exercicio da pharmacia se teem discutido em França, desde que nós prégamos no deserto, a pedir reformas n'este serviço, em harmonia com o caminhar da humanidade?

Em França são os homens notaveis e importantes da politica que se occupam d'estes assumptos, entre nós o caso é muito differente.

Com vista aos nossos governantes. — Os ministros do commercio e da fazenda de França, conformando-se com o parecer da escola superior de pharmacia de Paris, decretaram a livre entrada em França do *sulfonal* e da *phenacetina*, mediante o imposto de 4 % *ad valorem*, e prohibiram a importação das *pastilhas* das referidas

substancias, fabricadas por Fried Boyer e C.^a. Foi igualmente prohibida a importação do vinho de Brovil, composto de vinho de Hespanha, extracto de carne, quina e ferro, cuja formula não se acha publicada em nenhuma pharmaco-*pea*.» (*Da Gaz. de pharm.*)

O governo francez, em questões de pharmacia, ouve os especialistas na materia, os pharmaceuticos; o nosso governo, de certo com mais criterio, entende que nós só temos cabeça... para pagar contribuições.

D.

O acido chromico contra a transpiração

—Na Allemanha, a direcção de saude do ministerio da guerra acaba de recommendar o emprego do acido chromico, como um remedio pouco custoso, seguro e sem perigo, para prevenir a transpiração exaggerada dos pés. Cobre-se a pelle dos pés com um soluto d'acido chromico de 5 ou 10 p. 100, e a operação não necessita renovar-se antes de duas ou tres semanas, e algumas vezes mesmo sete ou oito semanas.

A administração mandou previamente ensaiar o remedio, com os melhores resultados, em 18000 soldados.

Causticidade do acido phenico.—Quando se dissolve o acido phenico puro em glicerina pura ou alcool concentrado as suas propriedades causticas são consideravelmente diminuidas; a causticidade reaparecerá, porém, logo que n'esses solutos se faça intervir a agua, ainda que seja em fraca proporção.

Em consequencia, no caso de queimadura pelo acido phenico concentrado deve ser empregado o alcool e não a agua para lavar a parte affectada.

S. M.

Alcaloides. — Anunciamos aos nossos collegas um trabalho importante, que acaba de vêr a luz publica, em Paris, devido ao trabalho assiduo, pre severante, e indagador do sr. Dupuy, pharmaceutico de 1.^a classe, official da Academia, etc. etc.

A obra divide-se em duas partes: a primeira compre-

hende a historia dos alcaloides, as noções geraes sobre as suas propriedades, suas reacções, os processos geraes para a sua pesquisa toxicologica, seu modo de acção, sua absorpção, sua eliminação, seus usos, a dóse em que se costuma applical-o e as fôrmas pharmaceuticas que mais parece convir-lhes.

A segunda parte é destinada ao estudo circunstanciado e o mais completo possivel dos diversos alcaloides classificados por ordem alphabetica a fim de facilitar-lhes a busca.

Termina a obra um indice bibliographico onde se encontram mencionados os diversos trabalhos de que o autor se soccorreu para levar a cabo o seu tratado.

Pesquisa negativa do assucar pelo polarimetro em uma urina com poder reductor sobre o licor cupropotassico. — O Catillon communicou em sessão de 27 de novembro da sociedade de therapeutica, de Paris, que examinára ao polarimetro uma urina que reduzia o licor cupropotassico sem comtudo produzir desvio algum na luz polarisada. Explicou o facto attribuindo na urina a existencia de dois assucares diferentes, dotados de actividade opposta, e em proporções taes que produzam uma compensação completa.

Este facto é importante e não deve ser esquecido por que pôde dar causa a erros de diagnostico, tanto mais que o polarimetro é considerado o instrumento mais perfeito para a pesquisa e dosagem do assucar.

da Ordem dos Farmacêuticos

NECROLOGIA

De estatura menos que regular, fôrmas proporcionadas, apumado, cara redonda, rapada, um tanto sulcada pelo correr dos annos, denotando energia, conversação facil, tal foi a impressão que de si nos deixou o dr. Antonio Alves Ferreira, ao fazermos conhecimento com elle, no declinar

do ultimo verão, quando se retirava para Paris, aonde inopinadamente foi terminar seus dias.

Quem, como nós, pela primeira vez lhe fallasse, diria que tinha diante de si um banqueiro ou um notavel capitalista; e não se enganava. O dr. Alves Ferreira possuia, segundo consta, uma fortuna de quatro mil contos fortes, e era um dos primeiros accionistas do banco do Rio de Janeiro.

Natural de Lordello do Ouro, proximo do Porto, procurou carreira na America do Sul, e, dedicando-se á vida pharmaceutica, conseguiu pelo seu trabalho reunir uma fortuna verdadeiramente grande.

Desgostos e luctas havidas com a *junta de hygiene* da cidade do Rio, onde elle era estabelecido, tinham-no determinado ultimamente a fechar o seu importante estabelecimento, recusando-se tenazmente a aceitar valiosas propostas de trespasse. Até a propria armação inutilisou. Tivera em tempo por socio o nosso collega hoje visconde de Sanches Bayena; quando, porém, este lhe participou que ia casar-se, Alves Ferreira instou pela dissolução da sociedade, o que determinou S. Bayena a montar uma casa nova, e luxuosa, na mesma rua.

Era doutor em sciencias naturaes pela universidade de Bruxellas, aonde apresentou como these para a investidura um trabalho importante de hydrologia chimica.

Era membro honorario da nossa sociedade, e, conhecedor de perto das coisas pharmaceuticas do nosso paiz, amava os collegas que mais se teem interessado pela nossa regeneração.

Parece que não esperava que a morte o colhesse tão de perto, quando tencionava gosar com descanço e esparzir em torno de si a colossal fortuna que accumulára com a sua vontade de ferro, pois falleceu sem testamento, hospedado no *Grand hotel* de Paris, sendo encontrado morto estendido sobre uma cadeira, junto á janella do seu quarto de dormir.

Seria lançado á valla ou pouco menos, se dois titulares

brazileiros, seus amigos, então em Paris, se não apresentassem a responsabilisarem-se pelas despesas a fazer, e exigissem que o cadaver, depois de embalsamado, fosse depositado na igreja da Magdalena até posterior resolução dos herdeiros. Deixou dois herdeiros, um irmão, lavrador no Douro, outro, de nome Miguel, com fabrica de sabão e vellas de estearina, no Rio de Janeiro.

Creemos que a sociedade perdeu muito com a sua morte prematura. Era solteiro, e já na exposição de Paris deu prova da sua liberalidade, offerecendo tres premios na importancia de nove contos de réis para serem divididos por tres expositores.

No dia 18 de novembro ultimo realizaram-se em Paris as exequias do distincto dr. Quesneville, decano da imprensa scientifica da França, o qual ha cincoenta annos fundára a *Revista scientifica e industrial*, mais tarde transformada em *Monitor scientifico*.

Doutorado em medicina em 1834, exerceu a profissão dois annos apenas, fazendo-se receber pharmaceutico para se entregar a pesquisas scientificas e occupar-se especialmente das applicações industriaes da chimica. Deve-se-lhe a descoberta de alguns corpos, como o iodeto de amido solúvel, o hydrato de bisnutho, etc.

Annunciára no numero de novembro ultimo que acabava a publicação do jornal, a que dedicára o melhor de seus annos, a partir de janeiro proximo, visto que a sua saude he não permittia já a continuação dos seus trabalhos de cincoenta annos consecutivos. Surprehendeu-o porém a morte antes de findar o corrente anno. Contava 87 annos de idade.

D.

Nota. — Por falta da typographia, não saiu este numero no fim do anno de 1889, como era desejo, devér e brio do director da comimissão de redacção.

INDICE ALPHABETICO

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTE TOMO

A

- Acção salutar dos perfumes, 134.
Acetato de quinina, 62.
Acido (o) chromico contra a *transpiração*, 254.
Acido citrico (pesquisa) do acido tartarico no), 138.
Acido oxalico (sobre o envenenamento pelo); pesquisas toxicologicas, 129.
Acido phenico (antidoto do), 150.
Acido phenico (causticidade do), 161.
Acta da sessão solemne commemorativa do 53.º anniversario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, 3.
Acta da sessão solemne commemorativa do 54.º anniversario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, 177.
Actas das sessões (extracto das), 55, 75, 115, 135, 155, 175.
Administração do oleo de figado de bacalhau, 139.
Agradecimento, 74.
Aggregação do syndicato dos pharmaceuticos de Jura á Associação geral, 173.
Alcaloides, 254.
Alcoolatura de eucalypto, 85.
Alcooleo de trinitrina, 89.
Algodão hydrophilo, 138.
Alumen no pão (pesquisa do), 139.
Amargo da quinina (maneira de disfarçar o), 131.
Analyse das peptonas do commercio, por MM. J. Könige W. Hisch, 161.
Antidoto do acido phenico, 150.
Antipyrina (incompatibilidade da e do salicylato de soda) estremes, 124.
Antisepticos (incompatibilidade dos) 90.
Antonio Alves Ferreira (Dr.)—Neurologia, 256.
Azeite (ensaio do) que se supõe falsificado pelo oleo de algodão, 128.
Alterações occorridas no quadro da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, durante o 53.º anno da sua instituição, 9.
Alterações occorridas no quadro da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, durante o 54.º anno da sua instituição, 186.
Aplicações industriaes do oxygenio, 199.
Alfices, 212.
Arsunito de quinina, 62.
Até que ponto ó Catalina...?, 252.

B

Bibliographia, 152.

Botânica, 101, 141, 166, 203.
Bromhydrato de quinina, 62.

C

Cacau (rataphia de), 172.
Cavallo phenomenal, 150.
Causticidade do acido phenico, 254.
Chefe (novo) do serviço pharmaceutico naval, 149.
Chimica, 139, 199, 341.
Chloral (clyster), 83.
Chloral (hydrato de), 82.
Chloral (mistura), 83.
Chloral (poção), 83.
Chloral (soluto), 83, 84.
Chloral (suppositorios), 83.
Chloral (xarope de), 82.
Chlorhydrato de quinina (basico) 62.
Chloroformio puro (conservação do), 90.
Chocolate purgativo de oleo de ricino, 110.
Clyster de chloral, 83.
Camphora em pó, 139.
Camphora monobromada, 99.
Camphora monobromada (injecção hypodermica), 99.
Causticidade do acido phenico, 254.
Codeina (substituição da á morfina), 163.
Collodio iodado, 217.
Collodio iodoformado, 217.
Com vista aos nossos governantes, 253.
Composição (a) d'alguns leites condensados, 195.
Condemnação de irmãs de caridade, 173.
Condemnação, em Paris, de cooperativas que distribuíam medicamentos a seus membros, 134.
Congresso pharmaceutico francez, 150.
Congresso pharmaceutico internacional, 150.
Conservação do chloroformio puro, 90.
Conservação das plantas nos herbarios, 174.
Consumo do marfim, 74.
Coqueluche (formula contra a), 83.
Creolina, 191.
Creosota (emprego da) na tísica, 163.
Curare, 164.

D

Decocto de hamamelis Virginica, 97.

Decomposição dos solutos d'iodoformio, 194.

Despedida aos leitores, 219.

Destruição dos pediculi pubis, 409.

Destruição dos pediculi pubis (errata), 134.

Diamante (um) muito duro, 110.

Discurso lido pelo sr. presidente José Ribeiro Guimarães Drack na sessão solemne commemorativa do 53.º anniversario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, 29.

Discurso lido pelo sr. presidente na sessão solemne commemorativa do 54.º anniversario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, 187.

Doadores (lista dos) e objectos dados á Sociedade no 53.º anno, 8.

Doadores (lista dos) e objectos dados á Sociedade no 54.º anno, 184.

Dosagem da emetina na raiz de ipecacuanha, por Kermelin, 89.

E

Elogio biographico do sr. presidente honorario José Tedeschi, lido pelo sr. Oliveira Abreu na sessão solemne commemorativa do 53.º anniversario da Sociedade, 11.

Emprego da creosota na tísica, 163.

Emprego da exalgina, 432.

Emprego do oxygenio para o branqueamento, 199.

Emprego d'oxygenio para a depuração dos alcools, 202.

Emprego do oxygenio para a purificação do gaz d'illuminação, 201.

Emulsão de naphtol, 193.

Eno's fruit Salt, 109.

Ensaio do azeite que se supõe falsificado pelo oleo de algodão, 128.

Ensaio das quininas, 125.

Ensaio do sulfato de quinina, pelo sr. Bohringer, 101.

Envenenamiento (sobre o) pelo acido oxalico; pesquisas toxicologicas, pelo sr. Russo-Giliberti, 129.

Ergosterina (a) 95.

Espermacti (falsificação do), 87.

Essencia de hortelã-pimenta, 197.

Esparteina, 66.

Estrophanto, 68.

Eucalypto, 84.

Eucalypto (alcooolatura), 85.

Eucalypto (inhalações), 85.

Eucalypto (tinctura), 85.
Eucalypto (xarope), 85.
Exalgina (emprego da), 132.
Excerpto de «Os climas e as produções das terras de Malange à Lundá», por Sesinando Morques, subchefe da expedição portugueza ao Muata Ianvo, 141, 166, 203, 242.
Extracto das actas das sessões, 55, 75, 115, 135, 155, 175, 220.

F

Falsificação do espermactil, 87.
Falsificação da pimenta, 218.
Ferrocyano de quinina, 62.
Filho (O) de um pharmaceutico condemnado por exercer a profissão illegalmente, 133.
Formula contra a coqueluche (Lorez), 83.
Formulario, 109, 131, 172, 216, 251.
Formulario Offcinal e Magistral, por Joaquim Urbano da Veiga, com um supplemento por Alfredo da Silva Machado e Emilio Fragoso — Bibliographia — 157.

G

Glycerina (suppositorios com), 100.
Grenalha de porcelana, 174.

H

Hamamelis Virginica, 96.
Hamamelis Virginica (decocto), 97.
Hamamelis Virginica (mistura), 97.
Hazelina (a), 96.
Historia natural, 102, 141, 166, 203, 242.
Hypnona, 71.

I

Ignacio José Franco, 253.
Incompatibilidade da antipyrina e do salicylato de soda estremes, 124.
Incompatibilidade dos antisepticos, 90.
Inhalações de eucalypto, 85.
Injecção hypodermica de camphora monobromada, 99.
Iodoformio betuminado, 100.
Irmãs de caridade condemnadas pelo tribunal de Florac, 133.

J

Joaquim José Alves (Dr.), 149.
José Moreira Feio—Necrologia—94.
José Thomaz da Silva Pinto—Necrologia—151.

K

Kolas africanas, 250.

L

Lactato de quinina, 62.
Lanolina (a) na preparação dos suppositorios com extractos, 100.
Leite (o) como vehiculo do iodeto de potassio e da quinina, 195.
Leites condensados (a composição d'alguns), 195.
Linimento de hypnona, 72.
Liquido para inhalações ou gargarejos, 66.
Lista dos doadores e objectos doados à Sociedade durante o 53.º anno, 8.
Lista dos doadores e objectos doados à Sociedade durante o 54.º anno, 184.

M

Maneira de disfarçar o amargo da quinina, 131.
Manuel Vicente de Jesus—Necrologia, 111.
Marfim (consumo do), 74.
Medicamentos (ocasião do emprego dos), 73.
Meio pratico para descórar o iodeto d'anmonio decomposto, 241.
Mercurio (pesquisa toxicologica do), 139.
Microbios (os) dos mexilhões, 90.
Mistura de chloral, 83.
Mistura de hamamelis Virginica (Fer-rand), 97.

N

Naphtol (Looch ou emulsão de) 193.
Necrologia, 92, 111, 151, 255.
Nitratos (o resorcinol na pesquisa dos) 128.

O

Ocasião do emprego dos medicamentos, 73.
Oleo de figado de bacalhau (administração do), 139.

- Oleo de ricino (chocolate purgativo de) 110.
 Oliveira Abreu (ao nosso consocio), 114.
 Oxalato de cafeina, 173.
 Oxaluria (sobre a), pelo sr. Petterutti, 130.
 Oxygenio (aplicações industriaes do), 199.
 Parecer da commissão de chimica sobre uma amostra de magnesia alva, que lhe foi apresentada a ensaio; approved em sessão de 10 de dezembro de 1889, 227.
 Parecer da commissão de chimica sobre a poção de Jaccoud, lido em sessão de 10 de dezembro de 1889, 229.
 Parecer da commissão *ad hoc* encarregada de apreciar a validade de uns impressos remetidos á sociedade para concurso ao «premio José Dionysio Correia»; approved em sessão de 10 de dezembro de 1889; 230.

P

- Pastilhas contra o mau balito, 172.
 Pastilhas de trinitina, 89.
 Pastilhas vermifugas e purgantes de santonina insolada, com calomelanos, 173.
 Peças officiaes, 3, 55, 75, 115, 135, 155, 175, 220.
 Peptonas do commercio (analyse das), 161.
 Perfumes (acção salutar dos), 134.
 Pergunta innocente, 150.
 Pesquisa do acido tarttrico no acido citrico, 138.
 Pesquisa do alumen no pão, 139.
 Pesquisa negativa do assucar pelo polarimetro em uma urina com poder reductor sobre o licor cupropotasico, 255.
 Pesquisa toxicologica do mercurio; sua pesquisa na ourina, 139.
 Pharmacia, 60, 82, 95, 124, 158, 191.
 Pharmaceuticas russas, 150.
 Phenols camphorados, 158.
 Phosphato de quinina, 62.
 Pilulas de creosota, 252.
 Pilulas de esparteina, 67.
 Pilulas purgativas do dr. Ball, 217.
 Pilulas de sulfato de quinina, 63.

- Pimenta (falsificação da), 218.
 Plantas nos hervarios (conservação das), 174.
 Poção de esparteina, 67.
 Poção de chloral, 83.
 Poção de terpina, 70.
 Poções de naphtol, 251.
 Pomada de hamamelis Virginica, 97.
 Pomada de nitrato de prata, 217.
 Precipitado branco (solubilidade do), 174.
 Premio José Dionysio Corrêa, fundado no 50.º anno da instituição da Sociedade — Programma do concurso, 6, 183.
 Preparações contra as freiras, 216.
 Programma de concurso para o premio José Dionysio Corrêa, 6, 183.
 Projecto de lei sobre o exercicio da pharmacia em França, 253.

Q

- Quesneville (Dr.) — Necrologia, 257.
 Quinas (ensaio das), 125.
 Quinina, 60.
 Quinina (saes), 62.
 Quinina (tinctura), 63.
 Quinina (tinctura ammoniacal de), 63.
 Quinina (vinho de), 63.
 Quinoidina, 65.
 Quinoleina, 65.
 Quinium (vinho de), 63.

R

- Ratapfia de cacau, 172.
 Reacção (nova) do thymol, 166.
 Relatorio dos trabalhos da Sociedade Pharmaceutica Lusitana durante o 53.º anno da sua instituição, 3.
 Relatorio dos trabalhos da Sociedade Pharmaceutica Lusitana durante o 54.º anno da sua instituição, 178.
 Resorcinol (o) na pesquisa dos nitratos, 128.
 Roberto Duarte Silva — Necrologia — 97.

S

- Sabão de petroleo, 218.
 Saes de quinina, 62.
 Sobre a oxuluria, pelo sr. Petterutti, 130.
 Solubilidade do precipitado branco, 174.

Soluto de chloral, 83, 84.
Soluto contra as sardas, 110.
Soluto de nitrato de prata, 217.
Solutos d'iodorformio (decomposição dos), 194.
Sparteina, 66.
Strophantus, 68.
Substituição da codeína pela morfina, 163.
Sulfato de quinina, 62.
Sulfato de quinina (ensaio), 101.
Sulfato de quinina (pilulas de), 63.
Suppositorios de chloral, 83.
Suppositorios com glycerina, 100.
Suppositorios pela glycerina, 132.

T

Tabaco, 102.
Tannato de quinina, 62.
Tartrato e citrato de quinina, 62.
Terpina, 69.
Terpinol, 70.

Thymol, 86.
Tinctura de eucalypto, 85.
Tinctura de quinina, ammoniacal, 63.
Tinctura de quinina (Ph Brit.), 63.
Toxicologia, 129, 139.
Trinitrina, 88.
Trinitrina (alcooleo), 89.
Trinitrina (pastilhas), 89.

U

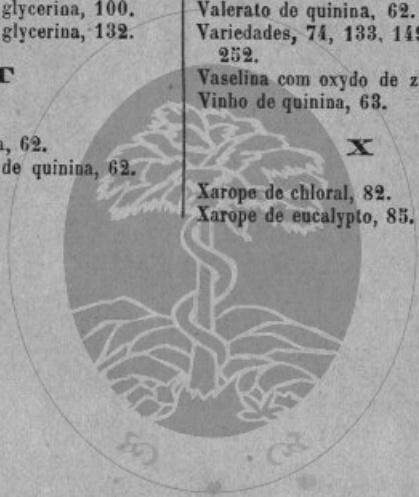
Ural, 101.

V

Valerato de quinina, 62.
Variedades, 71, 133, 149, 173, 218, 252.
Vaselina com oxydo de zinco, 217.
Vinho de quinina, 63.

X

Xarope de chloral, 82.
Xarope de eucalypto, 85.



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



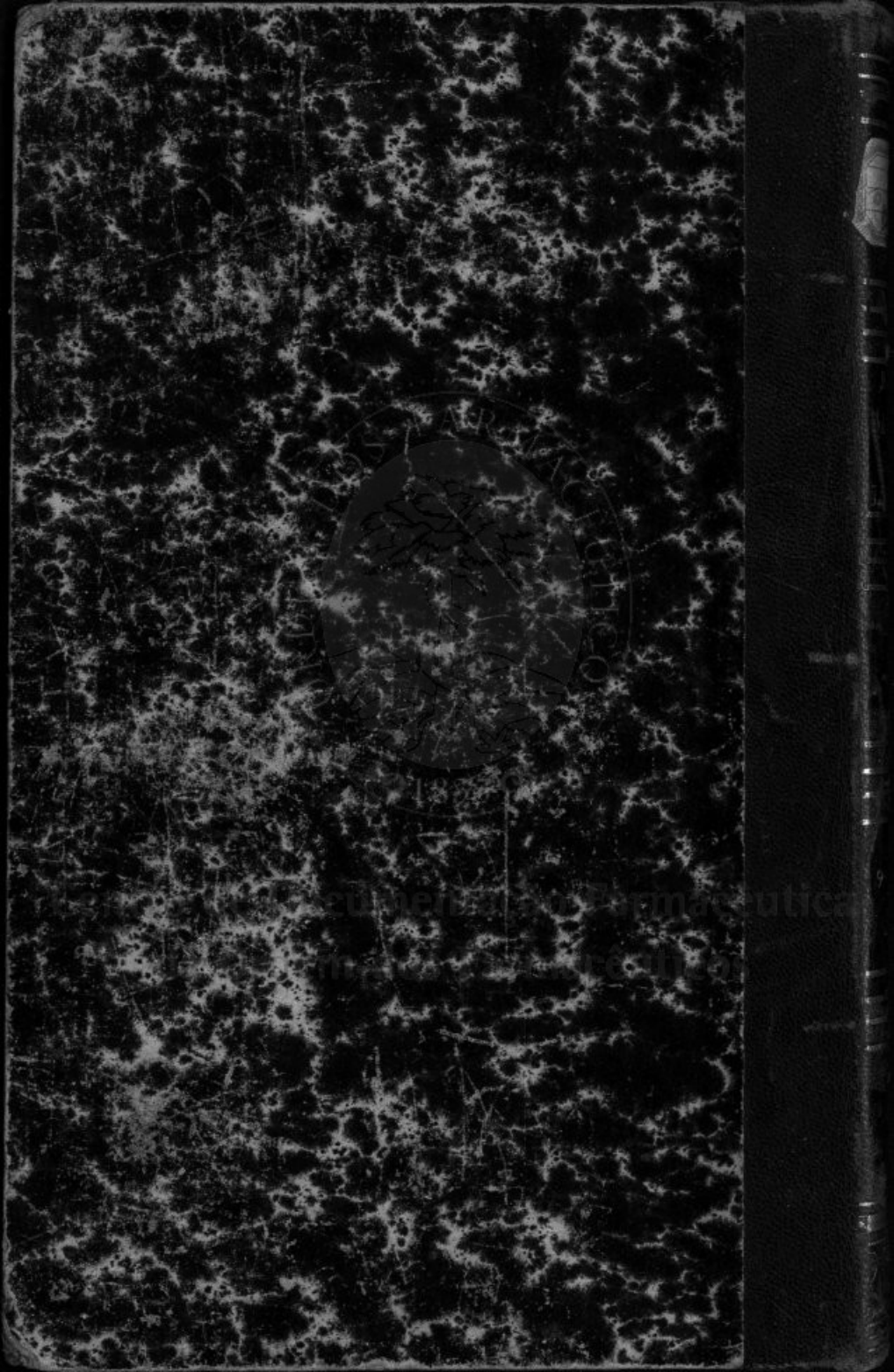
Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos





JORNAL
A SOCIEDADE
MARM.
ESTADANA

1927

9. SERIE

5

